



A ESCALADA  
**DE EVA**  
FACE A FACE

ELAINE ELESBÃO



## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



*Elaine Elesbão*

**A ESCALADA  
DE EVA III**

**FACE A FACE**

Revisão de textos:  
Tania Hernandes  
Tayné Mendes  
Capa e diagramação:  
Décio Lopes  
Diagramação para o formato E-book  
Elaine Elesbão

---

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência.

---

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem autorização expressa da autora que possui os direitos exclusivos sobre a versão digital da obra.

Para os meus leitores queridos.  
Obrigada por me darem tanto e exigirem tão pouco.  
Obrigada por me encantarem com os seus comentários sobre  
os meus livros e por me fazerem acreditar que criar histórias  
é mais do que um ofício... É um ato de amor!  
Amo vocês.

## Introdução

O meu peito aperta e sinto falta de ar, parece que vou sufocar. Uma espécie de náusea revira o meu estômago, uma grande revolta se apodera de mim, sei que estou perdendo o controle. Quero tomar satisfação com os dois. Desejo que me expliquem o que está acontecendo. Preciso que a Amanda me dê alguns esclarecimentos. Mas as palavras não se juntam em frases, estou a ponto de explodir. Não sei o que fazer, o que pensar ou o que dizer.

A razão pede que eu me acalme e ouça o que a Amanda tem a dizer, que eu confie no meu marido, que não o julgue por antecipação, que mantenha a pose, e que não me deixe abalar tão facilmente. O problema é que não estou conseguindo que a razão se sobreponha à emoção. A Eva que conheço me abandona e o seu lugar é tomado por uma mulher insegura e totalmente irracional. Não posso expor essa face frágil do meu eu. Tenho que sair daqui!

Levanto-me tão rápido que quase derrubo o Thomas do sofá e saio correndo. Abro a porta e disparo em direção à rua.

— Eva! — Thomas grita e corre atrás de mim.

Se ele me alcançar, do jeito que estou desequilibrada e fora de mim, acho que serei capaz de matá-lo com as minhas próprias mãos. Então, esforço-me para correr ainda mais rápido. Corro alucinadamente pela calçada, estou dominada pela raiva e pela revolta, e neste momento não sei nem mais quem sou.

Acelero o passo, completamente disposta a chegar a não sei onde.

— Eva, Eva! — Ouço o meu nome ser chamado com energia. — Eva, Eva? — Thomas está com o corpo virado em minha direção, me segura pelos ombros e me dá sacudidelas. O meu olhar se fixa no dele e ele me encara, para de me balançar, e só então percebo que não saí do lugar, que estou ainda ao lado dele no sofá.

Não reparei quando a Amanda e ele pararam de discutir, parece que a minha alma saiu correndo do meu corpo e só retornou agora, quando o Thomas chamou a minha atenção com veemência.

Minha nossa! O que a imaginação da gente não faz? Eu queria fugir, sair correndo daqui e quis isso tão intensamente que, por um momento, acreditei que havia feito isso... Mas sou durona, até fria quando necessário e não deixarei a Amanda achar que está conseguindo causar o caos que pretende.

— Thomas, estou ficando confusa. Preciso de esclarecimentos. Acho que a Amanda deve explicar essa gravidez dela. Por favor, vamos ouvi-la — digo devagar, mastigando as palavras dentro da boca, soltando-as com cuidado,

porque o que eu queria mesmo era dar uns gritos com essa mulher. *E mais outros tantos com o homem que me olha preocupado.*

— Também estou achando tudo isso muito esquisito. Creio que é muito improvável que a Amanda consiga sustentar a alegação que fez — ele diz com a voz suave.

A aparente tranquilidade do Thomas faz com que eu me sinta levemente mais calma, mas me conheço e sei que terei que fazer um enorme esforço para me controlar, porque pela maneira que o meu coração bate exaltado prevejo que será um esforço descomunal.

Fixo o olhar na Amanda, espero que ela recomece a falar. Torço intimamente para que ela seja mais esperta do que parece e evite fazer qualquer tipo de provocação, porque zombar de mim, neste momento, não será nada prudente.

Maria, a nossa mais do que eficiente empregada, entra na sala segurando uma bandeja e nos oferece chá de camomila. Ela praticamente me obriga a tomá-lo; acho que percebeu que a situação está meio complicada e deseja contribuir para o apaziguamento com a sua “poção calmante”.

Amanda aceita o chá e demonstra tanta calma quando começa a bebericá-lo, que tenho vontade de fazê-la engolir a xícara. Mas, em respeito ao seu estado, desisto.

Thomas recusa o chá e segura fortemente a minha mão livre.

— Muito bem, Amanda. Agora explique como é possível que eu seja o pai do seu bebê.

— Estou com trinta e duas semanas de gestação e o parto está marcado para acontecer no dia vinte e dois de janeiro — Amanda informa, e fico frustrada por ela não responder diretamente a pergunta do Thomas .

— Lá vamos nós outra vez com os rodeios — meu marido protesta um pouco menos calmo.

— Resolvi que nada de parto normal para mim, farei uma cesariana, que está, inclusive, agendada desde o dia em que confirmei a gravidez. — A voz dela é uma mistura de arrogância e desdém.

— Você pode ser mais objetiva, Amanda? Não acredito que ficará nos enrolando com essa conversinha — digo, demonstrando a minha irritação.

— Engravidei em maio, tenho certeza de que foi no dia quatro e os exames corroboram isso — ela regurgita as palavras, e o meu sangue gela dentro das veias.

— Você está com trinta e duas semanas, o parto será na segunda quinzena de janeiro e a concepção ocorreu em maio, mas o que é que eu tenho a ver com tudo isso? — Thomas coça a nuca vigorosamente.

Agora, ele parece bastante irritado.

— Você não se lembra?

— De quê, criatura? — *Ele está indo de irritado a nervoso rapidamente.*

— No fim da noite de quatro de maio fui ao seu apartamento. Costumava passar lá para ver se o encontrava e naquele dia dei sorte. Você abriu a porta enrolado em uma toalha, percebi que estava bêbado, eu também tinha bebido, estava vindo de uma festa. Então, entrei e começamos a beber uísque juntos, e acredito que depois transamos.

— E como é que eu não me lembro disso? — Ele franze a testa ainda coçando a nuca.

— Não sei — ela afirma com um leve sorriso nos lábios.

— Você disse que acredita que transamos e isso me faz pensar que não tem certeza — meu marido argumenta.

— Tom, você sabe que toda vez que bebo muito me esqueço das coisas que fiz. Não posso beber demais, nunca pude. Tenho amnésia alcoólica.

— Amanda, você sempre dizia isso... Que esquece o que faz quando está bêbada, mas sempre acreditei que isso era uma desculpa que você inventou para não precisar justificar os seus vexames — Thomas fala irritadíssimo.

— Mas não é desculpa coisa nenhuma, esqueço mesmo. Eu só sei que fui até o seu apartamento de táxi, ainda não estava tão bêbada, e encontrei você lá. Nós bebemos, e aí sim devo ter ficado bêbada demais, porque até hoje não descobri como acordei em casa com o seu cheiro impregnado na minha pele.

— Essa não! Tenho certeza de que não transaria com você nem que estivesse muito bêbado — meu marido se defende e a ofende, e aperta ainda mais a minha mão.

— Veja bem, Tom, não dormi com nenhum outro homem desde o dia em que conheci você — ela diz, e suspiro. *Acreditar nessa afirmação é um pouco difícil já que ela diz que quando bebe perde a memória.*

— Só que você acabou de dizer que não se lembra de ter transado comigo — Thomas diz, parecendo perplexo.

— O cheiro era seu e tenho certeza de que o filho também é — Amanda também se defende .

— Se você não se lembra, e eu não me lembro é porque essa transa nunca aconteceu. Cheiro, para mim, não significa muita coisa — Thomas reage.

— Além de me lembrar do seu cheiro, consigo lembrar, mesmo que vagamente, das suas mãos me acariciando, das palavras carinhosas que me disse, da maneira que me possuiu, mas isso é tudo.

Engulo em seco e me remexo no sofá, mesmo achando essa história um pouco esdrúxula não consigo deixar de me incomodar. Contudo, continuarei agindo apenas como espectadora dessa narrativa surreal.

— Estou muito confuso, porque quando bebo, primeiramente, fico agitado; se continuar bebendo, me torno agressivo. E se insistir e continuar bebendo, fico totalmente sonolento e durmo em qualquer canto. Só bebi uma noite no mês de maio, uma noite pavorosa por sinal, e bebi depois de um período de abstinção. A



bebida subiu rápido, a probabilidade de que eu tenha pegado no sono é bem maior do que a de ter transado com você.

— Ah, é? E como é que foi que engravidei? — Amanda o desafia.

— Não sei .Sempre fui muito responsável com a questão do uso do preservativo, além disso, já fiquei bêbado diversas vezes e nunca engravidei alguém. Sabe por quê?

— Por quê? — ela pergunta com ar de deboche.

— Porque quando bebo, a última coisa que quero fazer é sexo. Como disse antes, se fico bêbado quero socar alguém ou dormir; sempre foi assim, e não sei como poderia ter sido diferente. Além disso, Amanda, sinto desejo apenas pela minha esposa e não importa que eu esteja sóbrio, bêbado, acordado ou dormindo. Desde que conheci a Eva nunca mais olhei para outra mulher — meu marido argumenta e gosto de ouvir o que diz em relação a mim.

— Podemos colher material para um exame de DNA — não me contenho e me manifesto. Tento simplificar a questão.

— Consultei um especialista, ele me examinou e disse que seria arriscado colher o material porque eu poderia perder o bebê, então desisti.

— Se pensa que sou o pai da criança que está gestando, por que demorou tanto tempo para me procurar? — Thomas indaga, coçando a nuca de um jeito nervoso e ainda segurando a minha mão que agora está completamente suada.

— Demorei até mesmo para descobrir que estou grávida. Só desconfieei quando já estava com dezesseis semanas de gestação — ela explica.

— Nunca imaginei que uma médica pudesse ser tão desligada — provo-a. Desisti muito rapidamente de ser uma observadora passiva.

— Acontece que não tive nenhum tipo de sintoma de gravidez antes de o bebê mexer. A minha menstruação sempre foi irregular e alguns meses de atraso eram comuns de acontecer, dessa forma a possibilidade de estar grávida demorou a passar pela minha cabeça.

— Boa explicação, mas não justifica o fato de que só tenha me procurado com trinta e duas semanas de gestação — Thomas retoma o assunto.

— Achei que seria melhor procurá-lo apenas depois do nascimento do bebê.

— E por que mudou de ideia? — questiono.

— Porque pensei bastante no assunto e cheguei à conclusão de que um pai tem o direito de saber que será pai. Principalmente você, Tom, que é pediatra e poderá fazer questão de estar presente na hora do parto do nosso filho.

— O bebê é um menino? — volto a questioná-la.

— É e se chamará Thomas — ela afirma, e sinto vontade de pular no pescoço dela.

— A criança se chamará Thomas mesmo que o Thomas não seja o pai? — provo-a outra vez.

— É impossível que o seu marido não seja o pai do meu filho e você terá

que se acostumar com isso. — Percebo o olhar de triunfo no rosto dela e me aborreço ainda mais.

— Não conheço os seus hábitos ,Amanda. Não sei como costuma levar a sua vida, então precisará de mais do que palavras para me fazer acreditar no que diz. Deixe-me ver o resultado do exame de DNA e, se for confirmado o que alega, poderemos conversar nos seus termos — argumento com muita segurança e sei que a deixei irritada.

Thomas respira fundo. Solto a minha mão da dele e me levanto do sofá, vou até a janela e olho para fora. Ele vai atrás de mim e me abraça por trás. Viro novamente o corpo na direção da Amanda, tentando me desvencilhar do homem que me contém em seus braços, mas ele me estreita ainda mais.

— Então essa é a sua teoria? Que estávamos bêbados quando concebemos o bebê e que, curiosamente, você e eu tivemos amnésia alcoólica? — Ele cola o corpo ao meu e me sinto sufocar.

— Sei que tive amnésia alcóolica, você eu não sei. Pode ser que esteja fingindo não se lembrar de nada para não ter que se justificar para a sua mulherzinha — Amanda responde com a voz firme.

— Isso é loucura! Nunca mentiria para a minha esposa — ele protesta.

— Se não está fingindo que não se lembra, então não existe outra explicação que não seja amnésia alcóolica dupla. — Ela faz uma cara de séria que me parece tão falsa que tenho que me segurar para não estapeá-la.

— Amanda, darei a você o benefício da dúvida. Pode me enviar a conta de qualquer gasto que esteja tendo. Mas assim que essa criança nascer será feito o exame de DNA.

— Não quero o seu dinheiro, você sabe que tenho perfeitas condições de manter-me. Também faço questão de que seja feito o exame, quero provar que estou dizendo a verdade. — Ela se irrita.

— Ótimo. Sendo assim, depois que sair o resultado do exame de DNA voltaremos a conversar — Thomas é absolutamente frio com ela. — Pode deixar que eu pago o exame.

— Acho que você está sendo muito impessoal, Tom. Quero que participe deste final de gravidez, que me acompanhe às consultas e aos exames e que esteja presente na sala de parto. Você precisa ir criando um laço com o nosso filho.

Ela fala e estremeço, toda a musculatura do meu corpo começa a doer e desejo que a conversa termine imediatamente.

— Você não pode aparecer de repente, alegando coisas que sequer sou capaz de me lembrar, e exigir que me comporte como um felizardo — Thomas diz, aborrecido.

— Não estou pedindo que se comporte como um felizardo, apenas desejo que se comporte como pai do seu filho — ela protesta.

— O bebê ainda não nasceu, quando isso acontecer e se ficar comprovado que sou o pai, pode ficar tranquila que farei questão de estar próximo dele, de criar laços com ele — ele explica irritado.

— Você não poderá me evitar, Tom, sou a mãe do seu filho. Teremos um vínculo para o resto da vida. — Ela sorri, e descubro que a detesto.

— Amanda, não se esqueça de que tenho um grande escritório de advocacia nas mãos, posso conseguir que o vínculo entre vocês seja apenas formal — ameaço-a.

— Eva, você pode tentar fazer o que quiser, mas quando eu provar que o filho é do Tom, farei questão de compartilhar a criação do nosso filho com ele. Jamais deixarei que o meu filho seja privado da companhia da mãe e do pai simultaneamente — ela afirma, e acho que essa mulher é louca.

— Desculpa, Amanda, mas se não for do jeito que falei, voltaremos a tratar desse assunto somente por meio de advogados. — A frieza na voz do Thomas e em seu olhar parece que a intimidam.

— Está bem. Voltaremos a conversar outro dia quando estiver mais conformado.

— Amanda, você me disse ainda há pouco, logo que chegou, quando contou sobre a sua gravidez, que está na hora de alguém me revelar quem é o verdadeiro Thomas. É você esse alguém que me fará a revelação? — pergunto, e Thomas me olha indignado.

— Pode ser — ela responde de maneira pedante.

— Então revele quem eu sou, já que acha que me conhece — Thomas se antecipa a mim e desafia a Amanda.

— Eva, o Tom é um interesseiro. Um mulherengo. Um homem frio e calculista que só está com você porque é rica e bem relacionada. Ele nunca desejou se casar antes, escolheu você por conveniência. Deu o golpe do baú. Mulher para ele sempre foi artigo descartável e você não tem nada demais, além de dinheiro, para merecer ser tratada de maneira especial por ele — ela fala destilando veneno e engulo em seco.

— Você já ouviu falar em amor, Amanda? — Thomas pergunta irritado. — Nunca desejei me casar antes ou me envolvi plenamente com qualquer outra mulher porque nunca tinha amado. A Eva é a primeira mulher que amo e a que escolhi amar para sempre.

— Conversa fiada! Seria muita coincidência você cair de amores logo pela filha única de um rico advogado — ela fala e ri.

— Amanda, a minha vida e a do Thomas é repleta de coincidências. Você não imagina quantas! Nem vou contar porque não lhe dizem respeito. Além disso, saiba que amor é muito diferente disso que você diz sentir por ele, e é por essa razão que não consegue compreender o que sentimos um pelo outro. O amor é um sentimento que gente mesquinha não dá conta de sentir ou de entender — digo com a voz firme e percebo que o Thomas fica satisfeito.

— Historinha pra boi dormir, Eva. Na prática, as coisas não funcionam bem assim. A vida não é tão cor-de-rosa fora desse mundo em que você vive, bonequinha. Agora, Tom, preciso que me leve ao hotel.

— Como foi que você chegou até aqui? — ele pergunta com a voz ainda mais fria.

— De táxi.

— Chamarei um táxi para levá-la ao hotel. — Thomas me solta do seu abraço, tira o celular do bolso e faz a ligação.

— Boa noite, Amanda. — *O que essa mulher acha que está fazendo me olhando com essa cara de deboche? Será que ela acha que, nessa história, vai ganhar algo mais do que um filho?*

— Já vai se recolher, Eva? — ela pergunta e sinto ânsia de vômito, tamanho o nojo que ela me faz sentir.

— Não, Amanda. Vou subir para ir preparando a banheira. Depois dessa conversa estressante, o meu marido deve estar precisando relaxar e darei um banho nele — respondo com ironia.

— Fico sempre muito admirada com a sua frieza e presença de espírito, Eva. Deve ser por isso que pesquisando sobre você, descobri que “mulher de gelo” é um termo bastante utilizado para defini-la.

— Pesquisando sobre mim? Interessante, Amanda. Talvez você tenha algo a ver com uns telefonemas que recebi.

— Telefonemas? — Thomas pergunta ao desligar o celular.

— Sim, meu amor. Recebi uns telefonemas anônimos que fiz questão de ignorar, por isso nem comentei com você.

— Não sei nada sobre isso — Amanda fala com a voz levemente trêmula, sorri para mim com desdém e percebo que ficou sem graça. Essa reação dela me faz ter a certeza de que os telefonemas foram obra e graça da loira desequilibrada.

— Não se preocupe, meu amor. Foram uns telefonemas tão bobos, uma coisa tão infantil, que qualquer pessoa com o mínimo de inteligência teria até vergonha de se abalar por causa de uma palhaçada daquela — digo, e Amanda pigarreia incomodada. Ela se entrega cada vez mais.

— Se você ignorou algo desse tipo, minha linda, fez bem. Subirei em um minuto — Thomas diz e sorri carinhosamente para mim.

Viro de costas e saio deixando a odiosa Amanda e o Thomas na sala.

## Capítulo I

Subo a escada lentamente, arrastando-me, entro no meu quarto e sento na cama. Tento pensar em tudo o que está acontecendo e não posso acreditar em como a tranquilidade da minha vida deixou de existir em questão de pouco mais de uma hora e isso faz com que me sinta péssima.

Thomas entra no quarto e me observa.

— Cadê a Amanda? — *Tomara que ele não saiba do que estou falando e que tudo tenha sido apenas um pesadelo .*

— Está lá embaixo esperando o táxi — ele responde sem conseguir esconder o seu desânimo.

— Minha nossa! — *O que mais eu poderia falar?*

— Estou desconfiado de que aquela conversa de me dar um banho de banheira foi só para provocar a Amanda, que, aliás, estava merecendo. Acho que não terei direito a banhinho algum. — Ele me observa com cara de menino manhoso e sorri levemente, mas continuo séria.

Thomas se aproxima cautelosamente, senta na poltrona de leitura de frente para mim e demonstra a sua inquietude; parece que está escolhendo as palavras para conversar comigo.

— Minha linda, tudo isso é muito confuso, sei que você deve estar tão estarrecida quanto eu. Juro que não me lembro de ter transado com a Amanda. Sinceramente, acho isso difícil de ter acontecido. — A voz dele parece mais fraca, e isso me faz perceber o quanto está esgotado.

— Acredito que deve considerar a hipótese de ter se envolvido com a Amanda. Sei que disse que o Thomas bêbado tem um comportamento padrão, só que você pode ter agido de maneira diferente aquela noite porque estava abalado. A noite de quatro de maio foi quando rompeu comigo e resolveu sair da minha vida, e isso pode ter deixado você alterado de alguma forma — teço as minhas considerações.

— Naquela noite eu realmente estava abalado, tanto que bebi e muito. Acontece que não acredito que tenha transado com a Amanda, não mesmo. Eu só quero e sempre só quis você, desde o primeiro instante em que os meus olhos se encontraram com os seus.

— Em que condições você acordou no dia seguinte? — *Poxa, Thomas, será que você não se lembra de nada mesmo ou será que está omitindo informação e não quer reconhecer isso porque um dia já me puniu por omitir algo de você?*

— Sozinho, com febre, com saudade de você e com uma enorme ressaca. — Ele diz um pouco envergonhado.

— E como estava o local em que acordou?

— Acordei em um apartamento vazio e no fim da reforma, sem indícios que me fizessem imaginar que tivesse ocorrido qualquer atividade sexual por lá. — Ele franze a testa e acho que se recordou de algo.

— O que foi? — pergunto, preocupada.

— Acabou de surgir uma lembrança daquele dia na minha mente.

— Que lembrança? — *Lá vem... A Caixa de Pandora começará a ser aberta, estou pressentindo.*

— A chave do meu apartamento estava no chão e parecia que tinha sido passada por debaixo da porta. Na hora em que a encontrei fiquei intrigado, mas não estava em condições de elaborar teorias. — Ele coça a nuca.

— Isso prova que alguém esteve lá com você, que saiu, trancou a porta e depois passou a chave por debaixo dela. — argumento.

— Pois é. Só que parece estranho, mais ainda agora...

— É realmente estranho. — *A minha cabeça dá voltas.*

— O fato de a chave do apartamento ter sido retirada do meu chaveiro para ser passada por debaixo da porta é o mais intrigante, porque quem fez isso precisou de coordenação motora, e creio que se a Amanda estivesse tão bêbada, quanto alega que estava, não teria conseguido nem tirar a chave do chaveiro nem pensar em passá-la por baixo da porta.

— Você tem razão. Tirar a chave de um chaveiro, com aquelas unhas grandes que ela tem, seria difícil estando sóbria, imagina bêbada. Além disso, a pessoa precisa estar raciocinando para trancar uma porta antes de sair, e estando tão bêbada a ponto de ter uma amnésia alcóolica seria realmente difícil pensar nisso.

— E tem outro ponto, também duvido que ela fosse embora sozinha se tivesse realmente tão bêbada. A Amanda que conheci teria dormido por lá mesmo, e me daria um enorme trabalho para me livrar dela. Aquela mulher era um grude, me deixava até nervoso. — *Informação demais, Thomas, fiquei mais irritada.*

— Pode ser que você comece a se lembrar de algumas coisas depois dessa conversa toda — digo, ignorando a vontade de expor minha irritação.

— Desejo imensamente que isso aconteça. — Ele coça a nuca.

— Acho que a Amanda não é louca o suficiente para aparecer na nossa casa com uma história dessas se não acreditasse mesmo nela. Se bem que não a conheço direito e não tenho como avaliar o grau de sanidade mental dela — digo, tentando controlar o desprezo na voz, mas Thomas percebe o meu esforço e sorri .

— Concordo, minha linda. Creio que a Amanda não teria coragem de me procurar se não achasse de verdade que sou o pai do filho dela. O que torna a história toda ainda mais esquisita. — Coça vigorosamente a nuca.

— Preciso descansar — suspiro.

— Antes que me esqueça de tocar no assunto, quero que me explique que telefonemas foram esses que disse que recebeu e que não se deu ao trabalho de me contar.

— Recebi alguns telefonemas anônimos de uma mulher falando que você iria me decepcionar. O primeiro foi um pouco antes do meu aniversário e depois aconteceram mais alguns. Como a frase era sempre a mesma e a conversa não evoluía, passei a não atender mais nenhum número desconhecido. Até cheguei a pensar que a pessoa tentaria me ligar nos meus números de telefone fixo, mas isso não aconteceu.

— Você não acha que eu tinha o direito de saber que isso estava acontecendo? — Ele me olha detidamente.

— Pensei em contar, mas, para ser franca, achei que não deveríamos perder tempo com isso. Não gosto de dar crédito para ações desse tipo. Se a pessoa que bolou esse plano do telefonema anônimo acusatório queria que eu me aborrecesse e brigasse com você, se queria que a desconfiança minasse o nosso relacionamento, ela teria que me dar mais elementos. Palavras vazias não ocupam a minha mente. E nunca deixei que isso nos afetasse.

— Eva, você prometeu que não me esconderia mais nada.

— Nada que fosse importante ou relevante, e esses telefonemas nunca foram significativos. E por mais que eu seja curiosa ou ciumenta, sou uma pessoa coerente, nunca ficaria desconfiada de você só porque uma voz qualquer jogou uma frase sem sentido no meu ouvido.

— Como não se deixou abalar nem deixou isso atrapalhar a nossa vida, terei que concordar com você, mas no futuro, por favor, prefiro saber de situações desse tipo.

— No futuro, prefiro que situações desse tipo não ocorram — replico.

— E eu, idem — ele diz e sorri meio tímido.

— Agora já sei quem queria nos atingir, quem planejou os telefonemas. Uma pessoa sem noção alguma e muito detestável. A Amanda deveria ter telefonado ela mesma e contado que estava grávida; esse sim seria um telefonema que me faria surtar. E acho que ela não fez isso porque queria contar sobre a gravidez quando os telefonemas anônimos surtiram efeito e tivéssemos brigado, mas se deu mal.

— Deve realmente ter sido a Amanda o gênio que inventou esses telefonemas. E acho que você descobriu os motivos dela. Ela queria que estivéssemos brigados ou brigando, assim a revelação da gravidez seria o golpe de misericórdia no nosso relacionamento.

— Acho melhor conversarmos sobre isso amanhã, com a cabeça fria — suspiro novamente.

— Ótimo, porque não estou me sentindo muito bem e acredito que você também não. Espero conseguir dormir e descansar, porque até que possa me

lembrar do que de fato aconteceu naquela noite, sei que não terei sossego.

— Pelo menos, depois disso, você tem motivos de sobra para continuar abstêmio pelo resto da vida. — Tento sorrir.

— Nem me fale! — Ele coloca o rosto entre as mãos e inspira profundamente.

— Thomas, sei que você não me traiu... Estávamos separados no dia em que se embebedou e supostamente transou com a Amanda. Mas o que aconteceu agora há pouco mexeu muito comigo. Fiquei abalada, nervosa, irritada... Detesto me sentir assim e não sou muito fácil de lidar quando estou a ponto de explodir, preciso espalhar um pouco em outro lugar.

— Como assim? — Ele levanta o rosto e me olha confuso.

— Pode ir dormir, descanse. Irei andar pela casa para tentar colocar os pensamentos em ordem.

— Eva, vai ficar tudo bem, nós nos amamos e isso é o que importa.

— Preciso respirar, Thomas, estou me sentindo sufocada.

— Se acha melhor, então está bem, ficarei aqui esperando. Quero dormir abraçado a você, preciso senti-la ao meu lado, não durmo bem sem a minha esposa.

Preparamo-nos para dormir com o silêncio pesando sobre nós. A situação deixou o Thomas constrangido e completamente confuso; e tenho que admitir que estou muito aborrecida com essa história toda.

A perspectiva de termos que conviver com a Amanda pelo resto da vida me desanima completamente. Claro que ela não vai facilitar as coisas se o filho for do Thomas, não tenho a menor esperança de que ela nos deixe em paz. Acho até que usará a criança como desculpa para criar situações de conflito.

A minha cabeça lateja, e o meu estômago dói. Depois que me aponto para dormir, saio do quarto deixando um marido indignado para trás. Mas é melhor assim, eu me conheço e sei que estou prestes a falar o que não devo. Preciso acalmar os pensamentos, respirar fundo e me controlar, porque quando estou nervosa e não faço isso, promovo grandes estragos.

Vou para o escritório, ligo o computador e navego um pouco pela internet. Leio alguns artigos jurídicos e tento mudar o foco do meu pensamento, mas é difícil, e, como sempre ocorre quando estou muito nervosa, vomito. Depois disso, fico me sentindo ainda pior e decido ir me deitar.

Entro no quarto e vejo que o Thomas está dormindo. Fico espantada com a rapidez com que ele pegou no sono depois de tudo o que aconteceu e decido ir para o quarto de hóspedes. Acho que vê-lo dormir tão tranquilo quando estou tão irritada me aborreceu muito e me fez sentir vontade de me afastar novamente. Além disso, não quero incomodá-lo, sei que não conseguirei dormir direito e acabarei acordando-o também.

O quarto de hóspedes é muito aconchegante, as paredes em um tom de verde-claro e os móveis brancos o deixam com um aspecto acolhedor. A sensação de bem-estar me envolve e acho que aqui conseguirei relaxar um



pouco. Resolvo trancar a porta, realmente preciso que o Thomas saiba que ainda estou me dando uma pausa. Preciso que ele me deixe em paz e acalmando-me pelo tempo que eu considere necessário.

Demoro a pegar no sono, a cabeça está pesada com tantos pensamentos, contudo o cansaço ganha a batalha, e finalmente durmo.

Acordo com o Thomas batendo na porta do quarto. Ele chama o meu nome, espero um pouco, não sei se estou sonhando ou se isso está acontecendo realmente...

É verdade, ele está esmurrando a porta e gritando o meu nome.

— Eva, abra a porta!

— Thomas, preciso dormir... Estou bem, amanhã conversaremos. Boa noite!

Ele para de bater na porta e de me chamar, melhor assim. Olho o relógio e vejo que são duas horas da manhã e volto a tentar dormir.

De repente, ouço um estrondo e dou um grito. Thomas arrombou a porta, assustando-me completamente. Ele me olha com olhos raivosos, e o encaro de maneira desafiadora. Vermelho de raiva, ou do esforço que fez, o meu marido passa a me encarar da mesma maneira desafiadora. “Mister Hyde” caminha resolutamente até mim, respira fundo, senta na beira da cama e me observa.

— Não faça isso, Eva, não me isole!

— Você acabou de arrombar a porta, Thomas!

— Depois mando consertar. Agora, Eva, diga por que você quer se manter longe de mim.

— Isso tem mais a ver comigo do que com você. Acredite, fico completamente desgovernada quando estou com raiva e, veja bem, não estou com raiva de você e sim da situação. Preciso me recompôr e acertar os ponteiros com os meus entretantos.

— Grite comigo, Eva, me xingue, desabafe, me bata, quebre coisas, mas não me exclua! Não sou capaz de suportar a sua indiferença, não de novo. Ser ignorado por você é doloroso demais para mim...

— Não, Thomas. Não vou me descontrolar tanto assim. Já me deixei levar pela raiva no passado e não gostei das consequências dos meus arroubos. Ao longo dos anos, tenho trabalhado o meu comportamento e não vou me permitir perder as estribeiras novamente. — *A Eva que passou os primeiros anos depois da morte do Nicolas totalmente descontrolada, inconsequente, desgovernada... Não existe mais.*

Thomas se levanta e me pega no colo à força. Esperneio, tento me livrar dele, porém ele é muito mais forte! Ele me leva para a nossa cama, deita-me prendendo o meu corpo ao dele e sinto que está ardendo em febre. Somos uma boa dupla, ele com a sua febre emocional e eu com os meus vômitos. Desisto de sair outra vez e paro de me debater, eu me acalmo, e ele relaxa.

— Você é a minha mulher, esta é a nossa cama e este é o nosso quarto, dormimos juntos, e é assim que vai ser, a menos que queira brigar seriamente

comigo.

— Está bem, dormirei aqui, acalme-se também. — *Acho que irei implodir em vez de explodir* .

Depois de um tempo, Thomas consegue voltar a dormir e quase não consigo me soltar do seu abraço, todavia preciso medicá-lo e, gentilmente, desvencilho-me.

Um copo de leite morno e um antitérmico fazem com que a febre do meu marido cesse. Um analgésico faz com que a minha dor de cabeça abrande, e começo a cochilar. Mas não me iludo, sei que não dormirei bem porque estou cansada de saber o quanto o meu sono pode ser prejudicado pelos aborrecimentos.

*Estou caminhando por um jardim muito bonito, mais bonito até que os jardins da minha casa. Está um dia ensolarado, só que não sinto calor . Na verdade, o clima está bem agradável. Observo atentamente os patinhos nadando no lago e gostaria de ter pedacinhos de pão para jogar para eles. São tão engraçadinhos que me fazem sorrir.*

— Oi, Eva.

— *Minha nossa! Nicolas, quanto tempo!*

— *Estou feliz em revê-la.*

— *Nem imagina o quanto também estou feliz em reencontrá-lo. Agora me diga, você rejuvenesceu ou é impressão minha?*

— *Não sei, não tenho prestado muita atenção a minha aparência.*

— *Venha, olhe a sua imagem refletida na água.*

— *É mesmo, pareço mais jovem. — Ele ri.*

— *Você está ótimo!*

— *Eva, quero que saiba que sempre admirei a sua força e a sua determinação.*

— *Obrigada.*

— *Preciso preveni-la de que algumas situações irão deixá-la muito contrariada. Será necessário que saiba usar as armas que tem com sabedoria para que consiga passar por essas situações sem se ferir e sem ferir ninguém.*

— *Queria poder compreender melhor o que está dizendo.*

— *Eva, você é uma mulher muito forte, mais forte até do que acha que é, e a sua tolerância será posta à prova.*

— *Por qu ê ?*

— *Porque algumas vezes coisas ruins acontecem para que possamos valorizar ainda mais o que temos.*

— *Costumo dar valor ao que tenho e também tenho aprendido a enfrentar cada vez melhor os problemas.*

— *Sim, eu sei, mas também sei que às vezes você é muito agressiva quando deseja se proteger.*

— *Você está criticando exatamente o que no meu comportamento, Nicolas?*

— *Não estou criticando nada no seu comportamento. Você é uma mulher muito especial, estou apenas pedindo que mantenha o seu olhar sobre aquilo que é*

*importante, naquilo que a faz feliz e não no contrário.*

— *Gostaria de conseguir interpretar melhor o que está me dizendo. Sei que costume ser muito incisiva quando me disponho a defender as minhas posições e os meus interesses, mas só faço isso quando a situação me obriga.*

— *Quero ajudá-la, ajudá-los na verdade... Volto a repetir que a sua resiliência será fundamental para que tudo dê certo tanto para vocês quanto para mim.*

— *Nicolas, qual é a mensagem que realmente deseja me passar? O que posso fazer especificamente por você?*

— *Não se deixe abalar. Enfrente os problemas com sabedoria, não se afaste daqueles a quem ama e confie no seu coração.*

— *E isso fará as coisas darem certo para você de que forma?*

— *Aja da maneira que pedi e saberá.*

— *Tudo isso que está me dizendo tem alguma coisa a ver com o fato de que o Thomas pode ser o pai do filho da Amanda?*

— *Vai chover, precisamos ir.*

— *Nicolas, não vai chover. Oops... Vai chover sim, mas volte aqui, a nossa conversa ainda não acabou.*

— *Quando a tempestade passar, voltaremos a conversar.*

— *Tempestade?*

— *Sim, Eva.*

— *No sentido real ou figurado? Nicolas! Nicolas!*

Tomo um enorme susto com o grito que ouço, mas o grito não é meu, é do Thomas que se agita ao meu lado. Coloco a mão em sua testa, a febre voltou, e ele parece delirar. Acendo a luz do abajur e vejo o rosto contraído do meu marido.

— *Thomas, você está tendo um pesadelo. Estou aqui, acalme-se.*

— *Saia daqui! Vá embora!*

— *Amor, sou eu, a sua esposa. Fique calmo!*

— *Suma da minha frente, já!*

— *Thomas! É apenas um pesadelo, acorde meu amor, vamos acorde!*

— *Eva? — ele pergunta, abre os olhos e me encara.*

— *A própria — respondo, encarando-o carinhosamente.*

— *Ah, minha linda, acho que me lembrei de algo...*

— *Será que se lembrou de algo mesmo ou estava apenas delirando?*

— *Lembrança, acho... Foi uma lembrança.*

— *Por favor, marido, faça um relato para que eu possa avaliar.*

— *Estava no meu apartamento, bêbado e agitado. A campanha tocou, pensei que fosse você e abri a porta, era a Amanda e fiquei decepcionado. Ela estava esquisita, tinha bebido, insistiu em falar comigo e a deixei entrar. Continuei bebendo, e ela começou a beber também. Depois de um tempo em silêncio ela passou a falar coisas desagradáveis, e gritei com ela.*

— *Isso está parecendo mais um pesadelo — penso alto.*

— Creio que, infelizmente, é mesmo uma lembrança daquela fatídica noite que voltou a minha mente — Thomas diz aflito.

— Nessa lembrança você gritou com ela e depois?

— Não sei. Só me lembrei disso.

— Se o que me contou se trata mesmo de uma lembrança, a Amanda e você estiveram juntos naquela noite.

— Parece que estivemos.

— E você só se lembrou disso agora, depois de vários meses? — *Gostaria de ter o soro da verdade a minha disposição neste instante.*

— E acho que não me lembraria disso se a Amanda não tivesse aparecido aqui com a conversa da gravidez.

— Então, doutor, você vai conseguir o que tanto deseja e bem rápido.

— E o que é que tanto desejo, minha linda?

— Um filho.

Thomas fica visivelmente aborrecido, o seu olhar denota tristeza, e me arrependo imediatamente do que falei. Mas a situação está mexendo demais comigo e estou realmente descontrolada.

A minha maior vontade é a de dar a ele o seu primeiro filho, o filho que ele tanto quer. Nunca pensei nem por um segundo, por causa de tudo o que ele sempre me garantiu, que ele engravidaria outra mulher que não fosse eu.

— Você está sendo cruel. — A voz dele está gelada.

— Desculpa, Thomas.

Estou tão chateada que o pedido de desculpa sai mais da boca para fora que do coração.

— Desculpa? Você acha que pode falar o que bem entende e depois é só pedir desculpa que ficará tudo bem?

— Você não me deixou no meu canto tentando me acalmar, agora não reclame.

— Se estivéssemos discutindo até entenderia que quisesse me ferir com palavras duras, Eva. Mas me agredir assim, do nada, não sou capaz de digerir isso.

— Vou buscar outro remédio, você está com febre — desconverso, porque quero a todo custo evitar o confronto.

Levanto-me e saio do quarto apressadamente.

Resolvo demorar um pouco mais para levar o antitérmico para o Thomas. Ele está chateado comigo e estou chateada com a situação toda. Uma conversa agora será totalmente improdutiva, e acho melhor deixar para outra hora.

Quando volto para o quarto, Thomas ainda está acordado. Ele senta na cama e toma o comprimido que entrego para ele.

— Sabe, Eva... Sinceramente não sei se transei com a Amanda. Juro que não me lembro, contudo, o que acabei de lembrar reforça a hipótese de que isso pode ter acontecido.

— Acho que você acabará se lembrando de mais coisas. De qualquer forma, o resultado do exame de DNA não deixará dúvidas — digo tentando ser prática e fazendo um enorme esforço para manter o controle.

— Concordo. Só que para mim esse resultado vai demorar demais, gostaria que o exame pudesse ser feito agora. Sabe por quê?

— Porque é horrível não saber o que realmente aconteceu — dou a primeira resposta que me vem à mente.

— Não .O horrível é achar que a minha esposa não será capaz de me apoiar nessa situação.

— Quero ser a mãe do seu primeiro filho e isso está na iminência de ser tirado de mim. Você me garantiu que nunca fez sexo sem proteção a não ser comigo, disse que nunca desejou engravidar uma mulher que não amasse e que não seria irresponsável tendo um filho fora de um relacionamento estável. Então, a Amanda aparece com essa história confusa e tudo em que acreditei pode se tornar lenda. Por favor, seja compreensivo e não me peça para apoiá-lo assim tão rápido.

— Você está coberta de razão, eu disse tudo isso porque sempre pensei e agi assim. Aceitar o fato de que uma mulher, que não é a minha esposa, possa estar esperando um filho meu é extremamente difícil para mim também. — Ele coça a nuca.

— Sei que estou sendo egoísta, mas, no momento, o meu lado bom não está conseguindo se manifestar. — *Sou absolutamente sincera com ele.*

— Eva, se engravidei a Amanda, isso só aconteceu porque eu estava bêbado, porque não estava agindo conscientemente. Sempre desejei apenas você depois que nos conhecemos, nunca quis estar com outra mulher e isso mesmo quando estávamos separados. Agora, me diga, qual é a sua desculpa para ter transado, sei lá quantas vezes, com o Marco? — O olhar penetrante dele me assusta e a sua pergunta me irrita muito .

— A minha desculpa? Posso ter transado com o Marco porque a sua indiferença estava me fazendo sentir muita dor e eu precisava me sentir desejada por alguém; ou porque achei que você tivesse me esquecido e eu quis seguir adiante; ou porque imaginei que estivesse dormindo com outra e desejei me vingar; ou porque o Marco é um homem muito atraente e não consegui resistir; ou, ainda, porque sou uma vadia e não consigo ficar muito tempo sem trepar. Escolha aí, Thomas, você tem várias opções! — *Sou completamente sarcástica.*

Saio do quarto para não piorar ainda mais a situação. São seis horas da manhã, boa hora para um café forte e com pouquíssimo açúcar, e resolvo ir me distrair na cozinha.

O café desce com muita dificuldade pela minha garganta, e torço para não voltar a vomitar. Estou tentando parar de agir irracionalmente e sempre que estou

com raiva e não me controlo é assim que me comporto.

Ainda bem que encontro um maiô na cesta de roupas a serem guardadas. Visto o dito cujo e vou para a piscina. Acho que nadar será uma maneira eficaz de combater a irritação, raiva, frustração e nem sei mais o que estou sentindo... Só sei que não é bom!

São tantas braçadas e pernadas dentro da piscina que o meu corpo começa a protestar, estou cansada e dolorida. Decido que ainda não é hora de descansar e considero uma boa ideia colocar um short e um top, calçar os tênis e sair para dar uma corrida. Pretendo ficar exausta e dormir o resto do dia. Talvez assim consiga não pensar, pelo menos por algumas horas, no assunto “Amanda esperando um filho do meu marido”.

Sei que ainda não estou preparada para continuar a conversa com o Thomas, não mesmo, porém não existe qualquer possibilidade de trocar de roupa sem entrar no nosso quarto, e lá vou eu.

Felizmente o meu marido está dormindo, chego mais perto e coloco a mão levemente sobre a sua testa e me certifico de que a febre passou. Fico na dúvida se vou mesmo correr ou se permaneço em casa para o caso de que ele precise de mim, já que aos domingos a Maria está de folga e não tem mais ninguém em casa.

No fim das contas resolvo correr. Sigo o mesmo percurso que Thomas e eu fazemos durante a semana, e quando termino estou realmente exausta, menos do que gostaria, só que mais do que o habitual.

Preparo o café da manhã do Thomas, acho que ele deve acordar com fome e como está febril não terá ânimo para se virar sozinho.

Subo até o quarto e o encontro sentado na cama, lendo um livro. Coloco a bandeja com o café da manhã que preparei ao seu lado, e ele continua lendo.

Vou para o banheiro e tomo um banho demorado. Saio do chuveiro com relutância. Visto-me muito devagar, desanimada, pensativa, chateada...

Recolho a bandeja. Thomas mal tocou nos alimentos, continua lendo o livro e a me ignorar completamente.

Vago pela casa sem vontade de fazer nada. Os meus pais, o William e a Lucia foram para a fazenda, então não corremos o risco de sermos convidados para almoçar na casa de nenhum deles.

Depois de um tempo, eu me armo de coragem e resolvo encarar as panelas. Acho que preparar o almoço irá me distrair um pouco, cozinhar sempre foi uma boa terapia para mim.

Preparo salada verde, arroz branco, purê de batatas e medalhão de filé ao molho madeira. O almoço fica pronto mais rápido do que desejo e, como ainda não estou com fome e acho que o Thomas também não está, decido passar a próxima meia hora tocando violão.

Vou para o escritório e pego o meu violão. Ele está afinadinho, e tocá-lo

finalmente consegue me deixar mais tranquila. O meu repertório do dia é bastante variado, e fico absorta nesta tarefa.

Quando estou terminando de tocar *Always On My Mind*, do magnífico Elvis Presley, percebo que o Thomas me observa da porta do escritório. Ele está sério, muito sério, e o meu coração acelera quando os nossos olhos se encontram. paro de tocar, e ele sai.

Coloco a mesa para o almoço e subo para chamar o meu magoado doutor para almoçar. Eu o encontro deitado na cama, lendo novamente, e acho que está na hora de tentar quebrar o gelo e o silêncio.

— Quer descer para almoçar ou devo trazer o seu almoço até aqui? — A minha voz, sem querer, sai cortante.

— Não estou com fome — Thomas responde sem me olhar.

— Fui eu quem preparou o almoço, medalhão de filé. — Consigo ganhar a atenção dele.

— Adoro a sua comida, vou descer para almoçar um pouco.

— Thomas, não acho que pedir desculpa depois de magoar ou ofender alguém deixe tudo bem de novo, só que é o começo de alguma coisa.

Ele fecha o livro e me olha ainda bastante sério, tenho até medo do que ele poderá me dizer, mas mantenho a postura. Sei que está na hora de aparar as arestas, mesmo que eu tenha que esquentar outra vez o almoço.

— Acho melhor irmos almoçar, a comida vai esfriar.

— Pode ir, Thomas, a comida está na mesa. Bom apetite.

— Você não vem?

— Acabei de perder a fome.

— O que você quer que eu diga, Eva? Que está tudo bem? Que desculpo você?

— Na verdade não sei. — *Gostaria que me dissesse que está muito chateado pela perspectiva de ter engravidado uma mulher detestável e que é uma enorme provocação dela colocar o nome de Thomas na criança e que apenas isso seria suficiente para que eu estivesse irada* .

— Talvez possa culpá-la se souber por que está tão irritada comigo. Você sabe que mesmo que eu seja o pai do bebê, a concepção só pode ter ocorrido porque eu estava bêbado e quando estávamos separados.

Tenho muita dificuldade em acreditar que um homem tão inteligente pode ser, às vezes, tão tapado que ainda não conseguiu compreender o que realmente está me deixando prestes a explodir.

— O problema é que você pode ser o pai de um filho que não é meu depois que se casou comigo. Se quando o conheci, você tivesse filhos, eu saberia que eles viriam no pacote, saberia se a mãe deles era administrável ou não e, principalmente, saberia se estaria disposta a me submeter a isso.

— Você está dizendo que não sabe se vale a pena ficar comigo se eu for o pai do bebê? — ele pergunta indignado.

— Estou dizendo que a minha irritação é por causa da surpresa, por causa de tudo o que não pude avaliar e porque tenho um medo terrível da Amanda interferir no nosso relacionamento. Medo de que ela use a criança para fazer chantagem emocional com você.

— Entendi os motivos da sua irritação, mas você ainda não respondeu a minha pergunta.

— Thomas, eu te amo muito e deixá-lo não é uma opção. Sou capaz de suportar qualquer coisa se estivermos juntos. Quero apenas que me dê garantias de que a Amanda não conseguirá minar o nosso relacionamento e de que não me tornarão a madrasta má dessa história. Precisaremos ficar atentos a isso.

— Ah, minha linda, agora você falou as palavras certas. Eu também te amo muito. Prometo que se o bebê for meu filho, a minha relação será com ele, apenas com ele. Desde sempre estabelecerei limites para me relacionar com a Amanda e, se ela dificultar a situação, jogarei duro. Não deixarei ninguém desestabilizar o nosso casamento e nunca permitirei que a desrespeitem, nem mesmo a criança.

— Irei me lembrar disso, doutor!

— Conheço a sua memória. — Ele sorri para mim . — E quero que saiba que a desculpa e peço que me desculpe também.

— Está desculpado. Vamos almoçar? Acho que a comida ainda está quente. — *Chega de conversa, o meu autocontrole ainda não está em um nível que permita ser testado.*

— Eva, eu não deveria ter falado nada sobre o Marco, desculpa. Quando decidi reconquistá-la, resolvi passar por cima do fato que estivessem dormindo juntos. Isso tudo é passado, no fim das contas você me aceitou, e sei que ele não significou muita coisa para você.

— Que bom que o meu marido sabe disso. — Sorrio.

— Está tudo bem de novo entre nós, minha linda? — pergunta e me dá de brinde o seu sorriso perfeito .

— Acho que vai ficar — respondo menos confiante do que deveria.

Thomas devora o almoço, nunca imaginei que encontraria alguém que gostasse tanto da minha comida e ele, definitivamente, adora.

O meu marido parece estar bem melhor, a febre não voltou e ele me ajuda a colocar a louça na lavadora.

— Adorei ouvi-la tocar *Always On My Mind* .

— Sou fã do Elvis. — *Da voz e de todo o resto daquele homem bonito.*

— Deixe-me tocar e cantar *I Can't Stop Loving You* para você e depois quero que me diga o que achou. Toquei tanto essa música quando estávamos separados que quase enlouqueci o William — confessa e sorri.



— Pensando em mim sem me deixar saber disso, *like a fool* — faço menção a uma frase de outra música do Elvis, *Love Me* .

— Vamos deixar essas lembranças dolorosas de lado e me permita apenas cantar a música do Elvis para você.

— Disputando com o rei?

— Não, esposa. Apenas querendo impressioná-la um pouco antes de levá-la para a cama.

— Amo a sua objetividade! — Gargalho.

— Vamos lá! Adoro atingir os meus objetivos. — Ele ri também, e fico feliz que o clima esteja amenizando.

Quando o meu lindo marido começa a tocar e a cantar, fico completamente embevecida. É óbvio que o Elvis cantava melhor, mas acho que a voz rouquinha do Thomas combina muito com a canção. Também sou fã desse meu doutor encantador que está sempre disposto a me cativar.

— Lindo! — Bato palmas e assovio.

— O que acha? Toco outra música ou já posso levá-la para a cama?

— Sei que o sexo é uma maneira maravilhosa de acalmar os ânimos, de fazer as pazes e de sentir que você é totalmente meu. Mas...

— Mas você está tão aborrecida que o seu desejo se escondeu. É isso?

— Talvez... Não sei responder.

— E um colinho você aceita? — ele pergunta carinhosamente.

— Aceito — respondo, dengosa.

Thomas livra-se rapidamente do violão e abre os braços, aninho-me dentro deles e sinto-me aconchegada. O seu corpo quente, o seu cheiro que adoro, a sua respiração no meu ouvido, tudo isso é o meu paraíso pessoal. Levanto o rosto e ele beija os meus lábios com suavidade, e confirmo o que sempre soube, que o meu desejo não resiste ao seu toque.

— Decidi rápido demais. Mudei de ideia. Quero você.

— O sexo depois de um desentendimento nunca é sem propósito. É uma forma de assegurar que a conexão não foi perdida, que a sintonia ainda está ali. Que aquela pessoa, apesar do que possa ter acontecido, é sua e você é dela, e isso no sentido mais restrito da posse — declara.

— Um casal que deixa a raiva se enfiar na cama, nunca mais será o mesmo, porque o amor que não sabe lidar com os desentendimentos traz como consequência um sexo que vive sendo adiado — repito as palavras da minha mãe.

— Não deixarei que a raiva ganhe espaço na nossa cama. Nunca. — Thomas passa as mãos pelas minhas costas e arrepio.

— Você sabe que não precisamos ser tão literais. A cama é qualquer lugar onde os nossos corpos possam se perder um no outro. O quarto está muito distante, estamos sozinhos em casa e poderemos nos divertir por aqui mesmo. Antes quero

colocar uma música que me faz pensar ainda mais no meu lindo marido...

Aperto o controle remoto e começa a tocar a música *Quando Fui Chuva*, da Maria Gadú.

Thomas ouve a música e demonstra, ao abrir um sorriso, que a reconheceu e torna a me beijar. Dessa vez, o beijo que ele me dá é tão carregado de paixão que fico sem fôlego. Intensifico o beijo e os nossos corpos reagem imediatamente. Ele geme, estremece, se agita. Adoro fazê-lo perder o controle sobre o seu corpo, isso faz com que eu me sinta poderosa.

Tiramos as nossas roupas apressadamente. Vê-lo nu me extasia, preciso que esteja dentro de mim o mais rápido possível. Quero senti-lo meu, todo meu, só meu. Thomas tem razão, porque não conheço uma forma mais eficaz que a fusão dos nossos corpos para que todo o amor que sentimos se torne ainda mais palpável.

— Eu te amo. Você é toda linda e gostosa! Estou adorando a homenagem da esposa maravilhosa que deságua por mim!

— Eu te amo, marido, muito! Depois que encontrei você “nunca mais serei aquela que se fez seca vendo a vida passar pela janela” — cito a letra da música que estamos ouvindo.

Arranho as costas do Thomas, e ele arrepia, encosta-me à parede e volta a me beijar. Coloco os braços em seu pescoço e as pernas em sua cintura, ele sorri com os lábios encostados aos meus e me penetra devagar. Sinto o seu membro deslizar suavemente para dentro de mim e gemo de prazer. A sensação é incrível e me faz ansiar por mais. Aperto as pernas ao redor dele e o puxo ainda mais para perto, fazendo-o afundar-se e dou um gritinho de satisfação.

— Adoro a sua fome. — A voz rouca carregada de desejo me acende ainda mais.

— Quero que seja qualquer coisa comigo agora, menos gentil.

— Com força e bem fundo? — ele pergunta e geme.

— Precisamente — agora quem geme sou eu.

— Você é minha, totalmente minha, completamente minha!

— E você é meu, todo meu!

A boca do meu marido explora os meus seios, ele suga e mordia os mamilos com tanta maestria que quase gozo e, sentindo a minha excitação, ele para de dar atenção aos meus seios e começa a me estocar com força e profundamente, fazendo-me vibrar e pulsar do jeito que tanto adoro.

Desço a mão e acaricio o seu mamilo, belisco levemente, e ele emite um som gutural muito sexy. Sinto o mamilo intumescer em meus dedos e fico ainda mais molhada.

Thomas enlaça a minha cintura com um braço, fazendo-me sentir completamente segura; a outra mão ele desce até a vulva, belisca o meu clitóris e depois o massageia.

— Ahhhhh! Acho que vou explodir!

— Isso, linda, goze para o seu marido — ele diz de maneira autoritária.

Não existe a menor possibilidade de que eu venha a desobedecê-lo. Movimento-me freneticamente, gemo sem parar, e ele arfa.

— Quero ir com você, estou ficando louco com o seu cheiro.

— Vamos, amor!

Thomas estremece, o seu pênis vibra, e os meus músculos internos o apertam. Ele acelera o movimento de entrada e saída, a nossa respiração fica completamente irregular, transbordo e grito quando o orgasmo me arrebatava.

— Gostosa! Você é muito gostosa!

Amoleço em seus braços, mas ele continua a estocar com força e não para de massagear o meu clitóris. Pequenos choques pinicam a minha vagina, sinto o fogo voltar a me consumir, e quero mais. Entrego-me novamente ao desejo, e quando o meu marido goza e se derrete dentro de mim, vou junto com ele e gozo novamente.

Ficamos abraçados, a nossa respiração e batimentos cardíacos vão se normalizando. Ele ainda está duro dentro de mim, e não quero que saia. Ainda abraçada a ele começo a apertá-lo e a massageá-lo utilizando os músculos vaginais e isso faz com que ele fique ainda mais teso.

— Quero gozar de novo, esposa, você está me matando.

— A intenção é essa, marido!

— Me matar? — Ele ri.

— Não! — protesto. — Fazê-lo gozar mais uma vez..

— Isso é quase um fato. — Ele geme tão alto que perco o ritmo.

Thomas segura as minhas nádegas e aperta, puxa-me mais para perto, está tão fundo em mim que consigo massagear o seu pênis do começo ao fim, e gozamos juntos, outra vez, e é delicioso.

— Preciso dormir um pouco, doutor. Você acabou comigo. — *Você e a noite de sono mal dormida* .

— Eu? O mérito do sexo incrível é todo seu.

— Obrigada.

— Amo fazer sexo com amor. É sempre tão incrível e tão gostoso. Sou viciado em você, mulher!

— Ah... Adoro as suas declarações. Sou viciada em você, homem, na sua voz, no seu cheiro, no seu corpo, em tudo!

Conseguimos nos desgrudar, ele me pega no colo e, completamente nu, carrega-me completamente nua para o quarto, e deitamos na cama.

Dormimos abraçados.

Acordo bem mais calma, porém louca por um chocolate.

Levanto, tomo um banho rápido e visto a roupa. O chocolate me chama e resolvo fazer algo a respeito. Uma receita que gosto de fazer desde pequena me

vem à cabeça e decido colocá-la em prática.

— Evaava? Onde você está, esposaaa? — Thomas cantarola a pergunta.

— Na cozinhaaaa! — cantarolo a resposta.

Ele entra na cozinha vestindo apenas uma cueca boxer branca, e suspiro. Adoro vê-lo assim tão à vontade com a sua beleza que tanto me afeta.

— O que você está fazendo que cheira tão bem?

— Brigadeiro de colher.

— Brigadeiro de colher? — ele pergunta abrindo o seu famoso sorriso perfeito e, neste momento, não sei quem está mais derretido, se eu ou o chocolate.

— É, receita da minha avó. O chocolate fica molinho, não é necessário enrolá-lo em formato de bolinhas e passá-lo no granulado. É mais rápido e tão gostoso quanto.

— Quer dizer que a minha esposa está prestes a atacar uma panela cheia de brigadeiro?

— Seios doloridos e mais pesados, pernas cansadas, um pouco de enjoo e uma vontade enorme de comer chocolate. Diagnóstico: TPM.

— Nossa! Os sintomas são muito parecidos com os da gravidez — diz, e acho que se ele tivesse mais juízo evitaria tocar no assunto gravidez pelos próximos cem anos.

— Ainda é muito cedo para isso, parei de tomar a pílula a menos de uma semana. — *E talvez devesse voltar a tomá-la porque não estou com a mínima vontade de estar grávida quando a Amanda já estiver em forma e com um bebezinho sorridente nos braços* .

— Também não está cedo para a TPM?

— A Angela disse que depois que eu parasse de tomar a pílula o meu período poderia demorar algum tempo para vir ou poderia vir quase imediatamente.

— Quer dizer que estava tão nervosinha hoje cedo também por causa da TPM?

— Ué, doutor, você não me disse um tempo atrás que a sigla TPM significa Tesão Pelo Marido? Então, é mais apropriado dizer que o modo como estava fogaosa hoje depois do almoço foi por causa de TPM. — Gargalho.

— Você tem uma memória prodigiosa. Não se esqueça de absolutamente nada que eu falo. E sabe de uma coisa? Acho isso muito lisonjeiro porque significa que presta muita atenção a tudo o que digo. — O olhar intenso dele vai de mim para a panela que estou mexendo.

— Não me esqueço de nada mesmo, doutor. — Dou uma piscadinha para ele.

Se ele soubesse como a minha memória é realmente prodigiosa para as coisas que me interessam, ficaria menos lisonjeado e seria mais cauteloso.

— Agora me diga se vai querer um pouquinho disto aqui.

— Quero sim. Confesso que adoro tudo o que você prepara, até o leite que aquece é melhor do que qualquer outro.

— Pare de me adular, doutor, está garantida a sua cota de brigadeiro.

— Só irei aceitar porque você está insistindo muito e não quero fazer desfeita. — Ele ri.

— Ufa, pensei que teria que continuar implorando — entro na brincadeira.

O meu marido se aproxima ainda mais e me abraça por trás, ficamos assim enquanto acho o ponto ideal do brigadeiro, e por um triz ele não me distrai e deixo tudo desandar.

## Capítulo II

— Bom dia, Vanessa — cumprimento a minha nova secretária.

— Bom dia, doutora Eva. Como foi o final de semana?

— Quase perfeito. — Sorrio para a mulher eficiente que me observa e não consigo deixar de sentir a falta da Patrícia.

— A agenda de hoje está sobre a sua mesa.

— Obrigada.

Entro no meu novo escritório, uma réplica do anterior, e me sinto em casa. Apesar de estar trabalhando menos horas e de ter uma agenda mais flexível, continuo adorando cada vez mais o que faço.

Não tenho como negar que o escritório de advocacia da minha família, Fiore Advogados & Assessoria Jurídica, tornou-se, ao longo dos anos, muito importante para mim.

Quase senti ciúme quando a Sara assumiu o meu lugar no escritório em São Paulo e, se não fosse o fato de sermos tão parceiras, de tratarmos dos assuntos importantes juntas, e de eu estar por lá quase toda sexta-feira me inteirando de tudo, ficaria até ressentida.

Vir morar em Ribeirão Preto foi uma ideia maravilhosa, não me arrependo. Contudo, também não me iludo, sei que estou achando a mudança tão positiva porque, além de usufruir da proximidade da minha família e da do Thomas, consegui trazer um pedacinho do que é uma parte importante do meu mundo para cá.

Sou transportada de volta dos meus pensamentos pelo som do telefone celular tocando.

— Alô. Eva Fiore falando. — *Quando desconheço o número de telefone que está chamando sou mais formal.*

— “Complicada e perfeitinha”, que bom ouvir a sua voz!

— Olá, Marco. Como vai? — *Reaparece justo agora quando estou com problemas no paraíso. Acho que ele fareja esse tipo de coisa.*

— Melhor agora que estou falando com você.

— Número de telefone novo? — pergunto, tentando que a conversa mude de rumo.

— Não, telefone emprestado. Não queria que reconhecesse o meu número e deixasse de me atender. — Ele é tão sincero que me desarma.

— Boa tática, funcionou. — Rio baixinho.

— E você, como está? — pergunta manhoso.

— Muito bem. Quer dizer que ligou só para dar um oi? — tento abreviar a

conversa.

— Na verdade, não .Gostaria muito de pedir um favor para você — fala um pouco mais sério, mas ainda não me faz acreditar que conversaremos sobre trabalho.

— E o que será? — pergunto temendo a resposta.

— Bem, você me disse que eu deveria procurar um psicólogo, e fiz isso.

— Que maravilha, Marco! — *Ah, que alívio!*

— Acontece que agora estou fazendo terapia e para que um dos meus problemas seja finalmente resolvido, preciso de você.

— De mim? — *Só faltava essa!*

— Sim, linda Eva. Precisamos ter uma conversa pessoalmente. O meu psicólogo me disse que o que está dificultando que eu aceite o nosso rompimento é que você e eu não conversamos a respeito disso.

— Explique-se melhor, por favor.

— Eu era o seu noivo e estava confiante de que dentro de poucos dias seria o seu marido e, de repente, aconteceu uma reviravolta, e tudo o que acreditava deixou de existir, e isso sem trocarmos uma palavra.

— O seu psicólogo acha que conversando a respeito do que aconteceu poderemos colocar uma pedra sobre o assunto? — pergunto, esperançosa.

— É. Ele acha que preciso falar sobre como me senti, contar a razão pela qual desisti de brigar pelo acordo que tínhamos feito, desculpar-me, desculpá-la, e tentar entender que tipo de sentimento vai restar depois dessa conversa — diz e ri.

— E a conversa será no consultório do seu psicólogo? — indago curiosa.

— Não será necessário, ele me disse que posso conversar com você sozinho.

Quando o Marco explica o objetivo da conversa fico menos reticente em concordar, porque ajudá-lo a colocar um belo e visível ponto final na história do nosso noivado malfadado pode ser mesmo uma boa ideia. Vai aliviar o meu coração. Quero que ele siga em frente e seja feliz.

— Conversar comigo o ajudará a ultrapassar tudo isso e seguir em frente? — pergunto para ter certeza de que entendi bem.

— Tomara que sim. — Ri novamente.

— Gosto de você, Marco. Quero ajudá-lo, e sei o quanto dói sofrer por amor, mas depois do modo como se comportou no aniversário do Thomas, ficará difícil que eu tenha essa conversa com você sem que ele esteja ciente e de acordo com isso — explico para que o Marco entenda que não posso me encontrar com ele sem que o meu marido saiba. Prometi nunca mais omitir nada do Thomas e tentarei cumprir a promessa.

— Então, a independente e destemida Eva vai pedir a permissão do Thomas? — pergunta de maneira irônica.

— Não é bem isso. Vou explicar para ele as suas razões e o modo como me

sentirei feliz em colaborar, e vamos ver no que dá. Assim que eu falar com ele, telefonarei para você.

— “Complicada e perfeitinha”, preciso seguir com a minha terapia e vim para São Paulo apenas para tentar viabilizar a nossa conversa, porém não posso me demorar muito por aqui.

— Falarei com o Thomas o mais rápido possível, mas é bem provável que ele dificulte as coisas e fique muito bravo.

— O seu marido é um sujeito muito possessivo, sente ciúme demais de você. Acho que deveria fazê-lo procurar um psicólogo também. — Ele ri, e o acompanho.

— O que ele sente é um amor carregado de paixão. “Paixão é uma obsessão positiva. Obsessão é uma paixão negativa.” — Gargalho.

— Ele é o apaixonado, e eu o obsessivo? Deixe de ser tão parcial, Eva! — Marco protesta, e gargalho novamente.

— Ficamos assim, Marco, prometo que telefonarei em breve. Um abraço.

— Obrigado, Eva! E nunca deixe de dar essa gargalhada que é a sua marca registrada, é perfeita. Aguardo a sua ligação.

Desligamos. Fico contente porque o Marco está se tratando, isso poderá ajudá-lo de verdade a superar essa fixação dele por mim. Difícil será convencer o Thomas da necessidade de uma conversa entre mim e o Marco, mas garantirei que ela aconteça nem que tenha que levá-lo junto comigo.

O meu celular toca novamente, interrompendo mais uma vez os meus pensamentos. É a Michele, esposa do Silas, a concunhada com quem tenho mais afinidade. Acho que isso se deve ao fato de as nossas idades serem próximas e de ainda não termos filhos, porque a maternidade é um tema que costuma nos deixar à margem da maioria dos assuntos da Márcia, da Eliza e da Clarissa, as nossas outras concunhadas.

Atendo, e o eterno bom humor da Michele me contagia. Ela solicita que eu vá até o apartamento dela mais tarde para ajudá-la a escolher o vestido ideal para que compareça ao casamento de uma ex-namorada do Silas. Um casamento no qual serão padrinhos e que está deixando-a muito estressada. Concordo em ir, e ela convida o Thomas também porque enquanto estivermos tratando da escolha de roupas e acessórios, o Silas e o Thomas poderão colocar a conversa em dia.

As horas voam, e o dia de trabalho chega ao fim. Despeço-me da Vanessa lembrando-a de que estarei no escritório no dia seguinte apenas no período da tarde. Destinarei a parte da manhã para tratar de alguns assuntos particulares.

Dirijo para casa ouvindo música clássica instrumental e rio quando me lembro da conversa que tive com a Michele ao telefone, só ela para comprar três vestidos para ir a um casamento porque não conseguiu escolher qual combinava



melhor com ela e com a ocasião! Espero ter a sorte de fazê-la decidir-se por um. Uma morena tão bonita e atraente não deveria se preocupar com esse tipo de coisa, tudo o que ela veste sempre fica incrível.

Aciono o controle remoto da garagem e fico imediatamente feliz ao ver o carro do Thomas. Ele chegou um pouco mais cedo e poderemos ir à casa do Silas e da Michele antes da hora prevista e, embora ele ainda nem saiba que quero que me acompanhe, duvido de que se recuse a ir.

Entro em casa procurando por ele e o encontro no escritório. Está tão distraído diante do computador que demora um pouco para me notar.

— Oi, que bom que chegou!

— Oi, marido, estou feliz que já esteja em casa.

Thomas se levanta e caminhamos um em direção ao outro, abraçamo-nos apertado e nos beijamos com a saudade acumulada de um dia todo afastados.

— Preciso falar com você, minha linda.

— E preciso fazer-lhe um convite.

— Pode fazer. — Ele sorri, porém deixa transparecer um pouco de tensão.

— Ainda não. Primeiro diga o que precisa falar. — *Esse assunto deve ter a Amanda no meio, só pode.*

— Quero que leia um e-mail que recebi. — Ele segura a minha mão e me conduz até o computador.

— É um e-mail da Amanda? — pergunto, quase adivinhando a resposta que receberei.

— Sim. — Ele coça a nuca, e sei que está nervoso. Acho também que ficou um pouco espantado com a minha astúcia.

— Não quero ler. Por favor, faça um resumo para mim. — Encaro o meu marido e espero que comece a narrativa.

— A Amanda me mandou um e-mail explicando como tem sido difícil a situação dela com os pais desde que se descobriu grávida. Ela diz que o pai, que sempre foi muito rígido, anda exigindo saber se o bebê será registrado por mim, se receberá pensão, se ela terá ajuda para educá-lo e todo esse tipo de coisas. Para que os pais dela se tranquilizem, ela me pede para comparecer a um jantar onde eles estarão presentes, quer que eu diga a eles como agirei no caso de que seja confirmado que sou o pai do bebê.

— Ah. — Isso é tudo o que consigo falar porque uma onda de raiva me atinge.

— Nunca conheci os pais da Amanda, mas ela sempre deixou claro o quanto os respeita. Se existe a possibilidade de que eu seja o pai do bebê, acho que devo ir até lá e conversar com eles.

— E? — pergunto desconfiada de que o pior ainda está por vir.

— Ela pede que eu vá sozinho para que os pais dela fiquem mais à vontade.

— E o que você acha? — *Estou intrigada.*

— Acho que devo ir e explicar que se o resultado do exame confirmar o

que a Amanda suspeita, registrarei a criança e me responsabilizarei financeiramente por ela e que, apesar da distância, serei um pai presente.

— Você se lembrou de mais alguma coisa? — questiono de maneira irônica.

— Ainda não. Por quê?

— Porque está disposto a passar por uma situação estressante para tratar de um assunto que talvez não seja seu... — explico.

— E se depois eu descobrir que é um assunto meu e que deixei a Amanda passar sozinha por tudo isso? — Ele me olha demoradamente, e sei que está tentando me convencer de que está fazendo o que acha certo.

— Pelo que lembro você disse, ainda ontem, que se o bebê for seu filho a sua relação será apenas com ele. Também disse que desde sempre estabelecerá limites para se relacionar com a Amanda, que não deixará ninguém desestabilizar o nosso casamento e que nunca permitirá que me desrespeitem.

— E o que estou fazendo de diferente? — Thomas indaga, parecendo realmente confuso.

— Para um homem tão inteligente você às vezes é bem obtuso — deixo escapar.

— Então me explique o que não estou entendendo — ele pede, um pouco irritado.

— Não, Thomas, faça o que achar que deve. Se você acredita que é melhor participar dessa gravidez e me deixar de fora, fique à vontade! — *Acho que vou explodir de raiva. Será que ele não está percebendo que a Amanda começou o joguinho de manipulação?*

— Minha linda, não estou deixando você de fora de nada, não pense isso... Apenas concordo que os pais dela ficarão menos tensos se você não estiver lá. — Ele se aproxima mais de mim, e recuo. — Por favor, Eva, tente se colocar no lugar da Amanda. E se a situação fosse com você? — Thomas apela.

— Não posso fazer isso. Fiz uso da pílula anticoncepcional desde que me tornei sexualmente ativa, para impossibilitar completamente uma gravidez indesejada fora de um relacionamento estável, o uso do preservativo sempre foi uma regra básica para mim. Só quebrei essa regra com você, mas estava completamente consciente do que estava fazendo, além de, como já disse, estar protegida pela pílula. — *Não mereço ser convocada a me solidarizar com a mulher presunçosa que está grávida de um filho que pode ser do meu marido.*

— Está bem, deixe para lá. Quem não soube agir de maneira responsável foi Amanda, e talvez eu. Uma pessoa tão certinha como você não deve mesmo ser capaz de imaginar o que é cometer um erro tão grande — ele me provoca.

— Realmente o problema aqui não sou eu — devolvo a provocação. — Mas vamos fazer de conta que o problema sou eu — digo ironicamente.

— Vamos fazer de conta que o problema é você?

— Sim, Thomas. Vamos lá! Faça de conta que estou grávida, mas o filho não é seu, e só descobrimos isso depois que nos casamos. Engravidei quando

estávamos separados e eu era a noiva do Marco.

— Deixe de deboche, Eva.

— Não estou debochando, Thomas. Quero apenas que me diga como se sentiria estando casado com uma mulher que seria mãe de um filho que não é seu. Como acha que seria a sua relação com a criança? Melhor ainda, como seria a sua relação com o Marco? Será que o Marco não usaria a criança para atrapalhar o nosso casamento? E você e eu, como ficaríamos?

— Nem brinque com isso, Eva.

— Não estou brincando. Quero que você se coloque no meu lugar!

— Por favor, Eva, não quero que brigemos novamente. Só estou tentando ser razoável. Não estou aceitando ter essa conversa por causa da Amanda e sim para tranquilizar os pais dela, sinto-me penalizado por eles, nenhum pai se sente confortável achando que a filha ficará desamparada com um filho nos braços — argumenta.

— Você não respondeu a nenhuma das minhas perguntas. É muito fácil para você me pedir para ser compreensiva, que me coloque no lugar da Amanda, que seja solidária. Mas quando peço que imagine uma situação em que você estaria no lugar em que estou hoje, finge que não ouviu.

— Não fingi que não ouvi. É só que não consigo imaginar você grávida de outro homem!

— Ah, tá! E eu tenho que aceitar a possibilidade de você ter um filho com outra mulher?

— A situação hipotética que você descreveu é bem pior do que a que está acontecendo agora.

— Ah, sim. Claro que deve ser — falo, destilando ironia por todos os poros.

— Amo você, minha linda. Nada irá atrapalhar o nosso casamento.

— Quando será o jantar? — pergunto, imaginando que a resposta será sexta-feira.

— Na sexta-feira. — Ele coloca a mão na minha, e puxo a mão de volta.

— Ótimo. Porque também tenho que resolver uma situação pendente e sexta-feira à noite será perfeito para que isso aconteça.

— Que assunto pendente é esse? — Thomas pergunta ressabiado.

— O Marco me telefonou hoje e falou que o psicólogo dele o convenceu de que precisa conversar comigo. Ele acha que só uma conversa franca entre nós será capaz de fazê-lo entender que precisa me esquecer.

— E você acreditou nesse lenga lenga dele?

— Bem, se você acreditou no da Amanda...

— Então é isso? Você está querendo pagar na mesma moeda? Acha que se eu me aproximar da Amanda terá o direito de se reaproximar do Marco? — Ele me olha enfurecido.

— Na verdade, é justamente o contrário. Estou tentando ajudar o Marco a

se desapegar do que sente por mim. Devo isso a ele, estávamos noivos e me casei com você sem sequer termos rompido antes. Foi ótimo para mim e achei que estivesse tudo resolvido, mas parece que para o Marco ainda não está.

— Você não deve nada a ele — Thomas esbraveja.

— E você não deve nenhum esclarecimento aos pais da Amanda antes do resultado do exame de DNA. A menos que tenha se lembrado de ter transado com ela. Se for encontrá-los sem mim, que sou a sua esposa e que, pelo menos teoricamente, passarei por tudo junto com você, também tenho o direito de ir conversar com o Marco — defendo o meu ponto de vista.

— Você está misturando dois assuntos completamente distintos! — esbraveja novamente.

— Você precisa resolver uma situação com a sua ex e preciso resolver uma situação com o meu ex. Os assuntos podem ser distintos, mas a situação é semelhante.

— Ela não é minha ex porque que nunca foi nada minha. — Thomas diz, aborrecido.

— Sendo assim o Marco merece mais consideração ainda, porque ele é o meu ex-noivo — eu o confronto.

— Eva, não acredito que irá me chantagear desse jeito! — Ele me observa com olhos fulminantes e o corpo carregado de tensão.

— Thomas, não acredito que descumpra o que me prometeu, ainda ontem, desse jeito!

— Não estou descumprindo nada — ele se defende.

— Está sim! E o pior é que além de estar deixando que me desrespeitem está me desrespeitando também, e o bebê ainda nem nasceu. Se isso está acontecendo agora, as minhas perspectivas para o futuro são péssimas — digo e saio batendo o pé.

Vou para o quarto, e o Thomas me segue. Acho que ele está mais preocupado em me fazer não conversar com o Marco que em desistir de ir conversar com os pais da Amanda.

Troco de roupa e me preparo para ir até a casa da Michele. Contudo, resolvo ir sozinha. Preciso desabafar com alguém e, como os meus pais estão na fazenda, a Sara está distante, e a Patrícia sumiu, a Michele será essa pessoa.

— Aonde você vai? — Thomas bloqueia a porta do closet.

— Vou até a casa da Michele, prometi que a ajudarei a escolher um vestido para um casamento importante — deixo de lado a parte em que foi convidado a me acompanhar.

— Ah, é? — pergunta desconfiado.

— É! — digo bastante irritada.

— Eva, quero que pare de transformar tudo em um cavalo de batalha e também quero que pare de dar atenção ao Marco. Tudo o que ele mais deseja é se reaproximar de você e tirá-la de mim. Ele deve ter se arrependido de não ter

atrapalhado os meus planos. Eu te amo, confie em mim, apenas preciso ser decente com os pais da Amanda.

— E preciso ser decente com o Marco, preciso que ele entenda que te amo e que nada do que ele fizesse seria suficiente para que eu esquecesse você. Quero que ele entenda que transar com a Patrícia não o tirou do páreo, que o que o tirou do páreo foi o fato de que me dei conta de que a corrida nunca deveria ter começado. — Pareço muito tranquila quando explico a situação para o Thomas só que na verdade estou fervendo de raiva.

— Obrigado, minha linda, por me explicar o que quer que o Marco compreenda, porém sei que nada do que diga irá demovê-lo de tentar reconquistá-la. Dessa forma, acredito que conversar com ele é desnecessário. Escreva um e-mail explicando tudo, será o suficiente. Ele poderá ler o que escreveu todas as vezes que precisar se convencer de que não tem mais nenhuma chance com você.

— Escreva, você, um e-mail para os pais da Amanda. Isso facilitará muito a sua situação porque estar cara a cara com os pais de uma mulher grávida, que você sequer sabe se comeu, será realmente muito estranho. — Encaro o meu marido e percebo que ficou surpreso com o que falei.

— Sabe, Eva, às vezes você se comporta como um ariete — diz de maneira muito séria, não consigo me conter e caio na gargalhada.

— Um ariete, uma máquina de guerra? — pergunto, tentando conter o riso.

— Isso mesmo. Quando você está com raiva sai derrubando tudo — alega, e noto que também parece estar tentando segurar o riso.

— Então, deixe-me ir logo embora porque é bem provável que continue a fazer estragos.

Thomas me dá passagem. Saio apressada porque mesmo achando graça da comparação que ele fez, a irritação não me larga, e quando fico assim sou mesmo um perigo.

— Eva, quero que fale o que acha que deve falar, que grite se quiser gritar, que chore, xingue, brigue, e que se desculpe depois se achar que se excedeu, mas desça do pedestal e me encare.

— Thomas, sou totalmente transparente com você, eu me mostro e me revelo. Apenas me dou ao direito de me dar um tempo quando preciso me equilibrar.

— E você não acha que antes de ir procurar o seu equilíbrio eu já não percebi todo o seu descontrole? Que não me falou as palavras mais infames? Ora, Eva, só você pensa que sai de cena antes da hecatombe. Você tem que ficar e aguentar o tranco, junto comigo, é isso que estou pedindo.

— Não dou conta de mostrar a minha vulnerabilidade sem que isso me afete mais do que a situação que causou a minha raiva ou dor ou revolta.

— Eva, ao seu lado tento ser uma pessoa melhor, mas isso não significa que deixarei de errar, que serei perfeito. Sou um homem que briga, que xinga, que

grita, que tem arroubos, que comete loucuras, que faz cenas de ciúme, que chora quando sente vontade, que mostra o que sente para você sem o menor pudor e acho que mereço reciprocidade.

— Você sabe que também me mostro para você sem o menor pudor. Só não gosto do que sou quando estou com raiva. Você não merece ouvir o que sou capaz de dizer. Já disse que quando fico muito brava sou capaz de provocar danos terríveis.

— Eva, fico mais magoado quando você se afasta e não diz o que pensa do que quando rasga o verbo. Não me importa que se transforme no incrível Hulk e saia detonando tudo, essa é você. Não quero que me mostre apenas o seu temperamento trabalhado, aquele que poliu para conseguir conviver bem com as pessoas, quero que se exponha. Aceito e quero você do jeito que é. O lado claro e o escuro.

— Toda vez que agi dominada pela fúria, me arrependi depois.

— Minha linda, será que não percebeu que mesmo que saia quando está zangada, que não diga o que pensa na hora de uma discussão, que sempre acaba fazendo isso em outro momento?

— Você tem razão. Mas faço isso com menos ímpeto depois, muito menos do que quando explodo na hora.

— Prometa que vai parar de fugir. Prefiro discutir ou dialogar durante horas e resolver a questão do que ser largado com a cabeça fervilhando. Também detesto que saia cuspidando fogo e volte, horas depois, mais tranquila, porque não me interessa a sua calma estudada, prefiro a sua indignação sincera.

— Olha só, doutor, acho que você está se arriscando muito ao me pedir para não me controlar e dizer o que penso. Sou boa de briga e não gosto de me sentir por baixo, mas se prefere assim, tudo bem.

— Sou homem suficiente para aguentar ouvir algumas palavras duras, mesmo que muitas vezes possam ser injustas ou descabidas. Posso me defender, sou bom argumentador, e também sou bom de briga. Não me ofenderei à toa, desde que também não o faça.

— Está bem, juro que irei tentar fazer o que me pede. E pode deixar que também não me ofenderei à toa. Toda vez que tivermos algo para resolver, o embate irá durar até que o assunto esteja resolvido, prometo.

— Lembrando sempre que não somos adversários. Amo você, minha linda esposa. Não estou estimulando a brigarmos, apenas quero que os problemas não tenham o poder de nos afastar. As palavras não ditas na hora da raiva são como um veneno, e é preciso colocá-las para fora para que percam o efeito.

— Você está certo. Pelo menos com você, serei sempre totalmente espontânea. A Eva em estado puro e concentrado. Prometo.

— Boa garota! — Ele sorri. — Amanhã vou sair e comprar uma armadura — diz em tom de brincadeira, e rio.

— Nossa! Devo ser mesmo uma megera. — Gargalho.

— Eva, apesar dessa casca dura que você resolveu vestir, eu sei que por baixo dela você é doce, frágil, sensível e apaixonal e que um colo, muitas vezes, é tudo de que você precisa. E se for necessário vê-la explodir antes que me peça colo, estou disposto a aceitar o seu desatino.

— Obrigada, amor. Preciso ir agora. Até mais tarde — despeço-me, profundamente abalada com as palavras dele, o homem que amo e que desejava que eu me entregue em suas mãos, das piores e das melhores maneiras.

— Eva, só um aviso. Se você sair desta casa me deixando aqui com a batata quente nas mãos, sem saber o que pensar dessa sua ideia de se encontrar com o Marco ou sobre o que tanto a aborrece com relação ao jantar com os pais da Amanda, e isso depois de tudo o que acabei de lhe dizer... Você não precisa mais voltar.

— Como é que é? — pergunto perplexa.

— Isso mesmo o que acabou de ouvir. Na única vez que não me dispus a ouvir o que você tinha a dizer e que saí quando a situação me desequilibrou, você fez com que eu me arrependesse amargamente das minhas ações. E só estamos juntos agora porque eu, humildemente, lutei por você, me expus e me declarei de todas as formas possíveis e imagináveis. Então, se você sair sem me ouvir, terei o direito de agir como você agiu e não a aceitarei de volta tão facilmente.

— Está me ameaçando, doutor? — pergunto e engulo em seco.

— Estou equilibrando a balança, doutora. Não quero que se sintam mais no direito de me colocar na prateleira quando se irrita. Sou de uso contínuo, não esporádico. Você deveria saber disso, falamos sobre esse assunto quando começamos a nos relacionar. Sou aquele cara do tudo ou nada. — Ele me observa, e seu olhar gelado me agride até a alma.

— Também sou a mulher do tudo ou nada, a de uso contínuo, a que precisa de garantias e de certezas. Somos parecidos em muita coisa, principalmente, no quesito cabeça-dura.

Viro as costas e saio, vou para a garagem, entro no carro e uma onda de arrependimento percorre o meu corpo inteiro.

O que eu quero provar com esse meu comportamento desatinado? Que sou mais forte? Que sou intransigente? Vou ganhar o que agindo assim? Duvido que o meu casamento se fortaleça com esse tipo de atitude. Acho que o Thomas merece um pouco mais de boa-vontade da minha parte.

Sai de mim, orgulho bobo! Vê se me larga, dona desconfiança!

Telefonei para a Michele e aviso que vou me atrasar um pouco. Respiro fundo, conto até cem, saio do carro e entro em casa.

Thomas está no mesmo lugar onde o deixei, com as mãos no rosto e respirando pesadamente.

— Não irei a lugar algum sem você, meu amor. Nem hoje nem nunca. Se

quer que eu fique e xingue, brigue, me descabele, farei isso. Mas farei isso outra noite, porque agora tudo o que mais quero é abraçá-lo e beijá-lo e dizer que você é a pessoa mais maravilhosa que conheço. Você é o meu remédio de uso contínuo e descontrolado, tarja preta, tudo o que preciso para me sentir segura, a minha garantia de felicidade e a maior certeza que já tive na vida. E se está disposto a ver todas as minhas imperfeições e mesmo assim continuar me amando, estou disposta a mostrá-las.

— Garanto que nada neste mundo me fará amar você menos, porque só te amo mais e mais. E estou profundamente aliviado e feliz que tenha ficado, porque senão eu teria que me desmentir e ir atrás de você para trazê-la de volta nem que fosse arrastada. — Ele se aproxima e me abraça.

— Você foi bem durão comigo, marido. Fiquei com medo.

— Desde que me apaixonei por você, abandonei as convenções, não quero saber o que dizem por aí sobre ser durão, sobre ser o sexo forte. Só quero ser o sexo forte na hora em que tiver que carregá-la nos braços.

— Pode parar, Thomas, você vai me fazer chorar. — Seguro a mão dele.

— Quando senti que era seu, e desisti de descobrir se isso aconteceu na primeira vez em que a vi ou que a beijei ou que dormimos abraçados, decidi que você teria tudo de mim. Não sou seu pela metade, nem de vez em quando, nem quando me convém. Sou seu por inteiro, de corpo e alma, todos os dias, em todas as horas e em qualquer situação. Do meu pior e do meu melhor jeito.

— Já estou chorando, marido, pode parar de falar essas coisas lindas.

— Quero satisfazer as suas vontades, as suas necessidades e os seus caprichos porque nada no mundo me alegra mais do que vê-la sorrir. Amo ouvi-la gargalhar e tenho certeza de que ao seu lado serei sempre um homem realizado. Aceite as minhas qualidades e os meus defeitos, e me ajude a melhorar o que for possível. E me ofereça as suas qualidades e os seus defeitos também, e lhe garanto que se melhorar o seu pior for uma tarefa inglória, que amarei os seus defeitos como nunca os defeitos foram amados por alguém.

— Pare de me fazer chorar. — Dou um beijo suave nos lábios dele.

— Amar você é tudo o que eu sei fazer de melhor, mulher! — ele diz e abre o seu sorriso mais que perfeito.

— Você faz isso muitíssimo bem, está sempre se superando e me surpreendendo. E devo admitir que amar você é tudo o que sei fazer de melhor, homem. Acho que deverei ganhar algum ISO por isso em breve — digo, e ele me beija com bastante intensidade e as minhas pernas ficam bambas.

— Vamos conversar sobre o que está nos aborrecendo antes ou depois do jantar? — pergunta com os lábios encostados aos meus.

— Tenho um compromisso com a Michele, preciso mesmo ajudá-la. Ela ficará inconsolável se eu desmarcar agora.

— A nossa conversa poderá ficar para depois. Não precisa desmarcar nada.



- Venha comigo, você também foi convidado, o Silas está aguardando você.  
— E você só me diz isso agora? — Ele ri.  
— É que só agora você está merecendo me acompanhar. — Rio também.

Os vestidos que a Michele comprou são lindos, e ficam maravilhosos no corpo perfeito dela. Acontece que dois deles são sensuais demais para um casamento e ela acaba concordando comigo que o vestido longo de um ombro só, de seda pura, é o mais adequado para a ocasião. Acho que lilás não é a cor que mais combina com o tom de pele da Michele, mas assim que ela coloca os acessórios e prende os cabelos cacheados em um penteado improvisado, não tenho como deixar de reconhecer que fica totalmente deslumbrante.

— Você vai ofuscar a noiva — elogio com sinceridade e sorriso.

— Ah, querida, essa é a minha intenção! — Michele ri.

— Madrinha de casamento da ex-namorada do marido. Que maluquice é essa? — pergunto rindo.

— O Silas é um homem tão simpático e cordial que até as ex-namoradas ficam amigas dele.

— E ele tem muitas amigas? — indago fazendo graça.

— Inúmeras — ela responde e ri alto.

— Que bom que lida bem com a questão das ex — digo quase melancolicamente.

— Sei que ele é louco por mim, então fica mais fácil.

— Além disso, você é um arraso. Os homens devem ficar literalmente de boca aberta diante de você. — Eu mesma rio do meu comentário porque ela é dentista.

— Deixe disso, Eva! Sou uma mulher comum, você é que é incrível.

— Eu? — pergunto espantada.

— Quem mais você conhece que tem cabelos sedosos, brilhantes e dessa tonalidade de castanho que contrasta maravilhosamente com expressivos e grandes olhos amarelos? Que outra pessoa tem essa pele tão perfeita? Quem é que consegue ser magra, mas cheia de curvas, e sempre caminhar parecendo que está em uma passarela? Melhor ainda, quem consegue ser tudo isso junto em uma mulher só?

— Essa descrição é minha? — pergunto rindo.

— Sim senhora! Você é uma diva!

— Que bom que você existe para massagear o meu ego!

— Agora me diga o que está aborrecendo você — Michele é bem direta.

— Estou mesmo precisando desabafar. Espero que tenha tempo para me ouvir porque a história é longa e surpreendente.

— Todo o tempo que precisar.

Ela se deita sobre a cama, sento-me em frente a ela e começo a minha

extensa narrativa, sem me esquecer de nenhum detalhe e torcendo para que o Silas ou o Thomas, ou ambos, que estão tocando violão na sala, não venham nos interromper.

— Que loucura! — Michele abre a boca pela primeira vez desde que comecei a contar sobre a visita da Amanda, a gravidez e os desentendimentos que o Thomas e eu tivemos por causa disso.

— Estou completamente aborrecida, confusa e irritada — desabafo.

— E não é para menos. — Ela olha para mim e me observa de maneira pensativa.

— O que foi?

— Estou sentindo cheiro de mentira no ar.

— Por quê? — questiono, curiosa.

— Estive bêbada algumas vezes e, para mim, os detalhes são os mais difíceis de serem lembrados. Essa Amanda se lembra do mais difícil e se esquece do mais fácil? Ela teve meia amnésia alcóolica?

— A bebida deve afetar cada pessoa de maneira diferente.

— Afeta, mas acho que amnésia é amnésia. Vaga lembrança é outra coisa — diz Michele, e ri alto.

— Eu não bebo, nunca bebi, então não tenho a menor ideia do que uma pessoa pode sentir ou lembrar quando está chapada.

— Você nunca ficou bêbada? — Michele pergunta desconfiada, quase indignada.

— Não. Qual é o problema?

— Nenhum, porque vou embebedá-la agora mesmo, dona Eva.

— Para quê? Que vantagem uma pessoa tem em se embebedar?

— Nenhuma. A ressaca é péssima, pior ainda se for ressaca moral — ela explica.

— Então me recuso a ser embebedada. — Gargalho.

— Você precisa saber o que sente uma pessoa quando está bêbada, isso se chama conhecimento de causa — insiste.

— Não tenho a menor curiosidade a respeito disso, você mesma acabou de dizer que a ressaca é péssima.

— Vamos lá, Eva. Eu abro um bom vinho e tomamos algumas taças aqui no quarto, sem convidar os rapazes para participar, porque precisamos que estejam sóbrios para cuidar de nós. — Ri novamente.

— O que eu ganharia com isso?

— Experiência — responde rapidamente.

— Não preciso bater a cabeça na parede para saber que dói — argumento.

— Deixe de ser tão chatinha, Eva. Bater a cabeça na parede só dói. Beber pode ser divertido, a ressaca é que não presta. Mas vamos viver o hoje, o presente, a ressaca é futuro.

A Michele se levanta e sai. Minutos depois, entra no quarto segurando uma garrafa de vinho e duas taças.

— Não concordei com isso — protesto.

— Vamos desafogar as mágoas! — Ela começa a encher as taças.

— Não era para adquirir experiência? Que conversa é essa de desafogar as mágoas? — pergunto.

— Uma bebedeira pode servir para muitas coisas — ela responde e imediatamente começa a beber o vinho.

— Um brinde à Michele, um mau exemplo a ser seguido! — brinco com ela.

— Um brinde à Eva, a minha discípula preferida! — brinca comigo.

Começo a tomar o vinho, é adocicado e está gelado, dou goles grandes e rapidamente esvazio a taça, bebo rápido antes que o Thomas apareça e acabe com a brincadeira. Devo admitir que a curiosidade a respeito de como uma pessoa se sente quando bebe é que está me motivando a embarcar nessa orgia etílica patrocinada pela Michele.

— Quantas taças tomamos? — Michele pergunta depois de um tempo.

— Três — respondo confusa.

— Acho que foram mais. Estamos na segunda garrafa de vinho ou será que é a terceira? — Ela procura as garrafas.

— Na segunda, só tem duas ali. — Aponto para a mesa de cabeceira dela.

— Estou vendo quatro garrafas ali, o que me leva a concluir que estamos na quarta garrafa. — Ela começa a rir.

— Mentira sua. — Rio também. — Estamos no fim da segunda garrafa, você está enxergando dobrado.

— E você está omitindo informação — diz com a voz engraçada.

A Michele senta na cama e passa a me contar todas as piadas que conhece, e rio das engraçadas, das sem graça e das que ela nem consegue terminar de contar. Na verdade, não consigo parar de rir.

— Você está bêbada?

— Não faço a menor ideia — respondo.

— Estou ótima, a bebida nem começou a fazer efeito — diz, muito satisfeita.

— Se não fosse o lustre ficar girando no teto, também estaria ótima. — Gargalho.

— É mesmo! Por que será que o lustre está balançando assim? — pergunta estreitando os olhos.

— Balançando não, Michele, girando! — corrijo.

De repente, ouvimos vozes chamando por nós e caímos na gargalhada. Rimos sem parar.

— O que está acontecendo aqui? — Silas pergunta.

— Eva, você bebeu? — Thomas pergunta.

A Michele e eu voltamos a rir, sinto até dor na barriga de tanto que estou rindo, e quase perco o fôlego.

— Eva, você bebeu quantas taças de vinho?

— Oi, Thomas, estamos fazendo uma experiência — penduro-me no pescoço dele.

— Acho melhor dar um banho frio na Michele e depois fazê-la beber um café forte e amargo.

— Silas, me deixa, estou ótima! — Michele reclama, e eu rio.

— Vamos, Eva, vou levá-la para casa e fazer o mesmo — Thomas diz, e caio na gargalhada.

Nem sei o que acontece direito. Thomas me leva para o carro e estou ciente do que ele está fazendo, mas acho tudo muito engraçado. Quando o carro começa a andar, fico enjoada. Olho pela janela e tudo roda, gira, vira de cabeça para baixo e, apesar de considerar isso muito divertido e sentir uma vontade enorme de rir, fecho os olhos para ver se a tontura e o enjoo passam.

— Chegamos. Você está bem? — ele pergunta.

— Ótima!

Tropeço quando saio do carro, e Thomas me sustenta. Ele me carrega no colo até o quarto e o caminho até lá parece uma viagem de camelo. O enjoo fica muito pior.

— Estou muito enjoada.

— Você quer vomitar?

— Não! Não quero! — Gargalho. — Mas preciso muito! — Gargalho outra vez.

— Vamos, engraçadinha. — Ele me conduz até o banheiro.

— Vou prender o seu cabelo e vestir um roupão em você. Será que dá tempo?

— E nós vamos aonde para eu saber se dá tempo?

— Será que dá tempo de prender o seu cabelo e trocar a sua roupa antes que comece a vomitar? — pergunta, e acho que está irritado.

— Não sei, não sei mesmo. — Começo a rir novamente.

O banheiro está bastante iluminado, tanto que quase não consigo enxergar o meu marido que parece brilhar. Acho muito engraçado ver o vaso sanitário se mexer, tenho certeza de que ele está tentando fugir de mim e do meu vômito.

— Segure o vaso porque vou vomitar agora!

— Segurar o vaso ou você? — Ri.

— E sou eu quem está tentando fugir por acaso, Thomas, sou eu? — pergunto indignada, e ele ri novamente.

Vômito, e deixo o Thomas me dar banho e me colocar na cama. O enjoo e o mal-estar continuam, mas o sono também é grande, e durmo pesadamente.

Acordo com a cabeça latejando e a boca amarga. Sento na cama e respiro fundo, olho para o lado e vejo que o meu doutor não está.

Levanto-me devagar, e a passos lentos vou até o banheiro. Tomo um banho gelado, e estou com tanta sede que quase bebo água do chuveiro. Saio do banho me sentindo um pouco melhor, mas quando me olho no espelho tenho a

impressão de que estou esverdeada.

Troco de roupa me apoiando nas portas de correr do closet. Desisto de calçar sandálias de salto alto, hoje as sapatilhas serão mais do que apropriadas.

Fico intimamente agradecida por ter reservado o período da manhã para tratar de assuntos particulares, até parece que estava adivinhando que não conseguiria ir trabalhar. Contudo, mesmo de ressaca, resolvo tratar dos tais assuntos, só que sem a menor pressa.

### Capítulo III

— Bom dia, Maria.

— Bom dia, Eva. — Ela me olha intensamente enquanto bebo um copo de água atrás do outro.

— Estou com muita sede — explico.

— O doutor Thomas falou que eu tenho que te dar muito líquido hoje.

— Como pode perceber, já estou dando muito líquido para mim — implico com ela.

— Só estou contando o que o doutor Thomas me pediu pra fazer... — explica, muito séria.

— E aonde é que ele foi? — pergunto ainda sem muita noção do tempo.

— Trabalhar, ora — ela responde deixando transparecer que achou a minha pergunta sem sentido. — E você vai aonde?

— Trabalhar, ora — implico com ela novamente.

— O doutor Thomas disse que você não ia trabalhar hoje.

— O doutor Thomas quase acertou, porque não vou trabalhar mesmo, não agora de manhã, só mais tarde... Talvez. — A minha cabeça dói.

Engulo um analgésico com esforço e sento à mesa para tomar o café da manhã. Nada me apetece, e consigo colocar para dentro apenas café amargo e forte e um pouco de suco de laranja gelado.

— Você só vai comer isso?

— Na verdade, não comi nada, só bebi — continuo implicando com Maria.

— Deixe de gracinha e come pelo menos um pedacinho de bolo. — Ela me oferece um prato com uma fatia enorme de bolo em cima.

— Não posso, estou atrasada.

— Atrasada pra quê? Você disse que só vai trabalhar mais tarde, talvez..

— Você anda muito curiosa, Maria.

— Se te deixar sair, o doutor Thomas me mata.

— Mata coisa nenhuma! Que horas são?

— Dez horas — responde, contrariada.

— Tchau, até mais tarde.

— Eva, você pelo menos está levando o celular?

— O meu celular está descarregado, vou deixá-lo recarregando — informo para a minha mais nova babá.

— Como é que nós vamos achar você sem celular?

— No trabalho, ora, só que à tarde — digo e a minha cabeça lateja.

Vou para a garagem com a Maria no meu encaço segurando o tal prato com a

fatia de bolo, o que acho muito engraçado. Entro na BMW, e ela se aproxima, ligo o carro e saio rapidamente. Acho que o Thomas deu instruções para a Maria me vigiar, talvez ele esteja temendo que eu faça mais alguma coisa inabitual.

Eu tinha me programado para resolver vários assuntos hoje pela manhã, mas só resolvi um, e pela metade.

Estou me sentindo realmente diferente e não é no bom sentido. A Michele tinha razão, ressaca é péssimo. Ela também tinha razão quando disse que é difícil lembrar os detalhes de quando se estava bêbado. Sei que vomitei, mas não sei quantas vezes; sei que não parava de rir, só que não sou capaz de dizer de quê; sei que o Thomas ficou bravo comigo e me deu uma bronca, só que não lembro o que ele falou, e olha que isso é muito difícil de acontecer comigo, costume lembrar tudo o que ele diz. Para ser franca nem sei se ele me deu bronca mesmo ou se sonhei.

Virei um poço sem fim, bebo água sem parar. Descubro que mascar chiclete ajuda a tirar o gosto ruim da boca, mas faz a minha cabeça latejar ainda mais.

A cada passo que dou me prometo que nunca mais colocarei uma gota de álcool na boca, e cada vez que o meu estômago embrulha sinto vontade de estapear a Michele, pois ela acabou me convencendo a tomar aquelas taças de vinho. Na verdade tenho vontade de me estapear, porque me deixei ser convencida a fazer algo que nunca tive realmente vontade de fazer.

Volto para casa e vejo que o carro do Thomas está na garagem, estaciono. O meu marido chegou muito mais cedo hoje e desconfio que sou a razão disso.

Vou até a cozinha e a Maria me observa cautelosamente.

— O doutor Thomas chegou e tá uma fera — adverte-me.

— Ah, é? E por quê? — *Acho que dei a ele alguns motivos.*

— Ele telefonou e você tinha saído, aí passou a telefonar de meia em meia hora e você não voltava nem dava notícia. Se quiser um motivo posso apostar que este é dos bons — ela faz graça.

— Muito astuta você, Maria! Muito astuta! — Sorrio e saio da cozinha.

Thomas está parado no meio do *living* e me olha dos pés a cabeça, e quanto mais me olha, mais bravo parece ficar. Eu me aproximo lentamente, sem tirar os olhos dele.

— Apareceu, finalmente! — diz, irritado.

— Não sabia que estava desaparecida — protesto.

— Você saiu de casa sem levar o celular e não deu nenhuma notícia do seu paradeiro — reclama.

— Telefonei, mas você estava ocupado atendendo um paciente; deixei recado — defendo-me.

— Eva, você está de ressaca, pensei que nem fosse sair de casa hoje — Thomas suspira e volta a me olhar de cima a baixo.

— Você tem razão, não deveria ter saído de casa. Acontece que nunca estive de ressaca antes e não sabia que era tão limitante. Achei que poderia fazer o que tinha me programado para fazer hoje.

Ele está muito nervoso e, sabendo disso, evito tocá-lo. Preciso muito descansar, sei que prometi não fugir dele, mas não estou em condições de conversar. Desvio e subo a escada, e ele vem atrás de mim.

— Vou tomar um banho, preciso muito disso.

Coloco as sacolas que trouxe sobre a cama e me dispo sob o olhar furioso do meu marido. Ele deve estar mesmo muito aborrecido, porque a visão do meu corpo nu não o abala como de costume.

Depois do banho, coloco um roupão e me sento na poltrona de leitura, porque o Thomas está sentado sobre a cama e ainda parece bem contrariado.

— Estou furioso. — *Não diga!*

— Posso notar.

— O que você pretendia tomando um porre?

— Precisamos mesmo conversar agora? — *Será que ele não sabe o quanto é ruim conversar de ressaca?*

— Agora, senão vou explodir — confessa, irritadíssimo.

— Sei lá. Queria apenas saber como uma pessoa pode se sentir quando está bêbada. Não dá para eu escrever uma tese sobre isso, mas ajudou a descobrir que a ressaca não compensa.

— Você queria saber se é mesmo possível uma pessoa se esquecer do que fez enquanto estava bêbada? Você queria descobrir se estou mentindo? — pergunta ainda mais irritado, se é que isso é possível.

— Nada disso. Foi apenas uma brincadeirinha da Michele e minha.

— E essa brincadeirinha tinha qual propósito? — *Como pergunta esse homem!*

— Adquirir experiência, talvez — respondo e sorrio, mas ele continua sério.

— Vou jantar com a Amanda e os pais dela apenas para acalmá-los, mas deixarei bem claro que qualquer atitude espontânea minha virá somente depois de um exame de paternidade com resultado positivo.

— E por que você meteu esse assunto na conversa agora?

— Para que você entenda de uma vez por todas que o meu jantar com a Amanda não lhe dá o direito de fazer nada do que está fazendo.

— E o que é que estou fazendo? — *Gente, estou completamente perdida nessa conversa! Conexão, cadê você?*

— Está me provocando sem parar! — Ele coça a nuca com bastante entusiasmo.

— Porque fiquei bêbada? — pergunto com vontade de rir.

— Também!

— Ou é porque vou aproveitar que está resolvendo um assunto com a



Amanda e vou resolver um assunto com o Marco? — *Agora sou eu quem mete um item novo na conversa.*

— Talvez a Amanda e eu tenhamos um assunto para tratar, um filho; mas você e o Marco não têm absolutamente nada que os motive a ter uma conversa — ele diz e me encara muito sério.

— Opinião é um negócio complicado. A sua é essa, a minha é outra — declaro.

— E qual é a sua opinião a respeito disso?

— Com relação à Amanda a minha opinião é que não devo me preocupar em ter opinião a respeito de um assunto que ainda não sei se é nosso. — *Essa ironia danada não me abandona.*

— Então você veste um macacão indecente e, mesmo de ressaca, sai dirigindo a BMW vermelha chamativa, que não dirigia mais sem estarmos juntos, deixa o telefone celular em casa para não ser encontrada e vai se lamentar com o Marco. É isso? — pergunta furioso, e tenho uma crise de riso.

— Você é um gênio! — digo sem deixar de rir.

— Pare de rir, Eva! — Ele se levanta e se aproxima de mim, e por um triz não fico intimidada.

— Você imaginou tudo isso sozinho ou teve ajuda? — continuo rindo.

— Vi na agenda do seu celular que tinha um compromisso com o Marco essa manhã — diz sem demonstrar a menor vergonha de ter bisbilhotado o meu celular.

— Um compromisso com o Marco? Os seus belos olhos verdes estão precisando de óculos para leitura — implico com ele.

— Vai me dizer que não foi isso o que aconteceu? E olha que ainda nem cheguei à parte em que você volta para casa trazendo uma sacola abarrotada de lingeries. Mais um presente descabido do Marco? — Ele cerra os punhos, gargalho, e a minha cabeça quase explode por causa disso.

— Thomas, você enlouqueceu! — afirmo tentando parar de rir.

— Vou me sentar outra vez sobre aquela cama e deixar que tente me convencer de que tudo o que falei pode ser interpretado de outra maneira. — Ele realmente se afasta, senta sobre a cama e me encara com os incríveis olhos verdes turvos de raiva.

— Não vou explicar nada para você porque, apesar de muito engraçada, a versão dos fatos que criei na sua cabeça também é muito ofensiva. Com licença. — Levanto e tento sair, mas o Thomas me segura.

— Você prometeu que iria parar de fugir de mim. Fique e me enfrente.

— Acho melhor me soltar, Thomas. Você pode ser grande, mas precisará de muito mais que de força para me impedir de ir e vir — ameaço-o.

— Tente! — esbraveja.

— Estou sem condições de fazer isso adequadamente agora. — *Sou franca .*

— Quero ouvir o que tem a dizer, precisamos conversar.

— Está bem. Está bem. Você está agindo como um imbecil — digo, chateada. Ele me solta e se afasta.

— O que é que eu poderia pensar? As suas atitudes estão me deixando louco desde o final de semana.

— As suas também. — Olho furiosamente para ele.

— Por favor, Eva, seja razoável, não quero brigar. Quero apenas entender o que está acontecendo. Amo você, não estamos disputando nada, não estamos medindo forças. Relaxe e me desculpe se a ofendi, não tive a intenção. Fiquei preocupado com você e confesso que fiquei louco de ciúme quando a vi entrar vestida naquele macacão escandaloso — diz, sem deixar de me olhar nos olhos.

— Combinei ontem com o Marcos, o vendedor da loja de carros importados, que levaria a BMW até a loja em que ele trabalha para que a mostrasse para um provável comprador, e foi isso o que fui fazer quando saí de casa hoje pela manhã. E saí de casa sem levar o telefone celular porque a bateria estava descarregada, e você sabe muito bem o porquê de não tê-lo colocado para recarregar ontem à noite.

— E por que não tinha me contado que pretendia vender a BMW? — questiona.

— Porque não tinha mesmo a intenção de vendê-la, porém, na semana passada, quando o motorista do meu pai, o Moacir, foi levar a BMW para a revisão, o vendedor comentou com ele que talvez tivesse um cliente interessado em comprá-la. O Moacir me telefonou e o autorizei a dar os meus contatos para o vendedor... Também pedi que o instruisse a me procurar apenas se o interesse do cliente dele fosse legítimo. E o vendedor me contactou ontem. Como ontem a nossa noite foi conturbada, acabei não tendo tempo de contar para você.

— Continue — pede coçando a nuca.

— Quando saí da concessionária passei em frente ao shopping e resolvi ir até lá para almoçar e ver se me sentia melhor. Estando no shopping, decidi comprar algumas calcinhas porque as minhas são minúsculas e, como parei de tomar a pílula e estou sentindo algumas cólicas, achei conveniente possuir peças mais confortáveis para usar quando a minha menstruação chegar — explico. — Também lembrei que precisava comprar um novo par de tênis para corrida e, quando fui fazer isso, vi o macacão no qual cheguei vestida e o comprei, mas se acalme porque não saí vestida nele do shopping! — Sorrio da cara de espanto que ele faz.

— Vamos, Eva, continue.

— Fui abastecer o carro, e o cheiro de gasolina me fez vomitar. Vomitei na minha roupa toda e, como só tinha as lingerie e o macacão no carro, optei por vestir o macacão. — Seguro a vontade rir, que não sei se é de nervoso.

— Desculpa, minha linda, mas nunca poderia ter imaginado o que acaba de me contar. Pensei em outra situação, menos engraçada. — Thomas segura a

vontade de rir também.

— Apesar de achar muita graça nas acusações que me fez, não posso deixar de me sentir indignada. É assim que confia em mim? O que você pensa da sua esposa?

— Sinceramente, nunca sequer imaginei que iria vê-la ingerir qualquer tipo de bebida alcoólica, muito menos que um dia teria que trazê-la bêbada para casa. Então, algumas possibilidades absurdas deixaram de ser tão absurdas. — Ele se aproxima e beija o topo da minha cabeça.

— Ai, minha cabeça! — reclamo.

— Você está parecendo que está de ressaca — diz e ri.

— Posso me deitar um pouco agora ou tenho que me defender de mais alguma coisa? — pergunto em tom de deboche.

— Pode se deitar que irei massagear os seus pés para que se sinta melhor. — O sorriso encantador do meu marido reaparece, e fico impressionada em como ele é capaz de ir de zero a cem, e voltar, em questão de minutos.

— Obrigada, estou precisando mesmo de uma massagem e adoro a que faz. — Começo a me acalmar, e o sono domina todo o meu ser.

Acordo sentindo o Thomas acariciar o meu rosto, adoro a sensação dos seus dedos em contato com a minha pele, sinto o seu cheiro de banho tomado e quase me animo. Quase, porque ainda estou me sentindo mal.

— Trouxe água de coco e um sanduíche natural para você. — Ele sorri.

— Obrigada, meu amor.

Como e bebo lentamente, fazendo um grande esforço para engolir. Thomas me observa e ri a cada careta que faço, e me sinto muito feliz em tê-lo por perto cuidando de mim.

— Você cancelou a sua agenda de hoje à tarde?

— Claro, senão não estaria aqui, estaria lá no consultório. — Ele ri.

— Consegui me pegar. Boa resposta. — Rio também.

— Para ser sincero, não tinha agenda para hoje à tarde, tinha deixado esse período livre para sair e procurar um presente de natal para a minha linda esposa. — Cruza os braços e me observa.

— Ah, não, agora ficarei sem presente! — Faço charme.

— Nunca! Arrumarei outro dia para fazer isso, fique tranquila. — Continua me observando.

— Ainda bem que já comprei o seu presente — revelo.

— Já? — pergunta curioso.

— Já, mas não direi o que é, nem sob tortura.

— Esperarei ansioso pela manhã de natal — diz, e noto um brilho em seus olhos.

— Estou me sentindo um pouco menos ressacada — digo.

— Que bom, porém acho melhor que continue deitada, ficarei aqui ao seu lado cuidando de você.

— Thomas, você realmente pensou que me vesti daquele jeito para me encontrar com o Marco? — *Essa desconfiança dele me aborreceu e não vou deixar barato.*

— Não foi um pensamento ao acaso. Li na agenda do seu celular que tinha um compromisso com o Marcos, e o ciúme me fez achar que fosse com o Marco. Fiquei meio cego de raiva e não vi que o nome tinha um “s” no final.

— Até aí é compreensível, mas não explica o fato de que você tenha concluído que a sua esposa se vestiu de maneira provocante para se encontrar com o sujeito que ela sabe que nutre sentimentos por ela — coloco o meu marido contra a parede.

— Sei que agi como um imbecil, mil desculpas, mas é que tenho tanto medo das suas reações quando está nervosa que imagino sempre as mais devastadoras — ele confessa.

— Como assim? — pergunto curiosa.

— Você sabe que fica quase irracional quando está com raiva ou magoada, e costuma reagir de forma imprevisível. Posso citar o noivado com o Marco ou a sua embriaguez de ontem como bons exemplos.

— Você tem razão. Preciso me desculpar com você também. — *Sinto o meu rosto esquentar, acho que é de vergonha.* — Desculpa, meu amor.

— Percebi logo que a conheci, e você vive confirmando isso, que é do tipo explosivo, mas que tenta evitar o confronto quando sabe que está muito abalada. E descobri, convivendo com você, que é melhor que se descontrola perto de mim do que distante, porque assim posso tentar amenizar as suas reações. — Ele ri.

— Você é um homem corajoso, doutor.

— Minha linda, você precisou ser bastante forte para lidar com uma enorme dor no passado. Sei, por experiência própria, que a dor é transformadora. Pode melhorar ou piorar uma pessoa. Não a conheci antes e não tenho como avaliar como ela atuou em você, mas imagino que os mecanismos de defesa altamente sofisticados que possui derivaram dessa batalha que travou com ela.

— E isso quer dizer que você me entende, aceita e ama incondicionalmente? — pergunto e rio.

— Isso quer dizer tudo isso também. — Ele ri. — E, principalmente, que estou aprendendo a entender como se comporta diante das adversidades. Então, não adianta criar subterfúgios para não se mostrar de verdade para mim, porque nada do que faça irá camuflar a Eva que vejo e percebo debaixo dessa capa de proteção. O meu amor está tornando-a decifrável.

— Lindo e assustador ouvir isso... Lindo, porque ser compreendida pelo homem que amo é divinamente poético, e assustador, porque saber que você pode ver a minha personalidade peladona dá medo — digo, e rimos juntos.

— Adorei a personalidade peladona — Thomas diz ainda rindo.

— Ué, você mesmo acabou de dizer que tem visão de raios X quando o assunto é a Eva. — Gargalho.

— Devo reconhecer também, esposa, que amo o jeito que costuma achar graça das situações mais improváveis.

— Só que, às vezes, quando rio das situações improváveis, percebo em seu olhar que tem vontade de me bater! — Gargalho.

— Acho que é você quem tem vontade de me bater quando fica com raiva e, como sabe que não é capaz de me agredir fisicamente porque não tem o biótipo certo para isso, foge. E quando a convenço a ficar me espanca com as palavras — ele afirma e ri novamente.

— A culpa não é só minha. Não é o doutor que adora travar batalhas verbais?

— Só com você que é tão inteligente que me deixa excitado. — Ele me abraça apertado, e geme, só que de dor.

— O que foi, doutora? — pergunta cheirando o meu pescoço.

— A minha cabeça está latejando e estou enjoada.

— Pode deixar que farei para você um chá de boldo. — Ele se levanta.

— Ah, não! — reclamo. — Chá de boldo é muito amargo.

— Mas lhe fará bem.

— A Michele me paga!

Passo o resto da tarde e a noite toda sendo paparicada pelo Thomas. Ele lê para mim e é tão terno e carinhoso que me faz lembrar a cada minuto o quanto o amo. Mesmo aborrecida, mesmo chateada com essa coisa toda de gravidez da Amanda, eu o amo e amo. Acho que amor de verdade é isso, continuar amando quem nos ama apesar de seja lá o que for. É colocar o sentimento bom acima dos sentimentos ruins. E duvido que haja alguém no mundo capaz de discordar de que o amor correspondido é o melhor sentimento que existe. É o sentimento top, o divo, o pop star, o astro.

Toda vez que os olhos apaixonados do meu marido me encaram vai se fortalecendo dentro de mim a certeza de que o nosso amor é para sempre e acho que consigo finalmente entender o sonho que tive com o Nicolas. Precisarei ser maior do que os nossos medos, mais forte do que as nossas incertezas e mais resistente do que a minha teimosia para enfrentar, junto com o Thomas, as intempéries que se apresentarão ou que, desconfio, começaram a se apresentar.

Pela manhã, Thomas se oferece para me levar até o meu escritório, e fico bastante satisfeita com todo esse cuidado dele, mesmo sabendo que o meu doutor possessivo está mantendo-se bem perto a fim de avaliar melhor se o meu comportamento já está estabilizado a ponto de ele poder me deixar novamente agindo por minha conta.

— Você não me disse se conseguiu vender o carro — Thomas pergunta no caminho para o escritório, e acho que ele deve estar louco para que o venda, porque quase morre de preocupação quando saio dirigindo o meu carro vermelho com a placa personalizada.

— Consegui, pelo menos o vendedor me garantiu que sim. O comprador avaliou o carro na oficina, não cheguei a conhecê-lo. Mas como eu não estava muito bem, a venda só será concluída mais tarde. Gostaria que me acompanhasse.

— Claro. A que horas precisará de mim?

— Preciso de você todas as horas do dia e da noite, entretanto para tratar da venda do carro precisarei de você na hora do almoço. — A minha frase faz com que ele me olhe com carinho.

— Então, um pouco antes da hora do almoço passarei em casa para deixar o meu carro e pegar o seu. Virei buscá-la dirigindo a sua BMW.

— Obrigada, marido.

Chego ao trabalho e, depois de horas muito produtivas, volto a encontrar o Thomas, conforme combinamos, para finalizar a venda da BMW.

O futuro dono demora um pouco a chegar à loja, esperamos, fico até preocupada, achando que o sujeito desistiu da compra. Contudo, antes que eu desenvolva malucas teorias mentais sobre o atraso, o vendedor surge, seguido por uma figurinha que dispensa apresentação.

— Benjamim, que surpresa! — Thomas diz, perplexo, tanto quanto eu.

— Como vai o casal 20? — *Benjamim e a sua antipatia habitual... Será que só eu o acho insuportável? Será implicância da minha parte?*

— Muito bem, Benjamim — respondo de supetão, e a resposta do Thomas, que é idêntica a minha, parece um eco.

— Quer dizer que o carro que desejo comprar é seu? — ele pergunta medindo-me dos pés a cabeça e acho que ele só pode estar de brincadeira.

— Considerando que a placa do carro é personalizada, meu nome está nela, que o carro está sendo vendido na cidade de Ribeirão Preto, e moro aqui, como sabe, e, ainda, presumindo que o vendedor falou sobre mim para você, fica difícil entender a sua pergunta — falo ironicamente, porque esse sujeito me irrita só de respirar, algo em mim o repele.

— Que bom que está interessado no carro, Benja. Um comprador idôneo, coisa boa! A minha esposa ficará tranquila sabendo que a sua máquina adorada estará em boas mãos — Thomas corta a conversa e percebo o seu tom conciliador, quer evitar um atrito que pelo tom de voz que usei estava prestes a se tornar factível.

— O carro é mesmo uma máquina. Muito bonito, novinho, incomum, algo que fará jus ao dinheiro que ando juntando faz tempo. Não é todo mundo que pode comprar um carro desses sem realizar um grande esforço, ou sem ter dado

uma grande sorte. O que é rotina para alguns, é sonho para outros — Benjamim diz soltando farpas em mim. *Muita gente acha que o meu dinheiro caiu do céu. É bem fácil mesmo ignorar todo o trabalho que a minha família efetuou para conseguir erguer a nossa empresa, e todo trabalho que venho tendo para manter a nossa boa condição financeira.*

— Fico feliz que possa realizar o seu sonho, amigo. Muito feliz mesmo. Dentro de um carrão desses, você fará ainda mais sucesso — Thomas diz, e sei que está se esforçando para ignorar as provocações mútuas. Realmente não sei como o meu marido consegue aturar esse “amigo da onça”.

— Obrigado, Tom. Comprar esse carro me proporcionará um prazer especial, acredite.

— Que bom — Thomas diz, mas acho que não captou a mensagem do jeito que captei, ou fingiu que não.

— Então, Benjamim, já que lhe dará um prazer todo especial adquirir um bem que é da esposa do seu “amigo”, como se pudesse reter assim um pouco do que ele possui, mesmo que o carro nunca tenha sido dele, vamos concluir a venda. — Deixo escapar o que pensei. *Sou mesmo muito pavo curto. Alô, sinceridade, dá um tempo!*

— Eva, você é doida, é? — Benjamim pergunta bastante irritado.

— Geralmente, sim — respondo com a cara mais cínica do mundo.

— Espera aí, Benjamim. Essa conversa está tomando um rumo que não é adequado. Se você vai ofender a minha esposa, melhor cada um ir para o seu lado e essa venda não se concretizar — Thomas reclama com a voz muito séria e assume uma postura mais agressiva.

— Nada disso, Tom. É que a Eva tem a língua mais afiada do que um bisturi e me irritei um pouco, desculpa. Quero o carro, vamos resolver isso logo.

— Tudo bem, Benja. Se a Eva estiver de acordo, vamos logo concluir a venda.

— Por mim, tudo certo. Vamos em frente — digo aborrecida, porque começo a sentir certo desconforto em saber que o meu carrinho vermelho estará nas mãos desse idiota.

— Sim, vamos em frente. Não vejo a hora de me apropriar da minha *Eva*, de entrar e me acomodar nela — Benjamim diz. Fico muito irritada, e percebo que o Thomas chegou ao limite.

— Porra, Benjamim! Você vai ficar provocando mesmo, cara? — Thomas segura o Benjamim pelos ombros e o sacode.

— Caralho, Tom! Caralho! Falei sem pensar, a placa do carro é Eva, então o chamei assim... Nada pessoal. Pode me largar!

Thomas não solta o Benjamim e o encara de maneira desafiadora.

— Peça desculpas para a minha esposa, Benja. Você foi sacana!

— Falei sem pensar, cacete! Já disse, Tom.

— Thomas, pode deixar, solte o Benjamim e vamos embora.

Thomas faz o que peço e respira fundo. Por um triz a situação não ficou

bem complicada.

— Gente, por favor! Vocês parecem que são amigos, ou eram... Então, vamos lá, acalmem os ânimos. Esse deveria ser um momento feliz... — o vendedor intervém. Perder uma venda dessas deve ser uma hipótese muito ruim de aceitar.

— Desculpa, Eva. Desculpa, Tom. Podemos continuar com o negócio? Preciso voltar para São Paulo.

— Podemos sim, mas só se você for de leve, Benja. Estou notando que está muito engraçadinho hoje — Thomas o adverte.

— Tom, na verdade estou mesmo é irritado. Você me conhece, sabe que sou meio ruim para lidar com os sentimentos.

— O que foi, cara? O que é que está irritando tanto você? — Thomas pergunta, e fico meio sem jeito, saber o que aborrece o Benjamim não está na minha lista de interesses.

— A Amanda. Tenho tentado de tudo quanto é jeito que ela vire a chave e pare de se concentrar na gravidez, mas está foda. A mulher só fala disso. E estou ficando puto. O pior é que não consigo me afastar dela nem que ela se afaste de mim. Acho que virei a “melhor amiga” e isso é literalmente uma merda.

— Levando em conta o que sente por ela, talvez essa proximidade venha a calhar. Aproveite para demonstrar carinho, interesse, afeto. Tente ver essa situação pelo lado bom — Thomas se solidariza.

— Ai é que está o drama todo, ela só quer os meus ouvidos e o saco, porque não cansa de enchê-los. Por isso é que fico fulo da vida e desconto em todo mundo. É sem querer, sem querer mesmo.

— Benja, vá com calma. Acho que a gravidez deu uma enlouquecida na Amanda, devem ser os hormônios, sei lá. Tenha paciência que você vai conseguir que ela o veja de outra maneira.

— Ela me via de outra maneira antes, há muito tempo. Lembra? Mas você foi dar mole pra ela quando poderia ter dito não e aí nasceu um problema. Depois de você, a Amanda passou a não enxergar mais ninguém. Agora a mulher está grávida de um filho que diz que é seu. Pense em como eu me sinto!

— Acho que precisamos conversar com calma, esclarecer certas coisas, ponderar... — Thomas diz, embaraçado com o desabafo do Benjamim.

— Podem sim, — interrompo — contanto que não seja aqui nem agora. — *Esse assunto não! Estou farta de Amanda, gravidez...*

— Você tem razão, Eva. O nosso objetivo aqui é a realização de um negócio — Benjamim concorda comigo e estende a mão para o Thomas que a aperta.

Ânimos acalmados, foco no assunto venda, e um desfecho satisfatório. Um grande alívio me envolve quando o Benjamim some da nossa frente. É inacreditável como algumas pessoas são pesadas, sombrias... Quanto mais conheço o Benjamim, menos desejo conhecer.



— Vamos almoçar para comemorar a venda do carro? — Thomas pergunta com um sorriso suave, parecendo também estar aliviado por não estar mais na presença do Benjamim.

— Não acho que me desfazer do meu lindo carro vermelho é motivo de comemoração, ainda mais sabendo quem o comprou — provoco.

— Então porque o vendeu? — pergunta, rindo.

— Porque ganhei de presente de aniversário um carro novo do meu marido e entendi a indireta. — Sorrio.

— Amo a sua inteligência.

— Só não contava que o implicante do Benjamim surgisse dos infernos para comprar o meu carro. Detestei aquele trocadilho dele de entrar na Eva. Um babaca! — desabafo.

— Também fiquei indignado com ele. O cara anda muito estranho.

— Como é que você conseguia conviver com uns malucos como o Benjamim e a Amanda? Ou os dois resolveram enlouquecer só agora?

— Essa resposta é bem difícil. Não sei se os dois enlouqueceram ou se eu me tornei mentalmente são de uns tempos para cá — Thomas diz e dá uma piscadinha para mim.

— O meu doutor fugiu do hospício! — Gargalho.

— Não, minha linda... Recebi alta! Quem fugiu foi o Marco. — Ele resolve trazer o meu ex-noivo para a conversa.

— Perto da Amanda e do Benjamim, o Marco é normalíssimo, quase um modelo de perfeição — provoco, porque provocar é um hábito que acho difícil de manter sob controle.

— Vamos deixar os malucos de lado. Aqui e agora, só você e eu, loucos apenas um pelo outro. — Ele me abraça, e nos beijamos enquanto esperamos o Moacir chegar.

Como um beijo pode ser tudo isso? Como um encontro de bocas e línguas pode ser capaz de proporcionar uma entrega tão completa, apaziguando a alma e animando o corpo, tudo ao mesmo tempo? Como é possível a conexão entre dois seres ser tão perfeita?

Sinto até vontade de interromper o beijo para me ajoelhar e agradecer aos anjos por terem me propiciado esse encontro, por me permitirem sentir e despertar tanto amor.

— E a comemoração? — Thomas interrompe o beijo e me olha daquele jeitinho dele de predador.

— Pensei que já tivesse começado — digo e roço nele.

— O beijo foi só um aperitivo, minha linda.

— Estou pronta para o banquete, então...

O Moacir chega, atrapalha o namoro e leva-nos diretamente para casa. Durante o trajeto, Thomas segura a palma da minha mão e a acaricia com o

polegar, e não sei por qual razão isso faz com que o meu corpo fique ainda mais aceso.

— Não sabia que viriam almoçar em casa — Maria reclama quando nos vê.

— E não tem almoço? — pergunto.

— Tinha, mas o Sidnei e eu acabamos com ele... — ela diz e sorri.

— O Sidnei passa o dia todo varrendo o quintal, lavando as áreas externas, aparando a grama, tudo isso faz com que o apetite dele seja voraz, não deve ter sobrado nem um grãozinho de arroz — diz Thomas, e ri.

— O seu apetite é voraz e você não faz nada disso — brinco, ele faz uma careta para mim, e rimos.

— Vocês têm tempo? Posso cozinhar qualquer coisa, só preciso de uma hora. — A Maria fala pensativa.

— Pode deixar que em uma hora estaremos sentados à mesa. — Thomas me pega pela mão e vamos para o quarto.

— A comemoração pelo jeito será aqui. — Encaro o meu marido e começo a desabotoar a minha blusa.

— Podemos comemorar aqui, agora, e mais tarde posso levá-la para jantar e comemoraremos mais. O que acha?

— Perfeito. — Termino de desabotoar a blusa, e o Thomas já está só de cueca.

— Você me deixa completamente louco. — Ele se aproxima e me abraça apertado.

— Ainda não terminei de tirar a roupa.

— Pode deixar, esposa, que sou capaz de fazer isso com muita agilidade — diz e rapidamente me deixa completamente nua.

— Eu te amo, Thomas.

— Eu te amo mais, Eva. Mais e mais a cada segundo.

Coloco a mão dentro da cueca do meu marido e seguro o seu membro maravilhosamente grosso e teso.

— Adoro senti-lo. — Aperto o pênis quentinho dele.

— Adoro ser sentido desta maneira. — Ele geme.

Thomas beija o meu pescoço e massageia o meu seio, o meu corpo esquentado e fico muito molhada. Começo a masturbá-lo, ele desce a mão livre e introduz um dedo na minha vagina, e depois outro.

Ele estremece na minha mão e eu na dele. Estou literalmente pegando fogo e a vontade de senti-lo todo dentro de mim se agiganta.

— Meu amor, quero você todinho.

— Ah, minha linda! Estou ansioso por isso!

Afasto-me relutantemente dele, vou até a cama e me deito. Thomas se deita sobre mim e me penetra com força e profundamente, quase me fazendo gozar no mesmo instante. Entrelaço as pernas em sua cintura e levanto o quadril, ele geme e arremete mais forte, entra e sai vigorosamente, e gemo sem parar.

Coloco os braços no pescoço dele e o aproximo de mim. Ele desacelera o movimento, procuro a sua boca, e nos beijamos. Mordo o seu lábio e sinto gosto de sangue, ele chupa os meus lábios, e estremeço.

O meu marido delicioso beija o cantinho da minha boca, lambe o meu pescoço e percorre com a língua o caminho até o meu seio, lambe o mamilo, e com a língua rígida o chicoteia. A sensação é incrível.

Enquanto suga o mamilo, massageia o meu clitóris e rebola dentro de mim com energia. Remexo debaixo dele, seguro os seus cabelos e puxo a sua cabeça para mais perto, ele enterra a boca no meu seio e morde o mamilo, grito de prazer e me derramo.

— Você é incrível! — elogio meu marido.

Thomas geme, fica ofegante, levanta o rosto e me encara, os seus poderosos olhos verdes se perdendo nos meus. Vejo o prazer tomando conta da sua feição e não posso mais suportar.

— Vou gozar agora, meu amor — anuncio.

— Goze para mim e não tire os olhos dos meus — ele sussurra com a voz rouca, e o meu corpo responde.

Explodo em um orgasmo avassalador, a minha vagina pulsa e aperta o pênis do meu marido, ele urra de prazer. Os nossos corpos se estreitam, e as minhas pernas se apertam ainda mais em sua cintura.

— Eva! Você é minha e estou gozando dentro de você — diz e a voz dele soa muito indecente.

Thomas convulsiona, o seu pênis pulsa, e sinto o sêmen quente jorrando dentro de mim enquanto ele grita o meu nome.

Eu me desparto, deito encostadinha a ele e descansamos colados, literalmente grudados, e o desejo começa a clamar outra vez por atenção.

— Amor...

— Hum... — responde.

— Mais! — peço.

— Você quer mais, minha linda? — pergunta de maneira sensual. — Não consegui satisfazer você?

— Consegui, e gostei tanto que quero mais.

— Tenho aquele gel dessensibilizante — diz, acariciando as minhas nádegas.

— Aquela sua fixação continua então — pergunto de maneira provocativa.

— Enquanto você existir. — Ele ri.

Estamos de conchinha, esfrego as nádegas nele e sinto o seu membro avolumar. As mãos do meu marido trabalham; uma acaricia o meu mamilo, e os dedos da outra massageiam delicadamente o meu clitóris.

Thomas afunda o dedo na minha vagina e o inundo, ele retira o dedo e o insere lentamente em meu ânus. A minha respiração acelera, ele morde o meu ombro, e me remexo.

Ele se afasta e estica o corpo, ouço-o abrir a gaveta da mesinha de cabeceira e sei que pegará o gel. O meu doutor gostoso afasta as minhas nádegas e me besunta. A expectativa me faz ficar completamente molhada. Ele começa a me penetrar lentamente, e protesto. Sinto um pouco de dor, mas o prazer é ainda maior.

O meu amado volta a me masturbar enquanto me penetra, e arrebito as ancas facilitando a invasão. A dor desaparece e a sensação de prazer é enorme, ele geme cada vez que consegue avançar mais um pouco, e de repente, urra. Os dedos mágicos dele me fazem ansiar pelo orgasmo. O movimento de vaivém é delicioso, rebolo, estou muito excitada, ele geme e se estremece, e me arrebito mais um pouco. Thomas fricciona o meu clitóris com força, e gozo. Os espasmos do meu corpo o levam ao êxtase e ele geme alto.

— Eva! — grita o meu nome.

Depois de um rápido cochilo, e de um banho refrescante, estamos famintos e descemos para ver se o almoço ficou pronto.

— Pensei que tivessem desistido de almoçar — Maria reclama.

— De jeito nenhum, estou com muita fome. — Thomas começa a se servir com um enorme sorriso nos lábios.

— O meu apetite está de volta! — comemoro.

— Também pudera, são mais de três horas da tarde — Maria informa.

— Ainda bem que só tenho paciente hoje a partir das dezessete horas.

— Você vai ficar no consultório até tarde? — pergunto.

— Até às vinte horas mais ou menos — responde, e observo o seu prato abarrotado de comida.

— O que foi, doutora? Sou um homem grande. — Ele ri.

— Sei disso — digo e dou uma piscadinha para ele, que pisca de volta.

— E você ficará no escritório até que horas?

— Até às vinte horas mais ou menos — dou a mesma resposta que me deu, e ele sorri.

— Quer que eu deixe você no escritório e depois passe para buscá-la? Os nossos horários hoje estão completamente compatíveis.

— Quero sim, doutor.

Almoçamos rapidamente, e depois seguimos juntos para os nossos trabalhos.

Quando chego ao escritório tenho uma lista de telefonemas para retornar e alguns contratos para assinar, porém em pouco tempo cumpro essas tarefas.

Fico mais animada no fim do dia, quando converso com a Sara por telefone sobre os assuntos do escritório de São Paulo. Discutimos alguns processos e programamos as datas das reuniões do Conselho Diretor para o próximo ano. Quando os assuntos profissionais terminam, conversamos sobre as novidades

envolvendo o pessoal do escritório, e a todo o momento a imagem da Patrícia surge na minha mente.

— Tem alguma notícia da Patrícia? — pergunto esperançosa.

— Nenhuma. A Patrícia evaporou.

— Até o número do telefone celular acho que ela trocou, porque liguei algumas vezes e estava sempre desligado. Telefonei também para o número da casa dela, mas ninguém atendeu — digo chateada. — Será que esse sumiço foi causado pela decepção com o Marco?

— Ou será, Eva, que ela ficou constrangida demais em trabalhar com você depois que dormiu com o seu noivo?

— Acho que não, porque conversei com ela sobre isso e a tranquilizei. De qualquer forma, uma coisa seria me evitar ou evitar o Marco, outra coisa é desaparecer. Ela é amiga de muita gente no escritório, talvez alguém saiba notícia dela.

— Não mesmo .A Susana, a minha secretária, conhece os amigos da Patrícia aqui do escritório e ligou para todos a pedido meu, e ninguém sabe de nada — Sara explica.

— Essa história está muito misteriosa e só espero que ela esteja bem.

— Idem — Sara diz e ri.

— Se ela não me procurar no natal ficarei preocupada de verdade e contratarei o detetive amigo do meu pai para tentar localizá-la.

— E por qual motivo ficará tão preocupada se a Patrícia não procurá-la no natal?

— Ora, Sara! As pessoas ficam mais emotivas nessa data e procuram aqueles de quem gostam. A Patrícia sempre fez questão de me entregar um presente, mandar um cartão ou de me dar um telefonema, ela nunca se esqueceu de fazer isso desde que a conheci.

— Eva, a Patrícia era a sua secretária pessoal, fazia parte do script bajular você. Como sua subordinada direta talvez ela achasse que devesse puxar o seu saco. Existiu um vínculo entre vocês enquanto durou a relação profissional. Agora ela deve estar em outra etapa da vida dela na qual você não faz parte, melhor esquecê-la.

— A posição hierárquica que a Patrícia ocupava na minha empresa não dita a posição que ela ocupa no meu coração. Se ela deseja desligar-se de mim, gostarei de saber isso dela. O que está me perturbando é o fato de que ela possa estar precisando de ajuda e não estou fazendo nada para ajudá-la.

— O comportamento da Patrícia, para mim, está dando a entender que ao se desligar da empresa, também se desligou de você.

— Se isso está acontecendo é porque, talvez, eu não tenha conseguido demonstrar o quanto gosto dela, e o quanto aprecio a sua amizade.

— O que acredito de verdade, Eva, é que ela não conseguiu mais continuar

se relacionando com você sem se sentir incomodada. Você é o grande amor do homem pelo qual ela é apaixonada.

— Pode ser. Mas se ela acreditasse na minha amizade teria conversado comigo sobre qualquer coisa que a estivesse incomodando. Se um amigo não procura o outro na hora da dificuldade, da tristeza ou até da loucura, é porque ele não se sente considerado por essa pessoa.

— Já pensou na possibilidade de você gostar mais da Patrícia do que ela de você? E se o motivo que a fez não a procurar seja porque ela não a considera?

— Esse é um bom ponto, Sara, mas só saberei o que está acontecendo quando encontrar a Patrícia e pudermos conversar. Dependendo do que ela me diga nessa conversa posso até deixá-la em paz, mas de qualquer forma quero que ela saiba que pode contar comigo. Tenho um pressentimento me cutucando e não quero ignorá-lo.

— Muito bem. Se você está tão preocupada com esse assunto contrate o detetive se ela não a procurar até o natal. Ignorar pressentimento nunca é bom.

— Farei isso. E, mudando de assunto, lembre-se de que não irei para São Paulo na próxima sexta-feira — digo.

— Pode deixar que não esquecerei. Saiba que estou sentindo saudade antecipada, e que estou curiosa por que não me deixou conhecer o motivo da sua ausência. — A Sara resmunga.

— Tenho os meus motivos.

— Que não foram revelados — ela protesta.

— Nem fotografia se revela mais. — Gargalho.

— Tão engraçadinha! — Ela ri também.

— Preciso desligar, o meu celular está tocando — informo.

— Tchauzinho — Sara se despede.

É o Marco quem está telefonando, acho que a tática de ligar de um número desconhecido já era, e sorrio quando me lembro de que ele fez isso da última vez que me telefonou. Atendo.

— Alô.

— Oi, princesa — Marco diz, alegre.

— Marco, pare de me chamar assim, isso ainda poderá causar problemas.

— Está bem. Oi, “complicada e perfeitinha”. — Ele ri.

— Pode ser apenas Eva?

— Pode sim, linda Eva — diz, e me controlo para não rir da insistência dele com os adjetivos.

— Sei que está me telefonando para saber se já tenho uma data para a nossa conversa. — *Sou direta* .

— Linda e esperta. — *Mais adjetivos?*

— Pode ser na sexta-feira à noite? — pergunto.

— Sexta-feira à noite? Não me diga que o Thomas assinou o seu alvará de

soltura! — Marco me provoca e quase me faz rir, mas me controlo.

— Sim ou não? — *Sou firme* .

— É óbvio que sim.

— Você estará em São Paulo ou em Fortaleza?

— Estarei onde você quiser — responde e ri.

— Ficaria difícil para você vir até Ribeirão Preto me encontrar?

— De jeito nenhum, posso ir literalmente voando.

— Então está bem, antes de sexta-feira passarei uma mensagem para o seu celular com o endereço e o horário em que poderemos nos encontrar.

— Ficarei aguardando.

— Boa noite, Marco.

— Boa noite, linda Eva — retribui o cumprimento, e desligo.

Ouçõ batidas na porta, e acho estranho porque a Vanessa sempre telefona antes de vir. Levanto-me para atender, porém a porta se abre.

— Doutora Eva, o seu adorado marido chegou! — Thomas diz e entra. Por pouco ele não me pegou ao telefone com o Marco.

— Ótimo, adoro receber a sua visita! — Abraço o meu animado marido e nos beijamos.

— Está pronta para o nosso jantar de comemoração? — Ele me lança o seu sorriso perfeito, e fico hipnotizada.

— Estou adorando este dia comemorativo. — Volto a abraçá-lo.

— Se for continuar me abraçando assim é melhor trancar a porta — Thomas diz, e tenho certeza de que está falando sério.

— Vou continuar abraçando você assim a vida inteira. — Sorrio e o aperto um pouco mais.

— Então é melhor irmos embora para não perdermos a nossa reserva. A vida inteira pode ser considerada um tempo muito longo para continuarem nos aguardando. — Ele me dá um beijo rápido, e saímos.

## Capítulo IV

Thomas me leva para jantar no Amici Ristorante, um local muito agradável. Ele reservou uma mesa na área externa, que é decorada com um charmoso jardim e uma fonte iluminada, e acho muito romântico. Um educado garçom nos entrega o cardápio e fazemos os nossos pedidos.

— Estou me sentindo na Itália. — Sorrio, e ele me observa encantado.

— Os seus olhos ficam ainda mais bonitos à luz de velas — ele fala sem desviar os olhos dos meus.

— Olha só quem fala! O dono de lindíssimos e cristalinos olhos verdes. — Também não desvio o olhar.

— A doutora está me cantando? — Abre um enorme sorriso.

— Sem dúvida alguma — dou uma piscadinha.

— Devo confessar que estou muito interessado em tirar a sua roupa — diz baixinho, parecendo um sussurro.

— Um cavalheiro — dou uma risadinha.

— O que posso fazer se você é a inspiração do pecado? — diz, e quase me afogo em seus olhos.

— Eu, doutor?

— Sim, doutora. Só de olhá-la sou levado a ter pensamentos pecaminosos.

— O que é pecado para você, doutor? — pergunto de maneira provocante.

— Pecado é não ir com força e bem fundo — diz e ri.

— Que bom que concordamos a respeito disso. — Rio também, e ele beija os nós dos meus dedos, um por um e fico úmida e excitada.

O garçom chega com os nossos pratos. Filé mignon ao molho de funghi porcini com papardelli para o Thomas, e spaghetti ao molho pesto para mim. A bebida que escolhemos para acompanhar a refeição é água mineral com gás, gelo e limão.

Comemos em silêncio. Eu apreciando a boca bem-feita do Thomas, o maxilar forte e bem-definido, o rosto de traços perfeitos, e ele me devorando com os olhos com a mesma intensidade com a qual devora a comida.

— Sobremesa? — pergunta e sorri.

— Mousse de chocolate — respondo.

— Vou pedir para o garçom, mas prometa que não vai fazer mais essa boca obscena enquanto come, porque a minha ereção pode começar a chamar a atenção.

— Não posso prometer nada porque deixá-lo com tesão é o meu maior propósito.



— Você tem atingido o seu propósito com facilidade. — Ri, e chama o garçom.

Após o maravilhoso jantar, resolvemos ir para casa, e conversamos animadamente durante todo o percurso. A mão do Thomas passeando pela minha coxa e eu adorando o carinho, a carícia.

— Carro estacionado, garagem fechada, mulher deliciosa, acho que estou tendo algumas ideias. — Meu marido passa a língua nos lábios, e fico excitada.

— No carro, doutor?

— Aqui mesmo, doutora.

— Quero começar — digo e me inclino.

Abro o botão e o zíper da calça do Thomas, enfio a mão e retiro o pênis que já está duro como pedra e com a pontinha molhada, e isso me deixa com água na boca.

Abocanho o pênis do meu marido e lambo de leve a pontinha, e ele fica tão excitado que empurra a minha cabeça com força afundando-se mais para dentro da minha boca, e por pouco não engasgo. Ele geme e remexe, segura os meus cabelos pelas raízes, e coloco a mão na base do pênis e faço-a subir e descer acompanhando o mesmo movimento da minha boca.

— A sua boca quente e molhada vai me fazer gozar muito rápido.

A minha boca desliza suavemente pelo pênis do meu marido delicioso, ele arfa, e acelero o ir e vir. Sugo com força, a minha mão atua com rapidez, ele estremece, levanta o quadril e arremete algumas vezes. Tomo cuidado para não machucá-lo e sinto toda a intensidade do seu orgasmo. Ele jorra o líquido espesso e quente, e engulo rapidamente.

— Aahhh! Que mulher! — urra e geme.

Volto a me recostar no banco do carro, Thomas segura a minha mão, fecha os olhos e relaxa o corpo. A minha vagina pulsa debaixo da saia, levanto o quadril e tiro a calcinha.

Ele abre os olhos, sorri e sei que vai fazer comigo o mesmo que fiz com ele, e só de imaginar fico completamente molhada.

— Até que corremos muito bem hoje — Thomas diz tirando a camiseta suada.

— Ufa! Só você mesmo para me fazer acordar tão cedo para uma corridinha matinal. — Sorrio.

— Viu? Estou sendo um ótimo personal trainer. — Ele ri.

— E por que será que só corremos? A nossa academia está às moscas.

— Porque correr é mais fácil — ele diz e joga a camiseta em mim.

— Ei! — protesto, e jogo nele as meias que acabei de tirar. — Ainda precisamos de um personal trainer.

— Lalalá... — ele finge que não está me ouvindo. Esse assunto ainda não evoluiu.

— Doutor ciumento, não precisa ser um personal mega sarado e bonito. —

Gargalho.

— Pode ser “a” personal? — pergunta.

— Lalalá... — repito a cançãozinha dele.

— Doutora ciumenta, temos um impasse. — Agora quem gargalha é ele.

Thomas para de rir e me olha de um jeito matreiro, encara-me, sorri, sorrio de volta, e continuamos a nos encarar. Os olhos dele cintilam, acho que os meus também, ficamos parados, e parece que estamos brincando de quem pisca primeiro.

— O que foi? — pergunto rindo.

— Você é tão linda que não me canso de olhá-la.

— Obrigada, amor. Você também é um espetáculo.

— Sabe o que mais? — pergunta.

— Não, mas pode dizer — respondo.

— Amo os sons que você emite — Thomas diz e volta a me encarar.

— Ei, não sou um Ipod! — brinco com ele.

— Claro que não. Você é uma mulher que geme, urra, arfa, ri e gargalha com paixão. Ouvi-la é delicioso — ele me elogia, e quase me derreto.

— Ah, meu amor... Você tem um talento nato para me comover. — Jogue-me em cima dele, e nos beijamos.

— Eu te amo, Eva! Nunca se esqueça disso. O seu sorriso me aquece, a sua gargalhada me encanta e a sua alegria me motiva — diz, segurando o meu queixo.

— Você me faz muito feliz, eu te amo, amo estar casada com você e amo a nossa vida — digo com os olhos úmidos.

— Quando você está feliz, você brilha... E preciso desse brilho. Você é o meu farol, a sua luz é que me mostra o caminho. — Ele me beija suavemente.

— Você pode chegar atrasado ao consultório hoje? — pergunto com segundas intenções.

— Infelizmente, não.

— Acho melhor me desgrudar de você então. — Começo a me afastar, e ele me puxa.

— Quero que saiba que não vou mais jantar com os pais da Amanda.

— Por quê? — pergunto torcendo para que ele dê a resposta certa.

— Porque não quero aborrecê-la, porque não quero que voltemos a brigar e porque estar em harmonia com você é muito importante para a minha estabilidade emocional. — A resposta que ele dá não é exatamente a que eu gostaria de ouvir, apesar de ser uma bela resposta.

— Se for apenas por minha causa acho que deve ir. — *Esta sou eu tentando ser lógica e racional.*

— Não estou entendendo — ele diz e coça a nuca.

— Tenho os meus motivos para que não vá, e que são diferentes dos seus para não ir. Todos os seus porquês estão relacionados a mim e não quero angariar

culpa futura.

— Não irei culpá-la, sou eu quem está desistindo de ir, não importam os motivos — diz com seriedade.

— Importam sim, meu amor. Sou uma mulher de princípios que se casou com um homem de princípios. Se por questão de princípios você desejou ir, somente em nome deles poderá desistir. — *Como é difícil tentar ser boa!*

— Se eu for você vai ficar zangada comigo?

— Não. Só quero que durante esse jantar você fique bastante atento ao que não será dito. — *Agora comecei a ter complexo de esfinge: “Decifra-me ou devoro-te.”*

— Compreendi, minha linda. Pode ficar tranquila.

— Não irei com você para São Paulo amanhã — informo.

— Não? Você acabou de dizer que não ficaria zangada comigo.

— Thomas, não estou zangada nem ficarei. É que pretendo jantar com o Marco amanhã também para termos aquela conversa da qual lhe falei. — *Do jeito que o Thomas me olha acho melhor me preparar para correr* .

— Ele está aqui em Ribeirão Preto? — Meu marido espuma de raiva.

— Ainda não, mas virá. — *Melhor eu começar a correr* .

— Eu em São Paulo, e o Marco aqui com você? — pergunta esbravejando.

— Qual é o problema? — tento não demonstrar hostilidade.

— Eva, não acredito que você precisa mesmo jantar com esse cara! Será que o que ele tem para conversar com você é tão importante que compense o meu aborrecimento? — explode.

— Doutor, acalme-se. A minha intenção não é aborrecer você. Desejo apenas fazer o Marco entender que estou muito feliz ao seu lado. Quero que ele se liberte do que acha que sente por mim e siga em frente — explico.

— E se ele tentar fazer algo com você? Como poderei protegê-la estando tão distante? — Olhos verdes furiosos me encaram.

— O Marco não tentará fazer nada comigo. — *Desisto de explicar as razões que me fazem acreditar nesta afirmação.*

— Eva, compreenda, o dever do marido é proteger a esposa, zelar pela segurança dela. Um homem tem que fazer o seu papel. Desde o tempo das cavernas que atuamos assim, não é fácil ignorar o que está nos nossos genes. Homem que é homem cuida da sua mulher e se sente honrado por isso.

— Amor, compreenda você. Não estou tentando desqualificar o seu papel de macho. Quem sou eu para mudar a história da humanidade? A única coisa que peço é que confie na minha capacidade. Não sou uma mulher do tipo frágil, você sabe disso, e aprendi a me defender desde muito cedo. Um homem menos apegado ao “trogloditismo” me criou para ser independente, para ser capaz de me manter e de me cuidar sozinha se assim eu desejar. O meu pai sempre fez questão de frisar que a dependência deve ser uma opção, não uma obrigação ou

condição.

— O Guido e seus conceitos modernos sobre como criar uma menina — Thomas fala em tom jocoso. — Se tivermos uma filha, que o seu pai não ouse motivá-la a questionar a minha autoridade, o meu poder de decisão sobre quem ela pode ou não pode ter por perto.

— Ai meu Deus! Se alguém ouvir essa nossa conversa pensará que você é machista, quando na verdade é apenas ciumento e possessivo. — Gargalho.

— Vocês pretendem jantar em qual restaurante? — volta ao tema da discussão e torna a me encarar. *De zero a cem em segundos, esse é meu marido. Do riso à fúria, tão rápido, tão fácil.*

— Ainda não sei. — *As minhas mãos estão ficando frias.*

— O que você acha de trazer o Marco para jantar aqui em casa? — um irritado marido pergunta, e fico completamente pasmada.

— Aqui em casa? Por quê? — questiono, boquiaberta.

— Porque posso pedir para a Maria e para o Sidnei ficarem de olho no Marco, além disso, posso contratar um segurança para ficar por perto enquanto o jantar acontece — diz, e não acredito que acabou de pensar em tudo isso.

— Está bem, doutor, concordo que o jantar seja aqui, concordo que o Sidnei e a Maria fiquem por perto, mas dispenso o segurança, garanto que é absolutamente desnecessário.

— Tudo bem, Eva, você é muito teimosa. Já vi que amanhã será um dia daqueles! — suspira e coça a nuca.

— Obrigada — agradeço e desisto de informá-lo de que ele é tão teimoso quanto eu.

— Prometa que não deixará o Marco se aproximar de você — pede com os olhos cravados em mim.

— Prometo. Sei que também não deixará a Amanda se jogar em cima de você. — *Ah, mas ela vai tentar.*

— Você sabe que só aceitarei ter essa conversa para que a situação da Amanda com os pais dela melhore, não sabe?

— Tenho certeza de que você pensa assim, mas acredito que a Amanda tem razões muito mais complexas do que essa para promover o jantar. — *Esta sou eu sendo astuta.*

— E quais são? — pergunta interessado.

— Tenho fé que você venha a descobrir — respondo.

— Mesmo achando que as razões dela são outras não se importará que eu vá?

— É claro que me importo que vá a esse jantar, mas não me sinto no direito de impedi-lo. Você é adulto, inteligente e capaz de julgar sozinho a situação. E espero que esse jantar o ajude a avaliar a maneira como deverá se comportar em relação a essa história com a Amanda.

— Eva, é só um jantar para acalmar os pais dela.

— Talvez, meu amor, seja mais do que isso. Vi nos olhos da Amanda, quando ela veio aqui, que deseja disputá-lo comigo e acho que esse jantar é o início do processo.

— Então, ela é muito idiota porque só quero você.

— Sei disso, da mesma forma que sei que todo amor posto à prova se torna mais forte quando resiste à provação. Estou confiante que o nosso amor sairá ainda mais fortalecido caso consigamos enfrentar essa situação adequadamente.

— Tenho certeza de que conseguiremos porque o nosso amor é maior do que qualquer problema. Só não se afaste de mim, por motivo algum.

— Tentarei fazer isso com todas as minhas forças. Contudo, a situação é muito recente, ainda estou abalada e me sinto como se estivesse dançando a beira do abismo, qualquer passo em falso poderá me fazer cair.

— Pensei que eu já tivesse levado você para longe do abismo. — O sorriso do Thomas ressurgiu, e me sinto mais leve.

— Pois é, doutor! Você me ajudou a ter mais forças para escalá-lo e depois me deu a mão e me afastou dele, mas...

— Tem um “mas” nessa história? — ele me interrompe.

— Mas então você me deixou, saiu da minha vida, e acabei voltando ao abismo. Só que resolvi descê-lo em vez de me deixar ser atirada nele. Quando você reapareceu, eu estava novamente escalando-o e mais uma vez a certeza do nosso amor e a sua presença na minha vida contribuíram para que eu chegasse à superfície — concluo a narrativa metafórica.

— Você chegou novamente à superfície, mas não saiu da beira, é isso?

— Quase isso... Saí, mas agora voltei. — Sorrio.

— Ah, entendi. Quer dizer que essa história toda da gravidez da Amanda e a possibilidade de termos que lidar com um filho fora do nosso casamento a levaram mais uma vez até a beira do abismo?

— Perfeitamente.

— E estar dançando em volta do abismo significa que está desafiando-o?

— Para ser mais específica, significa que não tenho mais tanto pavor dele.

— *Nunca vi um homem tão bom em compreender metáforas.*

— Peça perdão se mais uma vez um comportamento meu a conduziu à beira do abismo, saiba que nunca desejei levar você até ele. Nem quando a deixei nem agora — diz com voz séria e carinhosa.

— O que você ainda não conseguiu entender é que não é o seu comportamento ou o de qualquer outra pessoa que me faz ir de encontro ao abismo, e sim o meu próprio comportamento. Acho que essa é a maneira que encontrei de vivenciar, confrontar e superar a dor — tento explicar.

— Por que escolheu uma maneira tão complexa de lidar com o sofrimento? — pergunta com o olhar maroto.

— O abismo me escolheu primeiro e não o inverso. Precisei ir até o fundo

dele e voltar, duas vezes e de duas formas diferentes, para conhecer a profundidade da dor e da tristeza que sou capaz de suportar. Esses encontros com o sofrimento me ajudaram a reconhecer e a valorizar os momentos de felicidade. E, apesar de ter demorado a entender, hoje sei que quem passa a vida olhando para os próprios pés com medo de cair perde a oportunidade de contemplar as estrelas.

Thomas me abraça gentilmente, ele é um homem muito inteligente, admiro a capacidade que tem de me entender, mesmo quando nem eu me entendo. Fico impressionada com a sua interpretação fácil das frases tortas, da leitura dinâmica de entrelinhas e da paciência que tem para dialogar. Antes de conhecê-lo, achava que homens e diálogos eram inversamente proporcionais, e ele me fez mudar de opinião. Agora acho que homens e diálogos são inversamente proporcionais, mas como toda regra, tem exceção.

— Você é uma mulher incrível, capaz de escalar abismos e de tapar buracos negros na alma.

— Ah, doutor, os buracos negros da sua alma... Ou foram muito fáceis de serem tapados ou ainda não me mostrou a real extensão deles. — Gargalho.

— Deixemos de lado as conversas profundas e vamos nos arrumar. Não podemos nos atrasar para o trabalho, mas o que eu queria mesmo era passar o dia todo abraçadinho a você, esposa.

— Adoraria isso, porém, os seus pacientes o guardam.

— Verdade. Preciso me apressar para não deixar os meus pacientes impacientes. — Ele ri, e rio também, porque esse trocadilho quem inventou fui eu.

Coloco um vestido tubinho vermelho e calço sapatos Chanel bege de salto alto. Deixo os cabelos soltos e me maquio suavemente. Pego a minha bolsa Prada, e quando vou me despedir do meu marido, ele quase engasga.

— Você precisa ir trabalhar tão elegante assim?

— Sempre precisei. — Sorrio e dou um beijinho nele.

Antes que o Thomas comece com a eterna ladainha dele contra o meu figurino, saio rapidamente rumo ao trabalho, porque o meu dia hoje será bem atribulado e não posso perder tempo.

Consgo chegar ao trabalho sem me atrasar e acho isso muito bom, porque quanto mais produzo durante o dia menos preciso ficar depois das dezoito horas. Cada vez mais tenho gostado de voltar cedo para casa.

— Bom dia, Vanessa.

— Bom dia, doutora Eva.

— A que horas será a minha reunião?

— Será às onze horas. A sua agenda de hoje está impressa sobre a sua

mesa.

— Obrigada — agradeço e fico pensando em quanto tempo será suficiente para que me acostume com o jeito formal da minha nova secretária.

Estou completamente absorta na leitura do material referente à reunião quando o telefone toca e a Vanessa informa que recebi um buquê de flores. Peço para que o traga até a minha sala e espero.

Quando a Vanessa entra carregando o enorme buquê de rosas colombianas vermelhas, imediatamente, sei quem o mandou e fico esperando que ela me pergunte se estou preparada para o meu bom-dia especial, mas ela não é a Patrícia e me entrega o buquê eximindo-se de fazer qualquer comentário.

— Por gentileza, Vanessa, coloque as rosas em um jarro e traga-o para enfeitar a minha sala — retiro o cartão e devolvo o buquê.

— Agora mesmo. — Ela sai levando o buquê e toda a sua eficiência.

Abro o cartão e me deparo com a bela caligrafia do meu marido.

*“Minha esposa amada.*

*Quero que saiba que em qualquer cenário, em qualquer ritmo e em qualquer estilo, sempre serei o seu parceiro de dança. Desejo que saiba também que se as descidas forem inevitáveis, serei o seu fiel companheiro de escalada, porque você é o anjo que me fez aprender a contemplar as estrelas.*

*Com amor, do sempre e todo seu, Thomas.”*

Termino a leitura sorrindo, porque entendo o que o Thomas deseja expressar. As palavras dele fazem alusão às frases que disse hoje cedo, e fico realmente tocada com a disposição dele em prestar atenção e interpretar o que falo.

Saco o meu aparelho celular da bolsa e mando um SMS para ele:

*“Marido. Adorei as rosas, contudo, as suas palavras conseguiram suplantar a beleza delas. Nunca quis outro parceiro, você é o único capaz de me acompanhar. O amor que sentimos nos faz compreender abismos, enfrentar buracos negros e admirar estrelas, além de alimentar a nossa fé, endireitar os nossos passos e nos conduzir sempre ao encontro um do outro. Eu te amo.”*

Alguns minutos depois que mandei a mensagem vem a resposta do Thomas:

*“Minha linda, a sua mensagem me comoveu. Você, com certeza, merece ser recompensada mais tarde. Eu te amo.”*

Leio a resposta dele e, antes de voltar a me concentrar na leitura do material para a reunião, o meu telefone volta a tocar, e a Vanessa informa que a senhora Amanda Lopes deseja falar comigo e aguarda na linha. Penso um pouco antes de aceitar atendê-la, mas acabo concordando em falar com ela, já desconfiando do motivo da ligação.

— Alô.

— Bom dia Eva — Amanda parece vomitar as palavras.

— Bom dia, Amanda. Em que posso ser útil? — falo de uma maneira tão educada que até me espanto.

— Serei bem direta com você, Eva — diz, e volto a constatar o quanto a voz dela me irrita.

— Agradeço, porque estou bastante ocupada. — *Esta sou eu sendo a educação em pessoa.*

— Acho um absurdo que esteja impedindo o Thomas de ir jantar comigo e com os meus pais. — A voz estridente e o tom de indignação que usa me dão ânsia.

— Quem disse a você que estou impedindo o meu marido de fazer qualquer coisa? — *Só garanto boa educação pelos próximos trinta segundos, depois disso salve-se quem puder.*

— Hoje é quinta-feira, o jantar está previsto para amanhã, e até agora o Thomas não me deu resposta. Presumi que ele está tendo problemas com você. — *A rainha do raciocínio lógico expõe a sua teoria.*

— O meu marido não tem problemas comigo. Quero que saiba que por mim ele está liberado para ir ao seu jantar. — *Pergunta “por que”, Amanda... Vai, pergunta .*

— E por que é que você faria isso? — *Perguntou!*

— Porque acredito que se uma mulher adulta, em pleno gozo de suas faculdades mentais, que vive às próprias custas, pede ajuda a um homem que não é nada dela para falar com o papai e com a mamãe a respeito de um assunto que, por enquanto, só diz respeito a ela, só pode estar mesmo muito desesperada. Como boa pessoa que sou, não me sinto no direito de impedir o Thomas de estender-lhe a mão. — *Ninguém mandou perguntar o porquê .*

— Olhe aqui, Eva, deixe de deboche! — ela literalmente zurra.

— Você não acha que já tomou bastante do meu tempo? — Volto a tentar ser educada.

— Então vamos acabar logo com esta conversa. O Thomas virá ou não jantar comigo amanhã? — questiona, e fico impressionada com a capacidade dela de me oferecer munição.

— Por mais inacreditável que possa parecer, Amanda, o meu marido poderá responder isso melhor do que eu — demonstro calma, mas estou transbordando de irritação.

— Acontece que enviei inúmeros e-mails solicitando a resposta e até agora o Thomas não se pronunciou, também liguei várias vezes, e ele não me atende.

Acho que o Marco deveria patentear e divulgar a técnica de usar um número de telefone desconhecido, muita gente ainda a ignora.

— Amanda, foi um prazer falar com você e, apesar da nossa conversa estar muito agradável, estou atrasada para uma reunião. Tchau. — *Santa ironia, obrigada por estar ao meu lado sempre que necessito de ti .*



— Quero a minha resposta... — volta a zurrar, e desligo o telefone.

Comecei a entender tudo. A Amanda telefonou para mim, poderia ter telefonado para o consultório do Thomas, ter deixado recado, e mesmo que tenha argumentado que ele não quer falar com ela, não acredito que pensou que eu seria capaz de resolver a situação. Ela quer me aborrecer, desestabilizar, quer me fazer brigar com o Thomas, e está apostando no nosso desentendimento.

O negócio dela é me provocar para que eu desconte no Thomas. Ela quer confusão, está tentando nos separar para conseguir tomar o meu lugar. Está lançando o pomo da discórdia, mas garantirei que não o peguemos. Se ela quer me ver nervosa e descontrolada, vai esperar sentada. De agora em diante serei a mais calma das criaturas quando o assunto for essa gravidez. A guerra psicológica começou.

Acabo me lembrando de que tenho que passar uma mensagem para o Marco informando o endereço e o horário do nosso jantar. Então, antes que esqueça, faço isso e, quase imediatamente, ele responde a minha mensagem dizendo que estará no local previsto na hora marcada.

A reunião terminou mais tarde do que eu previa e resolvo almoçar no escritório mesmo. Um sanduíche natural e um suco de abacaxi que a Vanessa providenciou rapidamente.

Aproveito para checar os meus e-mails enquanto almoço, e verifico que recebi um e-mail da minha mãe e outro do meu pai. Eles basicamente dizem que estão com saudades e que retornarão da fazenda na segunda-feira pela manhã. Respondo os dois e-mails, mas não escrevo nada a respeito da gravidez da Amanda e da possível paternidade do Thomas, prefiro contar para eles pessoalmente.

A Vanessa telefona e me informa que tenho outra ligação da senhora Amanda Lopes, e desta vez me recuso a atendê-la. Peço para a Vanessa dizer que estou em reunião fora do escritório, e fico muito feliz que a Amanda não telefone para o meu celular.

Depois do meu rápido almoço, a Vanessa me entrega alguns contratos para serem assinados e dois processos de execução fiscal para que eu analise e elabore defesa. Eu me permito voltar a atuar também como advogada aqui no escritório de Ribeirão e estou adorando. A minha fama de advogada competente aliada ao meu sobrenome de peso têm atraído vários novos clientes para o escritório daqui, porque ser um cliente direto meu tem sido motivo de orgulho para vários empresários da região.

Termino o dia tendo uma conversa nada agradável com um dos nossos novos advogados que tem apresentado relutância em seguir alguns dos padrões éticos da nossa empresa. Apesar da promessa dele de que se comprometerá

mais, não sei se consigo acreditar na sua boa vontade e em seu compromisso. Contudo, resolvo dar a ele uma última chance porque algumas vezes não consigo ignorar os ensinamentos do seu Guido que nunca se cansa de afirmar que todo ser humano merece um segundo olhar. No caso em questão, se esse segundo olhar não me agradar, com certeza, será o último.

Quando estou indo para a garagem, o meu celular toca e constato que é a Michele. Conversamos rapidamente sobre a nossa embriaguez e quase me acabo de rir, o que faz com que a tensão gerada pela minha conversa com o advogado rebelde se dissipe.

Adoro o momento em que chego em casa, porque a adoro, sinto-me mais confortável nela do que me sentia no meu antigo apartamento em São Paulo, que considerava o meu templo. Aqui tudo me transmite tranquilidade e felicidade, e não posso negar que tem sido muito agradável ter como vizinhos os meus pais, o William, e o Jonas e a família dele que moram com o William.

— Que briga é essa com as panelas? — implico com Maria.

— Não tem briga nenhuma aqui, só não sou tão carinhosa com estas encrenqueiras quanto você. — Ela ri.

— Tenho certeza de que acabarão se acertando, afinal é uma relação de muitos anos, a consideração é mútua — brinco com ela.

— Sai daqui, menina, e deixe de me atrapalhar senão o jantar vai atrasar, e muito!

— Sim, senhora. — Saio da cozinha comendo um pedaço de cenoura que tirei da mão dela.

A Maria é engraçada e adoro provocá-la, também gosto muito de cozinhar com ela resmungando ao meu lado. Foi uma ótima ideia trazê-la para cuidar da nossa casa. Em São Paulo, não tínhamos muito contato, saía antes que ela chegasse e voltava quando ela já tinha ido embora, e quase sempre nos comunicávamos por recadinhos na porta da geladeira. Aqui, em Ribeirão Preto, ela mora conosco e cuida de mim e do Thomas com muito carinho.

Na verdade, a Maria não esconde a sua predileção pelo Thomas, simplesmente o adora. Sou a Eva, e ele é o doutor Thomas, e acho que se não soasse tão estranho ela o chamaria de meu adorado doutor. Ela cuida de tudo o que é dele com extremado zelo e defende tanto o território dela que não nos deixou contratar outra pessoa para ajudá-la a cuidar da casa; então temos apenas o Sidnei, que cuida da parte externa, e uma faxineira que vem duas vezes por semana.

Subo para o meu quarto, vou para o banheiro e encaro um bom banho frio. Visto um short e uma camiseta, desço, me jogo no sofá do home theater e fico zapeando pelos canais da TV com o controle remoto.

— Oi, esposa. Que visão mais linda está me proporcionando! — Thomas diz e joga cuidadosamente sobre mim.

— Oi, marido... — Ele não me deixa concluir a frase porque me dá um beijo na boca de tirar o fôlego.

— Nossa! — exclamo satisfeita quando o beijo termina, e as mãos dele começam a percorrer o meu corpo.

— Acho melhor levar você lá para cima. — Antes da minha concordância ele me pega no colo e sai me carregando.

Thomas me carrega com facilidade até o quarto, e acho muito engraçado o jeito que ele se acostumou a me pegar no colo e sair me levando. Amo o meu troglodita.

— Doutor, você chegou faminto hoje.

— Não, doutora, saí faminto de casa hoje. Lembra?

— Claro que me lembro. Os seus pacientes estavam esperando. — Sorrio.

— Olha para mim — quase ordena.

— Estou olhando — obedeço.

— Vou arrancar a sua roupa sem a menor gentileza e quero que você não desvie os olhos dos meus.

— Não desviarei. — Começo a me desmanchar.

Ele me coloca de pé, fica de frente para mim e se despe primeiro. Os nossos olhos não se apartam, e sinto uma enorme dificuldade em não desviar o meu olhar do dele quando fica nu. O corpo do Thomas é uma delícia de olhar, e o seu membro avantajado chama completamente a minha atenção.

— Adoro observar as suas pupilas dilatando — diz com um sorriso libidinoso nos lábios.

Thomas parece um furacão ao tirar a minha roupa, e quando fico nua, ele me joga na cama; joga mesmo e fico mais excitada ainda. Ele beija a minha boca e a deixa ardendo, lambe os meus seios, mordia o meu mamilo, massageia o meu clitóris, faz inúmeros elogios obscenos, e enlouqueço.

Quando ele enterra a língua na minha vagina, não aguento e gozo. Eu me entorço, e ele me bebe. O meu lindo doutor continua chupando o clitóris e insere dois dedos em mim, o prazer que sinto é indescritível, e me contorço, rebolo e gemo freneticamente. Gozo outra vez na boca do meu marido, ele se interrompe, e me faz abraçar os meus joelhos, e me penetra arremetendo bem forte e bem fundo. O pênis dele me preenche completamente, as suas estocadas vigorosas são como fogo no pavio, e encontro o orgasmo mais uma vez, e vamos juntos. A vibração do seu corpo quando goza me deixa completamente consciente do poder que tenho sobre ele. O seu sêmen transborda de dentro de mim e o cheiro de sexo impregna o ar.

— Você me faz flutuar — meu marido murmura.

Observo o rosto tranquilo dele, sei que está aproveitando o relaxamento pós-gozo e, ouvindo a respiração suave do homem que amo, entrego-me à lassidão.

— Quero tomar banho com você — sussurra no meu ouvido.

— Hummm?

— Vem tomar banho comigo — diz, e arrepio.

— Adoro a sua voz rouca — confesso pela milésima vez.

— Fui feito para agradecer a minha mulher — continua falando no meu ouvido, e o meu corpo desperta.

— Também quero tomar banho com você — digo, espreguiçando-me.

Sou carregada novamente nos braços até o banheiro, e constato mais uma vez que a facilidade de locomoção é uma das inúmeras vantagens de ser casada com um homem grande, forte e extremamente carinhoso.

Thomas me coloca na banheira, liga a água morna, e os meus músculos relaxam. Senta na borda e passa a esponja sobre mim, ficamos calados, ele executando a sua tarefa cuidadosamente, e eu aproveitando cada segundo deste carinho. Ele não se esquece de lavar nenhum pedacinho meu e, quando termina, levanta-se, vai até o box e abre o chuveiro.

Fico observando-o se lavar, e o pênis ereto dele é o alvo principal do meu olhar. Saio da banheira e entro no chuveiro também, beijo o pescoço do meu adorado marido e quase o faço subir pelas paredes quando sugo o seu mamilo. Sugo forte, e ele urra. De repente, sou virada de costas, ele beija o meu pescoço, e enfia os dedos em mim, a minha vagina incha e pulsa, rebolo, ele massageia o meu seio com a outra mão, e espalmo as mãos na parede.

— Linda, quero você de novo e de novo. O que eu faço? — sussurra no meu ouvido, os seus dedos entrando e saindo de mim, a mão apertando o meu seio.

— Faça o que quiser comigo — respondo rapidamente, e ele ri.

Quando inclino o quadril, ele geme alto, para de executar a tarefa com as mãos, e começa a me penetrar devagarzinho, fazendo-me sentir um enorme prazer. Ele vai entrando gentilmente, e quanto mais rebolo mais ele avança. Quando está todo dentro de mim, os dedos dele voltam a trabalhar, massageando com destreza o meu clitóris. Não me contenho e explodo em um orgasmo maravilhoso.

Thomas coloca a minha mão sobre a dele, substitui os seus dedos pelos meus, entendo o que ele deseja que eu faça e me masturbo. Estou sensível, e meus músculos internos não param de se contrair. Ele segura a minha cintura, uma mão de cada lado, e começa o vaivém. Estoca com força, de um jeito selvagem que me deixa completamente alucinada. Adoro a pegada e a disposição do meu doutor e nunca me canso de me entregar para ele.

— Vou gozar — anuncia tão alto que me faz estremecer.

— Estou gozando — digo remexendo e gemendo sem parar.

Os nossos corpos tremem, o orgasmo me desestabiliza, perco o equilíbrio e o meu marido me sustenta, mas também oscila. Urra quando atinge o gozo, e adoro ouvi-lo. Protesta quando sai de dentro de mim, e se tivesse forças protestaria também. Quando nos acalmamos, ele volta a me ensaboar pedacinho por pedacinho e eu, encostada à parede, tento retornar para o planeta Terra.

Depois do maravilhoso banho, coloco uma camiseta e uma legging e desço para encontrar o meu marido, que já se vestiu e me espera para jantar. Sento à mesa e reparo no rosto contrariado dele.

— O que foi, amor?

— Estou sentindo saudade da sua comida — reclama.

— Você ainda nem provou e está reclamando? — implico com ele.

— A sua comida me faz salivar só de sentir o cheiro — continua com o drama.

— Prometo que farei o seu jantar no domingo.

— Obrigado, minha linda. Ajudarei você a preparar o nosso jantar no domingo — encerra o protesto e começa a se servir. — O Marco aceitou jantar aqui amanhã? — pergunta de repente, e quase engasgo.

— Aceitou, mas não disse a ele que o endereço era aqui de casa.

— Entendi — ele diz, e continua se servindo. — Eva? — assim que ouço o meu nome sei que lá vem coisa.

— Sim?

— Não quero que cozinhe para o Marco, na verdade proíbo você de fazer isso. A Maria faz o jantar ou você pode encomendar de algum restaurante, não me importa.

— Nunca passou pela minha cabeça a ideia de cozinhar para o Marco, mas também não acho justo que se ache no direito de me proibir de fazer qualquer coisa. Não sou criança, Thomas. De qualquer forma, já passei as instruções para Maria hoje à tarde por telefone, a comida será preparada por ela — explico.

— Ótimo. — Ele olha para mim parecendo satisfeito. — Eva? — *Lá vem ele de novo* .

— Sim, meu amor.

— Você sabe que roupa irá vestir nesse jantar? — *O assunto terá repercussões.*

— Ainda não. Como estarei em casa não me preocuparei muito com o figurino — respondo, tranquilamente.

— Quer dizer que como estará em casa vestirá algo confortável!? — insiste no assunto.

— Ainda não pensei nisso, não tenho a menor ideia da roupa que usarei, escolherei qualquer uma. Não se preocupe porque não será nada decotado ou justo demais, tenho bom senso. — Dou um sorrisinho amarelo para ele.

— Sei que tem bom senso, mas tudo a deixa tão atraente que não estou conseguindo pensar em nada apropriado para o jantar em questão — diz pensativo, e acho que está repassando todo o meu guarda-roupa na cabeça.

— Que pena que não tenho uma burca — não me contenho e o provoco, logo começo a rir da imagem mental que faço de mim vestida em uma burca e abrindo a porta para o Marco.

— Que pena mesmo — diz contendo o riso.

— Thomas, ainda hei de descobrir porque você é tão inseguro. Prepare-se, porque uma hora dessas irei vasculhar o seu passado para fazê-lo me dar razões que justifiquem alguns dos seus comportamentos.

— Talvez nem seja preciso uma viagem no tempo, minha linda. Basta retroceder um pouquinho até aquele dia em que você resolveu se casar com outro. Isso aí é um bom motivo para tornar qualquer homem inseguro. Saber que a fila anda tão rapidinho é bem aterrador.

— Nem vem, amor. Você já dava sinais de insegurança e carência muito antes desse dia aí — argumento.

— Jura? Nem reparei — brinca comigo.

— Você confirmou a sua presença no jantar da Amanda? — muda o tema da conversa antes que ele volte a falar do Marco. O foco agora é o problema dele, não o meu.

— Mandei um e-mail para ela informando que irei — ele responde fechando a cara.

— Você quer um pouco de suco? — dou a conversa sobre os jantares de amanhã como encerrada.

— A Amanda me mandou um e-mail em resposta ao meu, ela estava indignada com você. — Ele ri.

— Comigo? — pergunto quase surpresa.

— Não foi você quem disse a ela que uma mulher adulta e gozando de plenas faculdades mentais pode perfeitamente garantir sozinha para o papai e a mamãe que o provável pai do filho dela é um homem responsável? — Ele ri novamente.

— Falei mais ou menos isso, não exatamente assim. — Gargalho.

— Nem respondi o e-mail para não ser mais grosso do que o necessário, mas pode deixar que serei bem incisivo quando falar com ela. Irei proibi-la de telefonar para você e perturbá-la.

— Thomas, esse negócio de proibir não vai dar muito certo, nem eu aceito isso, quem dirá a Amanda.

— Posso usar de chantagem ou, como você diz, barganha. Direi a ela que quanto mais nos perturbar, mais evitarei contato com ela.

— Sendo assim, acredito que a comunicação entre vocês será, em breve, completamente interrompida porque ser insistente, inconveniente e inoportuna é a especialidade dela. — Gargalho novamente, e o Thomas me acompanha.

— Amo quando é espontânea, esposa. Acho muito estimulante a maneira como é provocativa e até petulante às vezes. — Ele me olha encantado.

— Bom saber que estou fazendo sucesso. — Sorrio carinhosamente para ele. — E agora, marido, que tal tocarmos um pouco de violão?

— Proposta aceita. — Os olhos dele brilham. — Eva, estou pensando realmente em contratar um guarda-costas para você.

— Para quê? — respiro fundo.

— O Marco pode tentar fazer algo. Estou com um pressentimento esquisito. Alguma coisa me diz que preciso protegê-la. Não sei explicar. Não me peça para explicar. Olho para você e o meu peito aperta. Preciso mantê-la em segurança, sei que parece controle, ciúme, mas não é... É cuidado.

— Thomas, por favor, não se preocupe. Não posso concordar em ter um segurança, um guarda-costas, seja lá o que for. Pode deixar que sei cuidar de mim.

Ele se levanta e puxa a cadeira para que eu me levante.

— Está bem, está bem. Não falarei mais sobre isso.

— Agradeço!

Passamos quase duas horas com os nossos violões, tocamos algumas composições de Segóvia, Sor, Villa Lobos, Bach e encerramos com Legião Urbana. Por mais que o Thomas e eu sejamos apaixonados pelas composições clássicas, nunca deixamos de tocar as músicas populares, que costumam agradar mais o nosso público, como os meus cunhados e as suas esposas, os nossos sobrinhos e a Maria, que a todo o momento arrumava uma desculpa para entrar no escritório e ficar nos ouvindo.

Decidimos ir dormir sem a leitura da noite porque está ficando tarde e no dia seguinte o Thomas precisará levantar-se muito cedo para seguir viagem até São Paulo.

Deitamos abraçados e logo pego no sono.

O problema é que o meu doutor não para de se remexer na cama me acordando o tempo todo. O sono dele está inquieto, a respiração pesada, ele não me solta, e quase me esmaga. Tento afastá-lo e consigo apenas momentaneamente, porque ele volta a me abraçar forte. Tento acordá-lo, e desisto porque ele fica ainda mais agitado.

## Capítulo V

Não sei se consegui dormir porque sucumbi ao cansaço ou porque o meu doutor finalmente se acalmou. Contudo, acordo tão logo amanhece. Estou tão acostumada a me levantar cedo para a nossa corrida matinal que só uma ressaca foi capaz de me impedir de fazer isso, uma noite mal dormida não.

O meu marido está acordado, e acho que estava me observando dormir. Sorrio para ele e recebo um sorriso tímido de volta. Ele me abraça e respira fundo, e começo a ficar desconfiada de que algo não está bem.

— Você se mexeu a noite toda — inicio a conversa.

— Dormi mal — fala baixinho.

— Pude perceber — falo baixinho também.

— Atrapalhei o seu sono?

— Um pouco. Você teve pesadelos? — pergunto, e ele permanece calado, aperta-me mais em seu abraço e suspira outra vez.

— O monstro do ciúme passou a noite toda brincando comigo — responde depois de alguns minutos.

— Explique-se, doutor.

— Essa história do seu encontro com o Marco está me aborrecendo. Sei que ele quer se reaproximar de você, que quer se infiltrar na nossa vida, que está fazendo chantagem emocional, e você está caindo na lãbia dele. — *Está falando do Marco, mas parece que está descrevendo as atitudes da Amanda.*

— Sou adulta, marido, e absolutamente capaz de me cuidar, fique tranquilo. Sei que confia em mim da mesma forma que confio em você, e não precisa me dizer que não confia no Marco. Pode relaxar, porque sei lidar com ele.

— Desista de conversar com o Marco hoje, por favor. Faça isso outro dia quando eu estiver por perto...

— Farei isso hoje, está decidido. — *Sou firme.*

— Vou me arrumar, preciso chegar a São Paulo antes das dez horas, tenho paciente marcado — explica, como se eu não soubesse, a rotina de quase toda sexta-feira.

Como não vou para São Paulo com ele e como também não quero correr sozinha, posso ficar um pouco mais na cama. Estou tão cansada que pego outra vez no sono e só acordo quando o Thomas beija a minha testa.

— Você já vai?

— Já .Ligo para avisar que cheguei bem .— Dá um beijinho na ponta do meu nariz.

— Você pegou a chave do apartamento dos meus pais?



— Peguei.

— Eu te amo, dirija com cuidado. — Puxo o meu marido para cima de mim e dou um abraço apertado nele.

— Acho muito ruim ir sem você, sempre vamos juntos, é chato ir sozinho. — Dá outro beijo na ponta do meu nariz.

— E tem gente que diz que a rotina é ruim para o casamento — brinco com ele e sorrio.

— Depende da rotina e depende do casamento. — O sorriso perfeito dele aparece.

— Até breve. — Dou uma mordidinha no ombro dele.

— Cuide-se e qualquer problema me telefone. — Ele me beija levemente nos lábios, coça a nuca e se afasta.

Fico observando-o pegar a maleta. O olhar perdido, o ar de desânimo, a relutância em sair do quarto, e a postura caída quando sai me fazem chegar à conclusão de que, sem querer, acabei atrapalhando completamente os planos da Amanda. Se ela queria me deixar de fora do jantar para me irritar, acabou irritando mesmo foi o Thomas. Ele passará o dia todo contrariado porque não fui para São Paulo, e a noite toda sendo atormentado pelo ciúme porque estarei jantando com o Marco. Até parece que agi premeditadamente, mas não fiz isso.

Resolvo dormir mais uma horinha, tenho tempo e sono, então me enrolo nas cobertas, deito no travesseiro do meu marido e adormeço sentindo o cheirinho bom dele.

Quando acordo, estou atrasada. Rapidamente me arrumo, tomo um espartano café da manhã e saio de casa apressada.

— Bom dia, Vanessa.

— Bom dia, doutora Eva.

— Preciso que re programe a minha agenda devido ao meu atraso.

— A sua agenda já foi reprogramada e está sobre a sua mesa — Vanessa diz, satisfeita.

— Muito obrigada.

— A senhora gostaria de um café?

— Sim. Obrigada.

— Forte e com pouquíssimo açúcar?

— Precisamente! — Sorrio para a minha eficiente secretária.

Examino a minha agenda e fico contente com a forma como a Vanessa reorganizou o meu dia, tenho até um tempinho livre antes das três reuniões que terei com prováveis clientes.

— Vanessa, por favor, venha até aqui.

— Estou indo — responde, e desliga o telefone.

Vanessa entra na minha sala trazendo o meu café e com o semblante tão sério que me concentro em observá-la.

— Pois não? — diz, coloca a xícara sobre a minha mesa e me observa.

— Os outros advogados que me acompanharão às reuniões de hoje foram avisados das mudanças de horário?

— Sim, senhora. Todos foram avisados e reprogramaram as suas agendas.

— Você é muito eficiente, Vanessa.

— Muito obrigada. — Sorri timidamente.

— Você teve problema com os clientes quando solicitou mudança nos horários das reuniões? — pergunto e dou um gole no café quase amargo.

— Não... Como deve ter reparado, alterei os outros compromissos para mais tarde e mantive as reuniões quase para os mesmos horários — explica.

— Bem-pensado. Mais uma vez obrigada — agradeço, e ela sai.

O meu telefone celular toca. É o Thomas, ele avisa que chegou bem e conversamos rapidamente, porque o paciente dele já está aguardando. Desligamos, e o meu celular começa a tocar outra vez, agora é o Marco. Atendo.

— Bom dia.

— Bom dia, Eva! — Marco diz, animado.

— O meu dia está uma loucura, cheguei atrasada, então acho melhor deixarmos a conversa para hoje à noite.

— Tudo bem, não quero atrapalhá-la. Gostaria apenas de saber de onde é o endereço que me passou.

— Da minha casa.

— Da sua casa? — pergunta indignado, e rio.

— Da minha casa, mas não se preocupe porque o Thomas sabe que jantará lá comigo — explico.

— Ele jantará conosco?

— Não. O Thomas está em São Paulo.

— Não acredito que o Thomas deixará você jantar comigo na casa de vocês enquanto está fora da cidade. — Ri de um jeito animado.

— Deixou sim, Marco, não se preocupe com isso.

— Ele deve ter contratado um guarda-costas para você — diz sem parar de rir.

— Não permiti que ele fizesse isso. — Gargalho.

— Ele pensou em fazer isso? — pergunta incrédulo.

— Você também já pensou em fazer isso no passado, lembra?

— Agora que falou, lembrei. — Ri.

— Mas apesar de ter me livrado do guarda-costas, saiba que teremos companhia. Contudo, poderemos conversar tranquilamente, não se preocupe.

— Ok Entendi. Até mais tarde — Marco se despede.

— Até — despeço-me e desligo.

Começo a me preparar para a primeira reunião do dia e incredulamente

o meu celular volta a tocar; agora é a vez da Michele.

— Bom dia.

— Bom dia, Eva.

— Estou me preparando para uma reunião. Posso telefonar para você mais tarde?

— Ah, não .Falarei rápido — protesta.

— Então, por favor, seja rápida...

— O Silas me contou que o Thomas aceitou o convite da Amanda e jantará com os pais dela hoje à noite.

— Verdade.

— Estou chocada.

— Não precisa ficar. O Thomas é inteligente, a Amanda nem tanto, sei que ele acabará percebendo o que ela pretende — digo com a voz firme.

— Você está em São Paulo também?

— Não .Estou em Ribeirão ,tenho compromissos por aqui e resolvi ficar, além disso ,como sabe, não fui convidada para o jantar.

— Que ultraje! — demonstra solidariedade.

— Preciso desligar.

— Você quer me acompanhar hoje à noite ao bar em que o Silas e a banda dele irão tocar? — ela me convida, e acho que está preocupada comigo.

— Obrigada pelo convite, mas tenho um compromisso.

— Que compromisso?

— Não tenho tempo para explicar. — *Estou quase me atrasando novamente.* — E o casamento? — demonstro solidariedade também.

— Será amanhã — responde e suspira.

— Tchau, Michele. Depois me conte sobre o casamento.

— E você depois me conte sobre o seu compromisso de hoje à noite. Tchau.  
— Ela ri e desliga.

O dia realmente foi tumultuado e só consigo chegar em casa menos de uma hora antes do horário marcado com o Marco.

Durante o trajeto do escritório até em casa, tive a impressão de estar sendo seguida. Um carro preto com vidros escuros esteve o tempo todo atrás do meu carro. Acompanhei-o pelo retrovisor, e ele se mantinha ora próximo, ora um pouco mais distante e só se afastou de vez quando entrei na minha rua. Fiquei intrigada.

Será que o Thomas, mesmo contra a minha vontade, contratou segurança para mim? Alguém, ou “alguéns”, para ficar me observando de longe e garantir a minha proteção?

Tomou banho e me arrumo pensando nessa impressão que tive de estar sendo seguida.

Visto calça jeans, blusa com decote alto e calço sapatilhas. O meu marido não reclamaria desse figurino, então acho que está ótimo.

A campainha toca, e deço a escada. Quando chego ao living, a Maria está acompanhando o Marco. Ele está vestido de maneira casual, jeans e camisa verde de manga comprida, carrega um bellissimo buquê de rosas brancas e sorri quando me vê.

— Boa noite, Marco.

— Boa noite, Eva. A sua casa é muito bonita. — Ele me estende o buquê.

— Obrigada. As rosas também são muito bonitas — agradeço e estendo o buquê para a Maria. — Por favor, coloque as rosas em um jarro.

Ela pega o buquê das minhas mãos e sai resabiada, e fico imaginando o que o Thomas disse para ela sobre o Marco.

O Marco se aproxima, e me dá um abraço gentil e um beijinho no rosto, retribuo o abraço e me afasto convidando-o para sentar.

Conversamos sobre a beleza da minha casa, sobre o meu novo escritório e sobre a empresa dele, até que a Maria anuncia que o jantar está servido.

A conversa durante o jantar é amena. Comemos pouco, e acho que o Marco está tão ansioso quanto eu com a conversa que ainda teremos.

Praticamente de quinze em quinze minutos, recebo uma mensagem do Thomas no meu celular perguntando se está tudo bem, e respondo com um ok. Ele se contenta, mas logo volta a perguntar, creio que ele não está muito concentrado na conversa com os pais da Amanda, a mente dele está aqui em casa.

Depois do jantar retornamos ao living. Nós nos sentamos e aguardo que a conversa de verdade aconteça. Quero ser firme e paciente, desejo que ele saia daqui totalmente convicto de que não o considero uma alternativa e se resigna a me esquecer.

— Eva, sempre me sinto tão bem ao seu lado que não estou conseguindo iniciar o assunto que motivou este nosso encontro.

— Não aceitei conversar com você para reavivar os seus sentimentos. Para ser franca, bem franca, só concordei porque quero ajudá-lo a superar o que sente. — Sou bem explícita.

— Você sabe o quanto é difícil superar — Marco diz um pouco mais sério.

— Sei, mas sei também o quanto é importante que isso aconteça — mantenho o foco.

— Você teria sido capaz de superar o Thomas? — pergunta com os olhos fixos nos meus.

— Marco, acho que existe um mal entendido no conceito de superar que está usando.

— Por quê? — Esboça um leve sorriso.

— Porque superar é passar por cima de algo que está nos magoando, ou

atrapalhando ou fazendo sofrer.

— E o Thomas não fez isso?

— Sim, e também o magoei e o fiz sofrer, e nós dois tivemos que superar o nosso orgulho, não o sentimento que nos une.

— Então só se supera os sentimentos ruins?

— Acredito que sim, como tive que superar a dor causada pela morte do Nicolas, e a dor é um sentimento ruim.

— Pela sua teoria eu teria que superar a raiva que sinto por tê-la perdido e a tristeza que a sua ausência me causa, mas posso continuar cultivando o amor que sinto por você já que amor é um sentimento bom — diz com os olhos perdidos nos meus, e o meu coração aperta dentro do peito.

— O amor, às vezes, pode ser um sentimento ruim.

— Como assim, Eva?

— Um amor que não é correspondido, que machuca, que danifica a autoestima e que é maior do que o amor-próprio, é um amor ruim.

— Boa explicação, porque o amor que sinto é exatamente do jeito que descreveu. Não é correspondido, machuca e etc e tal. — Ele desvia o olhar, e sei que está aborrecido.

— Você tem que superar inclusive o amor que sente por mim e tem motivos de sobra para superá-lo — digo com a voz terna e firme.

— Gostaria que fosse fácil, queria poder arrancar esse sentimento de dentro de mim e não consigo. Sei que tenho que esquecê-la, mas gosto de pensar em você.

— Marco, por favor, lute contra essa vontade que tem de continuar me cultuando. Nunca fiz por merecer, nunca me comportei com você de uma maneira que ensinasse tanto sentimento.

— Fico pensando o tempo todo que eu deveria ter brigado mais por você, deveria ter ficado mais próximo, e nunca deveria ter transado com a Patrícia. Acho que fiz tudo errado e acabei afastando de mim a única mulher que amei de verdade.

— Você está procurando maneiras de se enganar. Não foi nada que fez ou que deixou de fazer que me afastou. O certo é que nunca deveríamos ter nos aproximado. Você sabia que eu amava outro, eu sabia que amava outro, e enquanto a minha história com esse outro não estivesse resolvida, eu não tinha o direito de envolvê-lo na minha vida, e você deveria ter tido juízo suficiente para saber disso.

— Sabe por que insisti? Por que fui atrás de você naquele resort?

— Acho que vou deixar que me explique.

— Porque achei que uma mulher como você não toleraria ser deixada da maneira como o Thomas a deixou, e que levantaria a cabeça e seguiria em frente sem dar outra chance para ele. Pensando assim, vi nessa situação a minha oportunidade de me aproximar e de me mostrar para você.

— Sabe, Marco, cheguei a pensar que não daria outra chance ao Thomas, mas ele acabou me fazendo acreditar que merecia uma. Com relação a você,

quero que saiba que gostei muito de conhecê-lo melhor, acho que é um homem encantador, porém percebi que somos seres opostos, com gostos e hábitos completamente diferentes.

— Os opostos se atraem — argumenta.

— Mas não permanecem juntos por muito tempo, pelo menos penso assim. Preciso ter como companheiro alguém que encare a vida de uma maneira parecida com a minha, e que se interesse pelas mesmas coisas que eu. O Thomas é assim, tudo nele combina comigo e a vida com ele é maravilhosa — explico e sei que estou deixando o Marco um pouco triste, porém preciso convencê-lo a desistir de mim.

— Você sabe por que transei com a Patrícia? — pergunta de repente.

— Faça apenas uma ideia.

— Porque estava louco de saudade, de tédio e de amor, e você me rejeitou. Mais do que isso, demonstrou que se entregaria para mim apenas para cumprir a sua palavra e não por me desejar.

— Desculpa, Marco. — *É só o que posso falar.*

— Quando você me rejeitou, imaginei que o Thomas estivesse de alguma forma outra vez na sua vida. Então, liguei para a Patrícia e pedi para conversar com ela, queria saber o que estava acontecendo.

— E? — incentivo-o a continuar.

— E ela aceitou encontrar-se comigo. Quando ela chegou, eu tinha bebido um pouco. Começamos a conversar, e pude ver nos olhos dela, admiração e desejo. Para amenizar a dor da rejeição acabei transando com alguém que demonstrava me querer. Pensei que me sentiria melhor, mas o que aconteceu foi justamente o contrário.

— O sexo com a Patrícia pode ter acontecido em um momento de fragilidade, mas acho que só aconteceu porque vocês se sentem atraídos um pelo outro.

— E daí? Atração é amor? — protesta. — Você se sentiu atraída por mim e não me amava.

— Algumas atrações antecedem ou precedem fortes sentimentos, outras não. Não existe regra para isso — argumento.

— Você parecia estar muito satisfeita comigo quando estávamos em Punta Cana — ele me confronta.

— Você estava sendo tão maravilhoso, e eu estava tão perdida que não pensei direito.

— Você não pensou direito diversas vezes pelo que me lembro — provoca.

— Olha só, você estava cuidando de mim e me queria tanto que achei que era o certo a fazer.

— O sexo foi uma forma de agradecimento?

— Não! Foi a reação de uma mulher ferida diante da presença de um

homem bonito e carinhoso que estava completamente disposto a ajudá-la a se curar — respondo bastante séria.

— Eu teria feito qualquer coisa por você! — protesta.

— Sei disso e tentei cumprir o nosso acordo, não procurei o Thomas nem fui conivente com nenhum ato praticado por ele ou pelos meus pais.

— Mas transou com ele! — fala tão alto que o Sidnei aparece no canto da sala.

— Pode ir Sidnei, está tudo bem. — O Sidnei olha para o Marco, olha para mim e depois se retira.

— Desculpa, não queria gritar. — Ele passa as mãos pelos cabelos.

— Transei com o Thomas porque o amo e morro de desejo por ele, e também porque achei que seria a última vez que estaríamos juntos.

— Se eu tivesse contado que transei com a Patrícia quando me contou sobre a sua noite com o Thomas, você teria me perdoado?

— Teria, só porque eu tinha transado com o Thomas — respondo sinceramente.

— E se eu tivesse me negado a romper o nosso acordo e exigido que anulasse o casamento por procuração que os seus pais e o Thomas promoveram?

— Teria pedido a anulação do casamento, mas apenas se você tivesse me contado que transou com a Patrícia quando lhe contei que transei com o Thomas — continuo sendo sincera.

— Por quê? — pergunta transtornado.

— Porque não fui obrigada a aceitar o acordo, mas aceitei e, mesmo sabendo que nunca conseguiria esquecer o Thomas, não poderia descumprir o compromisso que tinha com você. Mas reafirmo que só cumpriria o acordo se você tivesse sido honesto comigo, como sempre fui com você.

— Quando aceitou o acordo você estava realmente disposta a esquecer o Thomas, e agora me diz que sabia que jamais o esqueceria. Estou ficando confuso.

— Quando aceitei o acordo, achava que precisava esquecer o Thomas, pensava que ele não me queria mais e que eu deveria seguir com a minha vida sem ele. Então, ele voltou a me procurar e a se declarar para mim, e percebi que, mesmo me esforçando muito, jamais o esqueceria.

— Se você tivesse percebido qualquer indício de que o Thomas a procuraria quando fiz a proposta de casamento, você não teria aceitado, não é?

— É, não teria aceitado. Nunca planejei magoá-lo, Marco, e se tivesse desconfiado que a minha história com o Thomas não tinha chegado ao fim, jamais teria permitido que se envolvesse nela.

— Sabe qual foi realmente o motivo que me levou a abrir mão do nosso acordo? — pergunta com os olhos úmidos.

— Devo confessar que, primeiramente, acreditei na razão que me deu no altar, mas depois passei a achar que abriu mão do acordo porque sabia que eu não o perdoaria por ter dormido com a Patrícia e não ter me contado isso quando

teve oportunidade. Saber que quebrou a minha confiança deve tê-lo deixado muito inseguro.

— Boa análise, Eva. Não lhe contei o que fiz quando me contou que me traiu porque tive receio de que usasse isso como argumento para me deixar. Sabia que o Thomas estava cercado sem parar, que você estava sofrendo por causa dele, e não quis me arriscar. Confesso que não sei se lhe contaria algum dia o que a Patrícia e eu fizemos, acho que teria um medo enorme da sua reação. Contudo, preciso dizer também que sou um homem persistente, e que lutaria por você mesmo que descobrisse a burrice que cometi e me punisse. Só não paguei para ver e não confrontei a sua família e o Thomas por causa de outro motivo. — O Marco me observa atentamente.

— E que motivo foi esse? — pergunto.

— O Thomas fez questão de me contar, na conversa que tivemos dois dias antes do casamento, como foi maravilhosa a noite de amor que tiveram e o quanto estavam saudosos um do outro. Naquela hora, percebi que ter transado com o Thomas sendo a minha noiva não foi apenas um ato de traição contra mim ou de amor por ele, foi mais do que isso, foi o atestado da sua incapacidade de me desejar. A sua rejeição foi o motivo em si.

— Compreendi. Você já deixou isso bem claro nesta nossa conversa. Então, por que continua pensando em mim? Por que me quer em sua vida? Você acha que alguma coisa mudou? — *Não queria, mas preciso ser dura com ele.*

— Porque quando estávamos juntos, sem interferências, longe do Thomas, você se entregou para mim e foi maravilhoso. Eu me senti desejado por você e quero voltar a me sentir assim. Não acredito nessa conversa de que só ficou comigo porque eu estava sendo muito legal. Você gostou de estar comigo.

— Marco, desculpa... Não quero magoá-lomais, entretanto, preciso que saiba que o que sinto pelo Thomas é muito especial, é amor, paixão, desejo, é tudo. — *Nossa como isso é difícil!*

— Foram as suas atitudes que me empurraram para os braços de outra mulher, porque se tivesse ficado comigo antes do nosso casamento, como ficou lá no resort, eu nunca teria traído você.

— Marco, muitas vezes, durante um casamento, as pessoas se desentendem. E até que o desentendimento seja resolvido, o desejo arrefece, e o sexo fica um pouco de lado. Estou feliz por não estar casada com um homem que quando não se sente desejado, transa com outra.

— Eva, não foi bem isso o que aconteceu, você sabe. Não foi apenas um desentendimento. Você deixou bem claro que transar comigo passou a ser um sacrifício para você e que só faria isso novamente para cumprir com a sua palavra. Nunca me senti tão por baixo.

— Você constatou que eu não queria mais transar com você e se sentiu por baixo. Sendo assim, volto a perguntar... Por que acha que agora seria diferente?



— Porque agora sei o que fazer. Sei que se tirá-la daqui, levá-la para longe do Thomas e for extremamente carinhoso, você voltará a ser aquela Eva que foi em Punta Cana.

— Reafirmo que nunca desejei magoá-lo, contudo, devo admitir que pressenti que acabaria fazendo isso de alguma forma. Desculpa, Marco, mas me afastar do Thomas não surtiria mais qualquer efeito porque, depois de tudo o que nos aconteceu, tenho certeza de que não podemos e não conseguimos viver longe um do outro.

— Você sabe por que compareci à cerimônia e liberei você do acordo lá?

— Não sei e isso, inclusive, me intriga.

— Porque quis que você entendesse que só quem ama de verdade é capaz de pensar mais na felicidade do outro do que na própria. Queria que percebesse que o amor verdadeiro não é egoísta nem possessivo, que é bom e generoso, e que isso a fizesse questionar o que o Thomas sente por você. Que compreendesse que ele só desejou tê-la de volta porque não queria perder a disputa para mim... Posse não é amor.

— O que o Thomas sente por mim é amor, não é posse. Sei disso.

— Você pensa que é amor, mas é posse. Ele se acha o seu dono. O meu amor sim, é puro, verdadeiro, dadivoso.

— Então me responda uma coisa. Você considerou que se eu visse a grandeza do seu gesto lá no altar, talvez me sentisse confusa e não aceitasse me casar tão imediatamente com o Thomas?

— Acho que foi isso mesmo — assente.

— Bem, Marco, a generosidade e a bondade não exigem contrapartida, se pensou que as suas atitudes seriam recompensadas, talvez o seu amor não seja tão dadivoso assim.

— Só eu sei o tipo de amor que sinto — rebate a minha provocação.

— Marco, você acha que uma pessoa que ama outra de verdade trai essa pessoa tão facilmente quanto me traiu?

— Já expliquei que só fiz isso porque estava me sentindo um nada depois que você me rejeitou completamente. Mas e você, não acha que transando comigo também traiu o Thomas?

— Ora, Marco! O Thomas e eu tínhamos rompido, eu achava que ele não me queria mais e que deveria esquecê-lo. Mas você me traiu tendo um compromisso comigo.

— E você também me traiu tendo um compromisso comigo.

— Esse é o ponto, o xis da questão, eu o trai porque não o amava, porque nunca amei.

— Eva, você traiu a minha confiança. Isso também é injustificável.

— Não jogue a responsabilidade toda sobre mim. Você traiu a minha também, e primeiro. Se tivéssemos nos casado tenho certeza de que uma hora ou

outra acabaríamos brigando, como acontece comigo e com o Thomas de vez em quando, só que nem por isso ele ou eu saímos por aí transando com outras pessoas, mas com você parece que o risco seria grande. — *Sou rígida com ele.*

— Amo você, Eva, e sei que nunca quis realmente trai-la. Cometi esse erro porque o modo como você me fez sentir me levou a agir assim. Sei que não agi certo, mas naquele momento só queria deixar de me sentir tão repulsivo.

— Entendi o modo como a minha rejeição o fez sentir. Mas você acha mesmo que isso foi o suficiente para me trair com uma pessoa que era da minha confiança e apenas quatro dias antes do nosso casamento?

— Você me traiu com o Thomas na mesma noite — argumenta.

— Só que o Thomas é o meu amor, e você sabia disso. Não estou justificando o meu ato, também errei, mas trai você por causa do grande sentimento que sinto pelo Thomas. E você me traiu apesar do grande sentimento que diz sentir por mim, e é isso o que eu não entendo. Para mim quem ama não trai. Acredito que se você me amasse de verdade teria ido conversar comigo e tentado resolver as coisas, e não trepado com outra assim que virei as costas.

— Sei o que você está tentando fazer, a sua argumentação está indo no sentido de me fazer achar que não a amo de verdade. Quer que eu comece a desconfiar do meu sentimento, mas nada do que diga me fará me sentir de outra maneira com relação a você — diz, e fico preocupada.

— Se não quer desistir de mim porque acredita que me ama de verdade, desista de mim, porque estou lhe garantindo que não sinto absolutamente nada por você. — *Sou mais fria do que planejei ser.*

— O que você pensou quando eu disse diante do altar que não queria mais me casar? — pergunta, e fico sem saber aonde ele quer chegar com esse desvio na conversa.

— Quando você me livrou do compromisso, eu me senti aliviada e contente, mesmo que isso significasse ser abandonada no altar. Naquele momento tive certeza absoluta de que me casar com você seria um desastre.

— Talvez sim, talvez não. Tudo depende das circunstâncias. Vendo sob o ângulo que estamos vendo agora, só a sua união com o Thomas é capaz de fazê-la feliz, já que isso aconteceu e você está feliz. Contudo, se ele não tivesse ido atrás de você, garanto que hoje você estaria feliz casada comigo.

— Não tenho como saber se estaria feliz com você se as circunstâncias tivessem sido outras; sei que tentaria ser. Porém, tudo aconteceu da forma que aconteceu e estou feliz, amo o meu marido e não trocaria a vida que tenho por nenhuma outra. — *Preciso que ele entenda de uma vez por todas que não tem nenhuma chance comigo.*

— Você e eu nunca mais?

— Nunca mais, Marco. Gosto de você, adoraria ser sua amiga, mas nada do que você fale ou faça me motivará a dizer um talvez.

— Isso dói demais... — Os olhos dele ficam úmidos.

— Se não tivesse ido até Punta Cana atrás de mim, eu jamais teria procurado você. Nunca senti nada forte o suficiente que me incitasse a isso, perdoe-me. Livre-se do que sente por mim porque não mereço um minuto do seu sofrimento — digo e sei que estou sendo dura com ele, preciso ser.

— Eva, se eu soubesse por que te amo, talvez fosse fácil deixar de amar, mas não sei. É tanta coisa e nada ao mesmo tempo... Sinto como se você fosse a figurinha que completa o meu álbum, a peça que falta do meu quebra-cabeça.

— Marco, lamento muito não poder corresponder ao que sente. O amor é mesmo sem nexos, sem explicação. Porém, todo amor só deve ser cultivado se for correspondido. Você encontrará a pessoa que está destinada a ser a sua companheira nesta vida, acredito nisso, e quando isso acontecer o sentimento será recíproco. E essa pessoa não sou eu... Já encontrei e fui encontrada pelo meu par, a minha alma gêmea, o meu companheiro de jornada.

— Obrigado, Eva, por me fazer entender que tudo o que vivemos em Punta Cana foi uma ilusão, tanto sua quanto minha. Obrigado também por deixar claro que, aconteça o que acontecer, nunca terei uma chance de verdade com você.

Vou até ele e o abraço, ele tenta se afastar, mas depois aceita o afago.

— Desejo vê-lo bem, Marco. Prometa que se abrirá para o amor, você é um homem especial e coisas especiais acontecem com pessoas especiais — digo, abraçada a ele.

— Eu realmente precisava dessa conversa — afirma um pouco mais calmo.

— Tenho certeza de que em breve poderemos ser amigos, apenas amigos — digo carinhosamente para ele.

— Ainda vamos rir de tudo isso — fala com a voz entrecortada e se afasta de mim.

— Você quer beber alguma coisa? Que tal uma água geladinha?

— Não, acho que está na minha hora. Vou chamar um táxi. — Ele disfarça e seca os olhos com as costas das mãos.

— Nada disso, posso levar você até o seu hotel.

— Acredite em mim, prefiro ir de táxi. — Tira o telefone celular do bolso e pede um táxi.

— Você vai acordar um dia sentindo que não quer sofrer mais, todos nós temos instinto de autopreservação, e a vontade de viver acaba sendo maior do que qualquer dor — digo as mesmas palavras que me falou em Punta Cana, e ele sorri, com os olhos tristes.

— Que memória! — demonstra que se lembra do que me falou.

— E quando esse dia chegar, Marco, você conseguirá ser apenas meu amigo, e ficarei imensamente contente em receber a sua amizade. — Estendo a mão, e ele a aperta, mas de repente me puxa e me abraça.

— Tchau, Eva — diz, afastando-se.

— Tchau, Marco.

Eu o conduzo até a saída e quando abro a porta, magicamente o táxi chega.

O Marco vai embora sem nem olhar para trás e, vendo-o partir, pressinto que a mudança dentro dele começou a ocorrer.

— O moço já foi? — Maria pergunta quando entro em casa.

— Já, Maria. Por quê?

— Por nada, é que o doutor Thomas quer saber.

— O Thomas está ao telefone? — interrogo, curiosa.

— Não. Ele mandou uma mensagem pro meu celular e eu queria ter certeza de que o moço já foi antes de responder.

— Ele mandou uma mensagem para o seu celular? — *Estou achando que o Thomas está surtando* .

— É. Parece que você não está respondendo as mensagens dele — diz rindo.

— Pode deixar que enviarei uma mensagem para ele ficar mais calmo — digo, rindo também.

— Tudo bem — concorda e fica me olhando.

— O que é, Maria? — Faço cara de séria para ela.

— É que esse Marco é bonitão mesmo. O doutor Thomas deve estar sentindo um nó nas tripas lá no jantar que ele foi. — Volta a rir.

— O Thomas é muito mais bonito.

— Eu achava o doutor Thomas o homem mais bonito que tinha visto, mas agora não tenho mais tanta certeza. O morenão que saiu daqui é um absurdo de lindo. Fiquei até sem ar perto dele.

— Vá dormir, Maria, deixe de ser assanhada — implico com ela.

— Não sou assanhada coisa nenhuma — protesta.

— Boa noite, ferosa — implico outra vez.

— Boa noite, sortuda. — Sai batendo os pés.

O meu celular dá sinal de vida e me lembro, sobressaltada, de que o Thomas deve estar quase tendo uma síncope.

Ele me mandou três mensagens:

*“O Marco já foi embora?”*

*“O Marco finalmente foi embora?”*

*“Manda logo esse Marco embora!”*

Thomas é realmente um caso sério. É ciumento até as raízes dos cabelos. As mensagens dele me fazem rir, principalmente a última. Como é quase meia-noite, acho que ele deve estar no apartamento dos meus pais, e resolvo ligar para lá.

— Eva? — Thomas atende assim o telefone.

— Oi, amor — respondo contendo o riso.

— O Marco já foi? — ele vai direto ao ponto.

— Sim! — Começo a rir.

— O que é tão engraçado? — pergunta, irritado.

— Nada. — Contenho o riso.

— Foi tudo bem?

— Tudo bem. E com você? — devolvo a pergunta.

— Mais ou menos — responde, aborrecido.

— Falaremos sobre os nossos jantares quando você chegar em casa — encerro a conversa.

— Entendi o recado. — *Eis um homem esperto* .

— Durma bem, marido.

— Você trancou a porta? Tem certeza de que o Marco não vai voltar? Aquele sujeito é obcecado por você, é bem capaz de tentar fazer uma besteira sabendo que não estou por perto.

— Boa noite, meu amor. — *Evito começar esse tipo de conversa.*

— Você ouviu as minhas perguntas? — insiste.

— Boa noite, amor — insisto no “boa noite”.

— Boa noite, esposa. — *Ele entendeu que não vou dar corda para o ciúme dele.*

Depois que desligo o telefone fico pensando no meu marido, sinto saudade dele e me arrumo para dormir com a sua ausência pensando sobre mim. Demoro um pouco a pegar no sono, e mesmo quando isso acontece o meu sono é entrecortado e muito leve.

*Nicolas está deitado sobre a grama, coisa que adora fazer. Parece perdido em seus pensamentos, sorri e o seu rosto se ilumina. Os seus lindos olhos verdes faíscam, e tenho quase certeza de que está pensando em algo engraçado. Ele levanta a cabeça e tira de debaixo dela um livro — o livro de anatomia humana que nunca se cansa de ler. Ele se senta e folheia as páginas. Fica envolvido nessa tarefa e, de repente, levanta o rosto e me encara, abre um amplo sorriso, e me assusto, porque constato que ele está com a mesma aparência de quando tinha uns quinze anos.*

Sonhei com o Nicolas, e parece que fui atirada para fora do sonho, porque acordo sobressaltada. São nove horas da manhã, e resolvo me levantar. O sonho fica indo e vindo em meus pensamentos, mas não encontro nenhum sentido para ele e desisto de tentar interpretá-lo.

Quando termino de me vestir, o telefone toca; é o Thomas. Ele me avisa que ficará um pouco mais em São Paulo, conta que precisou levar a Amanda ao hospital porque ela telefonou muito cedo dizendo que estava passando mal, algo relacionado a contrações e sangramento. O meu marido parece preocupado e aborrecido, e evito fazer perguntas. Limito-me a dizer que ficarei torcendo para que a Amanda e o bebê estejam bem, e realmente torço.

Café da manhã ,banho de piscina, conversa com a animada Michele ao telefone, visita relâmpago da Eliza, a ocupada esposa do Jonas que veio me pedir explicações sobre a receita de *apfelstrudel* , mais banho de piscina e nada de notícia do Thomas.

A Michele não se contém de curiosidade e ansiedade e vem me visitar, e acabo saindo com ela. Almoçamos juntas no café restaurante Mousse Cake, o seu preferido, e depois que me faz contar absolutamente tudo sobre o meu compromisso de ontem, eu a acompanho ao salão de beleza. O casamento em que será madrinha será no início da noite e ela está quase histérica.

Apesar de estar vivendo em Ribeirão Preto continuo cuidando do meu cabelo em São Paulo, no salão de beleza que frequento há cinco anos, e fico em dúvida se me arrisco a cortar o cabelo com o cabeleireiro da Michele. Ele insiste de maneira incisiva que o meu cabelo está grande demais, pesado demais e que precisa de um corte mais moderno. Admito que nos últimos tempos só venho cortando as pontinhas do cabelo e ele está bem grande mesmo, mas é bonito e não dá trabalho, não me incomoda.

Infelizmente, a Michele começa a fazer coro com o Livis, isso mesmo, o nome do cabeleireiro dela é esse, e resolvo despistá-los fazendo a manicure dos pés e das mãos e depilando com cera quente as pernas que nem precisavam ser depiladas ainda. Folheando uma revista de moda, fico completamente encantada com o corte de cabelo da modelo de uma propaganda de perfume e mudo de ideia a respeito de cortar o cabelo.

Depois de examinar atentamente a foto e de olhar para mim umas quinhentas vezes, o Livis concorda que o corte combinará perfeitamente com o meu rosto, mas diz que deverá ser feito com a navalha. Ele ainda não domina bem a técnica do corte com a navalha e chama a profissional que acabou de cortar o cabelo de outra cliente para me atender.

— Esta aqui, Eva, é a Daniele Siqueira, do Exclusif Coiffeur, de Brasília. Ela é maravilhosa com a navalha, e está aqui nos passando um pouco do seu *know how*. Ela irá cortar o seu cabelo.

— Olá, Eva, será um prazer cortar o seu lindo cabelo — Daniele diz de maneira simpática.

— Obrigada. Estou em suas mãos — agradeço.

— Pode ficar tranquila, porque sou realmente boa fazendo isso — afirma de maneira confiante e sorri para mim.

Resolvo arriscar porque o corte eleito não é radical e ainda deixa o cabelo com o comprimento logo abaixo do ombro.

Navalhadas vão, navalhadas vêm, e fico totalmente satisfeita com o resultado. O meu cabelo parece mais leve, mais estiloso e muito mais bonito e, ainda, me deixa com uma aparência mais jovem e elegante. A Daniele Siqueira é realmente fenomenal, e gostei tanto do trabalho dela que fico pensando se

agora terei que ir a Brasília toda vez que tiver que cortar o cabelo.

A Michele quase surta de contentamento ao ver como o meu cabelo ficou, e acho que a euforia dela está diretamente relacionada à avalanche de emoções que vem enfrentando ao longo do dia.

O casamento está realmente deixando-a enlouquecida e compreendo a razão disso quando ela me conta que a tal noiva foi o grande amor da vida do Silas, antes dela é claro, e que o noivo foi seu namorado também, só que na adolescência. Fico impressionada quando sou colocada a par da história toda, porque nunca me canso de ficar encantada e surpresa com as coincidências da vida.

Quando finalmente a Michele concorda em me deixar em casa, são quase dezoito horas. Desço do carro e ela sai apressada para se vestir para o tão falado casamento.

Vejo no fim da rua um carro preto parado junto ao meio-fio. Fico apreensiva, embora o modelo desse carro seja diferente do modelo do que tive a impressão de me seguir. Os vidros escuros me impedem de ver se tem alguém dentro do carro.

Por garantia, resolvo anotar a placa, nunca vi esse carro por aqui. Mas precisarei me aproximar mais para que consiga enxergar devidamente. Dou alguns passos, porém desisto da ideia. Não vou deixar essa paranoia me dominar.

Volto a caminhar em direção a minha casa. Abro a porta e entro me sentindo uma boba. Será que agora vou implicar com todos os carros pretos da cidade?

Mudo o foco dos meus pensamentos. Thomas é a bola da vez. O meu marido não deu mais nenhuma notícia, e desconfio que o telefone celular dele tenha ficado sem bateria.

— O seu cabelo ficou lindo! — Maria diz.

— Gostou, Maria? — pergunto rindo.

— Um luxo, adorei! — responde e dá uma volta em torno de mim para contemplar o meu cabelo.

— O Thomas telefonou?

— Não. Ele só liga desesperadamente quando tem um moreno bonito jantando com você. — Ela ri, e eu também.

— Deixe de ser fofoqueira, Maria! Respeite o seu patrão! — provoco.

— Vou preparar o jantar que ganho mais. — Ela sai fazendo cara de deboche.

Estou começando a ficar preocupada com o Thomas, e resolvo tentar me distrair enquanto ele não aparece.

Vou para o quarto e decido fazer algo que estou adiando há alguns dias. Admito que não fiz antes por pura preguiça, mas o tempo está passando, e se não fizer logo, a minha mãe ficará aborrecida comigo. Então, abro uma mala grande sobre a cama e vou colocando dentro dela alguns vestidos e camisetas de grife, algumas calças, e uma clutch Prada roxa que adquiri por impulso e nunca usei.

Revirando o closet me deparo com as calcinhas novas e maiores que comprei e isso faz com que eu me lembre de que a ligeira cólica que andei sentindo desapareceu, junto com todos os outros sintomas de TPM. Ainda bem, porque se ainda estivesse tão irritada quanto estava no final de semana passado, acho que a essa altura já teria tido um pequeno ataque de nervos ou comido alguns quilos de chocolate.

De repente me sinto incomodada, como se estivesse sendo espionada por alguém. Um calafrio... Sinto um arrepio percorrer a minha espinha. Uma sensação estranha. Deixo de dobrar as roupas dentro da mala. Acho mesmo que alguém me observa. Viro-me lentamente em direção à porta e o meu coração acelera.



## Capítulo VI

Thomas está lá, completamente abatido e muito sério me observando. Sinto vontade de correr e pular no pescoço dele, contudo, a forma como me olha me desmotiva.

— Você vai viajar? — pergunta, sem sair do lugar, quando os nossos olhares se encontram.

— Não pretendo .— *Estou achando esquisitos tanto a aparência quanto o comportamento dele.*

— Você está fazendo o quê? — A voz dele treme.

— Separando algumas roupas e colocando em uma mala. — *Será que isso não é óbvio?*

A ficha cai, e acho que sei o que ele está pensando. Fico em dúvida se começo a rir ou se dou uma lição nele. Detesto agir como uma pessoa cruel, mas a bondade pode ser uma virtude inconstante em mim e opto pela lição.

— Posso explicar o porquê de estar chegando só agora. — Ele dá um passo em minha direção e para quando levanto a sobrancelha e faço cara de má.

— Prefiro terminar de fazer o que estou fazendo antes de ouvir a sua explicação. — Quase começo a rir com o ar de espanto dele.

— Eva, você não vai fazer isso, é sério. — Passa as palmas das mãos na calça como se as estivesse secando e dá mais um passo em minha direção.

— Nada me impedirá de fazer o que estou fazendo, prometi que faria. — *Esta conversa está ficando cada vez mais engraçada .*

— Prometeu para quem? — pergunta, indignado.

— Para a minha mãe, ela disse que se eu não tomasse logo uma atitude seria tarde demais. — *Ela falou isso mesmo, semana retrasada.*

— Por que a Evinha falou isso? Não estou entendendo, posso conversar com ela, posso explicar. De qualquer forma acho que você está sendo egoísta — começa a atacar para se defender sem nem saber do quê.

— Egoísta? — Seguro o riso. — Saiba que o que estou fazendo pode ser considerado um ato de despreendimento.

— Eva, não deixarei que vá embora por razão alguma deste mundo. Pensei que já tivéssemos concordado a respeito de conversar sobre o que nos incomoda até o assunto esgotar. Detesto essa técnica de fuga que você utiliza sempre que deseja me atingir. Você sabe que não posso viver sem você e me chantageia o tempo todo se afastando de mim quando fica aborrecida comigo. — Ele chega mais perto e me encara.

— Você está falando de que, Thomas? — resolvo dar um basta na cena de

novela.

— De quê? — Ele me olha confuso. — De você fazendo as malas para me deixar — termina de falar, e explode em uma sonora gargalhada.

Thomas fica parado me olhando rir até os meus olhos se encherem de lágrimas, quero me conter para explicar o que está acontecendo, e não consigo. Devo ser mesmo uma pessoa estranha, mas tem hora que é difícil perder a piada. Ele finalmente percebe que falou besteira e ri também. Vou até ele e o abraço.

— Marido... Estou arrumando as roupas que irei doar para o bazar que a minha mãe organiza com as amigas dela, todo dezembro, há exatos vinte anos.

— Quer dizer que não está me deixando?

— Tenho motivos para fazer isso? — devolvo a pergunta.

— De jeito nenhum. Você quase me matou de susto — protesta.

— Também, de onde você tirou essa ideia? Está com a consciência pesada por alguma razão? — provoco.

— Não. É que fui jantar com a Amanda e os pais dela ontem e sabia que você não estava muito contente com isso; hoje telefonei logo cedo dizendo que ia chegar um pouco mais tarde porque tinha que levar a Amanda ao médico, mas só consegui chegar em casa quase sete horas da noite. Então, quando chego, encontro a minha esposa, linda e radiante, arrumando uma mala. O que eu deveria pensar? — pergunta.

— Consciência pesada, veredicto final — digo, tentando parecer séria.

— Você foi maldosa comigo — reclama.

— Uma pequena lição para um marido que não deu notícias e que tira conclusões precipitadas baseadas em seu próprio comportamento. — *Será que a TPM passou mesmo? Agora estou em dívida.*

— As roupas que está arrumando são para um bazar? — Ele muda de assunto rapidamente.

— São para um bazar de luxo. A minha mãe e as amigas recolhem as doações e organizam o bazar. As pessoas vão até lá e compram essas peças de grife, e o dinheiro é revertido para a caridade — explico.

— Que interessante. — Sorri.

— Além da doação de roupas que faço todo mês de dezembro, também doo uma boa quantia em dinheiro.

— Quero colaborar também — diz mais animado.

— O bazar é só de roupas femininas, se quiser colaborar é melhor abrir a carteira e ser generoso. A sua sogra não é nada condescendente com a família. O meu pai, o William e a Lucia já foram extorquidos por ela; você, os seus irmãos e as esposas deles também estão na lista.

— A causa é nobre, ficarei feliz em colaborar. — Ele sorri, e noto o seu cansaço.

— Por que você não toma um banho e desce para jantar? Estarei esperando

por você lá embaixo.

— Um banho, jantar e você, tudo o que preciso para me sentir em paz novamente.

— Tudo bem, a ordem dos fatores não altera o resultado — implico com ele.

— Linda, você sempre vem em primeiro lugar.

— Sei disso, só estou implicando com você, vá tomar o seu banho. — Dou um beijinho nos lábios dele e saio.

Thomas parece realmente novo em folha depois do banho, está faminto e come vorazmente o jantar. Estou um pouco sem fome, uma leve dor de cabeça me perturba.

— Adorei o seu corte de cabelo — meu marido me elogia e sorri carinhosamente.

— Eu também — concordo com ele.

— Como é que você consegue ficar ainda mais linda a cada dia?

— Acho que é sexo, faço bastante, dizem que é bom para a pele e para os cabelos — digo, e ele ri.

— Que tal um tratamento de beleza agora? — O olhar malicioso dele é um convite que vou recusar.

— Agora quero que me conte tudo o que aconteceu desde o jantar de ontem. Como estão o bebê e a Amanda?

— Eva, não tenho uma palavra melhor para definir o que estou sentindo, então desculpe, mas só posso dizer que estou puto, muito puto com a Amanda.

— O que aconteceu? — *A curiosidade me domina.*

— Vou explicar por partes para que consiga entender a extensão da minha raiva — diz, e concordo balançando a cabeça.

— Primeiro ela marcou o jantar para as dezenove horas, e cheguei pontualmente no horário, mas os pais dela só chegaram às vinte e uma horas. Então, desconfiei que ela marcou horários diferentes para poder ficar a sós comigo — relata, e fico imaginando o que o pobre coitado teve que suportar durante esse tempo nas garras da Amanda.

— Você ficou sozinho com ela durante duas horas inteirinhas?

— Infelizmente fiquei e essas duas horas pareceram uma semana. Tive que me conter para não ir embora, e só não fiz isso porque queria conversar com os pais dela e me livrar logo dessa tarefa.

— Ela importunou você? — pergunto, e ele fica um pouco constrangido.

— Eva, a Amanda estava usando o vestido de gestante mais decotado e curto que já vi na vida. Parecia que os seios dela iam pular para fora. Ela ficava se curvando para me mostrar exames, entregar o copo, esse tipo de coisa, também ficava tentando roçar em mim. Além disso, passou o tempo todo falando das vitaminas que está tomando, dos exercícios que está fazendo e de

como está uma grávida em forma — Thomas explica, e a minha irritação começa a surgir com força total.

— E você deixou que ela esfregasse os seios na sua cara? — Minha voz sai fria e séria.

— Claro que não! Fiz questão de ignorá-la completamente, ela estava ridícula. Sou um homem casado, e a Amanda deveria respeitar isso.

— Continue, doutor! Estou achando tudo muito interessante.

— Os pais dela chegaram e ela passou a se comportar melhor, só que percebi que eles nem sabiam direito o que estavam fazendo ali, pareciam constrangidos e incomodados.

— Sabia que os pais de uma mulher independente e autossuficiente não precisariam de explicação alguma de sua parte, a dela bastaria — eu o interrompo.

— Tinha me preparado para responder às perguntas que achei que fariam, e eles praticamente não me perguntaram nada. Depois de uma conversa aguada, eles foram embora um pouco antes das vinte e três horas, e me preparei para sair com eles, mas a Amanda disse que tinha mudado de ideia e que precisava que eu deixasse um dinheiro para ela.

— Você não percebeu, “Poirot”, que ela estava arrumando motivo para que não fosse embora? — pergunto bastante irritada.

— Percebi, “miss Marple”, mas a essa altura já estava disposto a ficar a sós com ela para dizer umas poucas e boas — esclarece, e quase rio porque constato que ele também é fã de Agatha Christie.

— Continue, doutor.

— Quando os pais dela saíram, a Amanda não tocou mais no assunto do dinheiro e ficou insistindo para eu passar a mão na barriga dela. Foi aí que explodi, disse para ela que mulher para mim só a minha, e que parasse de palhaçada. Deixei bem claro para ela que conversar comigo agora só por e-mail, e em caso de emergência.

— E foi nesse momento que a Amanda começou a passar mal?

— Nada disso, ficou falando um monte de asneiras sobre como um filho poderá nos unir, e sai batendo a porta.

— E quando foi que ela passou mal? — questiono muito interessada.

— Não sei. O que sei é que às sete horas da manhã, quando estava me arrumando para vir para casa, ela ligou insistentemente para o meu celular e não atendi, então mandou uma mensagem dizendo que precisava falar comigo urgentemente porque achava que estava em trabalho de parto. Liguei de volta, e ela me fez acreditar que precisava de ajuda. Fui o mais rápido que pude até a casa dela e a levei para o hospital.

— Mas... — *A mulher é mesmo uma atriz, só que do tipo charlatã* .

— A médica que a atendeu pediu vários exames, e os resultados não

demonstraram nada de errado, mas a Amanda continuava a insistir que estava passando mal.

— Puro teatro — deixo escapar.

— Isso mesmo. A conclusão da médica foi que a Amanda e o bebê estão ótimos e que não correm risco algum. Depois disso, demonstrando todo o meu descontentamento com o dramalhão que ela interpretou, deixei a Amanda em casa. Só consegui voltar a respirar normalmente depois que estava a quilômetros de distância dela. — Ele respira fundo.

— Será que agora você conseguiu compreender as minhas alegações a respeito deste assunto?

— Claro, só me lembrava de você dizendo que a Amanda tinha razões muito mais complexas do que acalmar os pais para promover o tal jantar. — Ele coça a nuca.

— Que bom que consegui descobrir as reais intenções dela!

— Não foi nada difícil, ela foi muito explícita. Tenho que concordar em gênero, número e grau que ser insistente, inconveniente e inoportuna é a especialidade da Amanda. — Ri enquanto enumera os adjetivos que eu mesma relacionei a ela.

— Durante a conversa que tiveram você conseguiu se lembrar de mais alguma coisa da noite em que ela diz que transaram?

— De absolutamente nada. Estava tão repugnado com o comportamento da Amanda que só de pensar em ter tocado nela algum dia me fazia sentir ânsia. — Ele faz uma careta, e fico satisfeita com a reação dele, muito satisfeita.

— O tiro saiu pela culatra — penso em voz alta.

— Sabe outra coisa que me fez sentir ânsia? — pergunta, sorrindo.

— Será que preciso mesmo saber? — devolvo a pergunta.

— Precisa sim. — Ele ri. — O jantar que ela preparou.

— Foi ela quem preparou o jantar?

— Foi, e ficou se vangloriando, se autoelogiando e fazendo os pais dela a elogiar também. Uma lástima, a interpretação e o jantar.

— E você foi estimulado a elogiá-la também? — Gargalho.

— Fui, mas disse que adoro tanto o tempero da minha esposa que não consigo gostar de nenhuma outra comida, aí ela mudou de assunto. — Ele ri outra vez.

— Estou quase sentindo pena da Amanda, doutor.

— Deveria sentir pena é de mim, que tive que suportar tudo isso. Mas como você me advertiu, sei que está adorando saber a patacoada que a Amanda aprontou. Aquela mulher está desequilibrada — diz e me encara.

— Que bom que você tirou as suas próprias conclusões. — *Que mulherzinha burra essa Amanda, ainda bem .*

— Sim, estou repleto de conclusões a respeito da Amanda e da gravidez dela, e todas desanimadoras. Agora estou preocupadíssimo que o menino seja

meu filho. Como poderei educá-lo se ele passará a maior parte do tempo com um ser tão completamente sem noção como a Amanda? Que tipo de mãe aquela criatura será? — Ele coça a nuca, visivelmente irritado.

— Dizem que a maternidade é capaz de promover sérias e profundas mudanças — tento acalmá-lo.

— Só que nem sempre para melhor — argumenta preocupado.

— O pior é que tenho a impressão de que a Amanda tentará transformar a nossa vida em um inferno e o meu maior medo é que use a criança como desculpa ou instrumento para que isso aconteça — desabafo, deixando de lado a vontade de acalmá-lo.

— Mudando de uma pessoa insistente, inconveniente e inoportuna para outra. Como foi o seu jantar com o Marco? — pergunta e me observa atentamente.

— O Marco é uma pessoa bem mais equilibrada, doutor, e se comportou como um cavalheiro — digo a verdade.

— Aquelas rosas brancas que estão no living são dele?

— Não, são minhas. Ele me deu — brinco com ele.

— Boa resposta, doutora, me pegou! — Ele sorri.

— Estou ficando muito boa em pregar peças em você — digo de maneira convencida.

— Deixe de gracinhas e comece a me contar tudo o que aconteceu ontem no seu jantar, bem explicadinho, do mesmo jeito que fiz.

Faço um relato detalhado da conversa que tive com o Marco e, mesmo sendo interrompida diversas vezes pelas perguntas capciosas do Thomas, consigo manter a linha de raciocínio e ser bastante clara.

— Parece que foi uma conversa muito esclarecedora — conclui com um leve sorriso de satisfação nos lábios.

— Pode ficar tranquilo, doutor! O Marco compreendeu que sou uma causa totalmente perdida.

— Acho que é agora que devo dizer que sou um homem de fé. — Ele ri.

— Um homem de fé, desconfiado e ciumento — acrescento.

— Estou melhorando — defende-se.

— Ah, é? — *Esta sou eu sendo cética.*

— Estou melhorando muito, pode acreditar. — Sorri.

— Sabe de uma coisa? — pergunto.

— Ainda não — responde e fica sério.

— Senti bastante a sua falta.

— Não parece — diz cruzando os braços.

— Por que não? — questiono e o encaro.

— Porque ainda estou vestido.

— Vamos para o quarto, resolverei esse problema agora mesmo.

Ele não se faz de rogado e sai me arrastando pela mão rumo ao nosso

quarto. Sorrio quando vejo a mala em cima da cama, vou até ela e fecho o zíper, e o Thomas a coloca no closet.

A dor de cabeça começa a piorar e deito na cama massageando as têmporas. O meu marido, muito animado esperando ser despedido por mim, me olha e se detém.

— O que foi, minha linda? Está com dor de cabeça?

— Estou.

— Quer um comprimido?

— Não. Deite-se aqui comigo e me faça relaxar do jeito que mais gosto.

— Você não está com dor de cabeça?

— Estou, e daí? — pergunto e sorrio.

— Você é mesmo uma mulher diferente de qualquer outra. — Ele me olha intrigado.

— O relaxamento que sinto depois do orgasmo é um santo remédio.

— Deixe que o seu médico particular cuide de você. — Ele se aproxima de mim com um belo sorriso nos lábios.

— Você poderia se despir sozinho?

— Claro, e posso despi-la também. — O olhar de predador dele me estimula.

— Faça isso, doutor... E rápido, por favor!

— Tem certeza de que a dor de cabeça não irá atrapalhar? — pergunta, tirando a roupa.

— Absoluta — respondo esticando-me na cama.

— Devo ser mais gentil?

— Só um pouquinho. — Começo a rir.

Thomas tira a minha roupa delicadamente, e observar as mãos firmes e fortes dele trabalhando me faz esquecer a dor de cabeça. Ele se deita ao meu lado e ficamos frente a frente. Puxo ele para mais perto de mim e nos beijamos carinhosamente. Um beijo bom, quente, profundo e apaixonado. Adoro o gosto da boca do meu marido, e a sua língua macia e hábil me deixa excitada ao explorar a minha boca.

As minhas mãos passeiam pela nuca do Thomas, as dele passeiam pelas minhas costas. Desço a mão e acaricio o seu pênis, começo a masturbá-lo e ele geme, intensifico o movimento e ele, com muita destreza, se vira e se coloca sobre mim. Voltamos a nos beijar e, enquanto nos beijamos, agora avidamente, ele me penetra, e gemo de prazer. Ele entra e sai ao mesmo tempo em que a sua mão segura o meu seio e o seu dedo circunda o mamilo. Contorço debaixo dele, a minha pele esquenta e arrepio.

Ele desce a boca até o meu seio e o explora com a língua, as minhas mãos apertam as nádegas dele, e quando ele prende o meu mamilo entre os dentes e me estoca com força, sinto as minhas terminações nervosas gritarem e faço coro, liquefaço e, gemendo sem parar, gozo. O orgasmo é tão maravilhoso que

me faz flutuar. Ouço ao longe o meu marido gritar o meu nome e estremecer dentro e sobre mim.

Ficamos abraçados desfrutando da gloriosa sensação que nos proporcionamos e, embalada pela respiração do homem delicioso que está grudado em mim, caio no sono.

Acordo às duas horas da manhã e o meu marido não está na cama, levanto e fico feliz em constatar que a dor de cabeça passou. Vou para o banheiro e tomo um banho morno e rápido. Visto um pijama e saio do quarto a procura do Thomas.

Vasculho a casa silenciosa e o encontro deitado no sofá do escritório lendo um livro, *O Fantasma de Canterville*, de Oscar Wilde.

— Sem sono? — pergunto, observando-o.

— Um pouco — responde, e percebe que está chateado.

— *O Fantasma de Canterville* ?

— Ei, doutora, queria ler algo leve e divertido e este me pareceu bastante adequado.

— Adoro esse livro. Eu o li quando era adolescente, acho até que esse aí é o meu exemplar. — Sorrio.

— É o seu. Encontrei-o aqui em uma das estantes.

— Você vai achar alguns rastros meus pelo livro, grifei as partes que considerei engraçadas.

— Percebi. — Ele pisca para mim.

— Você está bem?

— Acho que não. — O olhar triste dele me alcança.

— Quer conversar a respeito?

— Quero, sente-se aqui comigo — diz, e fico satisfeita em ter me casado com um homem que gosta de conversar.

— Qual é o problema, doutor? — Sento no sofá, e ele coloca os pés no meu colo.

— Estou preocupado, muito preocupado. Não consigo sentir absolutamente nada pela criança que a Amanda está gestando.

— Não se preocupe com isso agora. Muitos homens só começam a amar o filho depois que ele nasce. Ouvi diversas histórias a respeito.

— Sei que dizem que a relação do homem com a barriga não é tão próxima quanto a da mulher, mas sempre achei que amaria um filho meu desde sempre.

— Talvez a incerteza sobre a paternidade esteja atrapalhando os seus sentimentos.

— Ou o fato de não suportar a mulher que carrega a barriga. — Sorri constrangido.

— Devo concordar que a Amanda é bem desagradável, contudo vocês se relacionaram um dia, então ela deve ter algumas qualidades — digo da boca para fora, e espero que ele não se lembre de alguma.



— Nós nunca chegamos a nos relacionar de verdade, era só sexo e o sexo não era nada demais também. Enjoei dela tão rápido e de uma forma tão absoluta que não aguentava nem ouvi-la falar, e o pior foi que dispensá-la me fez despende enorme energia.

— Por quê?

— Porque ela não entendia as minhas indiretas, porque mesmo quando fui bastante explícito fingiu não compreender que estava sendo dispensada. A mulher aparecia em todos os lugares em que eu estava, telefonava o tempo todo, e só quando eu disse com todas as letras, e mais de uma vez, que não queria nada com ela é que foi capaz de me deixar em paz.

— E depois que nos viu juntos voltou a contra-atacar.

— Isso mesmo — concorda desanimado.

— Doutor, entenda bem, se o filho for seu, você irá amá-lo independentemente da mãe que ele tenha.

— Muitas mulheres acham que filho prende homem. E isso é um grande engano.

— E muitos homens acham que evitar filhos é responsabilidade apenas da mulher. — *Meu lado feminista aflora.*

— Tem razão, esposa. E é por causa de pensamentos assim, como o que eu citei e como o que você citou, que existem tantas crianças desamparadas neste mundo. E isso acontece em qualquer classe social.

— Pois é, marido. Eu acho que as pessoas precisam ter bem claro em suas mentes que sexo sem proteção, além de poder transmitir doenças, gera filhos... E os filhos são uma grande responsabilidade.

— E é por esse motivo que não me canso de me torturar pensando na imprudência que posso ter cometido. Uma criança não pode pagar pelo meu erro como paguei pelos erros dos outros.

— Se você está preocupado com o bem-estar do menino antes mesmo de saber se ele é seu filho, isso indica que tipo de pessoa você é. Um homem bom como você jamais conseguiria ser indiferente a um filho. Por que não tenta acreditar nisso? — estímulo o meu doutor a se abrir.

— Porque tenho muito medo de ser um pai como o Antonio foi. Sinto até pânico ao imaginar que posso ser um pai desnaturado. — Uma sombra nubla os olhos dele.

— Você não será um pai desnaturado, duvido. Você é um homem amoroso e será um excelente pai para qualquer filho seu, tenha sido ele desejado ou não.

— Obrigado por ser tão incrível, esposa — agradece rapidamente, e percebo que não quer mais continuar o assunto.

— Obrigada por se abrir comigo, marido.

Encerramos a conversa e subimos para o nosso quarto. Deitamos agarradinhos novamente, e sinto que o Thomas ficou um pouco mais tranquilo depois que conversamos, mas pressinto que ele não me falou tudo. Acho que está preocupado

também com o fato de outro homem criar o filho dele e ser tão ruim quanto o Antonio foi para ele. Isso pode mesmo acontecer se a Amanda vier a se casar, mas o Thomas estará por perto e poderá intervir sempre que achar que a criança não estiver sendo bem-assistida. Contudo, acho que ele deveria começar a se preocupar com esse tipo de coisa apenas depois do resultado do exame de DNA.

Com tanta coisa fervilhando na cabeça não sei como pego no sono. Durmo não sei quanto tempo, e desperto com o telefone celular do Thomas tocando sem parar. Ele acorda também e me abraça, cobre a nossa cabeça com o edredom e rimos.

— Deve ser alguma mãe desesperada — digo, como se ele não estivesse imaginando isso.

— Provavelmente. Deixe-me atender e tranquilizar a pobre coitada. — Ele se levanta e vai atender ao telefone.

— Pronto. A mãezinha está mais calma — diz quando volta e novamente se deita ao meu lado.

— Febre?

— Não, bebê irritado por causa do nascimento dos dentinhos.

— Nossa!

— O que foi? — pergunta, cheirando o meu pescoço.

— Os bebês são seres complexos demais.

— Ainda bem que você foi esperta, casou com um pediatra.

— Verdade! — concordo, e rimos juntos.

— Até quando os seus pais ficarão na fazenda? — pergunta de repente.

— Amanhã eles estarão de volta. Por quê?

— Porque desejo conversar com eles e com o William a respeito dessa situação toda com a Amanda.

— Converse com o William, falarei com os meus pais.

— Acho que eu deveria reunir todos eles, inclusive a Lucia e os meus irmãos, e expor a situação. Pouparia trabalho.

— Grande ideia, mas quero conversar com os meus pais antes.

— E qual é a razão disso? — questiona, ressabiado.

— O coração do meu pai. Falarei com ele com cuidado. Quero evitar que ele fique aborrecido com essa situação e passe mal. Tentarei evitar também que ele tome as minhas dores e se angustie.

— Falarei com ele primeiro, pode deixar.

— Melhor não, Thomas. Pode deixar comigo, sei o que estou fazendo. Deixe os meus pais por minha conta.

— Está bem, fale com eles e marcarei uma reunião de família para contar a notícia para todo mundo de uma vez só. Mas faço questão de que os seus pais estejam presentes.

— Conversarei com eles a respeito da reunião de família também.

— Corro o risco de ser hostilizado pelos seus pais por causa dessa história?

— Não .Acontece que eles se preocupam demais comigo e precisam ser tranquilizados a respeito do fato de que não estou sofrendo horrores com essa novidade.

— Desejo ser alertado sobre qualquer problema. Estimo e considero demais os seus pais e não quero perder a confiança deles.

— Fique tranquilo, marido. Dará tudo certo.

O telefone do Thomas volta a tocar, ele me olha e sorri.

— Acho que é a mesma mãe que ligou agora há pouco.

— Melhor tranquilizá-la novamente — digo e me levanto da cama.

Resolvo trocar logo de roupa e me preparar para aproveitar o dia, afinal domingo ao lado do meu amor é sempre muito bom.

O cheiro de café fresco invade a casa. Thomas foi para a cozinha enquanto eu me arrumava e preparou o café da manhã, e fico com fome só de olhar a quantidade de comida que ele colocou sobre a mesa.

— Que delícia!

— Preparei o nosso café da manhã — diz orgulhoso.

— Reparei. — Dou uma risada. — Obrigada. A propósito, a Michele e o Silas nos chamaram para um lanche na casa deles mais tarde.

— Ótimo. Iremos.

— Passaremos antes no shopping, preciso ir à joalheria, encomendei um conjunto de joias para a minha mãe e quero ir buscar.

— Presente de natal ou de aniversário? — Thomas pergunta, desistindo de morder o croissant.

— Os brincos e o anel serão presentes de aniversário e o colar será presente de natal — explico.

— Vinte e cinco de dezembro, que data mais interessante para se fazer aniversário! — Ele ri.

— A minha mãe adora. A data é tão especial, dupla comemoração, que nunca fui autorizada a passar o dia vinte e cinco de dezembro longe de casa.

— As joias serão presentes nossos ou terei que comprar outros para ela?

— Presentes nossos — respondo sorrindo. — O presente de natal e de aniversário do meu pai é que deixarei por sua conta.

— Precisarei da sua ajuda. Tenho que comprar os presentes de natal do meu pai, do seu pai, dos meus irmãos, dos meus sobrinhos, das minhas cunhadas, da Lucia, da Angela, da Cristina, da Maria, do Sidnei e da minha secretária. São vinte e três presentes ao todo, fora o seu que comprarei sozinho.

— Posso ajudá-lo se incluirmos na lista o presente de aniversário do meu pai e os de natal da Vanessa, a minha nova secretária, da Sara, da Patrícia e da Susana, a secretária da Sara que me auxilia quando estou em São Paulo. Então, recalculando, serão ao todo vinte e oito presentes, ainda bem que já comprei o

seu. — Gargalho.

— Estamos com um problemão. — Ele ri também.

— Podemos nos organizar para tentar comprar os presentes aos poucos durante a próxima semana — sugiro. — Vamos ter que correr, hoje é dia nove de dezembro.

— Será uma logística daquelas, mas não temos como fugir disso. — O meu lindo doutor continua rindo.

— Adoro natal, e adoro comemorar os aniversários dos meus pais também — digo sorridente.

— Comemoraremos o aniversário do seu pai e da sua mãe junto ou separadamente?

— Claro que separadamente, são meses diferentes, até o ano será outro.

— Doutora, o seu pai faz aniversário no dia primeiro de janeiro, apenas poucos dias depois do aniversário da sua mãe, achei que seria mais prático comemorar de uma vez só. Nós, a partir do ano que vem, comemoraremos os nossos aniversários com uma festa só.

— Concordo com você, uma festa só para nós dois, irei amar. Mas a Evinha é prática com tudo, menos com isso. O aniversário dela tem uma festa e o do meu pai tem outra. E mesmo uma festa sendo no dia do natal e a outra festa no primeiro dia do ano, costumam ter um bom quórum.

Conto para o Thomas alguns tipos de festa que a minha mãe inventou para comemorar o aniversário dela e do meu pai e acabamos rindo da enorme criatividade que ela possui.

O domingo é realmente um dia que passa muito rápido. Almoçamos no shopping, pegamos o presente da minha mãe na joalheria, damos umas voltas para termos algumas ideias de presentes e partimos rumo à casa do Silas e da Michele para participarmos do lanche para o qual fomos convidados.

A Michele me conta, sob o olhar divertido do Silas, todos os detalhes do casamento da ex-namorada dele e me faz rir tanto que o meu maxilar fica dolorido; e quando o Thomas e o Silas começam a tocar violão, vou com ela para o quarto e revelo tudo o que o Thomas me contou sobre o jantar na casa da Amanda, e então é a vez dela de rir sem parar.

Depois de uma tarde muito agradável, Thomas e eu voltamos para casa. A minha cabeça está latejando, também estou com cólica, enjoada e com as pernas doloridas e a promessa de fazer o jantar do Thomas terá que ser esquecida.

Tomo um analgésico, e o meu marido é que fica responsável pelo jantar de domingo. Cochilo um pouco, mas o desconforto é tão grande que não consigo relaxar.

Tinha esquecido o quanto essa tal de menstruação me detesta e o quanto

sempre fez questão de me lembrar disso pouco antes de vir me fazer companhia. Pelo menos sei que quando ela aparecer melhorarei um pouco. O pior mesmo é o antes, o durante até que é suportável. E o antes é tão pior que, como se não faltasse mais nada, sinto uma náusea terrível e vômito. A danada da enxaqueca me perturba de maneira inclemente.

— Você está melhor, minha corujinha? — Thomas pergunta carinhosamente, e me faz rir.

— Corujinha? É isso que dá ficar conversando demais com o irmãozinho. O Silas contou para você como o Douglas me apelidou, agora terei que me vingar dele — continuo rindo.

— O Silas me disse que o Jonas e o Douglas adoravam colocar apelidos relacionados à cor dos seus olhos em você. — Ele ri.

— O Jonas gostava de me chamar de lobinha, também por causa da cor dos meus olhos, e às vezes de pantera. — Sorrio com essas lembranças. — Nunca soube se o Jonas e o Douglas estavam me elogiando ou me ofendendo.

— Os apelidos devem ter sido elogios. Os caras são veterinários, amam os animais, todos os elogios deles devem ser relacionados ao tema. — *O meu marido e a sua brilhante conclusão.*

— Pode ser, marido. E pensar assim me deixa mais conformada. — Gargalho.

— Os meus irmãos adoram uma provocação, são uns implicantes — ele diz e ri.

— Só os que se tornaram veterinários. — Volto a rir.

— O Lucas e o Silas nunca a provocaram? — pergunta interessado.

— Nunca. Acontece que o Jonas e o Douglas gostavam mesmo era de provocar o Nicolas, o irmãozinho caçula, que sabia que eu detestava apelidos e fazia de tudo para me defender.

— A velha e boa provocação entre irmãos da qual só comecei a fazer parte recentemente.

— O jantar está pronto? — indago, dando a conversa sobre apelidos e provocações por encerrada, porque o meu estômago começa a protestar.

— Está sim. Filé de frango à parmegiana, que a Maria fez e deixou no freezer e eu mesmo descongelei, arroz de ontem que encontrei na geladeira, e salada de hoje que acabei de preparar.

— Parece bem apetitoso. — Caio na gargalhada.

— E está mesmo. Trago a bandeja para cá ou descemos para jantar?

— Acho que consigo descer, preciso apenas de um colinho seu — faço manha.

— É para já. Vê como é vantajoso ser casada com um homem grande e forte? — pergunta e sorri lindamente.

— Grande, forte e modesto, o marido perfeito. — Volto a gargalhar, e a minha dor de cabeça se manifesta com mais intensidade.

Thomas me pega no colo e me leva até a sala de jantar. Sou colocada gentilmente sobre a cadeira e ele serve o meu prato, só falta colocar a comida na minha boca, e fico enternecida com o cuidado e o carinho dele. Quando terminamos de jantar, ele tira a louça da mesa e depois arruma a cozinha enquanto fico prostrada no sofá da sala.

Deitamos cedo, Thomas lê ao meu lado na cama e a luz da luminária me incomoda, mas desisto de reclamar porque as cólicas também me incomodam tanto quanto a dor de cabeça que não dá trégua. Na verdade, tem tanta coisa me incomodando no momento que uma luz à toa eu deixo passar. Infelizmente, demoro a pegar no sono. Depois de algum tempo tentando, consigo dormir.

— Bom dia. Como a minha esposa está se sentindo esta manhã?

— Bom dia. A sua esposa ainda está com sono — respondo, e o Thomas ri.

— Minha linda, preciso passar no hospital antes de ir para o consultório. Tenho que ver um paciente meu que será operado hoje, e não poderei acompanhá-la na nossa corrida matinal — fala baixinho passando a mão no meu rosto.

— Que bom, porque acho que estou sem condições de correr hoje, acabei de acordar e já me sinto péssima.

— Vou preparar um chá para você.

— Não, amor! Quando a Maria chegar ela prepara. Quero dormir mais um pouco.

— Está bem, mais tarde telefonarei para saber como você está — diz, e beija levemente os meus lábios.

— Não se preocupe, acho que de hoje não passa, a minha menstruação deve aparecer e quando isso acontecer ficará mais suportável.

— Que bom, porque estou começando a ficar bem preocupado, nunca a vi assim antes.

— Nunca viu graças à maravilhosa pílula anticoncepcional de uso contínuo. Que saudade!

— Pode esquecer, sem pílula mágica!

— Está bem, nada de pílula. Bom trabalho — digo, e ele me beija novamente e sai sutilmente do quarto.

Tento dormir mais um pouquinho, mas o meu desconforto é grande e desisto. Resolvo descer para tomar o café da manhã, acho que depois de comer alguma coisa conseguirei me sentir um pouco melhor.

— Ressaca de novo? — Maria pergunta enquanto prepara o meu chá.

— Pior. Aqueles dias — respondo aborrecida.

— TPM das bravas?

— Não, Maria, agora se trata mesmo do fato consumado. A dita cuja deu as

caras, presente de manhã de segunda-feira.

— Melhor assim porque quando chegar o final de semana já se livrou dela — diz e me entrega a xícara de chá fumegante.

— Tem razão, até fiquei mais animada.

Depois do chá com torradas consigo me arrumar para ir trabalhar. Capricho na maquiagem para disfarçar o visual zumbi que está me possuindo desde ontem e coloco um vestido azul escuro para evitar surpresas desagradáveis, porque passarei grande parte do dia sentada.

Do caminho de casa até o escritório tenho novamente a impressão de estar sendo seguida. Dessa vez um carro prata com os vidros escuros me segue do instante em que saio da minha rua até o momento que entro na garagem do prédio do meu escritório.

Será que estou ficando paranoica ou estarei mesmo sendo seguida?

## Capítulo VII

Chego ao escritório e começo a redigir uma petição, fico entretida nesta tarefa até ser interrompida pelo som do meu celular tocando.

— Alô. Eva Fiore falando.

— Bom dia, Eva. — Assim que escuto a voz, fico automaticamente irritada.

— O que você deseja, Amanda? — *Sou curta e grossa.*

— Não podemos conversar educadamente? — pergunta, e não sei se devo responder.

— Quem lhe deu o meu número de meu celular? A pessoa dos telefonemas anônimos? — interrogo, irritada.

— Alguns amigos do seu marido são meus amigos também, então ficou fácil descobrir — responde, e me força a não desligar o telefone.

— Estou realmente bastante ocupada, Amanda. Diga logo o que quer! — encurto a conversa.

— Farei um chá de bebê no próximo sábado e quero convidá-la.

— Por favor, envie o convite para o e-mail do Thomas que farei o possível para comparecer. — *Acho que a minha resposta irá surpreendê-la.*

— Você está aceitando o convite? — *Essa mulher é mesmo tão tapada quanto parece ou isso é alguma espécie de tática?*

— Agradeço o convite, só não sei se conseguirei estar em São Paulo nesse dia, mas, como disse antes, farei o possível para comparecer — digo educadamente.

— Você é mesmo muito debochada não é, Eva? — pergunta, e acho que vou começar a rir.

— Amanda, se não quer que eu vá não mande o convite, desligue o telefone e me deixe trabalhar — resumo e começo realmente a rir.

— Mandarei o convite, as minhas amigas adorarão conhecê-la — provoca.

— Adorarei conhecê-las também, se forem tão inteligentes quanto você o chá de bebê será bem divertido — dou o troco.

— Você não consegue engolir a minha gravidez não é, Eva? O fato de eu ter transado com o seu marido deve estar deixando-a louca. — *Caramba, a mulher é um gênio às avessas.*

— Gravidinha, não estou nem aí para você. Além disso, quando transou com o Thomas, se é que isso realmente aconteceu, ele ainda não era meu marido. E, pense só um pouquinho no que vou lhe dizer agora, nunca telefonei para você e nunca a procurei de nenhuma forma, então, fofa, não sou eu quem está enlouquecendo. É você que não consegue deixar de rastejar pelo Thomas. — *Conversar com a Amanda é realmente muito chato, uma perda de tempo*



*total* .

— Rastejar eu? Não me faça rir, Eva. Saiba que se eu não estivesse engravidado estaria comprometida agora com outra pessoa. Essa gravidez só me atrapalhou. Quando descobri a gravidez estava começando a aceitar as investidas do Benjamim, que é um excelente partido, bem melhor do que o Tom.

— E estar grávida a impediu como? — *Essa minha curiosidade!*

— É óbvio, Eva. Preciso estar próxima do pai do meu filho, precisamos dessa interação para educar essa criança de uma maneira equilibrada. Um menino precisa muito do pai. E o Benjamim jamais seria capaz de aceitar essa minha proximidade como Tom. Ele morre de ciúme dele. E faço questão de que o Tom e eu mantenhamos um contato bem intenso, que discutamos tudo a respeito da educação e cuidado do nosso filho, cada detalhe. Então, tive que dispensar o Benja.

— Você dispensou o Benjamim porque viu nessa gravidez a chance de se reaproximar do meu marido. Tenho certeza de que nunca se interessou realmente por outra pessoa, você é fissurada pelo Thomas, doente mesmo.

— Você é que é doente de ciúme, possessiva, não deixa o Tom chegar perto de mim. Sabe que sou muito mais bonita e interessante do que você, e que represento uma ameaça para o seu casamento. Vou logo avisando: se você pensa que vai afastar o Tom do filho dele pode esquecer, ele é pediatra, ama crianças, amará o filho e se tiver que escolher entre você e o filho, sabe quem perderá. Não é? — ela regurgita as palavras, e fico perplexa. A mulher é surtada, desisto de argumentar, não vale a pena, e desligo.

Demoro alguns minutos para conseguir voltar a me concentrar na petição que estava redigindo antes de ser interrompida. Primeiro, porque tenho uma crise de riso; depois, porque a capacidade intelectual que a Amanda demonstra ter me faz ficar bastante apreensiva com a classe médica. Mas me tranquilizo após refletir por alguns minutos e chegar à conclusão de que ela deve ter conseguido concluir o Curso de Medicina a base de muita “prova oral” e este pensamento cruel me faz rir um pouco mais.

Termino a petição, respondo o SMS que o Thomas me enviou e o asseguro de que estou melhor, participo de uma reunião interna e finalmente estou pronta para ir almoçar.

— Vanessa, estou indo almoçar na casa dos meus pais e devo retornar ao escritório apenas às quinze horas.

— Sem problemas, a sua agenda da tarde está bem tranquila — ela diz com seriedade.

— Que bom, detesto agendas nervosas — brinco, e ela começa a rir.

— Desculpe-me. Achei engraçado o que a senhora acabou de dizer.

— Fiz uma piadinha, Vanessa, se você riu é sinal de que me saí bem. — Pego a bolsa e deixo a sala sob o olhar apreensivo da minha eficiente secretária

que ainda não me conhece direito.

Chego à casa dos meus pais e agora tenho certeza de que fui seguida novamente. Um carro preto me acompanhou do escritório até a entrada da minha rua, e acho que o Thomas realmente tem algo a ver com isso. Ele deseja me proteger do Marco, quer evitar que ele se aproxime, só pode ser, não tem qualquer outra explicação. Vou esperar para ver se ele comenta algo a respeito e se não comentar, confrontarei o meu marido.

Aperto a campainha e quem abre a porta é o meu pai, coisa rara de acontecer. Fico muito feliz ao vê-lo corado e sorridente.

— Olá, vizinha, veio pedir uma xícara de açúcar? — brinca comigo.

— Não! Vim dar um abraço no homem maravilhoso que mora nesta casa. — Dou um abraço carinhoso no meu pai, e ele beija a minha bochecha.

— Cuidado, soube que a mulher dele é uma fera! — papai diz todo animadinho.

— E tem que ser mesmo. Um homem com lindos olhos azuis e bom de conversa deve ser muito assediado.

— Fui. Pretérito perfeito do indicativo do verbo ser. — Ele ri.

— Falando de mim? — Minha mãe aparece sorrindo.

— Oi, mamãe! Você está linda! — elogio sinceramente.

— Obrigada, filha — ela agradece e me abraça apertado.

— Cadê o Thomas?

— Está no consultório, papai, hoje o dia dele está complicado.

— Estávamos com muita saudade de você, filha. — A minha mãe me olha com ternura.

— Também estava com saudade.

— Quando você morava em São Paulo, Eva, nós nos víamos bem menos e conseguíamos manter a saudade controlada. Agora que mora bem aí em frente e nos vemos quase diariamente, se nos afastamos por qualquer motivo que seja, a saudade aperta. A convivência realmente estreita os laços — diz o meu sábio pai.

— Verdade, papai — concordo com ele.

— Filha, você está um pouco abatida, o que foi? — minha observadora mãe pergunta.

— Nada demais, estou naqueles dias, e você sabe como fico quando recebo essa visita.

— Ih, muito desconforto? — Ela me olha piedosamente.

— Muito, mas o pior já passou. — Sorrio.

— E o Thomas conseguiu sobreviver à sua TPM? — meu pai, sempre engraçadinho, questiona.

— Conseguiu, mas teve que lutar bravamente — respondo, e ele ri.

— Quero saber se finalmente fez o que lhe pedi? — minha mãe atravessa a conversa.

— Sim. Fiz o depósito hoje cedo, e a mala com as doações de roupa está lá em casa, pode pedir para o Moacir ir buscar.

— Ótimo, porque o bazar será no próximo final de semana.

— Podemos almoçar? Estou faminto — agora é o meu pai que atravessa a conversa.

— Quando é que você não está faminto, papai? Ainda bem que você é magro, senão...

— Minha querida, tenho estado ainda mais faminto ultimamente porque a sua mãe agora inventou que só comemos coisas naturais ou diet ou light — seu Guido protesta.

— Pare de reclamar, Guido, o médico deixou bem claro que você precisa melhorar a sua alimentação.

— O médico disse melhorar, Evinha, não extinguir — diz e ri.

— Ele está reclamando, minha filha, porque aboli do nosso cardápio as massas, as frituras, os doces, os embutidos e os enlatados — minha mãe explica.

— Que bom, porque assim vocês ficarão ainda mais saudáveis — eu a apoio.

— Mais saudáveis? — meu pai indaga indignado, olhando fixamente para a minha mãe.

— Sim, estou pensando na sua saúde, principalmente na saúde do seu coração — minha mãe responde e sorri.

— Então, vejamos se entendi a sua lógica. Você não quer que eu morra do coração, mas não se importa se eu morrer de fome. — Ele ri, e rio também.

— Ah, Eva, ignore o seu pai. Venha, vamos almoçar.

— Estou avisando, filha, melhor se preparar para passar na sua casa depois do almoço para fazer um lanche. A comida desta casa não alimenta nem um passarinho — insiste no assunto, e até a minha mãe começa a rir.

O almoço está ótimo, o meu pai reclamou à toa. Tem salada verde, legumes cozidos no vapor, creme de milho, arroz integral, feijão preto e filé grelhado. Acho que ele está mais indignado com a quantidade de comida que a minha mãe deixa que ele coma do que com o tipo de comida.

— Hoje só tem sobremesa porque você está aqui, filha — diz servindo-se pela segunda vez de uma porção generosa de salada de frutas.

— Não aguento mais ouvir as suas reclamações, Guido — minha mãe protesta.

— Vou vencê-la pelo cansaço, Evinha. — O meu pai olha para ela de um jeito desaforado.

— Será necessário deixarmos os assuntos gastronômicos um pouco de lado porque preciso conversar com vocês, tenho algo para contar — nem bem termino de falar e dois pares de olhos curiosos me encaram.

— Estou correndo o risco de ter uma indigestão? — meu pai questiona.

— Não, papai. Termine de comer.

— Sabe filha, é gula mesmo, vou ouvir a sua mãe e parar de comer enquanto posso. Essa salada de frutas quer atentar contra a minha vida. — Gargalha, e eu também.

— Podemos conversar na biblioteca? — pergunto.

— Sim, claro. Vamos, irei com você. — Minha mãe se levanta da cadeira e sai na frente.

— Também estou indo. — Meu pai fica de pé e vai atrás da minha mãe.

Entramos na biblioteca e nos sentamos, percebo que eles estão apreensivos, e sorrio para eles para que descontraíam um pouco, mas não consigo obter o efeito desejado.

— Não se preocupem porque os negócios estão indo muito bem.

— Sei disso, minha filha, fale logo — meu pai me interrompe.

— Vou relatar uma história e tudo o que penso a respeito dela. Peça que primeiro me ouçam ,depois estarão livres para manifestar qualquer tipo de opinião.

— De minha parte pode ficar tranquila — minha mãe garante.

— Tentarei me conter — meu pai fala com ar desconfiado.

Começo a narrativa e, enquanto falo, vejo o meu pai se remexer na cadeira e a minha mãe ficar absolutamente séria. Eles realmente se esforçam para me ouvir sem me interromper, mas a mudança na feição deles denota total e completa surpresa. Conto tudo, não omito nenhum detalhe e quando termino dou um longo suspiro.

— Muito bem, minha filha. Fico satisfeita que esteja conseguindo lidar com tudo isso sem se deixar abalar tanto. Você é uma mulher forte e sensata, o Thomas deve ficar realmente agradecido.

— Nem sempre é fácil, mamãe, mas estou tentando — confesso.

— Você está sinceramente convencida de que o Thomas não se lembra de ter dormido com essa Amanda?

— Ora, Guido, se ele tivesse se lembrado de ter dormido com a Amanda não estaríamos tendo essa conversa. Dormir não engravida ninguém. O problema é o que ele pôde ter feito acordado, isso sim — minha mãe diz com tanta naturalidade que tenho que rir.

— Ai, Evinha... Pare de implicar com o meu eufemismo — meu pai se irrita.

— Preciso acreditar no que ele diz, papai. Além disso, estávamos separados, ele poderia admitir que transou com a Amanda, porque eu não teria como condená-lo, pois transei com o Marco.

— Você estava transando com o Marco, mas o seu relacionamento com ele acabou sem maiores consequências. No caso do Thomas é diferente, porque um filho é para sempre — minha mãe expressa a opinião dela.

— Não estou tentando banalizar a situação, não foi essa a minha intenção

quando disse o que disse. Só tentei explicar que o ato sexual, não a consequência dele, no contexto do rompimento não seria algo tão grave.

— Entendi, Eva. Concordo com você. O seu marido é um homem inteligente e mesmo que não tivesse contado que dormiu, transou, deitou-se, fornicou, trepou ou algo do tipo com outra — papai provoca a mamãe — quando estavam separados, faria isso depois de confrontado. Ele tem bons argumentos, dados por você, para não ser punido por causa disso — infere.

— Sabe, papai, acho que no período em que estivemos separados, tanto eu quanto o Thomas, agimos como dois camicases. E agora só posso tentar suportar as consequências dos nossos erros, porque eu amo aquele homem com todas as minhas forças.

— Suportar e assumir dignamente as consequências dos erros que cometemos ou que inspiramos que outros cometessem é sempre o mais sensato a se fazer, minha filha — diz meu sábio pai com olhar terno.

— O problema é que eu sei que não sou uma pessoa tão evoluída a ponto de não sentir raiva, medo ou ciúme, também sei o quanto posso ser bem egoísta às vezes. Então, algumas brigas acontecerão, algumas disputas serão travadas e espero, de coração, que o meu marido e eu possamos passar por toda essa provação sem grandes traumas — confesso.

— Filha, você é uma pessoa especial. Uma mulher incrível, talentosa, amorosa e birrenta — minha mãe diz e ri. — Você só precisa aprender que na vida existem batalhas que precisam ser travadas com fúria e outras com amor, quando conseguir distinguir uma da outra, ficará bem mais fácil a vida para você e com você. — Ela volta a rir.

— Preciso urgentemente aprender a fazer essa distinção entre as batalhas. — Gargalho.

— Eu poderia dizer que estou decepcionado com o Thomas, porque ele sabia que não devia beber. Ele teve problemas por causa da bebida, mas mesmo assim se embriagou até perder a memória. E o pior é que talvez tenha feito sexo sem proteção. Contudo, não consigo sentir pelo meu genro qualquer sentimento que não seja bom. E isso porque ele me cativou profundamente ao amar a minha filha de uma maneira tão completa, plena e envolvente. Ele merece de mim o meu apoio, a minha compreensão e alguns conselhos, claro — meu pai diz com os olhos úmidos.

— Guido, acho que está na hora de contar para a Eva como foi o período em que o Thomas esteve hospedado conosco quando estava separado dela. Conto eu ou conta você? — dona Evinha pergunta com a carinha de mulher prática que ela tem.

— Você irá resumir demais, Evinha. Conheço a sua objetividade. Deixe que eu conte, sou mais dramático. A Eva precisa entender a proporção do estrago que ela quase causou na vida deles.

— Finalmente saberei sobre os bastidores do plano que fez com que me tornasse a senhora Chapman — digo em tom de brincadeira.

— Acho que não, filha. Finalmente você saberá o que quase perdeu — mamãe fala muito séria, e estremeço.

— Eva, quando resolveu que iria se casar com o Marco, decidi que não permitiria que isso acontecesse. E não me importa o que pense a respeito disso, sou ou seu pai, conheço você, e sei que quando se vê diante do sofrimento se transforma em uma guerreira implacável. E aí, salve-se quem puder! O que eu temia era que a pessoa mais atingida nisso tudo fosse você mesma. Sendo assim, resolvi interferir. Acho que já sabe que conversei com o pai do Marco, o Donato.

— Sei sim, pai.

— Usei com ele os meus melhores argumentos e combinamos que afastaríamos o Marco de você e vice-versa. Acertamos que não permitiríamos que esse casamento acontecesse; selamos um compromisso — continua.

— E você resolveu fazer isso mesmo antes de saber que o Thomas queria voltar para a minha vida. Correto? — eu o interrompo.

— Mesmo antes, verdade. Porque sou um homem vivido, experiente, que pode dizer que conhece a natureza das pessoas, e sabia que o Thomas ir atrás de você, ou você ir atrás do Thomas era só uma questão de tempo. Tempo esse que você não estava disposta a esperar. Eu contava como certo que o seu arrependimento seria a maior dor que você carregaria na vida se se casasse com o Marco e o Thomas a procurasse depois se declarando. E resolvi protegê-la de você mesma. Os pais às vezes fazem isso, usam o poder premonitório que têm para salvar os filhos de enrascadas. — Ele sorri e me analisa.

— Pois bem! Continue. — Sorrio também e admiro o semblante do meu amado e sábio pai.

— Quando o Thomas brigou com o Marco e saíram aos socos e a sua mãe os separou, ela conversou com ele sobre a situação de vocês, sobre a minha indignação com a união que você queria promover com o Marco, e sobre os sentimentos dele. Foi uma conversa breve, e ela pediu que ele viesse até mim.

— Quando vi os seus olhos indo do Thomas para o Marco no momento em que eles estavam brigando, quando percebi a maneira que os seus olhos sempre se focavam no Thomas e vi a dor estampada neles, soube que o Marco precisava sair de cena para que você voltasse para os braços do seu amor. Depois que conversamos, o Marco, você e eu, tive certeza absoluta de que o seu pai estava certo e resolvi ajudá-lo a separá-la do Marco — minha mãe se manifesta, e permanece calada.

— Naquela mesma noite, o Thomas tornou-se nosso hóspede. Naquela mesma noite pude constatar que o sofrimento dele por estar longe de você era gigantesco. A dor dele era tão avassaladora que me fez chorar abraçado a ele — meu pai diz com a voz embargada pela lembrança.

— Vá logo para a parte que interessa, Guido! — dona Evinha protesta e o meu pai olha para ela e faz careta. *Tive que rir.*

— O Thomas, minha filha, passava os dias pensando em maneiras de tocar o seu coração. Planejou uma serenata, escreveu cartões, escolheu buquês, selecionou músicas, viu fotografias suas. Mas isso você, com certeza, sabe. O que você talvez ainda não saiba é que ele chorou escondido todas as noites, os olhos vermelhos e inchados o denunciavam pela manhã. Ele leu os livros que estavam no seu quarto, dormiu na sua cama abraçado a sua camisola, e ouviu de mim e da sua mãe várias histórias a seu respeito. Contamos como sempre foi uma pessoa forte e decidida; como sempre foi amorosa e boa com as pessoas que ama; como sofreu quando perdeu o Nicolas; como quase a perdemos por causa da sua incapacidade de pedir ajuda quando estava muito mal; como se reergueu depois desse sofrimento todo e; principalmente, o quanto sentimos que você o ama e precisa dele — meu pai explica e fico sem ar, a emoção me invade.

— Eva, o Thomas longe de você ficou desequilibrado e você, quando se afastou dele, perdeu toda a sua capacidade de discernimento. Juntos, vocês são perfeitos... A emoção latente dele e a sua racionalidade encaixam perfeitamente. E o melhor, estando com ele, o seu lado mais doce e terno se manifesta. É lindo vê-la olhando para ele, é lindo ver como lhe dá prazer cuidar dele. E tanta cumplicidade entre vocês faz com que o Thomas se solte e seja o homem encantador que ele gosta de ser. Aquele homem é romântico, bom, prestativo, honesto, sensível e nos fez aprender a amá-lo. Se você não tivesse aceitado o pedido dele de casamento, eu teria dado uma surra em você. A primeira que lhe daria na vida, mas a mais merecida — mamãe diz, ri e me encara carinhosamente.

— O Thomas me permite ser do jeito que sou, e me estimula a me mostrar completamente. Até o lado mais frágil, aquele que sempre escondi de todos, estou permitindo que ele conheça. E o que me deixa mais feliz é que ele ama tudo em mim, o meu lado bom e o meu lado mau. É óbvio que uma parte da Eva que me tornei depois que tive que “renascer das cinzas” nunca deixará de existir, a mulher cabeça-dura que sempre fui também não, mas estou permitindo que a Eva sensível e doce que habita o meu ser se exponha.

— E você pode se permitir fazer isso, porque o Thomas não precisa que o arraste pela vida nem que decida o que fazer no lugar dele, nem que enfrente os problemas por ele, esse era o Nicolas. O Thomas necessita apenas que você corresponda o amor que ele oferta. Isso é suficiente para que ele faça qualquer coisa neste mundo por você, minha filha — papai diz, e choro. Choro intensamente.

— O meu marido me tem nas mãos, papai, sou toda dele, e ele sabe disso, mas é tão maravilhoso que não usa esse poder contra mim, muito pelo contrário — digo, chorando muito ainda, nem sei se eles conseguem me entender.

— Estamos falando tudo isso, querida, para que se sinta motivada a lutar sempre pelo Thomas, pelo casamento e pela felicidade de vocês. Ignore qualquer coisa que possa fazê-la perder esse seu grande amor. Você precisa entender a sorte que tem. O Thomas já sabe. Ele nos disse que encontrá-la o fez se encontrar e fazê-lo ser o homem que ele quer, gosta e precisa ser. Achei isso lindo — minha mãe se derrete e me abraça.

— Então, Eva, dê uma banana para essa Amanda! Se o filho for do Thomas será muito bem-vindo na nossa família. Vamos dar tanta atenção e amor para esse menino, que a mãe dele terá que se esforçar muito para que ele não prefira ficar conosco. Evinha e eu estamos loucos para ter netos, acho que seremos excelentes avós. Os pais da Amanda e o William terão que rebolar para se saírem melhor do que nós. — Papai ri alto.

— Vocês são demais! Como posso ser tão abençoada tendo tanta gente maravilhosa na minha vida? Como? — Ainda chorando saio do abraço da minha mãe e me abraço ao meu pai.

— Quem faz a seleção lá em cima deve achar que você merece ter esse time de primeira no seu campo — seu Guido diz, ri outra vez e escapo do seu abraço para olhar para a carinha de levado que sei que ele faz quando sai com essas tiradas.

— Filha, você terá que aprender a dosar força, paciência e amor porque, mesmo que estejamos ao seu lado, mesmo que o Thomas seja esse homem amoroso e apaixonado, os seus problemas estarão apenas começando se o exame confirmar o que essa moça, a Amanda, alega.

— Sei disso, mamãe. Sei de verdade. Pode ter certeza de que não me iludirei achando que saberei lidar sempre da maneira correta com essa situação. Meter os pés pelas mãos pode ser um hábito difícil de perder.

— Meu conselho: se o filho for do seu marido, trate-o como se fosse seu também. A criança não tem culpa de nada e não merece pagar pelo erro de ninguém. Amor nunca é demais, e as crianças são seres apaixonantes, merecem de nós todo respeito, carinho e atenção. Quando olhar para o menino tente enxergar o Thomas nele e ficará bem mais fácil. — *Seu Guido é mesmo um bom conselheiro.*

— Agora o meu conselho: nunca deixe essa Amanda ganhar espaço dentro do seu casamento, não permita que ela encha de ervas daninhas o seu lindo jardim. Se conviver com ela for inevitável, faça com que essa convivência seja boa, pelo menos da sua parte. Os sentimentos ruins não brotam em solo que é regado com amor, e ela ao se convencer de que nada afastará você do seu marido, seguirá o caminho dela. — *Dona Evinha também é boa conselheira.*

— Amo vocês dois, agradeço por serem tão maravilhosos comigo e por fazerem tanto por mim. Adorei os conselhos. Entendi que o modo como nos comportamos diante de um problema é que definirá o peso que ele terá em nossas vidas.

— Parabéns, Eva! Você entendeu o que é importante. Saiba também que o



casamento nem sempre é fácil, mesmo quando é bom. É preciso cultivar sempre os sentimentos que motivaram a união. Marido e mulher precisam ser cúmplices, amantes, amigos e, principalmente, honestos um com o outro. Conversem muito e constantemente. Dialoguem sobre tudo — minha mãe diz e olha para o meu pai.

— A sua mãe está certa, sempre. Uma dica que dei ao Thomas foi a de nunca discordar seriamente de você, filha. Um marido que costuma concordar com a esposa é sempre bem-tratado, amado e bajulado. Nunca será privado de atenção nem de sexo de primeira, garanto. — Meu pai gargalha.

— Papai, você é mesmo um homem inteligente e esperto. — Gargalho também.

— Até demais! — Mamãe ri e abraça o papai.

— O Thomas vai organizar uma reunião de família para contar essa história de uma vez só para todo mundo — esclareço.

— Antes do resultado do exame de DNA? — perguntam ao mesmo tempo.

— Sim, ainda esta semana.

— Podem contar conosco — minha mãe responde pelos dois e essa certeza dela de que o meu pai a apoiará em tudo o que se propõe a fazer, sempre me entenece.

— Obrigada, meus amores, agora tenho que voltar para o trabalho, depois aviso quando será a reunião.

— Fique bem, minha filha. — Meu pai me olha carinhosamente.

— Ficarei, papai. Sempre dou um jeito de ficar, pode confiar. — Beijo os meus pais e saio.

E eu que pensei que os dias fossem se arrastar, enganei-me.

Apesar dos problemas, a vida segue. O que me atormentava tanto semana passada agora quase não me incomoda mais. Os conselhos dos meus pais foram muito úteis. Saber que eles têm certeza absoluta de que o Thomas é a pessoa certa para mim, deixou-me mais segura ainda. Eles são ótimos avaliadores.

Acho que estou aprendendo a dar mais ouvidos àquela parte de mim que descobriu que algumas boas risadas evitam um montão de estresse. Saber rir das dificuldades da vida não é deboche, é estratégia.

Sei que algumas vezes não consigo me controlar e explodo, ou me irritado, ou falo coisas sem pensar, ou penso coisas que não falo. Mas, no geral, ando mais interessada em aproveitar as benesses do que os seus antônimos. Ter ao meu lado o homem que amo e que me ama é uma dádiva, porque faz a vida ficar mais fácil mesmo nos momentos difíceis.

Até aquela paranoia de estar sendo seguida passou, porque só podia ser paranoia mesmo, nunca mais, desde depois do dia que visitei os meus pais, achei

que estivesse sendo seguida.

Já é quinta-feira, a noite da reunião de família promovida pelo Thomas para contar sobre a gravidez da Amanda e sobre a possibilidade, aventada por ela, de que ele seja o pai da criança.

Ele conta para o William, para a Lucia, para os irmãos, cunhadas e para os meus pais tudo o que ele se lembra de ter acontecido e tudo o que a Amanda diz que acha que aconteceu, e todos ouvem com muita atenção.

Os meus pais se abstêm de dar opinião, pois eles já falaram tudo o que achavam que deviam falar sobre esse assunto para mim, e depois para o Thomas em uma visita que sei que fizeram para ele em segredo.

Recebo os olhares consternados das minhas concunhadas, e o apoio da Lucia, que também se solidariza com a “pobre Amanda”.

Depois que os irmãos do Thomas fazem as perguntas que também nos fizemos inúmeras vezes, mas não sabemos responder, o William encerra o assunto dizendo que um filho é sempre um presente divino e todos acabam concordando.

Os meus pais são os primeiros a sair, e os demais vão embora logo em seguida.

O meu marido, que parece mais aliviado, tranca a porta e o sigilo. Ele se vira, olha para mim e sorri daquele jeitinho suave e terno que o faz parecer um menino crescido, e me derreto.

— Como gostaria de saber o que aconteceu aquela noite, tenho feito um enorme esforço, mas não obtive resultado. Não consigo me lembrar de absolutamente nada relevante.

— Você já contou para a nossa família, agora só nos resta esperar. Vamos nos concentrar em viver as nossas vidas com a leveza que estávamos vivendo antes de a Amanda aparecer. Não se martirize porque isso não resolverá nada, ao contrário, só piorará as coisas.

— É que acho péssimo não saber o que fiz.

— Essa história toda quase me tirou do eixo, aborreceu, magoou, irritou e comecei a me preparar para agir conforme antigos padrões de comportamento. A tristeza e a infelicidade começaram o seu canto de sereia, e quase me deixei levar, mas resisti. Ando mais interessada em aproveitar os bons momentos e em ser grata por tudo que tenho: você, as nossas famílias, o meu trabalho, a nossa saúde, enfim, são tantas coisas maravilhosas permeando a nossa existência que desisti de me lamentar. Não vou prometer que o sofrimento não vai me atingir outra vez, não tenho como garantir que esquecerei o caminho do abismo, mas juro que vou me dedicar a aproveitar a promessa de felicidade implícita em cada dia.

— Que lindas palavras, esposa! Estou embevecido com o que disse! — Ele se aproxima e mordia o meu lábio.

— Sabe, Thomas... Tenho percebido que não tenho o menor talento para o drama. Quando estou sofrendo, choro demais e nas horas erradas, esqueço as

falas e confundo o roteiro. Resumindo, sou patética quando soffro. E mesmo tendo interpretado o papel de mártir durante um bom tempo, não fui capaz de melhorar a minha atuação. Então, nada mais de drama para mim. Se puder optar, vou sempre me deixar levar pelos bons sentimentos, mesmo quando tiver que me esforçar muito para fazer valer essa opção — digo e sorrio.

— Você está dizendo tudo isso para que eu entenda que não irá me apoiar no caso de que me deixe abalar pela paternidade não planejada e por tudo o que poderá advir dela?

— Sempre irei apoiá-lo, marido. Apenas tentarei evitar que o sofrimento nos assale. Quero estar bem, equilibrada e segura caso precise oferecer a você o meu ombro.

— Que resposta bonitinha e inteligente, esposa! — Ele abre o seu sorriso perfeito e fico maravilhada.

— Marido, o que está feito está feito. Se o filho for seu, paciência, vamos agir da melhor maneira possível para promover o bem-estar da criança. Se o filho não for seu, que bom! Vamos continuar vivendo a nossa vida e torcer para que a Amanda descubra quem é o pai do menino, esqueça-nos, e vá perturbar o coitado do dono do sêmen. Estou aprendendo que tudo na vida tem sua razão de ser e que às vezes é impossível enxergar, em meio à turbulência, a lição que deve ser aprendida. Mas uma hora ela se faz compreender, sei disso por experiência própria.

— Obrigado, minha linda, adorei ouvir o que disse. Você brilha quando está bem. Já lhe disse que é o meu farol, a sua luz me direciona sempre ao rumo certo.

— Cuidado, marido, não sou uma pessoa tão iluminada quanto diz. A penumbra às vezes me seduz e em certas ocasiões a escuridão total é capaz de me absorver completamente. Tenho tentado estar sempre com a bateria carregada para continuar emitindo a luz de que precisa. Contudo, não se iluda, porque este farol aqui sempre iluminará o caminho que o levará até ele. — Gargalho.

— E não existe outro caminho que eu esteja interessado em seguir. — Ele ri e me beija.

— Você não queria tanto que eu aprendesse a falar o que sinto? Não desejava que me expusesse mais? Como estou me saindo? — pergunto quando o nosso beijo gostoso termina.

— Eva, você é uma mulher incrível, e fico feliz que esteja se abrindo. Quando você fala o que sente, acho enriquecedor. Adoro ouvi-la, sempre deixei isso muito claro, não importa que seja falando, gemendo, sibilando. Amo os sons que emite e os significados que carregam. — Ele beija a ponta do meu nariz.

— Tenho notado a sua preferência pelos gemidos — digo e gargalho.

— Ah, os gemidos são música para o meu ouvido! — Gargalha também. —

Gostaria de apreciá-los agora mesmo. — O beijo na boca que recebo quase me faz perder o fôlego.

Como estou livre da famigerada menstruação, que chegou me arrasando, mas foi embora muito rápido, deixo-me levar. O meu marido e eu partimos do beijo para a nudez absoluta. Ele me leva para o sofá, sento sobre ele e o cavalgo sentindo-o me preencher completamente.

As mãos dele apertam a minha cintura, as minhas enlaçam o seu pescoço, o meu olhar está focado no dele e o prazer que sinto neste momento é mais do que físico. Os meus seios balançam, suo, latejo, gemo, e me contraio. Thomas me faz acelerar o movimento, geme e me olha com tanta volúpia, que transbordo. Quando o orgasmo chega, me vou, flutuo no éter, e a certeza de que somente o sexo impregnado de amor é capaz de me satisfazer e transportar para além de mim, me invade. O urro do Thomas me desperta para a realidade, ele goza, e é delicioso vê-lo manifestar a sua satisfação e o seu prazer, me encanto tão completamente que gozo outra vez, e é sublime.

— O seu corpo é o meu passaporte para outra dimensão — diz acariciando as minhas costas.

— Obrigada, meu amor. Você faz com que me sinta a mulher mais especial e mais satisfeita do universo. — Sorrio completamente feliz.

— Bom dia, Susana — cumprimento a secretária da Sara.

— Bom dia, Eva. Que bom que chegou! A Sara está esperando por você ansiosamente.

Fico intrigada com a observação da Susana porque costumo chegar ao escritório às sextas-feiras que venho para São Paulo, por volta das dez horas da manhã, e a Sara sabe disso. E, como ainda faltam dez minutos para as dez horas, não entendo a razão pela qual a Sara já está ansiosa para me encontrar. Desconfio que algo não vai bem por aqui hoje.

— Bom dia, Sara — cumprimento a minha compenetrada amiga que está quase desaparecendo por detrás da papelada da sua mesa de trabalho.

— Bom dia, Eva. Estava quase tendo um piripaque.

— O que foi que aconteceu que exige a minha presença de forma tão urgente?

— Uma mulher grávida, chamada Amanda, veio até aqui procurar por você — Sara explica, e fico irritada com a cara de pau da Amanda.

— E como ela conseguiu subir até aqui?

— Não faço a menor ideia. Acho que marcou com algum dos nossos advogados para conseguir que a deixassem entrar, e depois faltou à reunião marcada e subiu até aqui. O pessoal da segurança está verificando.

— Ela contou para você porque estava me procurando? — pergunto, visivelmente contrariada.

— Sim. Ela me disse que está esperando um filho do seu marido e que se vocês não passarem a tratá-la melhor procurará os jornais e as revistas sensacionalistas para falar sobre o assunto. Está prometendo arrumar uma grande confusão em torno do tema.

— Maravilha, só me faltava essa! A mulher acha que sou alguma pop-star! — digo indignada.

— Ela está tentando chantageá-los — Sara conclui aborrecida.

— Percebi. — Respiro fundo.

— O que você sabe a respeito disso? — Sara pergunta quando vê que não fiquei tão surpresa quanto ela achou que eu ficaria.

— Vou me sentar porque a história é longa, espero que tenha tempo para me ouvir.

— Claro, Eva. Esse assunto hoje tem prioridade. Não preciso dizer para você que uma fofoca dessas, mesmo se referindo a sua vida pessoal e apesar de você não ser uma celebridade do *show business*, pode abalar a nossa reputação. Quem confiaria em uma advogada tão ingênua que se deixou enganar pelo próprio marido?

— E o pior é que essa advogada é a dona de dois escritórios de advocacia, e sempre teve a fama de ser inteligente, competente e astuta — complemento.

— Notícias como essa podem passar a impressão de que você não é tão inteligente quanto parece. A fama de burra ou de coitadinha poderá começar a persegui-la e isso prejudicará os negócios dos nossos escritórios — Sara diz, expondo a sua preocupação.

— Concordo plenamente com você, Sara. Compreendo que a situação não é das melhores. O que temos que fazer agora é arrumar uma estratégia.

— Precisamente, Eva, mas comece a contar o que sabe, porque preciso conhecer o contexto para ajudá-la a pensar em como resolver isso.

— Antes de continuarmos com a conversa, telefonarei para o Thomas. Preciso contar para ele o que está acontecendo.

Sei que o Thomas deve estar com o primeiro paciente do dia, mas ligo para o celular dele, insisto, e ele atende preocupado.

— Oi, minha linda. O que foi?

— Sei que está ocupado, mas aconteceu algo extremamente desagradável e preciso que fale comigo agora.

— Só um instante — diz, e acho que está indo para algum lugar onde possa falar comigo mais à vontade. — Pronto, pode falar.

— Doutor, a Amanda está ameaçando procurar a imprensa para tornar público que você é o pai do filho dela. Veio aqui no escritório e conversou sobre isso com a Sara. Acontece que a minha reputação está diretamente ligada à reputação da empresa, e ser considerada uma pessoa fácil de ser enganada pode colocar em xeque a credibilidade da Fiore Advogados & Assessoria Jurídica.

— Que inferno! Quem é que se interessa tanto pela vida particular dos outros a ponto de perder tempo publicando uma coisa dessas?

— A imprensa sensacionalista. E só existe quem se digne a publicar esse tipo de coisa porque tem gente que se interessa, e muito, pela vida alheia.

— Podemos explicar o que aconteceu. Esclarecer que estávamos separados e dizer que não sabemos ainda se o bebê é realmente meu filho — argumenta.

— Não, doutor. Dizer que o meu marido bebeu até perder a consciência e que não se lembra de ter feito sexo com a mulher que alega esperar um filho dele, também não seria de grande ajuda, acho até que piora tudo.

— O que faremos então? — Thomas pergunta parecendo nervoso.

— Pode deixar, pensaremos em algo por aqui. Como a Amanda me procurou em vez de procurá-lo, o problema agora é meu. Resolverei do meu jeito — alerta.

— Tudo bem, minha linda. Quando descobrir como vai lidar com essa situação, avise-me. Quero estar preparado, porque se a Amanda não conseguir afetá-la, tenho certeza de que tentará me afetar.

— Manterei você informado.

— Esposa?

— Sim, marido.

— Como você está?

— Preocupada. — *E com os instintos assassinos à flor da pele.*

— Por favor, me desculpe.

— Ok, doutor.

— Perdoe-me. Estou muito constrangido por estar lhe causando todo esse transtorno.

— Tudo bem, Thomas, não sofra por causa disso. Preciso desligar, mais tarde conversaremos sobre esse assunto.

— Um beijo.

— Outro, amor — respondo e desligo.

Suspiro longa e profundamente e espero a Sara retornar, ela saiu assim que iniciei a conversa com o Thomas.

— Você está sendo procurada, não atenda o celular. A Amanda está telefonando sem parar — Sara diz ao entrar na sala, mais parecendo um furacão.

— Essa não! — reclamo.

— Pronta para o seu relato? — pergunta interessada.

— Sim. Sente-se porque, como disse antes, a história é longa. E chata. — *E já estou ficando cansada de falar sobre esse assunto.*

Faço um resumo sobre o que sei a respeito da gravidez da Amanda para a Sara. Ela me ouve com atenção, e percebo que faz algumas anotações enquanto falo.

— Tudo isso me parece bem sem nexos, Sara. Mas como advogada, sei que fica mais fácil tecer considerações coerentes a respeito de qualquer assunto após examinar as provas, e a prova cabal será o resultado do exame de DNA — digo

ao terminar o relato.

— Acho que a primeira providência que deve tomar é aceitar receber a Amanda e ser dura com ela, do jeito que a Eva advogada e empresária costuma ser — sugere.

— Você está certa. Tinha me disposto a tentar ser paciente com a Amanda. Não queria criar atritos, porque pode ser que ela esteja mesmo esperando um filho do meu marido, e a convivência poderá se complicar no caso de que eu a enfrente abertamente. Mas como ela decidiu me enfrentar primeiro, terei que impor limites e mostrar quem realmente sou quando estou defendendo o meu território.

— Muito bem, amiga, estou apoiando você incondicionalmente. Essa história da Amanda é um tanto inverossímil, e sem o teste de DNA ela não tem como provar nada do que diz.

— Ótimo ponto, Sara. Lembrarei isso quando for conversar com ela. Agora, por favor, peça para a Susana dizer para a Amanda, quando ela voltar a telefonar, que estou aqui no escritório, e com a agenda livre.

— Pode deixar. Farei isso agora mesmo — Sara concorda e sai da sala para fazer o que pedi.

Apesar de achar que seria procurada imediatamente pela Amanda, isso não acontece. O dia transcorre ligeiramente tenso. E, como de costume, quando estou por aqui, estou cheia de trabalho e reuniões.

O telefone toca e a Sara, que está tratando de alguns assuntos comigo, atende. Percebo que está falando com a Susana e que fica ligeiramente contrariada.

— Eva, a Amanda está aí fora querendo falar com você. A Susana a deixou subir conforme minha orientação — Sara me avisa quando desliga o telefone.

— Finalmente ela veio me confrontar, estava ficando ansiosa. Eu a receberei e prefiro fazer isso sozinha.

— Pedirei para que ela entre. Estarei na sala ao lado, se precisar de mim é só chamar.

— Obrigada, Sara.

A Amanda entra pisando firme e com cara de poucos amigos, eu a observo e noto que está bastante nervosa.

— Boa noite, Amanda — cumprimento-a calmamente.

— Você é uma grande filha da puta, Eva Fiore! — exclama.

— Como você chegou a uma conclusão dessas se nem somos irmãs? — provoco-a.

— Não se faça de besta, Eva! Que negócio é esse de que não poderá comparecer ao chá de fraldas para o qual a convidei? Recebi a montanha de pacotes de fraldas e o cartão que me mandou. Você e o seu marido acham que dinheiro compra tudo? Estava tentando estabelecer um relacionamento mais amistoso com você, afinal será a madrastra do meu filho! Pelo menos suponho

que será. Claro, se permanecer casada com o Tom — diz, destilando veneno.

— Como não poderei comparecer, quis ser gentil e enviei as fraldas. Você pediu dois pacotes, mandei uma caixa com dez pacotes, nada de montanha de fraldas. O Thomas disse que um recém-nascido usa muitas fraldas diariamente e achamos que quanto mais pacotes ganhasse, melhor.

— Você quis me humilhar. Isso sim!

— Amanda, deixe de drama. Você quer é arrumar um escândalo, fazer uma cena e está procurando um motivo. Sou uma mulher inteligente, sei que está fazendo de tudo para me provocar e não me deixarei envolver por você — falo e observo a reação dela.

— Não estou querendo provocar ninguém, convidá-la foi uma maneira de tentar me aproximar de você. O Tom demonstrou que só faz o que você deixa — ela rebate rapidamente.

— O Thomas não faz apenas o que eu deixo, ele respeita a minha opinião — continuo sendo educada, quero ver o quanto conseguirei suportar até ela me tirar do sério.

— O dinheiro compra muito mais do que fraldas mesmo. Consegue, inclusive, comprar um homem — ela diz, e agora sim consegue me fazer perder a paciência.

— Não irei ao chá de fralda e não quero me relacionar com você de forma alguma, desista, Amanda. Deixe-me em paz antes que eu seja forçada a usar de meios mais diretos para fazer você se manter longe de mim e do meu marido — ameaço-a.

— Estou pensando em ir à imprensa e contar a minha história. Quero que saibam o quanto a poderosa Eva Fiore é burra e o quanto o marido dela é um aproveitador. Também deixarei bem claro que estão me tratando com muita hostilidade e que acho que o meu filho sofrerá nas mãos de vocês — ameaço.

— Você pode provar o que diz?

— Como assim? — devolve a pergunta, espumando de raiva.

— Pode provar que o Thomas é o pai do seu filho?

— Estive no apartamento do Tom e engravidei nesse dia.

— Você tem como provar que transaram? Pelo menos se lembra de terem feito isso?

— Não preciso provar nada. O resultado do exame de DNA é que vai provar que estou dizendo a verdade. Vou procurar a imprensa e contar que o Tom é o pai do meu filho e que você está furiosa com tudo isso. Vou humilhá-la publicamente.

— Então, Amanda, é melhor você falar com a imprensa apenas quando tiver o resultado do teste de paternidade em mãos. Antes disso você não tem como sustentar a sua afirmação. A sua reputação também correrá risco, não ficará nada bem para uma médica ter bebido tanto a ponto de ter amnésia



alcoólica e não se lembrar do momento em que ocorreu a concepção do seu filho. E o pior é que foi você quem procurou pelo Thomas e se ofereceu, mas não sabe com certeza se foi ele quem aceitou a oferta.

— Você está insinuando que posso ter transado com outro homem naquela noite em que fui ao apartamento do Tom? — pergunta muito indignada.

— Estou. Além disso, a concepção pode ter ocorrido na noite em que encontrou o Thomas ou na anterior ou na seguinte. Só você sabe o que andou aprontando, quer dizer, talvez nem mesmo você saiba — incito-a.

— Não perca o seu tempo tentando me ofender, sei o tipo de mulher que sou, e você não conseguirá me desmoralizar. No entanto, posso muito bem acabar com a sua vida — esbraveja.

— Estou até vendo a notícia sendo veiculada: Amanda Lopes, a mulher que diz estar grávida do marido de Eva Fiore, estava completamente bêbada quando ocorreu a concepção e não consegue afirmar com certeza se teve realmente uma relação sexual com Thomas Chapman, com outro homem ou com outros homens. A doutora Eva Fiore diz que Amanda Lopes é uma mulher desequilibrada e que precisa urgentemente de acompanhamento psiquiátrico — imito uma âncora de telejornal enquanto ela me fuzila com o olhar.

— Pode falar o que quiser ao meu respeito, mas terá que se retratar quando o exame de DNA comprovar o que digo.

— O resultado do exame de DNA poderá comprovar a paternidade, mas não anulará a imagem que a minha assessoria de imprensa propagará de você, de que é uma mulher irresponsável, bêbada e louca. Além disso, se armar o circo, não gostaria de estar na sua pele caso o resultado do exame seja negativo, porque irei processá-la e usarei de todos os meus recursos para tirar até o seu último centavo.

— O filho é do Tom.

— Prove.

— O exame vai provar — berra.

— Cadê o exame?

— Ainda não foi feito — berra novamente.

— Então, você não tem nada. Vá à imprensa, e juro que irei destruí-la publicamente. Você não faz ideia do quanto posso ser extremamente fria e calculista quando necessário, e você já abusou demais da minha paciência, Amanda.

— Você é uma mulherzinha metida que nasceu em berço de ouro e que se acostumou a ser mimada por todo mundo, inclusive pela imprensa. Quero que saibam que você não é nada, que o seu marido adorado, que você comprou com o seu dinheiro, engravidou outra mulher.

— Amanda, não sei o motivo pelo qual você corre tanto atrás do Thomas, se o conceito que faz dele é tão ruim.

— O conceito que fazia dele mudou desde que percebi que ele se vendeu para você.

— Você acha que ele é um interesseiro e um oportunista e, mesmo assim, vai colocar no seu filho o nome dele?

— Vou, porque ele é o pai.

— Grande explicação! — *Sou irônica* . — Você precisa mesmo é deixar esse despeito todo de lado e ir cuidar da sua gravidez. O rancor e o ódio que está exalando devem estar fazendo mal para essa criança. A gravidez deveria ser um momento especial na sua vida, não me faça torná-lo completamente insuportável, evite a imprensa que será melhor para todos nós.

— Odeio você, Eva — declara com muita raiva e se aproxima de mim.

— Você é uma figura anônima, Amanda. Não é por você que a imprensa se interessaria, o alvo seria eu. A sua gravidez seria um meio para me atingir e não irei lhe proporcionar os seus quinze minutos de fama. Se você se pronunciar ou se alguma pessoa fizer isso sob o seu comando, prometo que lhe darei motivos para justificar o seu ódio por mim. Agora saia da minha frente antes que eu peça para um segurança conduzi-la até a saída.

— Não tenho medo de você, Eva — Amanda me encara.

— Aceite um precioso conselho, tenha e muito! — grito, e a encaro também, com tanta raiva que ela se retrai.

— Você vai me pagar, Eva! Pode não ser tão logo quanto eu queria, mas você vai ter o que merece! — a víbora tenta me assustar.

— Eu já tenho o que mereço, Amanda. E é isso que causa um despeito danado em você! AGORA SAIA! SUMA DA MINHA FRENTE!

Ela sai batendo a porta, e respiro fundo. Chega de tentar não levá-la a sério, cansei de alimentar essa necessidade da Amanda de chamar a minha atenção. Ela me perturba muito mais do que ao Thomas, acabei de perceber que ela tem tanta inveja de mim que não consegue me deixar em paz, mas hoje foi a gota d'água.

— Tudo bem, amiga? — Sara entra ressabiada, segurando uma xícara fumegante.

— Café? — pergunto esperançosa.

— Chá de camomila — responde e ri.

— Vou aceitar. — Sorrio.

— A Amanda parecia bem exaltada.

— Bastante. — Dou um gole no chá quente.

— Você acha que ela dará com a língua nos dentes?

— Acho que ela entendeu o recado que dei, não acredito que tenha coragem de expor o Thomas e a mim depois das ameaças que fiz, pelo menos não antes de estar munida do resultado do exame de DNA.

— Que bom, talvez tenhamos um pouco de sossego até lá. Você se lembra

do dia em que eu lhe disse que se não quisesse viver perigosamente deveria correr do Thomas, e rápido?

— Perfeitamente, até tentei fugir dele, mas não consegui, ainda bem. Amo aquele homem e estar com ele me proporciona mais bônus do que ônus. Sou tão feliz sendo a esposa dele que nem uma grávida tresloucada consegue fazer com que eu me arrependa de tê-lo em minha vida.

— Ah, o amor é lindo! — exclama com uma vozinha melosa. — Você quer que eu a leve para casa?

— O Thomas virá me buscar mais tarde.

— Melhor pedir para ele ir direto para o apartamento dos seus pais. Levarei você, assim não precisará ficar esperando e aproveita para descansar um pouco antes de conversarem.

— Está bem, obrigada. Enviarei uma mensagem para ele avisando que você me levará.

Sara me leva para casa e, durante o caminho, resolvemos que a nossa assessoria de imprensa deverá ser informada sobre a ameaça da Amanda para se preparar no caso de que eu tenha que rebater as acusações dela. A minha querida amiga Sara se dispõe a tratar do tema ainda hoje com a Lorena, a chefe da assessoria, e fico profundamente agradecida pela sua preocupação e cuidado.

## Capítulo VIII

Chego ao apartamento dos meus pais e resolvo tomar um demorado banho de banheira. Nada melhor para relaxar uma mulher que passou o dia todo estressada.

Estou tão cansada que poderia deitar e dormir agora mesmo, não me interessa que sejam apenas oito horas da noite, adoraria me entregar a uma cama fofinha, e só não faço isso porque o Thomas deve estar chegando e preciso conversar com ele.

Evito ligar o computador, vou esperar a poeira baixar antes de voltar a ler os meus e-mails, não quero me deparar com nenhum da Amanda. Também passarei o final de semana com o telefone celular desligado, desejo não ouvir mais a voz dela durante um bom tempo, e espero que a maluca volte a viver a sua vida sem se meter mais na minha.

O apartamento está vazio e silencioso, a empregada dos meus pais já foi embora, e caminho até a biblioteca para procurar algum livro inspirador.

Percorro as estantes abarrotadas, tudo está tão meticulosamente organizado que dá até pena de mexer. Sempre me sinto completamente em paz dentro de uma biblioteca ou de uma livraria, parece que tantas histórias reunidas têm o poder de me transportar para longe da minha própria história.

Ultimamente tenho lido menos do que gostaria, acho que o hábito que o Thomas tem de ler para mim o livro que está lendo, ou de me contar a história toda do livro quando termina de ler, deixou-me um pouco preguiçosa.

— Uma mulher linda e seminua, perdida em seus pensamentos, cercada de livros, isso para mim é que é uma imagem inesquecível — Thomas diz, despertando-me dos meus pensamentos.

— Olá, marido! Você chegou de mansinho, hein? — Sorrio.

Fico um pouco perturbada com a aparência do Thomas. Ele está com os cabelos bagunçados, acho que coçou a nuca vigorosamente algumas vezes, também está com a roupa amassada, o olhar cansado e a pele um pouco engordurada. Definitivamente, nunca o vi assim antes, mas mesmo em completo desalinho, o meu doutor é tão bonito que faz o meu coração apertar.

— Se você estivesse tocando violão, pensaria que adentrei no paraíso — diz, e reparo um pouco de tristeza na voz rouca dele.

— Quero um beijo, marido, senti a sua falta o dia todo.

— Ah, Eva... Não mereço você! — Ele se aproxima de mim e nos beijamos suavemente.

— Parece que o seu dia foi terrível. A Amanda o perturbou tanto assim? —

pergunto, e o conduzo para o bellissimo sofá de couro da biblioteca dos meus pais, nós nos sentamos, e me recosto em seu peito.

— Ela ligou para o consultório e a minha secretária disse que eu não queria falar com ela, deu exatamente o recado que pedi, e a Amanda acabou desistindo.

— Que bom!

— Agora me diga você como lidou com a situação — pergunta, e a voz dele treme.

— Vou contar a estratégia que adotei.

Efetuo um relato para o Thomas sobre a visita da Amanda ao meu escritório.

— Quanto estresse, minha linda.

— Tenho que concordar que o dia foi bem estressante.

— Quase enlouqueci imaginando uma maneira de me desculpar com você e nada do que imaginei me pareceu razoável. Por causa do que eu possa ter feito, você poderá ser exposta. Logo você, que sempre foi tão discreta, que sempre se preocupou tanto com a reputação da sua família. Além disso, detesto pensar na humilhação pela qual está passando.

— Ora, Thomas. — Começo a rir. — Realmente não desejo que a Amanda fale com a imprensa por causa da reputação da minha empresa, mas se ela fizer isso, paciência, porque nada do que digam ou escrevam a nosso respeito poderá me abalar de verdade. Conheço o contexto e sei que você nunca tentou me enganar ou me trair, também sei o quanto somos felizes e o quanto é leal e verdadeiro comigo. Eu te amo e descobri, principalmente, por causa de tudo o que passamos, que nenhum sentimento pode ou deve ser maior do que o amor. Se for preciso, saberei me defender e lutar pela minha dignidade.

— Nenhum sentimento pode ou deve ser maior do que o amor, isso mesmo, minha amada esposa. E por causa desse sentimento gigantesco que sinto por você é que, apesar de passar o dia sendo tentado, consegui resistir e estou aqui com a luz que me faz odiar a escuridão dos buracos negros da minha alma, que pensei que nem existissem mais.

— Oh, Thomas! Não se martirize tanto! Já lhe pedi isso. As coisas ruins só existem para que as coisas boas nunca percam o seu real valor.

— Você é tudo de bom na minha vida. Na verdade, você é a minha vida — declara e beija o topo da minha cabeça.

— Você falou que pensou que os buracos negros da sua alma nem existissem mais, o que me faz concluir que se deparou com eles novamente. Nunca conversamos muito a respeito desses tais buracos negros, mas o meu abismo foi tema de diversas conversas, sendo assim, me sinto no direito de saber um pouco mais sobre os buracos. — Gargalho.

— Esqueça isso. O seu amor tem feito um excelente trabalho de preenchimento desses buracos, acho até que estão quase tapados. Fiquei mal porque pensei que você ficaria muito chateada comigo por fazê-la passar por

essa situação constrangedora com a Amanda. Para ser sincero, fiquei pensando em como tudo isso tem sido desgastante para você e fiquei receoso de que considerasse a hipótese de que não valho tanto a pena. Achei que talvez alguém que bagunçasse a sua vida e ameaçasse os seus negócios pudesse ser dispensado, e me desesperarei.

— Você só pode estar brincando. — Mudo de posição no sofá e me viro para encará-lo.

— Por quê?

— Porque foi você quem me fez arrumar a bagunça da minha vida.

— Eu te amo — diz olhando dentro dos meus olhos.

— Eu te amo, e amo a vida que estamos construindo juntos. Como posso lhe agradecer por estar me fazendo descobrir que posso ser mais do que eu era?

— Você já era muita coisa, doutora. O meu papel não é tão importante assim na sua transformação. — Sorri.

— Nunca consegui compreender a mania que você tem de se considerar tão menos do que é.

— Passei por muita coisa. — Os olhos dele ficam turvos.

— Passou sim, doutor, mas consegui ser maior e mais forte do que todas elas. Você se tornou um homem valoroso, um médico competente e um excelente marido.

— Faltou colocar aí na sua lista que sou ciumento, possessivo, algumas vezes inseguro, e que não sei lidar muito bem com a frustração.

— Nada disso o faz ser menos maravilhoso. Porque não consegue entender isso?

— Porque sei de verdade quem sou. Existe um monstro dentro de mim que teima em se manifestar quando fico frustrado, triste ou com raiva. Você não o conhece muito bem porque amá-la o domesticou. Pensei até que ele estava bem manso, mas hoje nos encontramos outra vez e me assustei. Esse monstro adorava se esconder nos buracos negros da minha alma.

— Se estou tapando esses buracos, quer dizer que desapropriei o coitado?

— Engraçadinha! — Thomas ri.

— Passar o dia sendo tentado significa que sentiu vontade de beber?

— Uma vontade terrível de me embriagar e ir atrás da Amanda para dizer tudo o que penso a respeito dela.

— Ainda bem que não fez isso, Thomas — digo aliviada.

— Terminei de atender o meu último paciente às dezenove horas e, como não precisava mais ir buscá-la no escritório, resolvi que deveria comprar um buquê de rosas para você. Entrei no carro decidido a fazer isso, mas quando dei por mim estava estacionado na frente de um bar. Fiquei mais de meia hora dentro do carro lutando contra a vontade de ir até lá e beber.

— Fico muito feliz que tenha conseguido resistir, doutor.

— Só consegui resistir por sua causa, o seu rosto não saía da minha mente e não tive coragem de desapatá-la. Você nunca me viu bêbado, nunca viu o meu monstro interior de frente e sei que se o vir irá me detestar.

— Preciso saber o que o deixou tão mal, sei que não foi apenas a ameaça de exposição da nossa vida, pressinto que algo mais profundo ameaça se expor também. Percebi, assim que o vi, que está um pouco transtornado. Quero saber tudo, não me venha com eufemismos, abra as suas gavetas, doutor!

— Tenho medo de que passe a me ver como me vejo e se afaste de mim.

— Cale essa boca, homem! Sou muito mais esperta do que pensa e o conheço muito mais do que possa imaginar. E se você não saiu correndo quando passou a me conhecer melhor, quando desnudei a minha alma para você, é porque estamos fadados a ficar juntos por toda a eternidade. — Gargalho.

Thomas ri também, mas o seu olhar demonstra que está sofrendo, preciso saber o que tanto o aflige e o que alimenta de verdade esse monstro que ele disse que guarda dentro de si.

— Estou esperando, doutor, comece a falar, mas comece a narrativa desde a sua mais tenra infância porque tenho a sensação de que o seu passado tem muito a ver com a maneira como se enxerga e se avalia.

— E você acha que contar como foi a minha infância ajudará em alguma coisa? — ele pergunta muito sério.

— Em algum momento da sua vida você falou com alguém a respeito disso?

— Nunca. Você foi a única pessoa que me fez sentir à vontade para falar da minha infância complicada e da minha avó.

— E você acha que me contou muita coisa?

— Acho. — Passa a mão pelos cabelos, bagunçando-os ainda mais.

— Acredito que você sentiu muito a falta de uma mãe, que sofreu por não saber quem ela era e que se sentiu rejeitado. Imagino também que deve ter sido muito complicado lidar com um pai alcoólatra e mulhengo. Sei, porque sempre reafirma isso, que se não fosse a sua avó talvez você tivesse se perdido. Contudo, tudo o que acredito, imagino ou sei, tirei de conversas superficiais. Você jamais entrou em detalhes ou se aprofundou nos temas.

— Para quê? Você já sabe tudo sobre mim.

— Foi você quem me incentivou a me abrir e a falar mais a respeito de mim e dos meus sentimentos, e não acho justo que não faça o mesmo.

— Dói lembrar — resmunga.

— Talvez falar a respeito do seu passado com alguém que o ama, respeita e admira, e que promete se eximir de qualquer julgamento possa ajudá-lo. Quem sabe não descobrimos a origem desse monstro e o que o alimenta?

— Se descobrirmos o que o alimenta poderei parar de oferecer as refeições e ele morrerá. É isso que está tentando me ajudar a fazer?

— Precisamente! — Abro um enorme sorriso para tentar encorajá-lo.

— Talvez eu necessite de ajuda profissional.

— Se me prometer que procurará ajuda, deixarei você em paz.

— Não, minha linda. Sei que não conseguirei fazer isso, pelo menos não agora. Você é a pessoa em quem mais confio, e quero que seja a primeira a ouvir o meu desabafo. — Ele me abraça, e sinto que está um pouco quente.

— Quando estiver pronto, também estarei. — Aperto o meu doutor ainda mais em meus braços.

Thomas se afasta devagar, levanta, e caminha pela biblioteca. Eu o observo sem falar mais nada. Ele volta a se aproximar de mim, e senta na cadeira de leitura que está bem em frente ao sofá em que estou sentada.

— O Antonio adorava me maltratar, mas nunca contei para ninguém o que ele fazia comigo.

— O que ele fazia com você, meu amor? — Acho que preciso me preparar para o que irei ouvir.

— Ele me batia, batia muito. Batia todas as vezes em que estava bêbado. Quando eu era bem pequeno ele costumava puxar a minha orelha e dar tapinhas na minha cabeça, mas quando fiz cinco anos ele passou a me bater de verdade. Ele me espancava.

— Minha nossa! — *Estou consternada.*

— Nunca deixei que soubessem o que ele fazia comigo porque ele me dizia que se eu contasse para alguém me tirariam dele e me levariam para um orfanato. Com medo de que isso acontecesse, sempre o protegi.

— Agressor de criança é sempre um chantagista — digo, indignada.

— E criança é tão inocente que facilita o trabalho do manipulador — diz com a voz embargada.

— Mesmo sem você contar, ninguém desconfiou de que você sofresse maus tratos? Nenhuma das muitas namoradas que ele teve presenciou isso?

— Ele nunca me bateu na presença de outras pessoas, sempre fez isso quando estávamos sozinhos e apenas quando estava bêbado. Não sei se alguém desconfiou, o que sei é que nunca alguém fez algo a respeito.

— Acho que nem a Lucia sabia disso — penso alto.

— Imagino que não — concorda com o olhar frio e perdido.

— Ninguém viu os hematomas?

— Não, eu os escondia muito bem.

— E ele batia em você por quais motivos?

— Ele me batia simplesmente porque eu existia. Cansei de ser acordado de madrugada aos tapas e pontapés por um Antonio bêbado. O pior não eram as surras, o que mais me machucava era a agressão psicológica.

— Como assim?

— Ele me humilhava, ofendia e desprezava. Esse tipo de coisa ele fazia até



quando estava sóbrio.

— Explique melhor — peço, sentindo tristeza antecipada pelo que acho que me contará.

— Nada do que eu fazia era bom. Ele sempre me criticava e xingava. Dizia o tempo todo que eu era um idiota metido a inteligente, que só me considerava bonito quem não me conhecia de verdade, que eu era horrível por dentro, um incompetente, um inútil, um fraco. Que a minha mãe não me quis porque eu era um lixo. Nem tenho como enumerar todos os adjetivos pejorativos que ele usava para me denominar diariamente. — A voz do Thomas fica ainda mais embargada.

— Estou completamente chocada, meu amor!

— Aos nove anos, eu me revoltei. Os maus tratos físicos e psicológicos estavam me enlouquecendo. Então, uma madrugada, depois que o Antonio quase quebrou o meu braço, comecei a beber os restos de bebida das garrafas que ele deixava pela casa. Passei a fazer isso sempre que me sentia frustrado ou magoado. Comecei a brigar na escola e na vizinhança, e a enfrentar o Antonio. Quando ele vinha me bater eu tentava revidar, quando ele me ofendia eu o ofendia de volta. Também me lembro de que foi nessa época que teve início a tal febre emocional. O Tom não era mais um menino bom, inteligente e assustado, ele se tornou um monstrinho.

— A pior coisa que pode acontecer com uma criança é ser maltratada por quem deveria protegê-la.

— Concordo plenamente, minha linda. Agressor de criança é um covarde, sempre.

— O Antonio foi covarde e cruel. Não sei por qual motivo ele fez questão de criar você quando poderia muito bem tê-lo devolvido para a Lucia e se livrado do encargo.

— Desde que soube quem realmente sou, descobri o motivo pelo qual o Antonio, que me detestava, fez questão de me criar.

— Pelo dinheiro, não é?

— Sim, fui a galinha dos ovos de ouro dele.

— A sua avó foi morar com vocês quando você tinha dez anos, e foi aí que a sua vida mudou.

— Isso mesmo. Quando ela chegou, o Antonio estava um pouco doente e eu era quase um marginal. A chegada da minha avó foi como um refrigerio para a minha alma, ela cuidava de mim com tanto carinho e com tanta paciência que me deixei ser amado. Além disso, o Antonio não podia mais me humilhar ou agredir, porque ela estava sempre por perto e isso também fez a minha vida melhorar. E fui voltando a ser um bom menino e um bom aluno.

— Você só voltou a ser um bom menino porque a sua índole sempre foi boa.

— Pode ser, mas a minha avó teve um grande mérito nisso. Ela era uma

mulher simples e analfabeta, porém era uma pessoa incrivelmente sábia. Nunca vi alguém tão paciente e tolerante, nem tão amável. A dona Diva não sabia o que era maldade, ela era amor em estado puro e era tão boa para mim, que eu fazia de tudo para retribuir, e isso me transformou em um ser humano melhor.

— Agora compreendo perfeitamente a que se referia quando disse que a sua avó o salvou.

— A dona Diva foi um anjo para mim.

— Você nunca contou para ela que o Antonio batia em você e o humilhava constantemente?

— Não, o Antonio era filho dela e ela o amava também. Além disso, eu sentia muita vergonha só de pensar em falar a respeito desse assunto. Mas tenho certeza de que ela sabia que ele não era bom para mim, qualquer um que convivesse conosco saberia disso. Algumas vezes, inclusive, ela presenciou o Antonio me destratando, mas nessas ocasiões ele já estava bastante doente e ela dizia que a perspectiva da morte é que estava deixando-o transtornando.

Faço um enorme esforço para sorrir para o meu amado marido porque a minha vontade é de chorar. Estou muito comovida com tudo o que ele está tendo a coragem de me contar, porém me contengo para não fazê-lo parar de me contar a história da sua infância.

— Nunca entendi como uma pessoa tão maravilhosa como a minha avó podia ser mãe de uma pessoa tão perturbada quanto o Antonio — desabafa.

— Ainda bem que ela era completamente diferente dele.

— Ainda bem — concorda. — Foi a minha avó quem me disse que eu tinha dom para ser médico e do jeito simples dela me contou tudo o que um médico faz, despertando o meu interesse. Fiquei tão satisfeito em alguém achar que eu tinha talento para fazer alguma coisa que comecei a pesquisar a respeito e descobri que a Medicina era a profissão que queria seguir. Se antes era estudioso, depois disso me tornei um aluno muito mais aplicado.

— Por que ela achou que você tinha dom para ser médico?

— Talvez porque me interessava muito em cuidar da saúde dela que era hipertensa e diabética, ou porque aprendi, aos doze anos, a aplicar a injeção de insulina que ela se viu obrigada a tomar todos os dias. Acho que, inicialmente, foi mais um pressentimento do que uma constatação. Acredito que a constatação só ocorreu mesmo após o agravamento da doença do Antonio.

— Por quê?

— Porque o Antonio foi diagnosticado com cirrose hepática e a única alternativa que poderia salvá-lo, no caso um transplante de fígado, foi descartada pelos médicos tendo em vista o comprometimento de todo o organismo dele. Então, foi mandado para casa para esperar pelo inevitável, porque não fazia mais sentido para ele ficar internado no hospital.

— E como vocês cuidaram dele em casa?

— Um quarto da casa em que morávamos foi transformado em um quarto de hospital. O Antonio tinha, inclusive, duas enfermeiras que se revezavam para cuidar dele, mas acontece que mesmo muito doente ele não era nada fácil e se tornou muito complicado manter as enfermeiras. Elas não conseguiam suportá-lo por muito tempo. Sendo assim, a minha avó desistiu delas e passamos a nos revezar nos cuidados com o Antonio. Foi observando o modo como me interessava pelos medicamentos, pelos aparelhos e a maneira como eu conseguia colocar o soro na veia do Antonio sempre que era preciso, que ela chegou à conclusão de que eu deveria ser médico. Ainda bem que eu já concordava com a opinião dela.

— Quantos anos você tinha quando ela constatou o seu interesse e as suas habilidades?

— O meu interesse ela reparou quando eu tinha uns onze anos, e as minhas habilidades lá pelos quatorze. Com quatorze anos de idade eu cuidava do Antonio quase sem a ajuda de ninguém.

— O menino que o Antonio chamava de inútil passou a ser muito útil para ele — digo, tentando segurar a emoção.

— Eva, nunca contei para ninguém nada do que estou contando para você e estou me sentindo muito mais leve ao fazer isso, obrigado, mas existe algo que sempre me corroeu por dentro e que jurei jamais contar a quem quer que fosse. Pretendo quebrar o meu juramento e vou contar para você agora o que fiz. Corro o risco de que perceba que não sou tão bom quanto pensa, porém mesmo assim quero me abrir. Comecei a falar e não consigo parar.

— Eu é que agradeço muito por estar me contando tudo isso, doutor. Por favor, desabafe.

— Desde que recebeu o diagnóstico de que tinha cirrose hepática o Antonio foi orientado a abandonar a bebida, mas fez isso apenas por um curto período de tempo porque depois começou a beber escondido.

— O Antonio era mesmo um inconsequente — penso em voz alta.

— Ele não bebia tanto quanto antes, mas bebia sempre, isso o debilitou demais e ajudou a inviabilizar um transplante. Quando ele ficou tão doente a ponto de não sair mais de cima de uma cama e sob os cuidados da minha avó e meus, eu sabia que ele não viveria por muito mais tempo, e juro que não me aborrecia por ter a responsabilidade de cuidar dele.

— Tenho certeza de que não, meu amor — concordo com ele, quero que saiba que acredito em sua afirmação.

— Mas o Antonio odiava não poder mais beber e odiava mais ainda estar sob os meus cuidados. Toda vez que eu entrava no quarto, ele me ofendia, fazia questão de me rebaixar e comecei a odiá-lo de verdade. Sei que isso é uma coisa horrível de se fazer, mas eu rezava todos os dias para que ele morresse logo.

— Se estivesse na sua situação também teria rezado para que ele sumisse da

minha vida o quanto antes.

— Gostaria de ter me contentado apenas com as orações — declara e me encara com o olhar nublado pela dor.

— O que você fez, meu amor? — indago com o coração apertado.

— Um dia, o Antonio implorou para que eu conseguisse um gole de uísque para ele, e não o atendi, e ele me disse coisas horríveis. Dentre elas, que sabia que eu também gostava de beber e que o meu fim seria igual ao dele, e que esperta foi a minha mãe que se livrou de mim — conta e é perceptível o quanto lembrar-se disso o fere.

— Que homem repulsivo era esse Antonio, nem morrendo dava trégua! — libero a minha indignação.

— Fiquei tão ofendido e magoado que achei que não suportaria mais lidar com a situação e acabei conseguindo comprar uma garrafa de uísque e deixei que ele soubesse disso. Ele implorou por um gole da bebida e dei; depois de um tempo os diversos goles diários pararam de satisfazê-lo.

— Claro, pelo jeito, o Antonio parecia que era uma esponja. Devia querer mamar a garrafa de uísque, isso sim — digo, com o choro entalado na garganta.

— Comprei mais duas garrafas e passei a deixá-lo beber o quanto quisesse. A minha avó e o médico dele nunca desconfiaram de nada ou se desconfiaram jamais me deixaram saber. Bebida e medicamentos juntos fizeram um enorme estrago e o Antonio morreu pouco menos de um mês depois que comecei a fornecer bebida para ele. Quando isso aconteceu, eu me senti bastante aliviado, mas depois a culpa passou a fazer parte da minha rotina.

— Você deu bebida para um homem que sabia que não podia mais beber, mas que implorava por uma dose.

— Sim, minha linda. Sei que ele pediu a bebida, mas sei também que não deveria ter dado. Contribuí para que ele morresse mais rápido e me arrependo por ter agido assim.

— Você só se arrependeu porque tem um coração bom. Outra pessoa em seu lugar, sentiria apenas alívio... — defendo meu marido.

— Durante alguns meses tive pesadelos horríveis e foi apenas quando a minha avó confessou que ficou satisfeita porque o Antonio morreu antes do previsto pelo médico, porque não aguentava mais vê-lo sofrer tanto, que consegui ignorar essa culpa dentro de mim.

— Thomas, você tinha sido maltratado demais pelo Antonio. Fica muito difícil julgar o seu comportamento, não sei se eu, no seu lugar, não teria feito o mesmo, talvez tivesse agido de maneira até pior.

— Não tente minimizar o que fiz, minha linda.

— Sinceramente, Thomas, não consigo sentir pena do Antonio, porque saber o que ele fez com você me deixou com muita raiva dele. Sendo assim, não sou capaz de corroborar com o seu sentimento de culpa. Além disso, não acho que o

que fez foi tão errado, tendo em vista que o Antonio não tinha mais qualquer chance de se recuperar. Prefiro pensar que, ao dar a bebida que ele pediu, você atendeu a última vontade de um moribundo.

— Você é inacreditável, Eva. — Thomas sorri.

— Não, marido, apenas escolho sempre tomar partido de quem merece.

— De qualquer forma, não posso negar que depois que o Antonio faleceu a minha vida melhorou ainda mais. Era só a minha avó e eu sem aquela presença negativa e soturna dominando o ambiente, e até respirar se tornou mais agradável. Viver sem ser humilhado, sem ouvir ofensas, gritos e reclamações, foi extremamente compensador para mim. Quando me obriguei a esquecer de que contribuí com o adiantamento da partida do Antonio, passei a me sentir em paz como nunca havia me sentido antes. Acho que fiquei até mais bonito porque as meninas começaram a me assediar. Na escola, as minhas notas se tornaram altíssimas, então passei a acreditar que tudo daria certo, deixei o passado de lado e resolvi nunca mais falar nada a respeito dele.

— Com quantos anos você passou no vestibular de Medicina?

— Com dezessete anos.

— Também ingressei no curso de Direito aos dezessete anos, e o Nicolas só conseguiu entrar para a Faculdade de Medicina aos dezoito anos. Como é que você conseguiu essa proeza tendo que passar por tanta adversidade na infância e na adolescência?

— Fui um excelente aluno, o melhor da escola, tanto que consegui recuperar o ano que perdi por estar revoltado, fui adiantado de série no segundo grau. Saí do primeiro diretamente para o terceiro ano. Aos dezessete anos, depois de concluído o segundo grau, passei no primeiro vestibular que prestei.

— Estou impressionada! — exclamo maravilhada com a capacidade de superação dele.

— Quando passei no vestibular da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, a minha avó vendeu os nossos móveis, alugou a casa em que vivíamos em Piracicaba e nos mudamos para cá. Foi nessa época que, para minha surpresa, ela me contou que eu tinha um apartamento em meu nome na cidade, o apartamento do Jardim Europa que você conheceu. Contudo, como o prédio não tinha elevador preferimos mantê-lo alugado também e alugamos para nós uma pequena casa no bairro de Pinheiros que é, como você sabe, o bairro onde fica a Faculdade de Medicina. Adorei a mudança, viver em São Paulo longe de tudo o que me lembrava da minha infância foi muito gratificante. A minha avó também se adaptou rápido, e ver o quanto eu levava a sério o meu curso a deixava muito orgulhosa.

— Você deve ter sido mesmo um excelente aluno. Muito aplicado e disciplinado. Não foi? — *A curiosidade é minha eterna companheira* .

— Fui um aluno estudioso, dedicado e até popular, porque fiz muitos amigos.

Quando ingressei no quinto ano, a minha avó já estava bem adoentada, precisava de cuidados e fui obrigado a contratar uma enfermeira para assisti-la porque eu não tinha tempo para quase nada. Pouco depois que ingressei no sexto ano, a minha avó faleceu. Fiquei muito triste com a perda, e se não fosse a força que recebi dos amigos mais próximos, não sei o que teria sido de mim. Depois da morte da minha avó me mudei para o meu apartamento, que tinha acabado de ficar vago, e o Benjamim, que era meu amigo desde que entrei na faculdade, foi morar comigo por uns meses.

— E o passado ficou guardado aí dentro de você esse tempo todo.

— Quem me dera, esposa, nada disso. Depois que a minha avó faleceu, fiquei arrasado e acabei tomando um porre, e esse porre foi o primeiro de muitos.

— Você só começou a beber depois da morte da sua avó? Antes você não bebia?

— Só bebi dos nove aos dez anos de idade, mas a quantidade era sempre pouca, então parei quando a minha avó veio morar comigo e só voltei a beber novamente aos vinte e dois anos, quando ela faleceu. A partir de então fazia de tudo para me controlar, tentava não beber e conseguia permanecer longe da bebida, mas se algo me fizesse sofrer ou se me sentisse demasiadamente frustrado, lá ia eu de encontro ao copo. O sexto ano de faculdade foi um ano difícil, e tive que lutar muito contra mim mesmo para não colocar tudo a perder.

— E você nunca pensou em procurar ajuda?

— Não. Porque, geralmente, conseguia me manter afastado da bebida. Você sabe que ser pediatra me ocupa muito, antes até mais do que agora, e sempre adorei a energia das crianças, passar o dia ao lado delas me ajudou e ajuda a estar bem. Só me senti motivado a parar de beber de vez, quando comecei a me relacionar com você. Desde o primeiro momento em que a vi soube que mudaria a minha vida, e estava certo. Acontece, porém, que descobri sobre você e o Nicolas, fui embora e voltei a tomar um porre do qual me arrependo amargamente. Depois disso jurei não beber e, com exceção do dia de hoje, nunca mais tinha sentido a menor vontade de quebrar o juramento.

— Hoje, você ficou preocupado com a minha reação diante das ameaças da Amanda e isso o fez sentir vontade de beber outra vez.

— Sentí, mas consegui me controlar por causa de você.

— Ao se deixar ser amado pela sua avó, você parou de beber e não sentiu mais vontade de recomeçar, e só voltou a beber quando ela faleceu. Ao ser amado por mim, parou de beber e só bebeu novamente quando nos afastamos. Quando estávamos separados, você permaneceu ao lado do seu pai e irmãos, que o adoram, e você não bebeu também; depois se tornou hóspede dos meus pais, que o trataram com muito carinho, e não sentiu vontade de beber; e desde que voltamos a nos relacionar, a bebida deixou de fazer parte da sua vida completamente — faça a minha análise.

— O amor e a bebida, na minha vida, são totalmente incompatíveis. — Meu marido sorri ao entender a minha análise.

— Tudo parece perfeitamente lógico para mim agora. Os buracos negros da sua alma são as feridas emocionais que o Antonio causou, e o monstro a que se refere é o que você se torna quando se vê diante do sentimento de inferioridade, ou do desamor que ele fazia você sentir.

— Você acha que toda vez que algo me deixa muito triste ou frustrado eu, inconscientemente, me lembro de como o Antonio me fazia sentir e tenho vontade de beber porque é só bebendo que tenho coragem de despertar o monstro que criei para enfrentá-lo?

— Exatamente — assinto e sorrio satisfeita. — Acredito que a bebida é o despertador do seu monstro, e os sentimentos de inadequação e inferioridade são o alimento dele. Tenho quase certeza de que se você reforçar a sua autoestima, se confiar que é verdadeiramente digno das coisas boas que acontecem na sua vida, que se acreditar que merece ser amado, e começar a se enxergar como as pessoas que o amam o enxergam, o monstro morrerá de fome.

— Será que errou de profissão, doutora? A psicologia ou a psiquiatria não seriam áreas a serem exploradas? — Thomas abre o seu sorriso perfeito e eu, como sempre, me derreto.

— Você já me disse uma vez que sou multifuncional! — Gargalho. — Além disso, a advocacia me pareceu bem mais conveniente e lucrativa tendo em vista que um grande escritório estava a minha espera desde que nasci.

— Brincadeiras a parte, minha linda, acho que a sua análise a meu respeito foi muito boa. Vou pensar na hipótese de começar a acreditar um pouco mais em mim e vamos ver no que vai dar.

— Para começar lembre-se de que é o alvo do amor descomunal da sua esposa.

Thomas se levanta e se aproxima de mim, levanto também e o abraço. Ergo o rosto e o encaro, vejo amor e admiração nos olhos dele e não consigo controlar o meu choro, e choramos abraçados. Ele chora com tanto ímpeto que tenho certeza de que está lavando a alma. Desabafar foi bom para ele, e me permitiu conhecer e admirar ainda mais o homem que ele é.

— Você está ficando mais quente, acho que está com febre. Que tal um banho e um copo de leite morno com canela? — pergunto, assim que consigo parar de chorar.

— Cheguei aqui com febre. Estou me sentindo fisicamente péssimo, em compensação a minha alma está leve, leve. Vou aceitar a sua sugestão, tomarei um bom banho e depois o leite morno com canela, e então me deitarei com a minha esposa e dormirei abraçado a ela, que é a melhor coisa que me aconteceu na vida — diz, ainda soluçando.

— Corrigindo. Sou uma das duas melhores coisas que aconteceram na sua vida, porque a outra se chamava Diva.

— Isso mesmo, minha linda, isso mesmo. — Sorri, seca os olhos, segura a minha mão e caminhamos até o quarto.

— A minha avó sempre dizia que eu merecia encontrar uma mulher especial, e que essa mulher conseguiria me fazer falar tudo o que sinto, e me amaria do jeito que sou, e tanto, que me ajudaria a ser o Thomas que os anjos moldaram — relata com a voz embargada.

— Ela falava isso?

— Falava sempre. Acho que ela dizia isso, porque eu era muito fechado e costumava guardar os sentimentos.

— A dona Diva sabia que você é sensível, emotivo, carinhoso e que precisaria de amor sincero e verdadeiro quando estivesse mais maduro para conseguir deixar fluir essas qualidades incriáveis que você tem.

— Quando você me interpelou lá na antessala da Sara, eu, imediatamente, soube que a minha avó tinha razão.

O meu marido começa a tomar banho e o telefone celular dele toca. Vejo que a ligação é da Amanda e fico furiosa, mas desisto de atender e mandá-la para o inferno, e apenas desligo o aparelho.

Sinto-me à vontade para fazer isso porque desde terça-feira o Thomas resolveu a questão dos atendimentos de emergência nos finais de semana, e poderá desligar o telefone e ficar mais relaxado. Dois pediatras foram contratados para se ocuparem dos atendimentos durante os finais de semana, e os pacientes da clínica foram devidamente informados sobre o novo procedimento.

Thomas sai do banho e dou o leite morno com canela para ele beber, ele bebe, escova os dentes e o coloco na cama. Como um garotinho manhoso ele faz tudo o que peço, e fico consternada cada vez que me lembro do quanto ele sofreu quando era criança.

— Você está alimentado, devidamente medicado e pronto para dormir, sou mesmo uma excelente médica — afirmo afagando os cabelos dele.

— O melhor de tudo é estar aqui deitado ao seu lado, agarradinho a você e recebendo um carinho.

— Estou me lembrando de quando tivemos a nossa primeira conversa. Confesso a você que fiquei bem abalada e que os meus alertas de perigo começaram a berrar. A minha vontade foi de escapar bem rápido, porque achei que você seria encrenca na certa. Que bom que não me deixou fazer isso, porque assim pude me envolver com um homem carinhoso, apaixonado e dedicado, que me faz extremamente bem e feliz.

— Tive que correr atrás de você de verdade, doutora, e foi uma atitude muito acertada da minha parte, porque a minha vida ganhou outro sentido ao seu lado. Você me faz extremamente bem e feliz também.



— Eu te amo, Thomas.

Thomas se desenrosca de mim, ergue-se e me beija com tanto amor que fico trêmula.

— O seu beijo me atordoa e me excita — declaro mordiscando o lábio do meu marido delicioso.

— Quando nos tocamos a coisa mais previsível de acontecer é ficarmos excitados. — Passa a mão pela parte interna da minha coxa. — Esposa?

— Sim, marido.

— Muito obrigado por ter me encorajado a colocar para fora os segredos que guardava e que me sufocaram durante muitos anos.

— De nada, meu amor. — Acaricio o peito dele. — Obrigada por confiar em mim.

— Eva, é praticamente impossível esconder qualquer coisa de você. Você pergunta e começo a falar. — Thomas me encara detidamente e morde o lábio inferior.

— Pare de me olhar com tanto desejo, Thomas. Posso começar a me animar e fazer a sua temperatura voltar a subir em um instante.

— Estou muito preocupado. — Continua me encarando e sorri.

— Você continua me olhando com essa cara de sem-vergonha.

— E você ainda não fez a minha temperatura subir, estou esperando.

— A temperatura pode não ter subido ainda, mas... — Passo a mão pela ereção dele.

— Mas “ele” já subiu, não é, esposa? — Agilmente ele me coloca sobre o seu corpo.

— Ah, completamente, marido. — Esfrego o meu corpo no dele, e ele geme.

Beijo o pescoço do Thomas ainda me esfregando nele e as suas mãos percorrem as minhas costas, enquanto o fogo consome as minhas entranhas.

— Você é absurdamente gostosa!

Os meus lábios encontram os dele, o beijo é intenso, as nossas línguas se entrelaçam, dançam e me assanham tanto que sinto a minha calcinha encharcar. O cheiro do Thomas me inebria, a sua respiração forte me arrepia, os seus gemidos me atordoam e de repente sou apenas instinto e desejo. Coloco a mão dentro da cueca dele, seguro o seu pênis grosso, duro e quente, e ele arqueia. Uma sensação de poder me domina quando o sinto latejar e, tomada por uma vontade irrefreável de senti-lo dentro de mim, me arrasto sobre ele e encosto a minha pelve em seu pênis.

— Livre-se da minha calcinha! — Levanto suavemente o corpo.

Ele coloca a minha calcinha de lado, afasto as minhas pernas, sento-me sobre ele ainda segurando apertado o seu pênis e o direciono até a minha vagina quente e molhada. Vou escorregando lentamente para baixo, sentindo-o me

preencher pouco a pouco.

— Estou quase explodindo, você me dá muito tesão, Eva. — A voz rouca e sensual do meu doutor me aguça ainda mais.

— Você está todo dentro de mim e amo isso. — Aperto o pênis dele, e ele urra.

— Rebola, deliciosa, rebola — pede gemendo.

E rebolo. Sinto-o estremecer e pulsar. As mãos dele apertam com força a minha cintura, a minha vagina lateja, sibilo, gemo, e rebolo mais rápido para logo me deter. Ergo levemente o quadril para cima, Thomas percebe o que quero e me puxa para baixo com força. A penetração é profunda e grito, e ele começa a me içar e a me descer com rapidez, e toda vez que desço, enterro-me nele. Fico mais e mais molhada, excitada e desesperada por um orgasmo.

— Preciso gozar.

— Goza, minha linda, goza para o homem que te ama, vai!

Gozo de uma maneira tão magnífica que parece que saltei de paraquedas, o mesmo frio na barriga, a mesma sensação de total desprendimento e a mesma percepção de que tudo a minha volta deixou de existir. Estou flutuando e adoro sentir-me tão liberta.

— Eva, Eva, estou explodindo dentro de você! — Thomas quase grita.

— E estou adorando!

Deito sobre o corpo suado e ofegante do meu marido, ele ainda está dentro de mim, e ouço o seu coração bater acelerado. Ele acaricia os meus cabelos gentilmente, e as minhas pálpebras ficam tão pesadas que não consigo mais deixá-las abertas.

## Capítulo IX

Abro os olhos e fico um pouco perdida, não sei muito bem onde estou. Pisco rapidamente e, aos poucos, percebo que estou no meu quarto no apartamento dos meus pais, e o meu marido não está ao meu lado na cama. Estou com tanta preguiça, que a perspectiva de levantar me aborrece, mas o silêncio é tão enlouquecedor que resolvo dar um basta na vontade de ficar na cama mais um pouco.

Um banho frio me desperta completamente. Só falta um café para que me sinta totalmente revigorada. Visto o meu roupão, e saio à procura do meu café da manhã.

— Bom dia, esposa. Você está ainda mais linda esta manhã.

— Bom dia, marido! Que cheiro maravilhoso é esse que estou sentindo?

— O meu, aposto! — Thomas diz e ri.

— O seu cheiro é realmente maravilhoso, mas o cheiro a que estou me referindo parece que é de café fresquinho.

— Preparei o nosso café da manhã, dorminhoca.

— Você faz com que me lembre a todo o momento a razão pela qual te amo tanto.

— Não me diga que é porque gosto de cozinhar! — Ele ri novamente.

— É porque você cuida muito bem de mim. — Vou até ele e o beijo demoradamente.

— Cuido muito bem de você porque cuida muito bem de mim, além disso, sou sempre bem-recompensado.

— Já disse hoje o quanto você é lindo?

— Ainda não, mas também não me disse ainda o quanto me ama e o quanto está louca para abrir esse roupão para que eu possa apreciá-la.

— Você é mesmo um homem insaciável, doutor.

— Que culpa eu tenho se você desperta a minha cobiça?

— Pelo visto a culpa é sempre da coitada da Eva — digo e gargalho.

— Conhecendo-a como conheço, sei que uma maçã não surtiria o menor efeito, então...

Ele se afasta de mim, vai até o balcão da cozinha e tira de debaixo de uma toalha de mesa um lindo buquê de rosas colombianas vermelhas.

— Agora você também sabe fazer truques?

— Não, minha linda... Tive mesmo que ligar para a floricultura e pedir para que viessem entregá-lo. Desde ontem que pretendia dar a você um buquê de rosas vermelhas como um pedido de desculpa.

— Obrigada, meu amor. O buquê é lindo, as rosas são perfeitas e o pedido de desculpa foi aceito, apesar de ser absolutamente desnecessário. — Seguro o buquê que ele me estende e cheiro as rosas.

— E agora? — pergunta com um sorriso maroto nos lábios.

— Agora o quê?

— Está tentada a abrir o roupão para começarmos o dia saboreando o pecado?

— Não quero desmotivá-lo, mas sexo entre marido e mulher, ainda por cima que se amam, não pode ser considerado pecado.

— Até parece que os pensamentos que tenho quando a vejo nua não podem ser classificados como pecaminosos! — Ele abre o seu sorriso perfeito.

— Vendo por esse prisma, o doutor pode até ter razão, porque, no meu caso, não é necessário nem que você esteja nu para que esses pensamentos me atinjam, basta apenas que esteja respirando — declaro, e ele ri.

— Como você pode reparar, estou respirando muito bem esta manhã.

Coloco o buquê sobre a mesa e abro o meu roupão bem devagar, e o Thomas me olha com visível satisfação e se aproxima.

— Você é linda — diz com a voz sensual.

— São os seus olhos, doutor.

— Não mesmo, doutora. Se fosse verdade o que acabou de dizer, apenas eu contemplaria a sua beleza, mas tenho observado que muitos outros olhos a admiram, tantos que o ciúme jamais me abandona.

— Não tenho olhos para outros olhos que não sejam os seus. — Deixo cair o roupão e me jogo nos braços dele.

Thomas me envolve em seus braços e me leva até o balcão da cozinha. Coloca-me sobre ele e me beija intensamente enquanto percorre o meu corpo com as mãos ávidas, e me abro para recebê-lo. O sexo que fazemos é incrível, como sempre, e me sinto plena e enlevada. Começar o final de semana tão bem, é animador, e fico satisfeita em estar aprendendo a priorizar os bons momentos. A Amanda não conseguirá me abalar nem que dê uma coletiva de imprensa, porque estou em paz e realizada. Nunca mais pretendo me deixar afetar por palavras ou sentimentos ruins. A felicidade agora é um mantra que não me canso de entoar.

Observo o meu roupão que jaz no chão e acho muito engraçado estarmos tomando o café da manhã completamente nus.

— Imagine só os meus pais chegarem e nos verem tão à vontade assim na cozinha deles.

— Não quero imaginar uma coisa dessas de jeito algum. — Thomas ri. — O que você quer fazer hoje? — pergunta mudando de assunto.

— Hoje é o bazar que a minha mãe e as amigas organizaram — digo e suspiro.

— Você pretende ir ao bazar?

— Não. A minha mãe terá muita ajuda, não precisará de mim.

— Vamos ficar em São Paulo esse final de semana ou vamos para casa? — pergunta com um ar misterioso.

— Gostaria de voltar para casa. Talvez possamos convidar os seus irmãos e sobrinhos para jogarem videogame.

— Também quero ir para casa e adoraria jogar com os rapazes, mas antes gostaria de levá-la a um lugar que não vou há anos.

— Piracicaba? — arrisco.

— Piracicaba. Como adivinhou?

— Não sei. Apenas achei que gostaria de acabar de desenterrar as suas lembranças.

— Só de pensar em ir até lá sinto um embrulho no estômago, mas preciso ir, preciso virar de vez essa página da minha vida. Quero que o passado nunca mais tenha o poder de determinar o meu comportamento nem no presente nem no futuro. Se você for comigo acho que será mais fácil.

— Pensei que tivesse ido a Piracicaba quando vendeu a casa que tinha lá.

— Não fui. Saí de lá aos dezessete anos e nunca mais voltei. O corretor que vendeu a casa tratou da papelada toda, tudo o que precisei assinar veio e voltou por sedex.

— Você não tem algumas lembranças boas da sua infância?

— Tenho, principalmente, depois que a minha avó passou a viver comigo.

— Então, vamos até lá para que reviva essas lembranças, as boas. O que é bom tem precedência e preferência sobre o que é ruim. Lembrando as coisas boas, pode ser que a cidade e os locais que fizeram parte da sua infância deixem de trazer desconforto ou de causarem sofrimento para você.

— Tomara que dê certo.

— Thomas, sei que não gosta muito desse assunto, mas às vezes ele se torna inevitável.

— Você vai falar sobre o Nicolas?

— Sim, vou.

— Fique tranquila, estou completamente convencido de que você me ama muito, e o relacionamento que tiveram não me incomoda mais tanto.

— Que bom, marido! O que quero contar-lhe é que quando o Nicolas faleceu, estávamos de férias da faculdade. Aquela foi a primeira vez que não passamos as férias com as nossas famílias em Ribeirão Preto. Tínhamos passado as festas lá e retornamos para Campinas logo no início de janeiro, no dia três. A ideia de voltar para Campinas foi minha, porque não queria dividir o Nicolas com ninguém, queria que namorássemos um pouco mais, já que durante as aulas estudávamos muito, ele ainda mais do que eu, e quase não tínhamos tempo um para o outro. Se permanecêssemos em Ribeirão, ficaríamos o tempo todo cercados de parentes e amigos, e eu estava sentindo falta de ter o Nicolas completamente disponível para mim.

— Estou adorando ouvir isso, esta conversa está mesmo excelente. — Meu doutor me olha aborrecido.

— Você disse que o assunto não o incomodava mais.

— Disse que o assunto não me incomodava mais tanto, só que, convenhamos, ouvir o que está dizendo não é nada confortável.

— Desculpa, amor — digo e suspiro.

— Tudo bem, continue, deixe-me tentar entender aonde quer chegar.

— Estou contando tudo isso para que entenda que durante algum tempo senti uma enorme culpa por estarmos em Campinas durante as férias, porque o Nicolas foi atropelado lá poucos dias depois de termos retornado de Ribeirão. E essa culpa misturada às lembranças dolorosas dos momentos que sucederam ao atropelamento dele me fez achar que nunca mais conseguiria voltar àquela cidade. Não fui a minha formatura, não voltei ao apartamento para pegar os meus pertences. A cidade se tornou para mim o palco de lembranças terríveis.

— Você também nunca mais voltou a Campinas?

— Voltei. Demorei quatro anos para ter coragem de ir até lá, mas fui. Visitei a Universidade Estadual de Campinas, onde o Nicolas estudava, a Pontifícia Universidade Católica, onde estudei, o prédio em que morávamos, e os locais que costumávamos frequentar. Foi muito difícil fazer isso, mas foi necessário. Em cada lugar que visitei tentei suscitar as boas lembranças e elas acabaram surgindo em borbotões, conseguindo suplantar as ruins. Saí de Campinas bem melhor do que quando cheguei.

— Você passou pela experiência que desejo fazer e aprovou, sendo assim acho que devo tentar. Vamos a Piracicaba, vou mostrar para você onde passei a minha infância.

— O que estamos esperando? — pergunto animada.

— Estou esperando que esteja vestida.

Thomas e eu nos vestimos, arrumamos a cama e depois a cozinha. O meu marido é muito organizado e jamais sairia do apartamento dos meus pais deixando a bagunça para trás.

— Esposa?

— Sim, marido.

— Gostaria de fazer- lhe uma pergunta. Sei que é um pouco doloroso para você falar sobre isso, mas gostaria de saber a resposta. — Thomas me observa, e sei que falará do Nicolas.

— Pode me perguntar, doutor! Nada mais me dói tanto, o seu amor fez milagres — digo sinceramente.

— Sei que o meu irmão foi atropelado, mas nunca me disseram ou tive a curiosidade de perguntar antes se quem o atropelou foi inocentado ou se pagou pelo que fez, e agora gostaria de saber.

— A pessoa que atropelou o Nicolas subiu com o carro na calçada e o

esmagou contra um muro. Essa pessoa só podia estar bêbada ou drogada para fazer uma coisa dessas.

— E essa pessoa foi presa?

— A pessoa fugiu sem prestar socorro e nunca foi identificada. O seu pai e o meu fizeram de tudo para encontrá-la e realizaram um trabalho paralelo ao da polícia. Vasculharam as oficinas mecânicas, as garagens das casas e dos prédios próximos, percorreram a cidade em busca de veículos com avarias suspeitas, ofereceram recompensa para quem desse alguma informação, contrataram um detetive, mas o motorista assassino evaporou completamente.

— O atropelamento não teve testemunhas?

— Parece que tudo aconteceu muito rápido, e as testemunhas não souberam dizer nem o número da placa do carro. Até sobre o modelo do veículo divergiram e, como ninguém deu qualquer informação relevante, o assassino ficou impune.

— Isso deve ter deixado a minha família ainda mais arrasada. Sei que punir o culpado não traria o Nicolas de volta, mas isso certamente os deixaria um pouco menos revoltados.

— Foi muito frustrante para todo mundo. — Suspiro. — Acho que devemos seguir viagem, senão ficará tarde — mudo de assunto, não gosto muito de me lembrar do acidente e da raiva que senti do atropelador.

— Não se preocupe, levaremos só umas duas horas para chegar a Piracicaba.

— Chegaremos lá por volta das treze horas e sugiro que a primeira coisa que façamos seja procurar um restaurante para almoçarmos.

— Sugestão aceita. Podemos ir? — O meu doutor sorri lindamente para mim.

— Sim, meu amor.

Thomas carrega a nossa valise, e eu o buquê de rosas. Pelo olhar que me dá percebo que está ansioso, mas esse é o meu marido, o homem que quando se sente resignado a passar por algo, age corajosamente. Sempre gostei dessa postura corajosa dele, nada de lamentação ou atitude evasiva depois que dá início à ação. Ele vai lá para encarar a situação e pronto.

Durante o percurso até Piracicaba, conversamos sobre o livro que ele está lendo, enumeramos as sugestões de presentes de natal que pretendemos comprar para os nossos familiares e amigos, e revelo para ele o quanto estou intrigada com o sumiço da Patrícia. Mas ele se abstém de fazer qualquer comentário a respeito, e acho que é porque sabe que falar sobre o comportamento estranho da Patrícia reportará ao Marco, e transformar o Marco em assunto, para ele, está fora de cogitação.

Quando chegamos à entrada da cidade, percebo que o Thomas fica mais calado e mais sério. Consigo entendê-lo, sei o que está sentindo e o quanto é difícil encarar um túnel do tempo que nos remete a recordações dolorosas.

Pensando melhor, talvez eu não saiba muito bem o que ele está sentindo. As lembranças do Thomas devem ser muito mais dolorosas e

marcantes porque são, em sua maioria, de quando ele era apenas um garotinho assustado e desamparado. Fico até nauseada com a revolta que sinto quando imagino esse homem de profundos olhos verdes como um menininho indefeso nas mãos de um sádico alcoólatra, e imaginá-lo ainda criança não é muito difícil para mim.

O que me conforta é saber que ele vai conseguir superar os traumas do passado. Pode não ser hoje, nem amanhã, mas um dia isso acontecerá. Thomas é um homem forte e corajoso, que conta com o apoio da esposa que o ama e da família que resgatamos e que o acolheu tão bem. Sentir que é amado e que não está sozinho no mundo tem feito muito bem para ele.

Ele pigarreia e sou trazida de volta dos meus pensamentos, e só aí me dou conta de que estamos estacionados em frente a uma bela casa, que consigo enxergar por detrás das frestas do enorme portão de ferro branco.

— Sei que combinamos almoçar primeiro, mas não consegui me conter, desculpa. Iniciando a nossa jornada, informo que estamos no bairro Vila Rezende e em frente à casa que foi minha e na qual morei durante a minha infância, pelo menos na parte da infância que consigo me lembrar — narra, e dá um sorrisinho nervoso.

— O almoço pode ficar para depois, tudo bem.

— Obrigado, minha linda.

— Pelo o que estou conseguindo ver pelas frestas do portão, parece que é uma bela casa.

— É uma casa muito boa, ampla e realmente bonita. A Lucia queria que eu tivesse conforto e me proporcionou os meios materiais para que isso acontecesse.

— Ela se preocupava com o seu bem-estar.

— Realmente. Por causa da enorme preocupação dela morei nessa casa, estudei em um excelente colégio particular para o qual era levado e trazido pelo transporte escolar, e fui surrado e humilhado quase diariamente por um “pai” totalmente desequilibrado.

— Talvez ela desconhecesse a parte do “pai” totalmente desequilibrado.

— Um homem equilibrado não rouba uma criança e a torna sua refém durante anos a fio. Tenho certeza de que a Lucia sabia que o Antonio era um péssimo pai, mas o medo de se expor fez com que ela ignorasse os danos que poderiam estar sendo causados a mim.

— Fica muito mais difícil entender o comportamento da Lucia depois de saber sobre o comportamento do Antonio. Antes, achei que você deveria perdôá-la, fiquei até muito abalada com o sofrimento dela, mas não sabia o que você tinha suportado e ao que tinha sido submetido, se soubesse teria sido muito mais complicado enxergar a dor dela.

— Vamos deixar a Lucia em paz, já a perdoei e, por mais que isso tenha sido difícil para mim, consigo olhar para ela e não sentir mágoa.



— Você faz com que eu o admire ainda mais, meu amor.

— Amar você, minha linda, me fez perceber que os bons sentimentos são sempre os melhores para ocuparem o coração. Estou tentando agora promover a ocupação da mente. — Ele ri.

— O nosso amor tem mesmo um efeito incrível sobre nós — digo e coloco a minha mão sobre a dele. — Vamos sair do carro e ir até o portão?

— Para quê? Acho que estamos tentando tirar leite de pedra aqui. — Thomas coça a nuca.

— Quero apenas olhar a casa mais de perto.

— Deixe de ser tão curiosa.

— Se tivesse a oportunidade de entrar lá, faria isso?

— Talvez — responde resabiado.

— Sim ou não?

— Eu teria que ser corajoso, doutora.

— Você é!

— Se conseguisse forçar-me a lembrar apenas dos bons momentos que passei nessa casa, gostaria de entrar.

— Só depende do doutor. E digo mais: “Que a força esteja com você!”

— Não sabia que era fã de Star Wars. — Ele ri.

— Pelo jeito, somos. — Rio também. — Vamos olhar mais de perto? — insisto.

— Está bem, vamos. — Ele inspira e expira tentando se acalmar.

Continuamos olhando a casa pelas frestas do portão, só que mais de perto agora. Vejo um pequeno gramado, uma ampla garagem e uma fachada elegante. Não acredito que ficar observando o exterior da casa seja tão terapêutico e me chateio por não termos tido a oportunidade de ter vindo até aqui quando a casa ainda pertencia ao Thomas. Uma ideia começa a saltitar na minha mente e, antes de pesar os prós e os contras, aperto a campainha.

— O que você está fazendo, Eva? — Thomas pergunta, indignado.

— Ainda não sei.

— Boa tarde. — Uma voz feminina soa no interfone. — O que o casal deseja? Agora sei que estamos sendo observados pela câmara de segurança.

— Boa tarde — respondo. — O meu marido e eu viemos visitar a casa que pertenceu a ele e que foi vendida recentemente.

— O seu marido é? — a voz pergunta.

— Thomas Henrique — ele responde os dois primeiros nomes para facilitar o reconhecimento, creio eu, no caso de se tratar da esposa do comprador.

— Oh, minha nossa, Tom! Estou abrindo o portão, podem entrar — a voz diz exaltada, e o meu marido e eu nos olhamos perplexos pela surpresa e alegria demonstrada pela dona da voz.

O portão é aberto, e entramos cautelosamente. A porta de entrada da casa também se abre e dela surge uma mulher de uns trinta e poucos anos, baixa,

corpulenta e com um enorme sorriso no rosto simpático.

— Tom, seu cretino! Não acredito que seja você! Ou melhor, acredito. Quem mais poderia ser tão descaradamente lindo?

A frase da animada mulher me pega de surpresa e acho que ao Thomas também, porque ele não demonstra reconhecê-la de imediato, e parece um pouco constrangido.

— Desculpa, esposa do Tom, mas vou abraçar o seu marido, lembre ele de mim ou não — ela diz, e dá um enorme abraço no Thomas.

— Natasha! Só você conseguia quase me esmagar. — Thomas parece reconhecê-la depois de estar preso dentro do abraço apertado dela.

— Eu mesma, Tom! Dezessete anos mais maravilhosa! — Ela ri.

— Você mora aqui? Essa casa é sua? — ele pergunta bastante interessado.

— Sim para as duas perguntas. — Ela ri mais uma vez. — O meu marido a comprou de você.

— Inacreditável!

— Inacreditável nada, Tom. Sempre quis morar na mesma rua em que os meus pais moram, cheguei até a pensar em alugar essa casa, mas não gosto muito da insegurança de um aluguel, então desisti da ideia. Foi quando vi a placa de venda no portão que soube que você não voltaria mais, e achei que a casa estaria em boas mãos estando comigo, então fiz o meu marido dar um jeito de comprá-la.

— Você deve ter batido muito no coitado. — Thomas gargalha.

— Não, não mesmo. Ele também gostou da casa, foi fácil convencê-lo, só precisei ficar falando a respeito desse assunto dia e noite sem parar.

— Natasha, esta é a minha esposa, Eva. Eva, essa é a minha amiga, Natasha.

— Amiga? Ora, Tom, eu era a sua colega de escola e a sua colega da rua, afinal morávamos a apenas cinco casas de distância, mas amigas ou amigos você nunca se permitiu ter de verdade, seu ostra!

— Ostra? — ele pergunta e sorri.

— De que mais eu poderia chamar um sujeito tão fechado e com um interior tão precioso? — Natasha pergunta e volta o olhar para mim.

— Prazer em conhecê-la, Natasha. — Estendo a mão educadamente. Ela me puxa e me dá um abraço como se fôssemos velhas conhecidas.

— O prazer é todo meu! — ela diz me abraçando de uma maneira que não me deixa muito confortável.

— Solte a minha esposa, Natasha. A Eva não está conseguindo nem respirar. — Thomas ri e me tira dos braços dela.

— Tom, você realmente encontrou uma esposa linda.

— Obrigada — agradeço e sorrio tentando me recompor após o abraço superapertado que recebi.

— Ela é linda, não é? — O meu marido me olha orgulhoso.

— Linda — Natasha reafirma. — Vocês parecem que saíram de um anúncio de revista. Um casal muito bonito, desses que não costumamos encontrar no supermercado nem na padaria, só nas revistas e nas novelas. — Ela dá uma risada gostosa.

— Natasha sempre foi minha fã. Agora parece que se tornou sua também, Eva.

— E quem não era fã de você, Tom? Quem não era?

— Deixe de bobagens, menina! — Thomas pede um pouco embaraçado, e os olhos dela se enternecem, acho que essa frase a faz lembrar-se de antigas conversas.

— Agora me digam. A que devo a honra desta visita?

— A Eva não conheceu esta casa antes que eu a vendesse, e ontem estávamos conversando sobre a minha infância e senti uma enorme vontade de mostrar a casa para ela. Planejei mostrar apenas por fora, mas ela resolveu apertar a campainha, e tive a agradável surpresa de reencontrar você.

— Vocês moram em Piracicaba?

— Não, em Ribeirão Preto — respondo.

— Ah, sim. Por isso nunca nos encontramos antes, Tom. Podem entrar, sejam bem-vindos, sintam-se como se a casa fosse minha — ela brinca conosco.

— Obrigado.

— De nada, Tom. Estarei na cozinha caso precisem de mim, aproveitem que não tem mais ninguém por aí para atrapalhar vocês, as crianças foram visitar a avó, o meu marido as levou.

— Crianças? — Thomas pergunta interessado.

— Duas meninas sapecas e tagarelas, uma de cinco e outra de três anos. Miriam e Milena.

— Que maravilha! — digo e sorrio ao imaginar o quanto as filhas dela devem ser animadas, no caso de terem se saído à mãe.

— Parabéns, Nat. Você construiu uma família do jeitinho que sempre imaginou — Thomas fala carinhosamente.

— O meu marido é que quase enlouquece no meio de tantas mulheres. Aqui até o animal de estimação é fêmea, uma cadelinha, a Tipi. Agora entrem e divirtam-se. O que estão esperando?

Thomas e eu aceitamos o convite e andamos pela casa. Inicialmente ficamos um pouco constrangidos, mas depois nos sentimos mais à vontade. A casa é muito espaçosa e confortável, bem de acordo com a impressão que tive ao observá-la externamente. Enquanto exploramos o local, o meu marido vai me explicando como era a casa quando ainda vivia nela, descreve os ambientes e me mostra onde era o seu quarto, que agora está imerso em uma profusão de cores, predominando o lilás e o rosa.

Percebo que ele está um pouco emocionado, os seus olhos estão úmidos e a

sua voz, vez ou outra, embarga. Não sei como era a atmosfera da casa antes, agora tudo parece muito alegre por aqui, igual a atual dona.

Quando penso que terminamos de conhecer a casa, Thomas abre uma porta quase escondida no canto da sala. Ele titubeia, porém entra, e o siga. Ele acende a luz, descemos por uma escada estreita e chegamos a uma espécie de porão, e reparo que o lugar é usado como uma brinquedoteca. As paredes estão pintadas em tons claros de amarelo e rosa, e um grande quadro-negro está preso em uma delas. Três estantes baixas repletas de brinquedos e uma poltrona florida são os únicos móveis do local. Vejo uma cozinha pequenina, um carrinho de bonecas, um cavalinho de balanço e um tapete de borracha grande em forma de jogo de amarelinha, e acho tudo uma graça. Apesar do cômodo não possuir janelas, não é abafado nem escuro demais, a iluminação foi bem-planejada, e o ar-condicionado deixa o local mais fresco.

Thomas anda devagar e senta-se na poltrona florida, os olhos dele estão tão tristes que fico preocupada, não sei do que ele está se lembrando, mas acho que não é de nada bom. Vou até ele e passo a mão pelos seus cabelos.

— Este lugar está muito mudado — ele diz com a voz baixa.

— As crianças e os seus brinquedos têm o poder de transformar qualquer coisa — afirmo e intensifico o carinho nos cabelos dele.

— Este aqui, com certeza, está bem melhor.

— Gostei, a Miriam e a Milena devem adorar fazer bagunça aqui embaixo.

Thomas coloca o rosto entre as mãos e chora, e eu o abraço suavemente.

— Era aqui que eu costumava ser trazido para apanhar. O Antonio me arrastava até este porão e me surrava sempre que chegava bêbado em casa.

— Daqui, nenhum vizinho podia ouvir os seus gritos.

— É, se eu gritasse, mas nunca gritei. Ele me batia, e eu fechava os olhos. Esperava até que se cansasse de me bater e me deitava em um canto no escuro, muitas vezes amanhecia aqui, com o corpo todo dolorido, marcado, e o moral em frangalhos. A minha sorte é que ele não aguentava muita coisa, porque bebia demais. A grande quantidade de bebida que ingeria deixava os reflexos dele lentos e o equilíbrio altamente prejudicado.

— Esse Antonio era mesmo um grande covarde — concluo, revoltada.

— Um dia, aos nove anos de idade, percebi que o Antonio só conseguia me arrastar até aqui embaixo porque eu aceitava ser conduzido. Bastou eu me recusar a vir que ele não pôde mais me trazer. Arrastar-me, então, tornou-se completamente impossível para ele. — Thomas levanta o rosto e me encara com lágrimas nos olhos, e posso ver o menino que um dia ele foi.

— Aos nove anos foi quando a sua revolta aflorou. — O meu coração aperta e me controlo para não chorar também.

— Isso mesmo. Está na hora de irmos embora. Vamos, esposa! O meu estômago está começando a roncar!

— Thomas, por favor, ignore o seu estômago e me dê a sua mão — peço, e ele ergue a sobrancelha e me olha ressabiado, seguro a mão dele e o ajudo a se levantar.

Saímos de mãos dadas do porão, eu na frente e ele atrás me acompanhando. Fecho a porta e peço para que o Thomas a abra novamente, ele me olha ainda intrigado, mas faz o que peço. Entro e, segurando a mão dele, conduzo-o gentilmente até lá embaixo.

Desviamos dos brinquedos e ficamos de frente um para o outro, enlaço o pescoço do meu doutor, colo o meu corpo ao dele e ele segura a minha cintura, fico na ponta dos pés e o beijo suavemente. Quando o beijo termina, afasto-me um pouco e peço para que ele se sente no chão, ele sorri e me atende. Sento-me ao seu lado e acaricio o seu braço, depois o puxo devagar e o coloco deitado com a cabeça em meu colo, afago os cabelos dele e digo diversas vezes o quanto o amo e o quanto ele é especial.

Thomas volta a sorrir, o olhar dele já não está mais tão carregado de tristeza e conto para ele a história, resumida e floreada, de como conheci um homem bom e carinhoso, que me faz muito feliz e que se tornou o meu marido. Narro em tom de faz-de-conta, listo todas as qualidades dele, e ele ri diversas vezes durante a minha interpretação. Termino de contar a história, e ele segura o meu queixo, inclino, o meu nariz toca o dele, as nossas bocas se encontram e nos beijamos mais de uma vez. Ele me ajuda a levantar, e deixamos o porão de mãos dadas.

Encontramos a Natasha ainda na cozinha e ela, a alegria em pessoa, nos dá um enorme sorriso e limpa as mãos no avental.

— Não sabia se ficariam para o almoço ,mas preparei comida para todo mundo. Se não queriam almoçar aqui se deram mal, porque agora irão. A minha comida não é tão boa quanto a da sua avó, Tom, mas dá para engolir.

— Nós não queremos dar trabalho — Thomas diz um pouco constrangido.

— Já deram, agora já era. Almozem comigo que perdoo vocês. — Ela ri.

— Será um prazer — respondo por mim e pelo Thomas. — O seu marido e as suas filhas vêm para o almoço?

— Aos sábados, sempre almoçamos na casa da minha sogra. Não acompanhei a minha família hoje porque alguma coisa me impediu de ir, não sei, quis ficar e fiquei; então vocês apareceram. Acho que o meu sexto sentido está melhorando, porque acredito que estar aqui para recebê-los foi, de certa forma, a razão da minha recusa em sair, mesmo não tendo a mais remota ideia de que vocês fossem aparecer. Adorei vê-lo, Tom, e adorei conhecer a sua esposa, a mulher que está, visivelmente, fazendo você muito feliz.

— Obrigado por nos receber tão bem — agradeço.

— Obrigada, Natasha, você é incrível — Thomas agradece.

— Vamos comer, pessoal, senão vai esfriar — ela desconversa.

Sentamos à mesa da cozinha e comemos animadamente. A comida da Natasha é boa, e a cordialidade e simpatia dela, melhores ainda.

Natasha nos conta que quando era adolescente vinha até aqui algumas vezes durante a semana para que o Thomas a ajudasse com as lições de matemática, mas tinha sempre que esperar que ele desse banho no Antonio, ou que o medicasse ou outras coisas do gênero e, que enquanto esperava, se unia à avó dele na cozinha e preparava bolos com ela.

Só posso dizer que o almoço foi muito agradável, fizemos questão de lavar a louça e, para compensar, a Natasha nos brindou com divertidas histórias protagonizadas pelos dois, ou por eles e outros colegas de escola. Ri demais e só fiquei um pouco mais séria quando ela contou as aventuras do Thomas com algumas meninas da vizinhança, nada que não pudesse ser contado, mas não achei tanta graça dessa parte da conversa.

Depois da calorosa despedida e da promessa de mantermos contato, saímos da casa da Natasha com a intenção de visitarmos a escola em que o Thomas estudou.

A escola está fechada, é sábado à tarde, e a olhamos apenas pelo lado de fora. Thomas me conta algumas histórias de quando estudava aqui e uma ou outra nos fazem rir muito.

Damos algumas voltas pela cidade, mas não saímos do carro, ele me mostra alguns poucos lugares que gostava de frequentar e o nosso *tour* acaba.

— Para casa agora, madame?

— Estou exausta, doutor.

— É tão pertinho, você poderá dormir enquanto dirijo.

— Preciso imediatamente de um banho, de mais comida, e se puder me esticar um pouquinho em uma cama, ficarei ainda mais satisfeita.

— Você tem razão, podemos nos dar ao luxo de descansar em algum lugar por aqui, não temos pressa para chegar em casa. Podemos, inclusive, dormir na cidade e irmos embora pela manhã.

— Ótimo, doutor.. Vamos procurar um hotel porque estou ficando cada vez mais cansada. — Gargalho.

Faço uma pesquisa no Google pelo celular, ignorando os recados e as chamadas não atendidas, e descubro um hotel próximo ao local onde estamos, e nos encaminhamos para lá.

Chegamos ao hotel e nos registramos. Subimos para o quarto com a nossa valise e o meu buquê de flores quase murcho.

O quarto é simples, limpo e tem uma boa cama que, apesar de não ser tão grande quanto gosto que uma cama seja, agrada-me imediatamente.

— As rosas cumpriram o seu propósito, pode jogá-las fora.

— Amanhã cedo farei isso, quero que elas usufruam da nossa companhia um pouco mais, afinal, ganhei essas lindas pela manhã. Não posso conceber uma

vida tão curta para uma beleza tão grande.

— Você é muito engraçada. — Ele ri. — E linda, e maravilhosa, e encantadora, e especial... Tudo de melhor que aconteceu na minha vida. — Thomas me abraça.

— Quando me elogia assim, doutor, sinto vontade de gritar de satisfação. — Levanto o rosto, encaro-o e mergulho em seus profundos olhos verdes.

— Minha linda, não grite, poderemos ter problemas com os vizinhos de quarto, mas acho que gemer não nos trará qualquer transtorno. O que acha? — indaga, e parece que também está imerso em meu olhar.

— Acho que me deu motivo para querer gritar, mas não sei a razão pela qual gemeria. Você sabe? — Faço a minha carinha de ingênua, mas admito que é bem difícil.

— Posso cobrir você de razões, doutora. — Thomas beija a minha testa, a ponta do meu nariz, os meus lábios e o meu queixo.

— Estou bem interessada, mas primeiro preciso de um banho quente e de comida! — Tento escapular do abraço dele, e não consigo.

— Depois que resolver esses problemas, terei permissão para fazê-la gemer? — pergunta com um sorriso lascivo no rosto e me liberta.

— Sempre, doutor. — Dou uma piscadinha para ele e entro no banheiro.

Tomo um banho demorado, quente e relaxante, depois me enrolo na toalha, seco levemente os cabelos, e saio à procura de diversão.

Thomas está deitado sobre a cama, de camiseta e cueca boxer e me olha de cima a baixo com cara de sem-vergonha.

— Garota, você é mesmo linda!

— Você vai acabar me deixando muito convencida, rapaz.

— Não consigo me conter. Contemplar você me dá um enorme prazer, é uma festa para os meus olhos, e quem fica muito convencido sou eu porque você, mulher deslumbrante, é minha.

— Acho que o doutor está me cantando.

— Descaradamente — ele diz e ri.

— Você é bom nisso, muito bom. — Rio também.

— Vem aqui, deite-se sobre mim e acabe comigo, coisa linda — pede, e a voz rouca e gostosa dele mais o olhar sensual é que quase acabam comigo.

Deixo cair a toalha e os olhos do Thomas arregalam, desfile nua pelo quarto, e ele bate palmas, rio, percebo o volume dentro da sua cueca e fico molhada, aproximo-me da cama, coloco o pé sobre o peito dele e ele começa a beijá-lo, arrepio, e alguém bate na porta.

— Ah, não! Justo agora? — reclamo.

— Deve ser a pizza que pedi.

— Você atende. Vou até o banheiro colocar uma roupa.

— Acho que o entregador vai ter que esperar um pouco — ele olha para o

volume em sua cueca.

— Enrole-se na toalha.

Quando saio do banheiro, de calcinha e camiseta, o meu marido está sentado à mesa encarando a pizza de quatro queijos. O cheiro está ótimo, e a minha boca saliva.

Comemos a pizza inteirinha e bebemos os sucos direto das latinhas. Acho que depois de tanto carboidrato a melhor coisa a fazer é um pouquinho de exercício.

— Satisfeito? — pergunto e começo a tirar a calcinha.

— Nunca. “A satisfação é a morte.” E estou mais vivo do que nunca.

— “A satisfação é a morte.” Já ouvi essa frase antes, e algumas vezes ela fica martelando dentro da minha cabeça. — Gargalho.

— É de Bernard Shaw — ele diz e me olha intrigado. — Em quais ocasiões essa frase fica martelando dentro da sua cabeça?

— Quando estou comprando sapatos — respondo e gargalho outra vez, e o Thomas começa a rir.

— Você tomou banho, matou a sua fome, fez a sua piada, agora está na hora de gemer.

Tiro a camiseta e o examino, ele também tira a camiseta e a cueca. Viro de costas para ele e me seguro no encosto da cadeira.

— Provoca o seu marido, provoca! — incita com a voz muito sensual, e inundo.

Thomas encosta-se a mim e beija o meu pescoço, roça o pênis nas minhas nádegas, e fico incrivelmente excitada. Viro o rosto e ele beija a minha boca, as nossas línguas se acariciam enquanto os seus dedos encontram o meu clitóris e começam a massageá-lo.

— Molhada e quentinha — sussurra com a boca encostada na minha, e gemo.

Arrebito as nádegas e apoio com mais firmeza as mãos no encosto da cadeira. Ele entra em mim devagar, avança lentamente, e me remexo. A minha vagina pulsa e gemo baixinho, a sensação de tê-lo todo dentro de mim é tão boa que me sinto desaguar, contorço, e estou tão sensível que até a respiração dele nas minhas costas me arrepia e me faz estremecer.

Estamos grudados, encaixados, porém, apenas os dedos do meu marido trabalham. Ele não se mexe e eu, ao contrário, movimento-me no ritmo dos seus dedos. Ouço a respiração dele ficar mais pesada, e me arrebito mais, ele geme baixo, geme alto, e dou um gritinho, o orgasmo se aproxima e, como de costume, perco o controle. Rebolo, chamo o nome do Thomas, urro, fecho os olhos, e ele começa a me estocar com força e profundamente. É o meu fim, o orgasmo chega em ondas, não consigo me segurar e grito, também gemo, arfo e urro, tudo junto e bagunçado.

— Thomas, não para, não para.

— Não paro, não vou parar, não posso.

A minha vagina contrai, as minhas pernas bambeiam, e alço voo. Se a



cadeira não estivesse encostada na mesa, acho que não teria aguentado o peso do meu corpo. Antes mesmo de que eu possa aterrissar, Thomas coloca as mãos na minha cintura, e sai quase todo de dentro de mim para logo em seguida entrar escorregando com força e profundamente. Os movimentos são espaçados, e protesto, porque quero mais e mais. Ele faz isso algumas vezes, e acho tão gostoso que fico ainda mais molhada.

O meu marido pressente o meu gozo iminente ou o dele, e volta a entrar e a sair impetuosamente. Sinto quando fica ainda maior, mais inchado, e a minha satisfação é total. Estou plena, completamente possuída por este homem divino. Ele acelera ainda mais o movimento, a sua voz rouca chama o meu nome, me incentiva a rebolar, me diz coisas obscenas e eu, mais uma vez, gozo.

Neste momento sou tal qual um vulcão em erupção, mas não chego ao orgasmo sozinha, o meu marido me acompanha, explode dentro de mim e urra, enterra os dedos na minha cintura, e o cheiro dele, forte e delicioso, me inebria.

Thomas me abraça por trás, e ficamos um bom tempo aproveitando o nosso enlevo. Amo tanto este homem e o jeito que ele me possui e me trata que só de pensar que já vivi sem ele me dá um nó na garganta.

- O que acha de tomarmos um banho? — pergunta baixinho em meu ouvido.
- Estou precisando de outro? — Começo a rir.
- Eu estou e quero que me acompanhe.
- Vamos, marido, faço sempre tudo o que me pede.
- Quem me dera! — Ele ri.

## Capítulo X

— Bom dia, meu amor.

— Já amanheceu?

— Sim, doutor. São quase onze horas da manhã.

— Caramba, esposa, você fez gato e sapato de mim ontem à noite.

— Até parece! Foi você quem me convidou para tomar banho e foi você quem me atacou debaixo do chuveiro.

— E você nem gostou, não foi? — Thomas sorri lindamente.

— Ah, sempre gosto e muito, na verdade amo ter um marido tão disposto.

— E eu amo ter uma esposa tão disposta. — Ele me olha completamente apaixonado, e adoro essa demonstração matinal de amor.

— Poderia enumerar tudo o que amo em você, mas não consigo, não tenho forças, estou faminta.

— Estamos, minha linda. Vamos nos vestir e pegar a estrada?

— Vamos! Podemos comer em algum lugar no caminho.

— Depois que estiver devidamente alimentada, quero que enumere tudo o que ama em mim, gostarei muito de ouvir. — Ele abre o seu sorriso perfeito, não me contendo e o beijo.

O meu marido e eu só conseguimos deixar o hotel depois de nos beijarmos dezenas de vezes, cada beijo é melhor do que o outro, e só não estendemos o assunto porque a fome e a vontade de chegar logo em casa não permitiram, mas confesso que, às vezes, a perspectiva do que está por vir me deixa muito animada, e ele me animou bastante quando listou algumas das coisas que fará comigo mais tarde em nossa cama. Continuando com o clima de romance, durante o percurso de Piracicaba até Ribeirão Preto, Thomas me fez realmente enumerar tudo o que amo nele e, para a minha satisfação pessoal, também enumerou tudo o que ama em mim.

Quando finalmente chegamos à rua da nossa casa nos deparamos com os carros de todos os irmãos do Thomas estacionados em frente à casa do William.

— Será que o meu pai se esqueceu de nos convidar para alguma coisa? — Thomas pergunta.

— Não estou sabendo de nada, deve ser uma visita coletiva — respondo tranquilamente.

Thomas aperta o controle da garagem e, enquanto esperamos que ela se abra, o Lucas aparece ao lado da janela do motorista e bate no vidro. Não sei de onde ele surgiu, fiquei até assustada antes de reconhecê-lo. O semblante sério

dele me intriga e, imediatamente, fico preocupada com o William.

— O que aconteceu? — Thomas abre a janela e pergunta visivelmente preocupado.

— Eu é que pergunto. Onde é que vocês estavam? — Lucas pergunta muito sério.

— Primeiro me diga se estão todos bem.

— Agora ficaremos bem, Tom. Estaciona a porra desse carro e vá à casa do pai, conversaremos lá. Desculpa o palavrão, Eva — Lucas fala e se afasta.

— O irmão mais velho em uma demonstração de poder — Thomas diz e me observa.

— Isso me parece um tanto inusitado, o Lucas é, geralmente, muito tranquilo. Faça o que ele disse, quero descobrir o que está acontecendo.

Thomas estaciona o carro, e saímos pela garagem. Vamos de mãos dadas e muito curiosos até a casa do meu sogro. A porta está aberta, entramos, e não entendo o motivo pelo qual todos os presentes nos olham de cara amarrada.

— Convenção masculina? Se for, levarei a Eva para casa e depois volto.

— Ainda bem que apareceu, meu filho, ainda bem. — O William se aproxima de nós e abraça o Thomas, depois me abraça também.

— O que aconteceu, pai? — meu marido pergunta, confuso.

— O que aconteceu? — Silas responde à pergunta do Thomas com outra pergunta e também se aproxima. — Dá aqui um abraço no seu irmão ,seu irresponsável!

— Irresponsável? — Agora quem faz a pergunta sou eu.

— Irresponsáveis! — Lucas responde indignado.

— Alguém pode me explicar o que está acontecendo? Isso aqui está parecendo um encontro de malucos. Desculpa, pai. — Thomas cruza os braços e encara o Lucas.

— Tudo bem, filho. Eu explico. Estávamos muito preocupados com vocês. Não tivemos notícias ,os celulares estão desligados, e vocês não apareciam, estávamos nos organizando para fazer uma busca.

— Esta comoção toda é por nossa causa? — Thomas indaga.

— É! Seu pulha! — Douglas se aproxima, soca o ombro do Thomas e depois o abraça.

— Vocês vão para São Paulo toda sexta-feira e retornam no sábado pela manhã, e quando resolvem ficar por lá durante o final de semana é fácil saber notícias porque ficam no apartamento do Guido, e telefone para lá. Geralmente vejo quando saem e quando retornam, mas dessa vez desapareceram o sábado todo e uma boa parte do domingo. Já são três horas da tarde, e não deram nenhuma notícia, pensamos que tivesse acontecido alguma coisa.

— E os meus pais também estão preocupados? — pergunto intrigada.

— O Guido e a Evinha estão menos preocupados, eles são acostumados

com o seu jeito totalmente independente, Eva — William diz e me observa com reservada desaprovação.

— Que bom! Os meus pais sempre deixaram muito claro que eu deveria manter contato em qualquer situação de emergência, e como não entrei em contato, devem estar mais tranquilos — digo segurando o riso, porque a situação está mesmo bastante embaraçosa.

— Fomos a Piracicaba, precisei ir até lá e a Eva me acompanhou, só isso. Estamos de volta ao lar, são e salvos. — Thomas sorri.

— Veja bem, Tom, você é adulto, autossuficiente e casado, mas é nosso irmão, e nesta família nós nos preocupamos uns com os outros. Não estou dizendo que precisa nos dar satisfação, não é isso, o que você precisa fazer é manter o pai informado sobre qualquer mudança de rotina. Todos nós fazemos isso desde que nos entendemos por gente, e você irá fazer também. Estamos entendidos? — Lucas pergunta de um jeito muito sério.

Thomas dirige o olhar para cada um dos seus irmãos de uma maneira que não consigo interpretar muito bem, depois ele encara o William, e vejo os olhos dele ficarem marejados.

— Obrigado. Muito obrigado por fazerem com que eu me sinta amado e protegido por esta família maravilhosa. É uma honra e um orgulho ser um Chapman e prometo que nunca mais deixarei de avisá-lo, pai, se for fazer algo diferente do esperado.

— Muito bem, Tom, obrigado. Saber que os meus filhos estão bem me deixa muito mais tranquilo — William dá outro abraço no Thomas.

— E você, dona Eva? Esqueceu como um Chapman deve se comportar? Logo você que conviveu com um por tanto tempo — Silas se dirige a mim, e seguro a língua para não estragar o momento família do meu marido.

— Pensei que o Nicolas fosse incentivado a manter o William informado sobre os seus passos porque era o filho caçula, não sabia que era uma regra geral — digo calmamente.

— O Tom também é o filho caçula — Jonas, que estava calado até agora, se manifesta.

— Verdade, Jonas. Como é que fui me esquecer disso? — pergunto em tom de brincadeira.

— Você é uma Chapman, a regra também vale para você, mocinha — William diz e ri.

— Não se esqueça de que corre nas minhas veias o sangue rebelde dos Fiore — falo, e dou uma piscadinha para o William.

— Você tem o temperamento muito parecido com o do seu pai, Eva — Jonas diz e me abraça, e não sei se ele me criticou ou me elogiou.

— Terei que avisar a você, William, sempre que a minha rotina for alterada? — Começo a rir. — Os meus pais ficarão enciumados.

— Não .Basta deixar o Thomas avisado. Vocês avisam um ao outro e só precisam me avisar quando eu não tiver como contatar nenhum dos dois. Entenderam?

— Parece simples — Thomas diz com um leve sorriso nos lábios.

— Agora entendi de onde vem essa necessidade do Thomas de controlar os meus passos. É genética — afirmo, e o Silas explode em uma gargalhada.

— Ei, esposa, sou um marido zeloso e preocupado, não um controlador — meu marido se defende.

— De jeito nenhum, não mesmo! Um controlador? Você? Imagina! — Douglas implica com o Thomas e ri.

— Ei, Doug, pode parar de me sacanear.

— Cara, você é o mais ciumento de todos nós — Silas diz, rindo sem parar.

— Disparado, o mais ciumento — Lucas concorda com o Silas, e gargalho.

— Bem, pessoal, obrigada por terem se preocupado conosco e desculpa a preocupação que causamos, mas preciso deixá-los agora, tenho que dar um “oi” para os meus pais. Acho que vocês os preocuparam — digo mudando de assunto porque percebo que o Thomas está ficando constrangido com a provocação dos irmãos, que, sem querer, dei início.

— Não precisa .— Ouço a voz do meu pai.

Viro e vejo os meus pais sorrindo, e acho que escutaram parte da conversa.

— Oi, papai. Oi, mamãe. Desculpa por não ter avisado que só voltaria para casa hoje — brinco com eles.

— Conhecemos você, filha. Sabemos que daria um jeito de nos avisar se tivesse tido algum problema. Como não avisou, imaginamos que estava tudo bem. Li os jornais ontem e hoje, nenhum acidente por essas bandas, então estávamos calmos — meu pai diz e olha para o William.

— Você criou essa menina muito solta, Guido — William provoca meu pai.

— E você criou esses seus meninos debaixo das suas asas, sua galinha choca — meu pai devolve a provocação. — Até o Thomas, você quer superproteger agora.

— Ele é meu filho, por que deveria tratá-lo diferente do modo que trato os irmãos dele? — William se indigna.

— Podem parar — minha mãe intervém.

O meu pai se aproxima e me abraça, a minha mãe faz o mesmo, depois os dois abraçam o Thomas que fica feliz ao ver que o mal-estar entre o meu pai e o dele já passou.

— Homens da família Chapman, avisem as suas esposas que o Thomas e a Eva apareceram, e venham tomar um café lá em casa. A mesa está posta e tem comida para um batalhão, e é melhor que venham porque senão a Evinha guardará tudo e me servirá só umas frutinhas. A minha bela e determinada mulher está acabando comigo com essa tal dieta — meu pai fala e dá um olhar

atrevido para a minha mãe que vira as costas e sai. Todos nós achamos graça da situação e rimos.

— Deixe-me telefonar para a Lucia, vou informar que vocês apareceram, embora, ela não esteja muito preocupada porque a Evinha a acalmou. Além disso, aquela mulher sabe, por experiência própria, o quanto os jovens costumam ignorar a preocupação dos pais. — William sai da sala também.

Os meus cunhados começam a sacar os celulares dos bolsos para avisarem às esposas que estamos bem, a cena é engraçada e terna, e me faz sorrir.

Thomas segura a minha mão e me leva para o canto da sala.

— Pode parecer engraçado, mas gostei de saber que se preocupam comigo. Sempre quis ter uma família unida e carinhosa, e fui atendido. O meu pai e os meus irmãos são grandes companheiros, e fico até emocionado com toda essa demonstração de afeto e consideração.

— Percebi, doutor, que ficou tocado com a preocupação deles. Os seus irmãos são homens responsáveis, dedicados e carinhosos, como você. É incrível o quanto as características dos Chapman permeiam o seu ser. Você faz parte do clã, por direito e por afinidade. — Dou um beijinho no meu comovido marido.

— Podemos ir tomar aquele café? — William pergunta, e só então me dou conta de que ele já voltou.

— Vamos, galinha choca — meu pai chega provocando novamente o William, e os dois riem e se abraçam como velhos amigos que são.

O café na casa dos meus pais é muito amistoso. Todos brincam e implicam uns com os outros. Thomas é o alvo preferido das piadinhas, claro, o caçula sempre sofre, mas ele não deixa por menos e responde às provocações a altura. Rio sem parar dessa brincadeira de meninos e fico encantada com a harmonia que existe entre eles.

Enquanto os homens se distraem em um jogo de baralho confuso, ajudo a minha mãe a levar a louça para a cozinha.

— Os rapazes são mesmo uma graça, não são? — minha mãe pergunta e me observa.

— São sim, mamãe. É realmente uma pena a Lourdes não poder ver ou saber que, apesar de todos os erros do passado, a família dela está unida e feliz.

— Ela se deixou dominar pela culpa e pelo remorso, filha. Coitada! Vi o quanto aquela mulher mergulhou no sofrimento. Depressão é coisa muito séria, você sabe disso, e sem tratamento, coisa que ela se recusou a fazer, é quase impossível superar.

— Se a Lourdes tivesse tido a coragem de revelar o que fez, talvez não tivesse sofrido tanto com a depressão, e hoje poderia ainda estar aqui conosco.

— Pode ser, mas se ela estivesse ainda por aqui, como é que o William e a

Lucia poderiam estar juntos?

— Como é que é? — pergunto completamente curiosa.

— O William e a Lucia estão juntos novamente. O seu pai e eu desconfiamos que isso estivesse acontecendo, mas só tivemos certeza quando eles nos contaram.

— Minha nossa!

— As pessoas velhas também amam. Sabia?

— Sei, mamãe, e o meu espanto não tem nada a ver com a idade deles. O fato é que tinha a impressão de que o William nunca gostou da Lucia, nem mesmo quando eram jovens namorados, tanto é que a trocou pela Lourdes.

— A vida é mesmo uma caixinha de surpresa, como diz o seu pai. Eu não sei o que fez o William trocar a Lucia pela Lourdes no passado, mas hoje eles estão muito apaixonados, e o William até rejuvenesceu, pode prestar atenção. Eles estão se fazendo muito bem.

— Ai, mamãe... Essa história do William e da Lucia é realmente incrível. Um casal que volta a se relacionar depois de uma pausa de mais de quarenta anos, dá até letra de música, tema de filme, de livro...

— É, Eva, a sua história e do Thomas também não fica atrás. — Minha mãe ri.

— Verdade. — Começo a rir também.

— Por que a Lucia e o William estão mantendo segredo sobre o romance deles? — questiono, curiosa.

— Eles não contaram nada ainda porque estão preocupados com a reação do Thomas e dos irmãos dele.

— Acredito que o Thomas aceitará tranquilamente, porém acho que os outros filhos do William ficarão muito contrariados. Eles perdoaram a Lucia, mas no fundo pressinto que a culpam pelo que aconteceu com a mãe deles.

— A Lucia também pensa como você — minha mãe diz, pensativa.

— O Lucas é quem me preocupa mais. Ele é um homem tranquilo, equilibrado e reservado, mas é o filho mais velho, o que teve mais contato com a Lourdes e o que era mais apegado a ela. A morte da mãe foi um grande choque para ele, lembro que ele demorou a se recuperar — pondero, preocupada.

— É mesmo, agora que você falou, lembrei. O Lucas adorava a mãe, também era o único filho que se interessava por música, o que deixava a Lourdes ainda mais próxima dele. Ela o ensinou a tocar violão, dava aulas para ele desde que ele era pequenininho, e eles sempre tocavam juntos. Depois que ela faleceu, nunca mais o vi tocar.

— Nem sei se o Lucas ainda toca, nunca mais o vi com um violão. O Silas é que é o artista da família agora. Canta, toca violão, guitarra e baixo, mas acho que só começou a se dedicar à música depois da morte da mãe.

— O estilo do Silas é bem diferente do estilo que a Lourdes apreciava — minha mãe observa.

— Realmente. Quem ganharia muitos pontos com a Lourdes nesse quesito é o Thomas, ele é um violonista maravilhoso, e tão talentoso quanto ela foi. Pensando bem, acho que é até mais talentoso. Ele adora música clássica e se realiza tocando, a Lourdes ficaria extasiada ao ouvi-lo tocar.

— Venha, filha, vamos até a varanda, preciso expulsar aqueles marmanjos da minha casa — minha mãe encerra o assunto e me empurra para fora da cozinha.

— Pode deixar que já estou levando o meu marmanjo embora. — Gargalho.

Vou até a varanda com a minha mãe. A confusão é geral, nunca vi um jogo de baralho tão desorganizado e sinto uma enorme vontade de rir porque, apesar da bagunça, todos parecem estar se divertindo muito.

— Ei, vocês não têm esposa, não? — pergunto em tom de brincadeira.

— Ih, lá vem a patroa, Tom. Estou pressentindo que o nosso jogo acabou — Lucas diz sorrindo.

— O jogo vai acabar porque preciso colocar ordem na casa — minha mãe diz e ri.

— Essa daí é que é a verdadeira dona encrenca — meu pai diz e ri também.

— Tenho mesmo que ir, a Michele está me esperando — Silas larga as cartas e se levanta.

— Boa desculpa, perdedor — Douglas o provoca.

— Então, fique aí, e se entenda com a sua mulher quando ela chegar com as crianças. Não vá buscá-la na casa da mãe dela para você ver o que acontecerá, campeão! — Silas responde à provocação.

— Tem razão. Vou à casa da sogra buscar a minha esposa e os meus moleques. Se eu demorar muito, ela ficará brava e a minha semana não será a mesma. Aquela mulher com cara de anjo é vingativa, já me colocou para dormir no sofá algumas vezes. — Douglas ri e joga as cartas dele no Thomas.

— Ei, Doug — Thomas chama e começa a recolher as cartas. — É melhor você ir logo, não ficará nada bem chegar à casa da sua sogra com o olho roxo.

— Também já vou. — Agora o Lucas se levanta. — Precisam de ajuda?

— Não, Luc, vocês podem ir, ficarei aqui e arrumarei as coisas com o Guido — William fala e olha para o meu pai com um sorriso maroto nos lábios.

— Arrumar as coisas comigo? Quem disse que vou arrumar isso aqui? — o velho Guido reclama.

— Eu. — William ri alto.

— Então sumam daqui, pois quem ficar terá que ajudar! — Meu pai expulsa todo mundo. — Leve o Thomas, Eva, não quero ninguém me atrapalhando na arrumação.

— Estava pensando em tirar uma foto. O meu velho pai realizando atividade doméstica merece um registro para a posteridade. — Gargalho.

— Anda logo, filha, deixa de conversa fiada, e nada de fotografia!



— Posso ajudar com a arrumação — Jonas se oferece.

— Está surdo, Jon? O nosso pai e o Guido arrumarão tudo, já fomos, inclusive, expulsos daqui. Vamos embora. — Thomas dá um tapinha na cabeça dele.

— Estava distraído. A Eliza e os meninos estão lá na casa do Lucas, e acabei de receber uma mensagem dizendo que ela e a Márcia prepararam um lanche e estão me esperando. — Jonas sorri levemente.

— Vamos ter que comer outra vez, Jon. Quem mandou nos esquecermos de avisá-las que comeríamos por aqui? — Lucas indaga e ri, e rimos também.

— Que sorte a de vocês! Comer é sempre uma atividade prazerosa — meu pai diz, e rimos novamente.

Depois das despedidas, saímos em bando, deixando o meu pai e o William observando-nos satisfeitos.

Thomas e eu passamos o final de domingo tocando violão, e quando resolvemos ir para a cama, demoramos muito a dormir porque o meu marido fez comigo tudo o que listou que faria hoje cedo.

— Bom dia, Vanessa!

— Bom dia, doutora Eva. Como foi o final de semana?

— Muito bom.

— A senhora recebeu cinco ligações de uma senhora chamada Patrícia, ela não deu o sobrenome nem quis deixar recado. Falou que telefonará mais tarde.

— Vanessa, por favor, se ela telefonar outra vez, transfira a ligação imediatamente, não importa o que eu esteja fazendo. Quero falar com ela!

— Entendido.

Tenho dificuldade em me concentrar no trabalho que devo fazer porque estou esperando a Patrícia telefonar. Não tenho a menor ideia porque ela não ligou no meu celular.

O telefone toca e atendo rapidamente.

— Doutora Eva, a senhora Patrícia está na linha.

— Pode transferir.

— Alô.

— Oi, Eva, bom dia.

— Bom dia, Patrícia, como é bom ouvir a sua voz!

— Posso dizer o mesmo. — Ela ri.

— Por onde é que você anda?

— É uma longa história, Eva. Estou telefonando apenas para saber como você está.

— Estou bem... E preocupada com você.

— Sei que não nos falamos há muito tempo, e quero me desculpar por ter

sumido de repente... Mas me deu uma vontade enorme de saber notícias suas, por isso resolvi telefonar.

— Que bom que resolveu me procurar, Patrícia. Quero que saiba que estou muito preocupada e que não acho justo que tenha desaparecido e não dê a mínima para quem, como eu, gosta muito de você.

— Sempre soube que gosta de mim e sempre gostei muito de você, Eva. Não tive a intenção de aborrecê-la nem quis parecer misteriosa. Estou apenas dando um tempo, tentando colocar a minha cabeça e a minha vida em ordem.

— Onde você está? — pergunto, tentando que ela me dê algum indicativo de como posso encontrá-la.

— Em São Paulo.

— Onde em São Paulo?

— Eva, por favor, não me coloque contra a parede.

— Se você não quer me dizer onde está, então pelo menos jure que está bem.

— Eu não posso jurar isso.

— Patrícia, faz algum tempo que pressinto que algo não está bem com você. Se não me disser onde está, vou descobrir. Hoje mesmo contratarei um detetive particular e o colocarei no seu encaixe.

— Deveria ter sabido que iria me apertar — reclama com a voz desanimada.

— Diga onde está, Patrícia. Preciso vê-la. Confie em mim.

— Está bem, darei o meu telefone e o meu endereço. Mas, por favor, não comente com ninguém que me encontrou. Estou mesmo precisando de um tempo.

— Fique tranquila, não farei qualquer menção ao seu nome até que me permita fazer isso.

— Quando pretende vir?

— Posso ir amanhã mesmo.

— Combinado. Ficarei aguardando a sua visita.

Anoto o endereço e o telefone da Patrícia, e nos despedimos. Fiquei mais aliviada depois que ouvi a voz dela e não sei o porquê, mas acho que ela está metida em alguma encrenca.

O dia passa rapidamente, o trabalho flui bem. Consegui me organizar para passar a terça e a quarta-feira em São Paulo, fiz os preparativos necessários para a viagem e agora só me resta avisar ao Thomas.

No caminho para casa tenho novamente a sensação de estar sendo seguida. Observo atentamente os retrovisores e me sinto uma boba quando constato que o carro sumiu de vista.

— Boa noite, marido — cumprimento-o amorosamente.

— Até que enfim, esposa! — Thomas me abraça e me dá um beijo

caloroso.

— Estava organizando algumas coisas no escritório e essa é a razão do meu atraso. Assim que pude vim correndo para os braços do meu marido, senti muita saudade.

— Também passei o dia sentindo a sua falta. Depois do jantar quero conversar com você — diz com uma carinha sapeca, mas mesmo assim fico um pouco tensa.

— Detesto essa história de conversar depois, se quer falar comigo pode fazer isso agora. Você sabe que a curiosidade é o meu ponto fraco. Sou capaz de nem jantar direito esperando pela conversa.

— Só quero agradecer por ter ido a Piracicaba comigo.

— Pode agradecer. — Aconchego-me novamente em seu abraço.

— Quero que saiba que a minha ida a Piracicaba, depois de tanto tempo sem colocar os pés lá, foi muito melhor do que pensei que seria. Devo isso a você, que tem me ajudado a ser uma pessoa melhor. O nosso amor tem sido o antídoto para os meus males. Obrigado, esposa. — Ele me encara com os olhos brilhando, e acho que parecem duas pedras preciosas.

— Você só está colhendo os frutos do que tem plantado.

— Tive certeza, andando pela minha antiga casa de mãos dadas com você, de que tudo na vida tem dois lados, o bom e o ruim, e que posso escolher por qual deles devo balizar a minha vida. Por sua causa tenho escolhido o lado bom, e essa foi a minha opção também com relação àquela casa, melhor ainda, com relação as minhas lembranças de infância.

— Você conseguiu, finalmente, deixar que as lembranças boas se tornassem mais nítidas e importantes do que as lembranças ruins. — Continuo encarando-o e admirando os seus belos olhos.

— Percorri todos os cômodos me lembrando da minha avó, e as recordações de como ela era especial, boa e dedicada foram mais significativas do que quaisquer outras. Só tive um pouco mais de dificuldade quando entramos no porão.

— Você se comportou muito bem naquele porão, meu amor.

— Da primeira vez, desabei, perdi o controle, mas você foi incrível e me fez voltar lá. Estar com você ali, me dizendo o quanto me ama e o quanto sou especial, recebendo o seu carinho e o seu amor, foi muito revelador. Senti como se você tivesse aberto os grillhões que me prendiam às lembranças ruins. Garanto que se eu tiver que entrar naquele porão outra vez, só conseguirei me lembrar de estar deitado no seu colo ouvindo a história que contou sobre nós.

— Estou adorando saber que estamos finalmente tapando com mais eficiência os tais buracos negros da sua alma.

— Acho que o processo está bem adiantado e acredito que, dentro em breve, o monstro que abrigo morrerá mesmo de fome como previu. — Ele abre o seu sorriso mais que perfeito, e fico atordoada.

— Vamos agir com cautela, afinal com monstro não se brinca. O tempo, o amor e a felicidade desempenharão os seus papéis, e logo você estará completamente livre da dor, da culpa e dos traumas que lhe foram causados no passado. — Dou um beijinho no queixo dele.

— Com toda certeza, esposa. Quero me concentrar em aproveitar o presente e me preparar para um futuro ainda melhor ao seu lado.

— Eu te amo, Thomas.

— Eu te amo mais, minha Eva.

Nós nos beijamos apaixonadamente, e me sinto feliz e em paz nos braços do meu marido. Nem mesmo a perspectiva de a Amanda vir a infernizar a nossa vida está conseguindo me aborrecer. Sei que estamos cada vez mais unidos, que o nosso amor está se fortalecendo e ficando as bases para uma vida toda de companheirismo e cumplicidade.

— E o jantar? — Maria nos interrompe.

— Será comido — digo e rio.

— Esta noite ainda? — ela me provoca.

— Agora mesmo — Thomas afirma e sai correndo atrás dela.

— Doutor Thomas, por favor! Me deixe em paz!

— Então, corre, Maria! Se eu pegar você, irá parar dentro da piscina!

A Maria sai correndo e o Thomas vai atrás dela devagar, não quer pegá-la de verdade, apesar de que ela não sabe disso. Rio muito da cena e só consigo parar de rir quando começamos a jantar.

— Será que a Maria virá tirar a mesa?

— Sei lá. Acho que virá só depois que você não estiver mais por perto, ela acha que terá coragem de jogá-la na piscina.

— Às vezes tenho uma vontade enorme de fazer isso. — Thomas ri. — Mas só quando ela me irrita muito.

— Ela o irrita pouco, queria ver se você estivesse na minha pele, ela é inclemente comigo. — Gargalho.

— Vamos subir?

— Vamos, mas antes quero lhe contar que amanhã precisarei ir para São Paulo.

— Fazer o quê?

— Recebi um telefonema da Patrícia. Ela está muito misteriosa, preciso conversar com ela e saber o que está acontecendo, e não dá para esperar até sexta-feira.

— Você irá de carro?

— Não. Vou de táxi-aéreo, será mais rápido.

— Você irá pela manhã e voltará à noite?

— Ainda não sei, acredito que irei amanhã e só retornarei na quarta-feira.

— Precisarás de dois dias para resolver seja lá o que for com a Patrícia? —

Thomas fica mais sério agora.

— Realmente não sei, pode ser que amanhã à noite eu já esteja em casa.

— Gostaria de ter sido avisado sobre isso mais cedo, talvez conseguisse ir com você — protesta.

— Não quero que sacrifique a sua agenda.

— Tudo bem. Amanhã levarei você para o seu embarque. — Ele coça a nuca.

— Não precisa. O Moacir me levará — explico e posso ver faíscas saindo dos olhos do meu doutor.

— Se prefere assim... — diz chateado.

— Preferia ficar aqui com você, mas preciso seguir um pressentimento e ver o que está acontecendo com a Patrícia.

— Entendo.

— Quando estiver em São Paulo, talvez possa adiantar alguns assuntos com a Sara. Preciso trabalhar também, nem só de amor e sexo vive a humanidade — digo e rio.

— O resto da humanidade eu não sei, mas posso viver muito bem só de amor e sexo.

— Ah, é? — pergunto com ironia.

— Desde que o amor e o sexo sejam com você, minha linda. — Thomas sorri.

— O que estamos esperando, marido?

— Nada. Vamos subir que mostrarei para você o quanto sou bom quando o assunto é amor e sexo.

— Sei muito bem disso. — Gargalho.

Chegamos ao quarto, e sou atacada pelo meu marido. Ele tira a minha roupa com muito ímpeto, e fico molhada ao sentir a necessidade dele. O desejo do Thomas é tão urgente que ele até se embaraça na hora de se despir. Posso ver o fogo ardendo nos olhos dele e isso me motiva tanto quanto observar a sua maravilhosa ereção. Adoro o diâmetro do pênis desse homem, é inspirador.

Thomas me agarra e me beija furiosamente, fico trêmula, estou ansiosa, quero ser possuída e quero possuí-lo o mais rápido possível. Ele se senta na poltrona e me senta sobre ele, de costas, segura a minha cintura e me ergue e, lentamente, vai se introduzindo em mim. Cada avanço me deixa mais quente e molhada, e quando ele está todo dentro de mim, me sinto plena e me agito, remexo e, amparada por ele, escorrego para frente e para trás.

— Você é minha e amo estar dentro de você.

— Você é meu e amo quando está dentro de mim.

O vaivém é empolgante e delicioso. Ouvir a respiração pesada e os gemidos do Thomas me estimula, e também não consigo parar de gemer. A minha vagina pulsa freneticamente, e sei que não suportarei muito tempo antes de ser tomada por um poderoso orgasmo.

— Se quiser que essa nossa atividade dure, pare de se remexer tanto, estou quase gozando.

— Então, goze comigo, amor! Estou quase lá... — incito-o.

Thomas me faz ir e vir mais rápido, entra bem fundo e cada vez mais forte, começo a arfar e me arrepio, a minha boca seca, e a minha vagina fica completamente molhada. Uma espécie de descarga elétrica percorre a minha espinha, grito, e sou literalmente arrebatada pelo gozo. O meu despudorado doutor urra, estremece e me estoca violentamente, grita e se derrama dentro de mim.

Passamos um bom tempo abraçados, eu de costas para ele.

Apenas quando conseguimos parar de tremer, nós nos soltamos e nos arrumamos para dormir. O orgasmo, para mim, é um poderoso sonífero, e sob o efeito relaxante que me proporcionou, durmo pesadamente.

Thomas acorda um pouco mais calado do que o habitual e sai para correr como de costume. Eu não o acompanho porque preciso arrumar a minha valise e me vestir.

A Sara estará me esperando quando eu chegar a São Paulo, ela fez questão de ir me buscar, e farei com que me leve ao apartamento dos meus pais para que eu deixe a valise e pegue o carro do meu pai emprestado. O Osmar, o outro motorista do seu Guido, está de férias e deixou o carro estacionado na garagem do prédio.

— Tão elegante e tão cheirosa — meu marido diz me observando da porta do closet.

— Que susto! Não sabia que já tinha voltado.

— Dei uma volta menor hoje. Quero dar mais alguns beijos na minha esposa antes que ela saia.

— Suado assim? — pergunto e gargalho.

— Sei que está quase de saída, e não dá tempo de tomar banho antes de beijá-la, mas lavei o rosto e isso terá que bastar no momento. — Ele cruza os braços, encosta-se ao portal e sorri.

— Por que você é assim tão lindo?

— Porque você me ama muito, e o amor é o melhor embelezador que existe. — Ele ri.

— Até parece que sou só eu que o enxergo assim. Todos os olhares femininos que recebe, e todos os pescoços que se viram quando passa, contradizem a sua afirmação.

— Só existe uma mulher debaixo do céu que pode fazer o que quiser de mim, e ela se chama Eva — diz, e fica ainda mais bonito.

— Isso mesmo, doutor, continue pensando assim por todo o sempre. — Eu me aproximo e o deixo me beijar diversas vezes.

— Tente não me fazer dormir sozinho, você sabe que sinto muito a sua falta, a cama fica enorme quando não está nela — pede de um jeito manhoso que me emociona.

— Sei disso, amor. Não gosto de dormir sem você também. Tentarei voltar

hoje mesmo para casa.

— Se cuida, minha garota de olhos dourados... E volte logo para mim!

— Farei o possível — afirmo e dou um beijo escandaloso nele.

## Capítulo XI

Foi muito difícil despistar a Sara, ela queria ir comigo visitar o cliente que eu inventei que preciso encontrar, mas a impedi, lógico.

O endereço que a Patrícia me deu fica no bairro Bela Vista. Dirijo pelo bairro; a casa que procuro fica na parte mais afastada da Avenida Paulista, e não demoro muito para encontrá-la. Com a ajuda do GPS ficou muito mais fácil.

Antes de sair do carro, observo detidamente a fachada do pequeno sobrado de aparência simples e bem-conservado, confiro o endereço e me certifico de que o local é mesmo este. Saio disposta a tocar a campainha, e antes que me aproxime da porta, ela se abre. Uma senhora, que a primeira vista me parece simpática, surge e sorri para mim, e fico momentaneamente sem ação.

— Bom dia, a senhora deve ser a doutora Eva Fiore. A Patrícia me alertou que estava chegando, ela recebeu a sua mensagem — a simpática mulher diz.

— Bom dia. Sou sim e, por favor, me chame de Eva. E a senhora é?

— Sou a Roberta, tia da Patrícia. E nada de senhora para mim também. — Ela sorri.

— Muito prazer. E nada de senhora para você, entendi. — Aproximo-me dela retribuindo o sorriso e apertamos as mãos.

— A minha sobrinha está no quarto. Desculpa por ela não ter descido para te receber, é que ela não tem passado muito bem.

— O que a Patrícia tem? — pergunto preocupada.

— Ela conversará com você. — Roberta me olha parecendo aborrecida. — Por gentileza, entre.

— Muito obrigada. — Entro e a sigo.

— O quarto da Patrícia é o primeiro à direita. Pode subir, ela a aguarda.

A sala do sobrado é aconchegante, mobiliada com capricho e simplicidade, mas não me detenho nela, subo a escada que a tia da Patrícia me indica e me encaminho até o quarto. A porta está aberta.

— Eva! Que saudade! — Patrícia parece feliz em me ver, e fico espantada ao vê-la deitada na cama, coberta até o peito. O rosto dela está pálido e abatido.

— Como é bom encontrá-la! Estava com saudade também e muito preocupada com o seu sumiço. Agora me diga o que é que você tem. — Chego perto da cama, evito tocá-la porque não sei se me permitirá fazer isso, e me sento na cadeira que parece ter sido colocada para mim.

— Diabetes, pressão alta e uma incapacidade absoluta de manter alimentos dentro do meu estômago. — Ela franze a testa.

— Como é que uma pessoa que sempre foi saudável ficou tão doente de



repente? — Estendo a mão para ela que me entrega a sua mão fria.

— Transando com o Marco — diz com a voz chorosa.

— Não acredito! O Marco a infectou com alguma doença? — *Acho isso muito esquisito porque, pelo que me lembro, os exames pré-nupciais dele tiveram todos os resultados normais* .

— O Marco não me transmitiu doença alguma, Eva. Apenas me engravidou.

— Você está grávida? — Fico totalmente surpresa.

— Estou grávida e nunca pensei que uma gravidez pudesse adoecer tanto uma pessoa, devo ser muito azarada, só pode.

— Por que você não me contou isso antes?

— Porque fiquei confusa e desesperada. Jamais imaginei que ficaria grávida de um homem que nem lembra que eu existo.

— Foi por isso que resolveu desaparecer?

— Mais ou menos. Fiquei muito contrariada, e não sabia o que fazer da minha vida. Eu me senti a mais burra das mulheres e me envergonhei da minha condição. Resolvi largar tudo até me equilibrar novamente, mas fui ficando cada vez mais doente e debilitada, e a questão psicológica se tornou menos importante do que a física.

— Você está grávida de quantos meses?

— Amanhã completarei vinte e seis semanas de gestação.

— Esse negócio de contar gravidez por semana sempre me confunde.

— Vinte e seis semanas correspondem a seis meses, acho que é isso — diz com o semblante triste.

— A sua médica disse por que a gravidez a deixou tão mal?

— Foi porque desenvolvi enfermidades que acometem algumas mulheres na gravidez, o fato é que dei azar e parece que tenho de tudo.

— Você poderia sair de debaixo das cobertas?

— Posso. — Ela joga o edredom para frente, e eu a ajudo.

— A barriga está aparecendo bem, mas você está magrinha, só ossos e barriga — constato e os meus olhos ficam molhados.

— Geralmente, fico bem inchada, mas estou tomando medicamento e fazendo dieta, e o inchaço tem deixado de acontecer. Apesar de parecer o contrário, estou sendo bem-cuidada. A minha tia é enfermeira, e por isso resolvi vir ficar aqui com ela e com o meu tio.

— Como os seus pais reagiram a essa gravidez? — Seco os meus olhos com as costas da mão.

— Não muito bem. Nem tanto por causa da gravidez em si, mas por causa de tudo o que abri mão depois dela.

— Se tivesse conversado comigo poderíamos ter resolvido as coisas de uma maneira menos traumática, e talvez com o psicológico estável, você não tivesse adoecido tanto.

— Pode ser. Desculpa por não ter pedido a sua ajuda, e por ter desaparecido...

— Deixe isso para lá. O que está feito, está feito. Vamos tratar do agora. Quero ajudá-la. Como posso fazer isso?

— Não precisa, Eva. Estou bem, ou melhor, ficarei bem depois que a bebê nascer.

— É uma menina?

— É. Uma menina que se chamará Estela.

— Parabéns! Adorei o nome. Lindo! — Fico emocionada novamente.

— Eva, você e o Thomas estão bem? — pergunta com aquela carinha de quem sabe mais do que quer demonstrar.

— Estamos muito bem. Por que essa pergunta assim de repente e dessa maneira tão estranha?

— É que o vi no hospital outro dia. Eu tive que ir tomar um medicamento e fazer um exame de emergência e estava um pouco avoada, mas tenho certeza de que era ele.

— E você o viu no hospital acompanhando uma mulher grávida e ficou imaginando coisas — faça a minha suposição.

— Verdade. É que a mulher estava meio nervosa, agitada e ficava se insinuando para o Thomas o tempo todo, e, inclusive, reparei que ele estava bastante constrangido com a situação. Isso me deixou ressabiada, e desde então tenho andado preocupada com você.

— A mulher é uma espécie de ex do Thomas e agora apareceu grávida. Ela está quase para dar à luz e alega que o filho é dele. Diz que transaram na época em que estávamos separados, mas que estavam bêbados quando isso aconteceu e, estranhamente, nem ela nem o Thomas se lembram do ato sexual.

— Como é que é? Se eles não se lembram de terem feito sexo, como é que ela sabe que o filho é dele?

— Boa pergunta. Ela tem umas suposições meio esdrúxulas, mas só um exame de DNA poderá provar a verdade.

— E o que o Thomas diz sobre isso?

— Ele não se lembra de nada, tinha bebido muito, e está tão surpreso quanto eu. O importante é que ele não me traiu, estávamos separados quando ela, a Amanda, alega que a concepção ocorreu, e estou tentando lidar com a situação de uma maneira que o meu casamento não seja abalado.

— Que bom que você está agindo assim, fico muito mais tranquila.

— Estou priorizando a felicidade — digo e sorrio.

— Você faz muito bem. Admiro a sua atitude e não sei como consigo ser tão superior. Eu, que não tenho nada a ver com o assunto, fiquei consternada com a possibilidade de o Thomas ter engravidado aquela mulher.

— O que mais posso fazer? Fiquei noiva de outro homem, transei com esse homem, quase me casei com esse outro homem e, mesmo assim, o Thomas

lutou para me ter de volta. Como é que eu poderia não estar do lado dele agora?

— Você tem razão. O esquisito em tudo isso é que... — ela interrompe a frase.

— É que, o quê? — insisto.

— Se você tivesse se casado com o Marco estaria agora com o mesmo problema.

— Verdade. Que coisa mais louca! Era mesmo para ter um bebê surpresa na minha vida, independentemente do homem que se casasse comigo. — Começo a rir.

— Não tem a menor graça, Eva. Como é que você pode rir de uma coisa dessas?

— Porque estou com a sensação de que fui encurralada. Se tivesse me casado com o Marco teria uma enteada. Casei-me com o Thomas e corro o risco de ter um enteado. Estou achando que o meu destino é ser a madrasta de alguém.

— Volto a rir.

— O bebê dessa Amanda é um menino?

— É e ela diz que o nome dele será Thomas. — Rio ainda mais.

— Admiro o seu senso de humor, Eva.

— Às vezes até eu me espanto das coisas de que acho graça.

— E o Marco como está? Ele ainda é apaixonado por você? — pergunta de supetão, e percebo que está tensa.

— Não sei e não sei, mas espero que ele esteja bem e que tenha superado qualquer sentimento que já sentiu por mim. — *Sou evasiva*.

— Ele te ama, Eva. Eu sempre soube disso. Mesmo quando transava comigo não parava de falar em você, e é por isso que me sinto tão idiota. Como é que pude me iludir e me apaixonar por um homem que é louco de amor por outra mulher e que me ignora completamente?

— O Marco é um homem bonito e galante, e você se encantou com ele. Homens como o Marco sabem como envolver uma mulher e você se deixou seduzir, isso acontece e é mais comum do que pensa. Apenas acho que ele não é tão indiferente assim a você, noto um brilho diferente nos olhos dele quando toca no seu nome e algumas vezes cheguei a pressentir que você e ele ainda serão um casal.

— Acho que não, pior, sei que não. Ele vai se relacionar com as *socialites* que fazem parte do círculo de amizade da família dele e uma hora dessas acabará se apaixonando por uma delas.

— Você é a mãe da filha dele, o Marco terá que se relacionar com você também. Então, quem sabe essa proximidade não suscite grandes sentimentos?

— Caso o filho que essa Amanda diz estar esperando seja do Thomas, ele terá que se relacionar com ela também. Você acha que essa proximidade suscitará grandes sentimentos nele? — pergunta parecendo irritada, usando como argumento o meu argumento.

— O Thomas é um homem casado e me parece bem feliz, não acredito que

venha a se apaixonar pela Amanda mesmo que se tornem próximos por causa da criança. A Amanda é insuportável e isso é bom, pelo menos para mim, porque não preciso me preocupar tanto com ela. Você, ao contrário, é maravilhosa, e o Marco é um homem solteiro e carente, e pode ser que algo surja daí.

— Não tenho a menor esperança — ela se lastima.

— Você já contou para o Marco sobre a gravidez?

— Claro que não! O homem mal me conhece, imagina se ele vai acreditar em mim. Vou esperar a Estela nascer para contar para ele que se tornou pai, porque assim é só fazer o exame de DNA que não restará dúvidas.

— Você não usava pílula anticoncepcional. Chegou a contar isso para ele?

— Sim. Eu disse para o Marco que não usava pílula e que precisávamos nos prevenir.

— No momento em que o Marco dispensou o preservativo, assumiu alguns riscos, dentre eles o de uma gravidez não programada acontecer.

— *Sou categórica* .

— Ele foi precavido, usou camisinha, mas ela estourou.

— A camisinha estourou antes ou depois da ejaculação? — indago curiosa.

— Acho que foi durante a ejaculação, não sei bem, ele só percebeu quando foi tirá-la e ficou bastante preocupado.

— E você não ficou preocupada também?

— Claro que fiquei, mas estava preocupada com tantas outras coisas que nem sabia a qual dar atenção primeiro. O Marco me pediu para procurar um ginecologista imediatamente, queria que eu fosse orientada a tomar a pílula do dia seguinte, até se ofereceu para me dar o dinheiro da consulta.

— E você, pelo jeito, não fez o que ele pediu. — *Agora estou entendendo todos os motivos pelos quais ela está se sentindo tão culpada.*

— Na hora em que ele abriu a carteira para me entregar o dinheiro, pode parecer besteira, mas me senti como uma prostituta recebendo por um programa e não aceitei. Ele também se ofereceu para me levar ao médico, só que fiquei muito ofendida com a frieza com a qual ele estava tratando do assunto e recusei. Eu disse que preferia tomar as providências necessárias sozinha e garanti a ele que as tomaria.

— Patrícia, o Marco estava apenas sendo prático. Se você não aceitou a ajuda dele nem fez o que ele pediu, acredito que ele tem todo direito, quando souber, de ficar aborrecido com o desfecho da situação — pondero.

— No dia seguinte, logo cedo, liguei para uma ginecologista conhecida e ela me explicou o que eu deveria fazer. Mas eu estava me sentindo tão confusa que me esqueci de tomar a tal pílula dentro do prazo recomendado, só que mesmo assim tomei e, como pode ver, não foi mais efetiva — ela tenta se explicar.

— Quando a Amanda apareceu lá em casa dizendo que está grávida e que acha que o filho é do meu marido fiquei muito brava, e preferia que ela tivesse

nos procurado somente quando o exame de DNA pudesse ser feito, contudo, no seu caso tenho minhas dúvidas. O Marco poderia muito bem aceitar a gravidez e talvez até estivesse ajudando você agora, já que os dois se lembram de terem transado, são solteiros e sabem que a camisinha estourou.

— O Marco vai me culpar por não ter feito o que ele me pediu — ela se lastima.

— Como disse, acho que ele tem o direito de se sentir ludibriado por você. Apesar disso, acredito que será melhor conversar com ele sobre essa gravidez o quanto antes.

— Não quero arriscar. Prefiro contar sobre a Estela quando ela nascer, não desejo ouvir mais do que mereço. Faremos o exame, e ele assumirá a filha se quiser, caso contrário cuidarei de tudo sozinha.

— Sozinha coisa nenhuma! Estarei ao seu lado. Você trabalha novamente para mim, mandarei uma pessoa de confiança até aqui para buscar os seus documentos, por favor, organize tudo. Peço que não se preocupe porque a manterei de licença até que possa voltar a trabalhar, quer dizer, até que a pequena Estela tenha seis meses.

— Não posso aceitar isso, Eva. Você me pagará uns nove meses de salário antes que eu possa ser útil.

— Vai ser assim e ponto final.

— Você vai contar para o Thomas?

— Posso?

— Pode, mas, por favor, peça para ele guardar segredo.

— Fique tranquila, o meu marido não demonstra o menor interesse pela vida alheia.

— Ótimo, mas, de qualquer forma, por favor, peça para ele guardar segredo, assim não comentará sem querer.

— Pode deixar. Tenho certeza de que o Thomas se oferecerá para ser o pediatra da Estela. Ele adora crianças e trata os pacientes com carinho e atenção.

— Nem sei como agradecer! — A Patrícia começa a chorar, inclino e a abraço.

— Você já me agradeceu quando passou anos me ajudando a realizar o meu trabalho. — Eu a aperto em meus braços e depois a libero.

— Eu ganhava para isso. — Ela soluça.

— Então nunca ganhou o suficiente porque, durante os anos em que esteve ao meu lado, eu sempre soube que podia contar com você. E isso não há dinheiro no mundo que pague. Você foi um anjo na minha vida e, sendo assim, sou eu quem deve dizer obrigada.

— Odeio ter decepcionado você, Eva — diz chorando bastante.

— Você não me decepcionou, decepcionou a si mesma e não está conseguindo se perdoar e esquecer. Acho que a culpa que está sentindo por ter agido de uma maneira que condena está deixando-a doente. Livre-se dessa carga e concentre-se

na Estela, na sua filha, que está aí sentindo junto com você toda essa culpa e remorso, e ela é muito pequenininha para lidar com tanta energia negativa.

— Se você tivesse se casado com o Marco e descobrisse que estou esperando um filho dele, estaria tão brava comigo quanto está com a Amanda?

— Depende do contexto.

— Como assim? — pergunta interessada.

— Eu não estou brava com a Amanda por causa da gravidez, apesar de não ter gostado nada de saber que existe uma grande possibilidade de o Thomas ser o pai do bebê. O que me faz detestar a Amanda é o modo como ela tenta o tempo todo me afetar e me magoar. Aquela mulher quer atrapalhar a minha vida a todo custo, quer se vingar de mim porque o Thomas me ama, e fez disso um propósito. Se ela estivesse agindo de outra maneira, sei que não estaria tão irritada com ela. A Amanda é uma pessoa patética que atifa o meu lado mais mordaz.

— E você é uma pessoa especial e amorosa, Eva. — Patrícia funga.

— Sou apenas uma pessoa coerente. Saiba que se eu descobrisse que transou com o Marco apenas quando eu estivesse casada com ele, talvez não conseguisse perdoá-la, como também não perdoaria o Marco por ter escondido isso de mim.

— Eu jamais esconderia de você o que fizemos. Só não contei logo porque não tive oportunidade, e também porque o seu pai me procurou e me envolveu no plano dele. Achei que se eu contasse estragaria tudo, então fiz o que ele me pediu para fazer e esperei para ver qual seria o resultado. Eu tinha quase certeza de que você aceitaria o pedido do Thomas.

— As coisas acabaram se resolvendo, Patrícia. Estou casada com o homem que amo, e você está esperando uma filha que amará mais do que qualquer coisa neste mundo. Isso significa que somos pessoas privilegiadas, porque não é qualquer um que pode dizer que tem alguém para amar.

— Você tem razão — diz um pouco mais calma.

— Tenho mesmo. — Sorrio.

— Você quer tomar alguma coisa? Aceita um café forte e sem açúcar? — ela sorri também e a sua aparência fica menos dramática.

— Não ,obrigada .Preciso ir. Prometa que ficará bem e que me manterá informada sobre o seu estado.

— Prometo, Eva. Obrigada, obrigada, obrigada!

— Patrícia, precisarei contar para a Sara que a encontrei. Por favor, deixe-me colocá-la a par da sua situação, não tenho como esconder isso dela.

— Tudo bem, pode contar. Ela é de sua confiança, sei que guardará segredo se pedir que faça isso.

— Pedirei sim e garanto que ela manterá a boca fechada. Ela realmente é de muita confiança.

— Até logo, Patrícia. Até logo, Estela. — Passo a mão na barriga dela e me levanto para ir embora.

— Quer dizer então que o cliente não pôde atendê-la? — Sara pergunta e quase rio.

— Na verdade, menti. Não fui me encontrar com cliente algum — confesso.

— Sabia! Sou uma advogada criminalista e me considero boa no que faço. Aprendi, exercendo a minha profissão, a reconhecer quando uma pessoa está mentindo e você não pode ser considerada sequer um desafio, porque mente muito mal. — Sara me olha tão sério que estremeço.

— Então, vou contar para você o que está acontecendo, com quem realmente fui me encontrar, mas terá que jurar sobre a Bíblia que não falará nada do que vai ouvir de mim para ninguém.

— Combinado. Você poderá me contar tudo durante o almoço, vamos a um bom restaurante, algo me diz que precisarei tomar uma taça de vinho.

— Podemos ir ao Trebbiano, o restaurante do L'Hotel Porto Bay, acho a comida de lá muito boa.

— Excelente escolha, Eva. A comida de lá é muito boa e a carta de vinhos idem. — Sara dá uma piscadinha. — Prometo que será apenas uma taça porque estou trabalhando e o dia promete.

— Vamos, estou morrendo de fome. Eu dirijo; o carro do meu pai está na garagem.

— Nem pensar! Não acho prudente sair por aí correndo o risco de ser sua cúmplice em qualquer atividade que possa danificar a Mercedes lustrosa do seu pai.

— E não acho prudente voltar com você dirigindo depois de ter bebido vinho, mesmo que seja apenas uma taça.

— Você pode dirigir o meu carro — propõe.

— Posso dirigir o carro do meu pai e é isso que farei. Vamos logo.

— O carro do seu pai é novinho, não deve ter nenhum arranhão e você dirige que nem uma louca...

— Arrisque-se, doutora! Liberte-se! Deixe de ser tão certinha. Seja a minha cúmplice com gosto e sem medo. Você dirige na ida, e eu na volta. Combinado? — Gargalho e jogo a chave do carro para ela.

— O que é isso aqui? Um pen drive? — Sara me provoca.

Quando chegamos à garagem, a Sara se recusa a dirigir o carro do meu pai, afirma que o painel tem botões demais e que ficará confusa. Sendo assim, eu dirijo e, durante o percurso até o restaurante, conversamos apenas sobre assuntos de trabalho.

Enquanto esperamos a chegada dos maravilhosos pratos que escolhemos, finalmente conto para a Sara que me encontrei com a Patrícia e revele que ela está grávida. Relato os problemas de saúde que a gravidez acarretou a ela e o que

farei para ajudá-la.

A Sara me ouviu atentamente e apoiou a minha decisão de ajudar a Patrícia, e faço-a prometer que não comentará nada com ninguém até que a própria Patrícia se sinta à vontade para fazê-lo.

— Sei que não devemos julgar o comportamento de quem quer que seja...

— Claro que não, somos advogadas, não juízas — eu a interrompo com a minha frase engraçadinha.

— Hilário, amiga, mas vou conter o riso — Sara demonstra que não achou graça do que eu disse. — Voltando ao assunto, sei que não devemos julgar quem quer que seja, contudo, pelo visto, a Patrícia resolveu apostar na possibilidade de engravidar do Marco — Sara diz, e sinto uma leve ironia em sua voz.

— Você acha que ela não tomou a pílula do dia seguinte, no prazo recomendado, propositalmente? — *Quero entender o ponto em que a Sara deseja chegar.*

— Veja bem, Eva, não estou dizendo que foi isso o que aconteceu, mas está me passando pela cabeça a hipótese de a Patrícia ter pagado para ver. Acho que ela quis assumir o risco de engravidar de um homem muito rico e muito bonito pelo qual é apaixonada.

— Pode ser, Sara, é uma hipótese válida. Porém, não tenho conhecimento suficiente da situação para fazer esse tipo de afirmação, e prefiro acreditar nas razões que ela me deu.

— A questão é a seguinte, acho que deve mesmo ajudá-la, afinal ela trabalhou para você e foi muito correta durante bastante tempo, mas não sei se deve voltar a confiar nela. Talvez, quando ela voltar, possamos colocá-la em outra posição na empresa, algo que não esteja ligado diretamente a você.

— Por que acha isso?

— Porque a mulher transou com o noivo da chefe e amiga, e não apenas isso, também pode ter desejado engravidar desse homem. Quando eles transaram, a Patrícia não sabia que o casamento não aconteceria de fato, e se você estivesse casada com o Marco agora, a sua vida viraria de cabeça para baixo.

— Seria a desculpa perfeita para eu pedir o divórcio e ir ao encontro do Thomas.

— Isso no caso de você e o Marco não estarem se entendendo bem, porque poderia acontecer de você se surpreender com a felicidade inesperada. Vai saber? De qualquer forma seria muito sofrido descobrir que foi traída, duplamente traída.

— O Marco me traiu com a Patrícia, e eu o trai com o Thomas, mas contei isso para ele imediatamente após o acontecido. Eu não poderia perdô-lo se tivesse me casado com ele desconhecendo o que aconteceu, acredito que também não teria sido capaz de perdoar a Patrícia se ela tivesse me omitido isso até depois do casamento.



— Pelo que eu sei, ela não contou. E foi ela quem ajudou você a colocar o vestido de noiva e a acompanhou até a cerimônia, deve ter olhado nos seus olhos várias vezes e não se entregou. Se isso não é ser falsa, não sei como denominar — Sara é enfática.

— Ela disse que omitiu isso de mim porque preferiu resolver esperar para ver se o plano do meu pai daria certo. E é meio difícil explicar esse plano todo em detalhes para você agora.

— Nem precisa, o que sei sobre ele me basta. Continuo achando que não deve confiar mais na Patrícia. Avalie o que eu disse.

— Sabe o que é, Sara? O fato é que eu não amava o Marco, e a Patrícia sabia perfeitamente disso. Não consigo achar que ela foi desleal comigo. No fim, ela ter transado com o Marco até me ajudou. Acho que ela aproveitou uma oportunidade e apostou alto no resultado final.

— É outra forma de enxergar a situação e não tenho elementos para discordar de você. — Sara sorri. — Afinal, você sempre foi astuta e inteligente.

— Às vezes, nem tanto — admito e rio.

— O Marco, com certeza, levará um grande susto quando souber dessa gravidez, ou melhor, quando souber que tem uma filha já que a Patrícia só contará para ele sobre o resultado da camisinha estourada quando a menina tiver nascido — Sara conclui, e tenho que concordar com ela.

Quando o meu congrio rosa em crosta de gergelim ao molho de limão siciliano, com purê de mandioquinha e chips de Parma, e o escalope de filé mignon ao molho de vinho marsala, com risoto caprese, da Sara, chegam, interrompemos a conversa e nos concentramos em saborear a comida. Bebo água mineral com gás gelada, e a Sara bebe a sua taça de vinho tinto.

Voltamos a conversar mais animadamente só depois que escolhemos a sobremesa, e quando as nossas tortas-trufas com calda de frutas do bosque são trazidas, ficamos completamente absortas na tarefa de devorá-las. Como esgotamos o assunto gravidez da Patrícia, a Sara aproveita para me pedir para passar o resto do dia no escritório a fim de ajudá-la a resolver alguns assuntos que não poderão esperar até a próxima sexta-feira, e concordo.

Pago a conta, passamos no banheiro, depois nos encaminhamos para a saída do restaurante e damos de cara com o Marco. Não posso acreditar em tamanha coincidência. Ele está com uma aparência excelente, muito elegante, vestido em um terno alinhado e esbanjando charme para tudo quanto é lado.

Ficamos frente a frente, vejo o olhar dele se tornar mais triste e sinto uma vontade enorme de desaparecer. Observando a reação do Marco ao nosso encontro, percebo que ainda o faço sofrer, e me lembro da Patrícia, da gravidez dela e da dor que a indiferença dele está causando a ela. Ele desvia o olhar de mim e se concentra na Sara.

— Como vai, doutora Sara? — Marco beija a mão da Sara.

— Muito bem, doutor Marco. E o senhor?

— Pensei que estivesse ótimo, mas...

— O senhor me parece ótimo. — Sara o examina, e ele sorri discretamente.

— Como vai, Eva? — Ele beija a minha mão, a mão gelada dele segurando a minha me faz ter certeza de que está nervoso.

— Vou bem, Marco.

— Eva, Eva... Você está cada dia mais deslumbrante, estou completamente hipnotizado pela sua beleza — diz sem soltar a minha mão.

— Obrigada. Você, como a Sara acabou de dizer, também parece ótimo.

— Só pareço. Até pensei que estivesse, mas ver você está mexendo comigo.

— Estou indo embora, não quero mais perturbá-lo. Solte a minha mão, Marco, por favor.

— Claro, Eva, desculpe-me. Fiquei tão desnortado diante de você que não percebi que ainda estava segurando a sua mão delicada. — Ele solta a minha mão e nos dá passagem.

— Bom almoço — falo evitando olhá-lo diretamente nos olhos.

— Eva, eu poderia jurar que não a encontraria aqui em São Paulo, pensei que estivesse em Ribeirão Preto. Tinha certeza de que estava por lá — diz e fico intrigada. *Será que estou sendo seguida a mando do Marco e não do Thomas?*

— E como poderia ter tanta certeza do meu paradeiro, Marco?

— O meu coração dói quando você está por perto. É algo estranho de explicar. Quando ele está bem, sei que está distante. E como ele não estava doendo, achei que você não deveria estar na cidade.

— O seu coração deve estar se curando, Marco, porque, como pode ver, ele se enganou. Isso é muito bom.

— O coração pode até ter se enganado. O radar dele deve ter dado algum probleminha momentâneo, mas em compensação o cérebro nunca falha. Ele me faz pensar em você com enorme regularidade.

— Sem galanteios, Marco. Fique bem. Tchau.

— Tchau, Eva.

— Até logo, doutor Marco — Sara despede-se toda derretida.

— Até logo, doutora Sara.

Viro-me rapidamente para encerrar logo as despedidas e também para evitar o olhar apaixonado do Marco. Saio sem olhar para trás e a Sara me acompanha.

O manobrista me entrega o carro. Dirijo rumo ao escritório.

— Caramba, Eva! Você deve ser mesmo muito boa de cama, porque consegui fisgar, irremediavelmente, os dois homens mais bonitos que conheci na vida. O Thomas que é um deus quase nórdico, e o deus grego que atende pelo nome de Marco e que acabou de me deixar encantada.

— Estou vendo que o vinho soltou a sua língua.

— Não foi o vinho, Eva. Encontrar o Marco é que me deixou um pouco

eufórica. Adoro homens bonitos.

— Também adoro, você sabe disso. Dormir e acordar todo dia com um ao meu lado é profundamente inspirador. — Gargalho.

— Brincadeiras à parte, foi muito engraçado encontrar “o assunto” da nossa conversa logo após a nossa conversa. — Sara ri.

— Foi constrangedor, isso sim. E você não dê em cima do Marco em nenhuma ocasião, Sara, por favor. A Patrícia é apaixonada por aquele homem, você sabe, e acho que os dois acabarão se acertando no futuro.

— É óbvio que não darei em cima dele, mas só porque o Marco é visivelmente fissurado por você. Tenho a forte impressão de que a Patrícia ou qualquer outra mulher não terá a menor chance de fisgá-lo. Ele quer você, gata.

— Ele terá que se conformar com a minha indiferença. O Marco sabe que não quero nada com ele, que estou casada e feliz, e acabará assumindo um relacionamento sério com alguém. Duvido que se torne um celibatário por minha causa.

— Concordo com você, ele não se tornará um celibatário por sua causa. Muitas mulheres se esforçarão para levar aquele moreno lindo e cheio de dinheiro para a cama, e ele não me parece o tipo que costuma recusar. Mas isso não quer dizer que ele venha a ter um relacionamento sério com alguém, muito menos com a Patrícia. Ele queria ter um relacionamento sério com você e não conseguiu, então acho que ele encontrou a desculpa perfeita para continuar solteiro por um longo tempo. — Ela ri.

— Credo, Sara, deixe de besteira! Estou torcendo para que o Marco se acerte com a Patrícia, e você deveria torcer também.

— Posso até torcer, porém continuarei achando que o Marco só queria se acertar com você e com ninguém mais, além disso, ele e a Patrícia são como água e óleo.

— Vamos mudar de assunto, você está me irritando — suspiro profundamente.

— Alguém precisa ser realista por aqui, Eva. Não é porque você gosta da Patrícia e do Marco que os dois se casarão e viverão felizes para sempre — Sara pondera.

— Você tem razão, Sara. É só que eu ficaria imensamente satisfeita em vê-los juntos e felizes criando a filhinha deles — argumento.

— Olha só, amiga, se filho for motivo suficiente para uma mulher conquistar um homem que a ignora e pelo qual está apaixonada, e se for a garantia de uma união plena e harmoniosa, você deveria começar a se preocupar — ela quebra a minha argumentação e me joga uma indireta.

— Nossa, Sara! Você é a pessoa mais desalmada que conheço. Destroí a ilusão dos outros sem a menor piedade. O pior é que as suas suposições e alegações são sempre ótimas, frias e duras, mas muito pertinentes.

— Pois é. — Ela ri. — Da mesma forma que não acredito que o Thomas

abandonará você para ir criar o filho, se for dele é claro, junto com a gloriosa Amanda, também não acredito que o Marco te esquecerá de uma hora para outra, e irá viver feliz e contente com a Patrícia e a filha deles.

— O Thomas é casado comigo e somos felizes, e isso é um bom motivo para que ele ignore a Amanda, mas o Marco é um homem livre, tem um coração bom e, como a vida é uma caixinha de surpresa, o inesperado pode vir a acontecer.

— Você falou igualzinho ao seu pai. — Ela ri novamente.

— “Filha de peixe, peixinho é.” — afirmo e rio também.

Depois que chegamos ao escritório, a Sara e eu nos concentramos nos assuntos profissionais, e a tarde voa. Fico tão absorta com o trabalho, que pareço a Eva de tempos atrás, a que era compulsivamente dedicada, a que gostava de ser a última pessoa a sair do escritório, a que parecia uma máquina, e resolvo finalizar o expediente antes que esses hábitos queiram se reinstalar em mim. Não posso mais me doar tanto, afinal agora tenho alguém que me espera em casa, e amo isso.

— A essa hora você não conseguirá mais fretar o táxi-aéreo — Sara fala como se eu não soubesse disso.

— Pois é. Vou dormir aqui em São Paulo hoje e amanhã cedo retornarei para Ribeirão.

— Então por que precisa ir embora agora se você só retornará para Ribeirão Preto amanhã? Poderemos trabalhar até tarde.

— Nada disso, Sara. Vou embora descansar e passar horas ao telefone com o meu marido que não gostou nada de saber que dormirá sozinho hoje.

— Nunca vi você pendurada ao telefone — diz e me olha interessada.

— Você nunca me viu apaixonada antes também.

— O que o amor é capaz de fazer com as pessoas? — pergunta de um jeito dramático que me faz rir.

— Você está precisando experimentar — eu a provoco.

— Como? O Thomas tem dona, o Marco é assunto proibido para mim, os seus cunhados estão todos casados... O que me restou? — ela continua interpretando o seu papel dramático e me faz rir ainda mais.

— Deve ter algum homem bom solto por aí ainda, você precisa apenas procurar.

— Ah, é? Não sei disso não. Onde posso encontrar um homem bonito, bom de cama, honesto, inteligente e que esteja disponível, hein?

— Se não procurar, nunca encontrará.

— Eva, não é todo mundo que nasceu virada para a lua igual a você. Se eu achar um homem que seja pelo menos honesto me darei por satisfeita.

— Tchau, Sara. Tenho certeza de que se sair mais cedo do trabalho de vez em quando poderá encontrar o seu homem.

— Estou com o pressentimento de que me casei com o trabalho. Tchau, Eva, ficarei aqui com o meu marido possessivo — ela brinca, e rimos a valer.

Quando chego ao apartamento dos meus pais a primeira coisa que faço é telefonar para o Thomas.

— Oi, minha linda! — meu marido atende carinhosamente.

— Oi, meu amor!

— Você já pode me contar como foi o seu encontro com a Patrícia?

— Marido, prefiro contar tudo quando nos encontrarmos.

— Tudo bem, conte-me quando quiser, se quiser.

— Estou com saudade — mudo de assunto.

— Eu também. Chegar em casa sabendo que não estaria nela, foi depressivo — ele reclama e ri.

— É só por uma noite, amanhã dormiremos abraçadinhos novamente.

— Eu sei, mas esta noite sofrerei. O que posso fazer?

— Ocupar o tempo na internet comprando os presentes de natal que nos esquecemos de comprar — brinco com ele.

— Você esqueceu, eu não.

— Você comprou os presentes? Não acredito!

— Fiz a Lucia e a sua mãe irem ao shopping hoje, foram munidas de uma listinha e de uma generosa quantia em dinheiro para comprarem os presentes de todo mundo, menos os delas, é claro.

— Que homem esperto! Agora só falta comprar dois presentes.

— Nem isso. Antes de vir para casa comprei o presente das duas. — Ele ri.

— E o meu?

— O seu está devidamente comprado também.

— Estou impressionada com tanta eficiência.

— Se você estivesse aqui eu poderia mostrar de perto toda a minha eficiência.

— Você pode me dar uma pequena amostra agora, por telefone. Ouvir essa sua voz rouca falando obscenidades será muito bom.

— Até poderia, esposa, mas acho que merece um castigo por me deixar dormir sozinho.

— Vamos brincar, marido. Sexo por telefone. Estou ficando animada.

— Entendi, doutora, mas não. Castigo é coisa séria. Não vou deixar que se divirta, mesmo que para isso precise sacrificar o meu próprio divertimento.

— Você está sendo um estraga-prazer — protesto.

— Desista de tentar me convencer. As suas ações me proporcionaram uma cama fria esta noite, e não estou motivado a esquentar você à distância. — Ele ri.

— Então, durma bem — faço a minha voz de brava.

— Boa noite, esposa. Esteja aqui o quanto antes, quero almoçar com você

amanhã, faço questão.

— Garantindo que eu não decida passar a manhã por aqui? — Começo a rir.

— Isso mesmo. E lembre-se de que gosto de almoçar cedo, no máximo ao meio-dia.

— Desde quando? — pergunto ainda rindo.

— Desde amanhã. — Ele ri alto.

— Eu te amo, possessivo lindo. Boa noite e até breve.

— Eu te amo, fujona gostosa. Boa noite.

Desligo o telefone.

## Capítulo XII

Tomo um banho rápido, coloco uma roupa confortável, faço um pequeno lanche e, como a garota travessa que de vez em quando sou, decido embarcar em uma pequena aventura.

Dirijo o carro do meu pai pela noite a fora, são onze horas, e estou louca de vontade de chegar logo na minha casa.

Coloco música em volume alto, as canções mais agitadas do meu amado Elvis Presley, porque preciso permanecer desperta. O caminho de São Paulo até Ribeirão Preto é tão conhecido para mim que tenho medo de dormir ao volante.

Canto bastante, o tempo todo, bem alto e acho que ficarei rouca, mas executar essa atividade me absorve tanto que quando me dou conta cheguei a minha rua.

Apago os faróis e estaciono o carro em frente à garagem dos meus pais. Atravesso a rua e um arrepio percorre a minha espinha... Sinto como se estivesse sendo observada. Olho para trás, mas não vejo ninguém. Acelero o passo e fico aliviada quando chego até a porta de casa. Abro-a rapidamente e entro de maneira silenciosa.

Subo a escada e, sorratamente, chego ao meu quarto. Thomas está dormindo no cantinho dele da cama, de barriga para cima, e fico observando-o dormir. Ele se remexe e balbucia palavras desconexas, e sinto vontade de rir.

São três horas da manhã, e estou bem acordada. Tiro a roupa e, completamente nua, deito-me gentilmente sobre ele.

— Não acredito — ele diz com a voz rouca e suave. — Estou sonhando.

— Cheguei, doutor... Mas pode continuar dormindo, ainda é de madrugada.

— Continuar dormindo com uma deusa nua em cima de mim? Nem se eu fosse feito de pedra. — Ele me abraça apertado, e sinto a sua ereção.

— Mas estou sentindo uma parte bem dura aqui — digo e esfrego o meu corpo no dele. Ele está sem camisa, mas está vestido com a parte de baixo do pijama.

— Se você continuar se esfregando assim em mim, vai sair fãisca. — Ele acaricia as minhas nádegas.

— Vamos colocar fogo neste quarto agora mesmo. — Coloco a mão dentro da calça de pijama dele, e nos beijamos enquanto seguro apertado o seu pênis rígido.

— Você gosta mesmo de me fazer feliz, não é, doutora? — pergunta interrompendo o beijo e me encarando.

— Não gosto. Amo!

— Preciso me livrar do pijama. Quero a minha pele grudada na sua.

Libero o pênis do meu doutor e ergo o meu corpo, ele puxa a calça dele

para baixo, e com a ajuda dos meus pés consegue libertar-se dela. Ele gira o corpo e me coloca embaixo dele, ergue-se nos cotovelos e olha profundamente dentro dos meus olhos.

— Pele com pele... Delícia! — incito o meu doutor.

— Sempre tão quentinha! — ele diz e ri. — Acho que por dentro, você deve estar ainda mais quentinha.

Ele me penetra com agilidade e força, e prendo a respiração. É tão bom tê-lo dentro de mim, que a penetração é o meu maior objetivo quando transamos. Amo ser preenchida por ele, sinto-me completa e enlevada, e quando ele pulsa, a minha vagina pulsa também, e então vibro como as cordas de um violão. A nossa sintonia é total. Fundir-me nele me dá prazer, satisfação e a sensação de posse mais incrível que experimentei na vida. O amor é sublime, verdade. Nunca imaginei que fazer amor fosse um termo tão adequado para descrever o ato sexual entre duas pessoas que se entregam completamente a um prazer carregado de sentimento.

O entra e sai do Thomas me faz ficar completamente molhada, transbordando, e estou tão sensível que o contato dos meus seios com o peito nu dele me arrepia, eriça os meus mamilos, e me faz estremecer. Inspiro profundamente, ele geme, e gemo também. Sou toda dele e ele é todo meu, e nada neste mundo poderá contradizer isso.

— Eu te amo, minha gostosa!

— Eu te amo, meu lindo! — falo, e as palavras parecem mais um gemido do que qualquer outra coisa.

Ergo o quadril e enlaço as pernas na cintura dele, sinto ser tocada bem fundo, a respiração do meu doutor acelera, os seus olhos se tornam densos, e percebo em seu rosto a mais bela expressão de prazer. Deixo-me levar e gemo bem alto, dou um gritinho, e ele urra, deixa-se levar também, e juntos, sincronizados, gozamos.

Desenlaço as pernas do quadril do Thomas, e ele protesta, cai sobre mim, pesando, protesto, ele ri, gira o corpo e fica ao meu lado, segura a minha mão e entrelaça os dedos nos meus.

— Como você voltou para casa? — pergunta de repente, com a voz rouca e suave.

— Vim dirigindo. Peguei o carro do meu pai emprestado. Excelente carro, confortável, estável, sem falar que é muito moderno — tento desviar a atenção do Thomas.

— Como é que é? — Ele fica sobressaltado e se senta, largando a minha mão. — Você veio dirigindo de São Paulo até aqui, sozinha, durante a noite?

— Vim. Por quê? — faço-me de desentendida.

— O que você fez foi muito perigoso, uma loucura! E se tivesse cochilado ao volante? Se tivesse sido perseguida na estrada? — Ele me encara muito bravo.

— Calma, doutor! — Dou uma gargalhada.



— Eva, pare de rir. Estou falando sério.

— Doutor, devo admitir que já fiz muitas loucuras na vida.

— Ah, é? Agora estou bastante curioso. Gostaria que me desse alguns exemplos dessas loucuras.

— Dirigi de São Paulo até Ribeirão, e vice-versa, inúmeras vezes, de dia, de madrugada, de noite e algumas delas em alta velocidade; viajei sozinha por diversos países; pilotei uma lancha quando não tinha tomado aulas suficientes ainda; saltei de paraquedas; fiz bungee jumping; fiz um curso de tiro e manuseei armas carregadas em diversas ocasiões; aceitei tomar café com um completo desconhecido que me cantou descaradamente; levei esse completo desconhecido para o meu apartamento e ele acabou dormindo lá sem o meu consentimento; casei sem saber, e por aí vai, doutor. — Quando termino de falar, Thomas dá uma risada alta e gostosa.

— Você é muito espirituosa, minha linda! Não consigo nem lhe dar uma bronca decente. Mas quero que saiba que nunca representei perigo algum, nem quando era apenas um completo desconhecido para você.

— Não sei não, doutor. Às vezes você me assusta um bocado, a minha luz vermelha que dá alerta de perigo acende na hora.

— Só encenação. Este homem aqui é incapaz de fazer qualquer coisa contra você.

— Sei disso, meu amor, estou brincando.

— Você é a minha preciosidade e é por isso que me preocupo tanto com a sua segurança e bem-estar. Prometa que não fará mais loucuras, não consigo sequer suportar imaginar a possibilidade de que se machuque ou coisa pior.

— Prometo que vou tentar. — Caio na gargalhada.

— Eva, eu te amo, você é tudo para mim, por favor, cuide-se sempre. Não se coloque em perigo, porque se algo acontecer a você, será o mesmo que acontecer comigo.

— Você é o homem mais encantador que existe. Adoro quando se declara para mim.

— Adoro me declarar para você. Agora vamos dormir, esposa, porque está quase na hora de levantar.

— Vamos sim, juntinhos, como sempre deve ser.

— Bom dia, coisa linda — Thomas diz quando chego à mesa para tomar o café da manhã.

— Bom dia, marido. Estou morrendo de sono. Vou tomar café da manhã com você e depois voltarei para a cama.

— Queria muito poder acompanhá-la!

— Vamos almoçar juntos ou era apenas pressão para eu chegar logo em casa?

- Era pressão, mas vamos almoçar juntos sim. — Ele ri.
- Preciso contar-lhe o que está acontecendo com a Patrícia.
- Se é alguma espécie de segredo feminino, não precisa.
- Ela me autorizou a falar com você.

— Está bem, conversaremos durante o almoço. Também preciso dizer que fui procurado pelo seu pai ontem. — Ele ri. — O Guido está aprontando e me passou a missão de comunicar-lhe os planos dele.

— O seu Guido resolveu agora, depois de velho, que é o mentor intelectual de planos mirabolantes?

— Posso dizer que sim. — O meu doutor pisca para mim, e sinto vontade de cobri-lo de beijos.

— Vá trabalhar logo, senão não deixarei mais que vá — ameaço.

— Adoro esse tipo de ameaça. Se pudesse ficaria, mas a minha agenda está lotada. Estarei em casa por volta das treze horas.

— Você não disse que almoça no máximo até o meio-dia?

— Disse. Mas era só para garantir que você estivesse aqui! — Ele me beija.

Thomas sai para trabalhar, e me dou ao luxo de ficar em casa pela manhã, quero me jogar na cama e dormir até quase a hora do almoço. Dirigir de São Paulo até aqui me deixou cansada; e, como dormi pouco, acabei ficando exausta.

A campainha toca, e a Maria atende. Espero para ver se não é o meu pai reclamando de que eu trouxe o carro dele para cá sem falar com ele antes.

— Eva, aquela mulher grávida está aí de novo, e acho que terá problemas — Maria fala com cara de assustada.

— Por que acha que terei problemas? — pergunto como se não fosse óbvio para qualquer mortal que a Amanda na porta da minha casa é problema na certa.

— Porque ela trouxe uma mala de todo tamanho.

— Uma mala? Traga a criatura até a sala, mas faça com que ela deixe a mala ao lado da porta. E fique por perto, quero que me impeça de cometer um assassinato.

— Impedir que nada! Se precisar, ajudo. Podemos aproveitar a mala que ela trouxe, acho que ela cabe lá dentro — Maria diz em tom jocoso.

— Nossa, Maria! Estou brincando!

— Que pena, achei que a gente ia se divertir — ela faz graça e sai.

Penso em subir para trocar de roupa, mas mudo rapidamente de ideia. Quero livrar-me da Amanda o quanto antes, e decido que vou recebê-la de baby-doll mesmo.

— Não acredito que você teve a cara de pau de aparecer na minha casa depois de tudo o que lhe falei outro dia — esbravejo assim que a Amanda surge.

— Também não queria vir, mas acontece que preciso de ajuda. — Ela diz, e noto que a barriga dela está enorme.

— Que tipo de ajuda? — pergunto com raiva.

— Preciso da ajuda do Tom. — *Que novidade!*

— O meu marido não está aqui, foi trabalhar, vá até o consultório dele, e me poupe das suas asneiras.

A Amanda me olha cheia de raiva e senta no sofá.

— Prefiro falar com você, que é a dona da casa — diz com ar de deboche.

— Seja rápida.

— Vim ser a sua hóspede até o meu filho nascer — declara, e quase tenho que me beliscar para saber se não estou tendo um pesadelo.

— Amanda, você é louca, não acredito que uma pessoa que se comporte como você seja normal. — Começo a rir de nervoso.

— Os meus pais viajaram de férias e não estou mais em condições de ficar em casa sozinha. Estou pesada, cansada e preciso que o Tom cuide de mim, não quero continuar abusando da boa vontade do Benja.

— Se você não tem com quem contar, como é que os seus pais tiveram a coragem de viajar e deixá-la sozinha nesse estado?

— Falei para eles que poderiam viajar, não queria que ficassem por minha causa. Estavam com tudo pronto para passarem um tempo no nordeste, e não achei justo impedi-los de ir, porque precisarei que estejam descansados para me ajudarem quando o Alan chegar.

— E quem é Alan? — *Essa mulher é doida, deve até rasgar dinheiro.*

— Alan é o meu filho.

— Alan? Então, você já sabe quem é o pai do menino. Um Alan é a vítima. Sendo assim, vá hospedar-se na casa dele.

— Deixe de palhaçada, Eva. Registraria o meu filho com o nome do pai se o pai merecesse a homenagem, mas como o Tom tem se comportado como um rato e não como um homem... Resolvi colocar no meu filho o nome de um homem de verdade, o do meu avô.

— Acho que você faz bem em trocar de homenageado. O seu avô, pelo menos, você tem certeza de que é o seu avô.

— Tenho dó de você, Eva. Tão invejosa da minha gravidez...

— Amanda, olha só, vamos parando logo por aqui. Conversar com você é muito chato. Pode caçar o rumo da sua casa, porque aqui você não fica.

— Quero que me deixem ficar aqui com vocês só até o Alan nascer — diz sem nenhum constrangimento, e fico passada.

— Nem pensar, Amanda! Nem por cima do meu cadáver você ficará aqui em casa.

— Preciso que me deixe ficar, estou sozinha.

— Você está de armação! Na minha casa você não fica!

— Ai, Eva! Deixe de drama! Preciso do pai do meu filho, e se ele mora aqui, aqui é onde devo ficar — insiste.

— Amanda, diga a verdade pelo menos uma vez. Você é louca ou se finge de louca? Seja sincera.

— Nenhum dos dois.

— Amanda, você é médica, tem boa condição financeira, tem uma família que não deve restringir-se a pai e mãe, tem amigos, tem conhecimento. Não posso acreditar que não consiga arranjar-se sem nos perturbar. Você nem sabe se o Thomas é mesmo o pai do Alan! — esbravejo.

— Eu quero ser cuidada, tenho esse direito! O Tom precisa colaborar de alguma forma. A responsabilidade dessa gravidez tem sido minha, ele não me ajudou em nada.

— Desista, Amanda. O Tom não vai cuidar de você. Contrate alguém. Por causa da sua profissão sei que conhece um monte de enfermeiras, arrume uma para acompanhá-la até o dia do parto — sugiro o óbvio.

— Eva, terei um filho. E filho custa caro, não posso ficar esbanjando. Acredito que precisarei contratar uma enfermeira para me ajudar quando o Alan nascer e estou reservando dinheiro para isso, porque não sei se a minha mãe conseguirá contribuir muito, ela tem a vida dela.

— Vou ajudar Amanda. Você não merece, mas terá a minha ajuda.

— Posso ficar?

— Não. Pode contratar uma enfermeira a partir de hoje, eu pago. Mande a conta para o meu escritório.

— Você não precisa falar com o Tom antes? Não precisa saber qual é a opinião dele?

— Não preciso. — Cruzo os braços e a encaro. — Agora que o seu problema parece que foi resolvido, vá embora!

— Vou esperar o Tom chegar. Quero saber se ele não prefere que eu fique por aqui até nosso filhinho nascer. Se ele concordar com a ideia de contratar a enfermeira, pelo menos terá que me levar de volta para casa.

— Em São Paulo?

— Em São Paulo, claro.

— Amanda, nunca consigo prever até onde a sua falta de senso pode ir. — Suspiro. — Como foi que chegou até aqui?

— Vim de ônibus, nesse estado adiantado de gravidez não posso dirigir.

— Recomendo a você que volte do mesmo jeito que veio. De ônibus. O Thomas não a levará.

— Não posso, acabei de chegar e estou toda inchada, preciso descansar um pouco. Se eu tiver que voltar, o ideal é que seja somente amanhã, a viagem é muito cansativa.

— Tudo bem — resolvo ignorar o que ela falou a respeito de esperar o Thomas chegar, pois não quero que ela permaneça na minha casa nem mais um minuto.

Pego o celular e telefono para o meu pai.

— Oi, filha desobediente.

— Oi, papai — ignoro a provocação dele. — Você poderia me emprestar o Moacir amanhã para levar a Amanda de volta para São Paulo?

— A Amanda? A grávida? Ela apareceu e está dando trabalho? — ele supõe acertadamente.

— Isso mesmo — confirmo desanimada.

— Posso sim. O Moacir levará a Amanda até São Paulo no meu carro, aquele que você trouxe para cá sem a minha permissão, depois ele poderá deixá-lo novamente na garagem do prédio, de onde ele não deveria ter saído, e volta para cá de ônibus. Sem problemas.

— Obrigada, papai. Desculpa por não ter falado nada a respeito de trazer o carro.

— Não precisa se desculpar, não me importei, só estou provocando a minha menina. — Ele ri.

— O Moacir deverá pegar a Amanda amanhã de manhã, às nove horas, no Arco Premium Hotel e deverá deixá-la na porta da casa dela em São Paulo.

— E a moça já tem reserva no hotel?

— Ainda não, papai. Farei agora mesmo.

— Pode deixar, filha, eu faço a reserva.

— Ótimo! Muito obrigada, papai. Depois conversaremos, preciso desligar.

— O Thomas já lhe contou sobre os meus planos?

— Ainda não, falaremos sobre isso na hora do almoço.

— Que bom. Beijo, filha, tchau.

— Tchau, papai.

— Pronto, Amanda, tudo certo. Você vai de táxi até o Arco Premium Hotel e se hospeda lá, pode deixar que a sua diária é problema meu. Descanse o dia todo hoje porque amanhã o Moacir, o motorista do meu pai, irá esperá-la às nove horas da manhã na recepção do hotel para levá-la de volta para a sua casa.

— Tudo é sempre assim tão fácil para você? — Amanda me examina.

— Se você acha que é fácil ter que lidar com uma mulher grávida e desequilibrada que resolveu tentar transformar a minha vida em um inferno, então você é mesmo completamente insana.

— Você paga tudo, contrata quem quer, tem motorista à disposição, um pai condescendente, um marido que não precisa consultar para nada... Vidinha boa essa sua!

Pego o telefone outra vez e chamo um táxi para a irritante mulher que não para de me esquadrinhar.

— Agora compreendo o que o Tom viu em você. O dinheiro fascina as pessoas — Amanda destila o seu veneno, acho que ela resolveu que vai mesmo me tirar do sério.

— Devo trazer um café? — Maria aparece perguntando.

— Para mim não — Amanda responde de supetão.

— Também não quero, obrigada — agradeço, e Maria sai fazendo caras e bocas e não consigo entendê-la.

— De roupa você é meio sem graça, meio sem sal, mas assim, quase pelada dá para ver que é bem-feita de corpo. — Ela olha fixamente os meus seios enquanto me alfineta novamente.

— Obrigada, Amanda, mas a minha praia é outra, gosto de homem e já tenho o meu — provooco e seguro o riso.

— Você me entendeu mal, também gosto de homens. Não estava cantando você.

— Pode deixar, Amanda. Compreendo, costume despertar o interesse das pessoas. Fazer o quê? Deveria ter trocado de roupa para recebê-la, assim teria sido mais fácil para você controlar a vontade de me comer com os olhos. — *Quem mandou ficar me alfinetando?*

— Você só pode estar brincando. Depois eu é que sou louca! — diz profundamente indignada.

— Se é assim, disfarce melhor, pare de me despir com os olhos, estou vendo você salivar — continuo irritando a irritante criatura.

Antes que ela se indigne novamente, Thomas entra na sala, e nos surpreende.

— Olá, minha linda. — Ele se aproxima com um olhar gelado que conheço bem. *A fera está solta* .

— Já de volta? — Desconfio que a Maria o informou sobre a visita da Amanda.

— Precisei voltar, não é mesmo? Não quero que continue a ter que lidar com as maluquices da Amanda, nem sei por que ela gosta tanto de perturbar você, acho que é algo patológico — diz ignorando a presença dela.

— Não fale de mim como se eu não estivesse aqui — Amanda reclama.

— Seria maravilhoso que você não estivesse mesmo aqui, Amanda. Acho que não sabe o quanto a sua presença é inconveniente. Estou tentando ser educado com você há muito tempo, mas as suas atitudes me impedem de continuar tentando, e serei bem claro agora. Quero que não se aproxime mais da minha esposa, fique longe da minha casa e desapareça da nossa vida até que possamos confirmar o que alega. Quando o seu filho nascer, faremos o exame de DNA. Se eu for o pai dele, procure os meus advogados e pensaremos em um acordo que seja conveniente para ele e para nós. Selaremos o acordo diante de um juiz, e prometo que cumprirei a minha parte — diz muito sério.

— Tom, você terá que conviver comigo, não tem como me evitar, sou a mãe do seu filho! Somos problema seu! — *A mulher é doida, assunto acabado.*

— Amanda, chega! Se eu for o pai desse pobre menino farei de tudo por ele, mas não quero nenhum contato com você. Nenhum! E se insistir, juro que requisitarei a guarda dele e o criarei.

— E você acha que a sua mulherzinha mimada vai ajudá-lo a criar um filho que não é dela? — pergunta e dá uma risada.

— Claro que sim, Amanda. Criar um filho do meu marido não seria nenhum sacrifício para mim, ainda mais se isso significar manter você longe das nossas vidas. — *Sou enfática* .

— Amanda, desapareça daqui! Só quero notícias suas quando o bebê nascer! — Thomas vocifera.

Maria aparece na sala e avisa que o táxi chegou.

— Estou indo, mas antes preciso dizer que nunca imaginei que seria tratada assim por você, Tom. Mas me aguarde, você não sabe o que uma mãe é capaz de fazer pela felicidade do seu filho. Não sabe mesmo, não é? Afinal, pelo que me consta, você nem teve uma — ela o provoca.

— Tive sim, Amanda, ela só não me criou. Da mesma forma que você não criará o seu filho se ele também for meu e você não parar de cometer insanidades, porque irei tomá-lo de você — Thomas a enfrenta.

Amanda nos olha de um jeito furioso e sai batendo os pés.

Thomas me abraça, noto que está nervoso, e o mantenho em meus braços até a respiração dele ficar mais regular.

— Você deveria ter me telefonado assim que ela chegou.

— Ah, marido... É tão ruim lidar com ela, que eu estava poupando-o disso.

— Você não tem que me poupar de nada, se isso significar a sua consumição — argumenta, e me faz sorrir.

— Pode deixar que me lembrarei disso. — Ergo-me nas pontas dos pés e o beijo suavemente.

— Ainda bem que a Maria me telefonou.

— Achei mesmo que tinha sido a Maria quem lhe avisou sobre a visita da Amanda.

— Foi sim. Agora, preciso ir, minha linda. O meu consultório deve estar um caos, as consultas estão atrasadas.

— Vá ,meu amor, mas não corra . — Sorrio.

— Virei para o almoço, o dia está bagunçado mesmo, e não terei problemas em torná-lo ainda mais complicado. — Ele ri, beija-me, e sai rapidamente.

A Maria entra na sala e me observa, e desabo no sofá.

— Achei um absurdo essa dona grávida aparecer aqui pra te perturbar — Maria começa a entabular uma conversa. — Também achei uma falta de respeito ela vir de mala e cuia.

— Estou quase tendo certeza de que a Amanda não está muito bem. Uma pessoa que faz as coisas que ela faz deve estar ou ser desequilibrada.

— Gostei muito que o doutor Thomas tenha sido durão com ela.

— Obrigada por ter telefonado para o Thomas, gostei que ele tenha vindo enfrentar a Amanda, e achei muito bom ele ter sido franco e direto, e espero que

agora ela nos deixe em paz.

— Aquela mulher é muito esquisita, se ela aparecer por aqui outra vez, vou dizer pra ela que a casa da sogra fica do outro lado da rua. — Maria ri, e me faz rir também.

— A visita me fez perder o sono, pode deixar que farei o almoço hoje.

— Pelo menos para mim, a visita não foi de todo ruim, porque me livrou das panelas — diz contente.

— Livrou coisa nenhuma, terá que lavá-las — implico com ela e imediatamente sei que me dará uma resposta à altura.

— Eu não. A lava louças vai fazer isso. Ganhei o dia, vou ler uma revista agora mesmo! — *Essa Maria está cada dia mais engraçada.*

Como perdi mesmo o sono resolvo trabalhar um pouco em casa, e só quando termino de resolver as pendências do escritório vou preparar o almoço.

A Maria não aparece nem na porta da cozinha e, munida de boa vontade e de inspiração, distraio-me preparando a comida. Um pouco de rock ajuda a animar o ambiente e, entre uma música e outra, o almoço fica pronto: salada verde com tomates cereja e palmitos, arroz branco, vagem refogada com azeitonas e carne assada com batatas coradas.

Tomo um banho rápido, depois ajudo a Maria a arrumar a mesa e, quando terminamos, Thomas chega.

— Olá novamente, meninas — ele nos cumprimenta com um lindo sorriso nos lábios. *Assim a Maria pira* .

— Oi, seu Thomas, chegou bem na hora — Maria se derrete, e começa a rir.

— Olá, marido. Estava quase sentindo saudade. — Dou um abraço nele.

— Você está cheirosa demais, esposa. — Thomas me dá um beijo suave nos lábios, e percebo que está muito mais calmo, nem parece o homem bravo de hoje cedo.

— Posso servir?

— Pode, Maria. Só vou lavar as mãos e já volto. — Ele sai, e fico observando como o meu marido é sensual. Indo ou vindo ele causa impacto.

— Foi você quem preparou o almoço? — ele pergunta ao examinar as travessas.

— Por quê? — devolvo a pergunta, imaginando a resposta.

— Porque o seu marido sabe que quando a comida aqui de casa está com esse cheirinho delicioso, com esse aspecto impecável e com esse capricho todo, só pode ser obra sua.

— Não deixe a Maria ouvir você dizer isso, ela é sensível. — Gargalho.

— Sabia, estou com a boca cheia d'água. — Ele segura a minha mão e dá um beijo. — Obrigado pelo carinho. Amo a sua comida e amo ainda mais saber que a preparou pensando em mim.



— Obrigada, doutor! Mas devo admitir que hoje eu preferia ter dormido um pouco mais pela manhã, porém a Amanda resolveu aparecer e perdi o sono. Então resolvi tentar relaxar preparando o almoço do meu maior fã.

— Desculpa, minha linda, mil vezes desculpa. Não vejo a hora de o exame ser realizado para que possamos resolver logo esse assunto.

— A Amanda consegue despertar o que existe de pior em mim. Perco a paciência no exato segundo em que ela abre a boca — desabafo. — Agora, por favor, vamos conversar sobre outra coisa. Que tal me contar o plano do meu pai?

Thomas finalmente me conta o que o meu pai tramou. O seu Guido passou a dianteira este ano e organizou em segredo uma grande festa de aniversário conjunta para ele e para minha mãe. Segundo o meu marido me esclarece, o meu pai fez tudo sozinho, e a minha mãe só foi comunicada ontem.

Acho graça da história, mas logo mudo de assunto, porque quero contar para ele a situação da Patrícia.

— A Patrícia está grávida — anuncio de repente, e ele se assusta.

— Grávida? Que bom! — diz e me olha confuso.

— Ela diz que o Marco é o pai da menina que está esperando.

— O Marco? Desejo que a Patrícia e ele constituam família e vivam felizes para sempre, bem longe de nós se possível.

— O Marco ainda não sabe que será pai. Foi um acidente. Camisinha estourada.

— Quer dizer que ele também está encrencado? — meu marido pergunta em tom condescendente.

— Menos do que você. A Patrícia não é louca e ele é solteiro.

— Realmente — concorda comigo. — Se começou a contar a história, então seja mais detalhista e conte tudo.

Revelo o que sei sobre a gravidez da Patrícia para o meu marido, e ele fica abismado. Exponho também as suposições da Sara, e ele fica inclinado a concordar com ela. Contudo, não se alonga no assunto, acredito que não quer que nos envolvamos na vida do Marco e tenta deixar isso implícito, e antes que eu peça para que seja o pediatra da Estela, ele se oferece e fico grata.

A quinta-feira passa sem grandes novidades, e na sexta-feira, como de costume, Thomas e eu vamos para São Paulo cumprir os nossos compromissos. Retornamos para Ribeirão Preto no sábado bem cedo e vamos direto para a fazenda dos meus pais.

A minha mãe que me desculpe, mas a festa que o meu pai organizou para comemorar os aniversários deles foi o máximo. Aconteceu na fazenda, começou no sábado e só terminou no domingo à tarde. Ele elevou o padrão da comemoração de aniversário deles, não em luxo, mas em originalidade, e todo

mundo se divertiu muito.

No domingo à noite, Thomas e eu, que passamos o final de semana imersos na festa e na alegria das pessoas, desabamos na cama. Cansados e alegres por causa do final de semana agitado e pela perspectiva das festas de natal e de ano-novo que se aproximam.

Durmo abraçadinha ao meu marido que está tão feliz com a família, com as festas e com tudo o que nunca teve e está tendo agora, que até parece um menino. Um menino lindo e carinhoso que se perde nos meus braços e me faz achar que a vida não poderia ser melhor.

*Estou andando pela fazenda, o dia está lindo, parece um cartão postal e fico encantada com o menino bonito que corre atrás de um cachorrinho magro. A cena é engraçada, o menino parece que tem uns dez anos e está se divertindo muito. O sol bate no meu rosto, coloco a mão sobre os olhos para poder enxergar melhor e me aproximo. O menino para de correr e vem até mim.*

— Oi — o menino diz sorrindo.

— Oi — respondo e fixo os olhos no rosto dele para tentar identificá-lo. Não é nenhum sobrinho, disso tenho certeza.

— Olha só que dia lindo! — Ele dá uns pulinhos de alegria e isso me ajuda a reconhecê-lo.

— Nicolas! Minha nossa, você é o Nicolas e isso aqui só pode ser um sonho — sobressalto-me.

— Eu não me chamo Nicolas. — O menino ri e passa a mão na franja colocando-a para trás.

— O seu nome não é Nicolas? Você não é o Nicolas? — indago confusa.

— Estou dizendo que o meu nome não é esse. — Ele franze a testa.

— Então você é o Thomas. O seu nome é Thomas?

— Nada disso. O meu nome é Thiago. Você é sempre muito engraçadinha, dona Eva!

— Thiago?

— Isso, com “Th”. — Ele abre um sorriso lindo e os seus olhos verdes se iluminam.

— E eu o conheço? — Observo atentamente o rosto dele e percebo quando fica confuso.

— É claro que me conhece. Pare com essa brincadeira! — Ele dá uma risada gostosa, e sinto vontade de rir também.

— Quantos anos você tem?

— Você também não sabe a minha idade? Ora, até parece! — Ele coloca a franja para trás novamente, o cabelo muito liso teima em cair sobre os olhos dele.

— Dez anos?

— Há há há ! Você sabe muito bem que eu tenho oito anos.

— Por acaso o seu nome não seria Alan em vez de Thiago?

— Claro que não! — diz e sai correndo atrás do cachorro que mais parece um alucinado.

— Volte aqui! — chamo Thiago, que é a cara do Nicolas e do Thomas, mas que não sei quem é de verdade.

— Ah, não! O vovô disse que eu poderia brincar com o Lépido até a hora do almoço, não estrague a minha brincadeira — ele reclama já se afastando.

— Você é o Nicolas, agora sei quem você é !O nome do cachorro do Nicolas era Lépido! Pare de tentar me enganar — falo bem alto para que ele consiga me escutar.

— Ai, ai. A sua brincadeira perdeu a graça. Esse nome fui eu que inventei, só tem esse cachorro no mundo com esse nome — protesta e sai correndo.

— Nada disso, essa palavra existe, pode olhar no dicionário! — afirmo, ele continua correndo, nem olha para trás.

“O que há, pois, num nome? Aquilo a que chamamos rosa, mesmo com outro nome, cheiraria igualmente bem.”

A frase é dita por uma voz feminina, viro-me para ver quem falou, mas não encontro ninguém.

“O passado é um prólogo.”

Ouço a mesma voz falar...

### Capítulo XIII

— Bom dia, preguiçosa — a voz do meu marido me traz de volta do meu devaneio.

— Bom dia? Não acredito que está na hora de acordar. Estava sonhando — reclamo.

— Sonhando comigo? — Thomas beija a ponta do meu nariz.

— Foi um sonho meio estranho. Não dá para explicar muito bem com quem sonhei.

— Então sonhou com outro homem, hein?

— Na verdade, sonhei com um menino correndo atrás de um cachorro. — Sorrio quando me lembro do sonho e do menino.

— Sonhar com meninos é permitido, desde que eles sejam bem pequenos ainda. — Ele faz cócegas em mim.

— Quero dormir mais!

— Eva, é quase meio-dia. Todo mundo já foi embora, somos os últimos.

— Ah, é? — pergunto, incrédula.

— É. A família toda voltou para a cidade logo cedo. Lembra que hoje é véspera de natal e que a ceia será lá na casa do meu pai?

— Estou quase me lembrando — afirmo, e o Thomas começa a rir. — E você me deixou dormir mais um pouco! Tão bonzinho o meu marido!

— Estava dormindo também, acordei quase agora e fui dar uma volta por aí para saber quem ainda estava pela fazenda e descobri que a debandada foi geral.

— Podemos almoçar aqui, deve ter sobrado muita comida. Além disso, não temos nada para fazer por agora, fomos convidados a chegar à casa do seu pai para a ceia somente depois das dezenove horas.

— Pode ser. Acho que não precisarão mesmo de nós. Quando me ofereci para ajudar a Lucia, ela me disse que estava tudo praticamente pronto, que só precisava que eu levasse os presentes para colocar debaixo da gigantesca árvore de natal que foi montada no quintal do meu pai.

— E você já fez isso?

— Ainda não, mas farei.

Olho detidamente o rosto do meu marido, os belos olhos verdes, o nariz perfeito, a boca bem-feita, os dentes branquinhos, e ele, percebendo que estou admirando-o, sorri maliciosamente. Adoro quando ele faz essa cara de sedutor, de sem-vergonha, e sempre que isso acontece sinto vontade de agarrá-lo.

— Sei que tem outras coisas que precisa fazer também — instigo meu doutor.

— É mesmo? O que será? — Ele me olha de um jeito atrevido que me

assanha.

— Sexo comigo, agora! — Jogo o lençol para longe.

— E você acha que com um estímulo visual desses, sou capaz de discordar?

— Ele passa as mãos pelo meu corpo, e arrepio.

Estou completamente sensível, parece que os meus sentidos estão superaguçados, o desejo domina o meu corpo e só quero me dar para o meu doutor.

Thomas se coloca sobre mim e me beija, a mão desce até a minha vagina e a acaricia, ele brinca com o meu clitóris, desce a boca até o meu seio e suga o mamilo com força, mordia, e gemo. Seguro o pênis dele e o masturbo, ele urra e geme. Conduzo-o para a entrada da minha vagina, ele se esfrega nela e me penetra com força.

— Doutor, preciso gozar.

— Preciso também. — Ele ri.

Somos tomados por uma energia, uma força, um ímpeto, sei lá, e os movimentos fortes e ritmados me fazem gozar bem rápido, e bem gostoso.

— Posso gozar? — pergunta, e sei que se eu disser não já não adiantará.

— Deve — respondo estremeando.

Ele goza, e sinto-o pulsar dentro de mim, o cheiro de sêmen impregna o ar. Estou alagada e satisfeita, flutuando, leve como uma pluma e me vem à cabeça, inesperadamente, a imagem do rosto do menino do meu sonho.

— Levou todos os presentes?

— Acabei de levar — Thomas responde.

— Muito bem, marido — brinco com ele.

— O que é isso? — assobia.

— Isso o quê? — Encaro o meu marido que me devora com os olhos.

— Isso tudo que está bem diante de mim. — Ele me pega com força e me aproxima dele, bem juntinho.

— A sua mulher — respondo e sorrio.

— Nunca agradeço o suficiente, sei disso. Obrigado, Senhor! — exclama e me tasca um beijo daqueles.

— É por isso que só coloco o batom quando já estamos com o pé na porta.

— Reclamando, é?

— Não, doutor. Não mesmo. — Roço o meu corpo no dele.

— Você é mesmo insaciável, tenho certeza de que se arruma com tanto capricho só para me deixar louco para levá-la para a cama de novo e de novo.

— Só para a cama? Desde que me dê o que desejo não me importo para onde me leve.

— Verdade que vai deixar que eu tire a sua roupa mesmo depois de estar

prontinha para sair?

— Você também está todo arrumado, doutor. E, diga-se de passagem, está muito bonito.

— Responda a minha pergunta, deixe de me bajular. — Thomas ri, e tenho certeza absoluta de que se ele não tirar a minha roupa agora, tiro eu.

— Verdade. Nem sei o que deu em mim hoje, mas juro que desde cedo a minha vontade é a de me dar para você sem parar.

— Ai... Estou tão duro que chega a doer, e ouvi-la falar assim me faz quase gozar.

— Não ouse. — Coloco a mão dele debaixo do meu vestido e a enfio dentro da minha calcinha.

— Você está completamente molhada. — Ele introduz o dedo em mim.

— Estou tarada hoje, é sério, rasga logo essa calcinha e entre em mim — nem bem termino a frase, e ele começa a rir.

— Só hoje? Você é sempre assim, e eu amo isso.

Thomas faz o que peço e me incendeio, sei que amo fazer sexo com ele, e que só de olhá-lo sou capaz de ficar molhada, mas estou impressionada com a minha libido hoje, estou literalmente possuída pelo desejo. Qualquer coisa que o Thomas quiser agora, eu faço. Quero sentir prazer, quero gozar, quero me perder e continuar perdida no corpo musculoso e forte do meu homem gostoso e não quero que nada me impeça.

Sou colocada contra a parede e enlaço a cintura do Thomas com as pernas, ele segura as minhas nádegas, aperta-me contra ele e entra bem forte em mim. Urro e me encosto mais ainda, quero senti-lo todo, quero atrito, quero um pouco de dor, quero tudo e muito.

— O seu cheiro está delicioso. Um cheiro de fêmea que está me deixando ainda mais excitado.

— E você está me causando tanto tesão que estou encharcada.

— Peça o que quiser, eu faço.

— Seja bruto e me toque até o fundo, e me faça atingir o orgasmo agora mesmo porque senão vou explodir.

— Adorei o pedido — geme.

Thomas entra e sai vigorosamente, ritmadamente, e começo a gemer. Estou sentindo-o tão intensamente que acho que o orgasmo irá me arrebatat em segundos.

Rebolo e grito, grito e rebolo, o orgasmo me atinge, e mal ele chega sei que preciso de mais.

— Um pouquinho mais de brutalidade, doutor.

— Agora — concorda e me desenlaça dele.

Sou colocada de frente para a parede, estou pingando, louca de desejo, a vagina pulsando, e só penso em tê-lo dentro de mim outra vez. Coloco as mãos na

parede e me arrebito para trás.

— Um pouco de dor — insisto.

— Eva, você está me deixando tão excitado que estou quase perdendo a cabeça.

— Já perdi — digo impaciente.

— Vai sem gelzinho mesmo... — ele me adverte.

Ele segura o meu quadril e entra com força, dou um grito agudo, porque arde, dói, e é muito bom tudo o que sinto quando estou em poder deste homem.

— Sou louco pela sua bunda.

— Sei disso — começo a gemer.

A dor é aguda, mas o prazer é maior, e quando ele introduz dois dedos na minha vagina e começa o movimento de entrada e saída, contorço, jogo-me para trás e, com ele cravado, chego a outro orgasmo.

— Que mulher gostosa!

Ele estremece e urra, e goza com tanta violência que o meu corpo é jogado contra a parede. Mas o meu marido não sai de mim. Os dedos dele dançam dentro da minha vagina e, não sei como, gozo novamente.

— Machuquei você? — sussurra a pergunta no meu ouvido.

— Não, adorei o ímpeto, precisava disso.

— A minha esposa é deliciosa e despudorada. Estou aqui dentro dela, apertado e saciado.

— E atrasado. — Dou uma risadinha.

— Com certeza seremos os últimos a chegar, porque não quero sair de dentro de você de jeito nenhum.

— Precisamos de um banho e de roupas desamarradas.

— Tem razão, minha doutora linda. Então vamos ao banho.

Tomamos um banho rápido e trocamos de roupa.

Thomas está muito contente e a alegria dele é contagiante, este será o seu primeiro natal em família e ele quase não consegue acreditar que a sua vida está tão mudada. No natal do passado, ele não tinha esposa, pai, irmãos, sobrinhos ou sogros, nem a perspectiva de ter; morava em outra cidade e vivia outro tipo de vida, uma em que não cabia uma árvore de natal gigante e tanto amor.

— Ficamos muito arrumadinhos outra vez.

— Você está lindo. — Sorrio para o meu muito animado marido.

— E você está deslumbrante, mas já sabe disso. — Ele ri.

— Thomas, gostaria de entregar o seu presente agora, antes da ceia, pensei em dá-lo amanhã de manhã, mas acho que já aguentei demais.

— Oba! Entregue o meu que entregarei o seu.

— Perfeito, eu começo. Fique aqui, espere.

Volto carregando uma caixinha embrulhada em papel dourado.

— Como é que você conseguiu colocar um estádio de futebol aí dentro? — Thomas abre um sorriso gigantesco.

— Ah, marido, o presente não é tão grande quanto acho que desejava, mas acho que irá gostar, é de coração — digo toda manhosa.

— Estou brincando com você, minha linda, qualquer presente seu é importante para mim.

Entrego a caixinha para o Thomas, e ele abre cuidadosamente o embrulho. Ele me lança um enorme sorriso, e acho que fica satisfeito com o que ganhou. É um relógio Bulgari Diagono Professional, em aço e com o fundo preto.

— Lindo, vou usá-lo agora mesmo, adorei.

— Leia a inscrição na parte de dentro do relógio.

— “Hora de voltar para a Eva” — lê em voz alta e ri. — Perfeitos, o relógio e a gravação que fez. Obrigada.

Thomas coloca o relógio no pulso, aproxima-se, abraça-me e nós nos beijamos carinhosamente. Delicadamente o afasto.

— Você não olhou direito o conteúdo da caixa, doutor Thomas — digo em tom de brincadeira.

— Não? — pergunta e reexamina o interior da caixa. — O que será que temos neste envelope?

Ele abre o envelope e retira as duas passagens para Paris que estão dentro dele e dá um assobio.

— O que é isto, esposa?

— Exatamente o que parece. São duas passagens para Paris. Achei que gostaria de levar a sua esposa para passear lá em fevereiro, quando tirará aquelas duas semanas de descanso — explico, e ele começa a rir. Ri cada vez mais alto.

— O que foi? — pergunto curiosa.

— Espere e verá — diz e sai.

Thomas retorna segurando uma caixinha embrulhada em papel vermelho brilhante e me olha de um jeito matreiro que me deixa desconfiada.

— Para você, meu amor, minha esposa amada, minha linda, minha vida. Feliz natal! — Diz, entrega a caixinha e me dá um beijo molhado.

— Obrigada, meu amor, meu marido amado, meu lindo, minha vida. — *Tento agradecer à altura.*

Desembrulho a caixinha e abro-a, dentro dela encontro um bracelete de brilhantes com esmeraldas, muito delicado, um design diferente e bonito e, imediatamente, adoro.

— Que lindo! — Coloco o bracelete no pulso e o admiro.

— As esmeraldas são para você se lembrar dos meus olhos, por isso são duas e deu muito trabalho encontrar essas pedras mais transparentes e de um tamanho maior. Os diamantes são ao todo, trinta e três, a minha idade quando a



conheci e também o número de anos que demorei para encontrá-la. O desenho do bracelete foi feito por mim, e a inscrição dentro dele é a carta branca que lhe dou, na verdade, que já lhe dei desde que nos conhecemos.

Fico comovida com o trabalho que teve para me dar um presente especial e os meus olhos ficam úmidos. Retiro o bracelete do pulso e leio a frase que está gravada dentro dele.

— *Pulchra mea, fac quidquid me facere velis* ... — leio em voz alta.

— Minha linda, faça de mim o que quiser — traduz a frase. — Está em latim — diz orgulhoso.

— Oh, meu amor, que coisa mais linda! — Recoloco o bracelete no pulso.

— Não vá pensando que o seu marido sabe latim. — Ri alto. — Ele fez uma pesquisa na internet.

— O meu marido é maravilhoso, adorei o presente e, mais ainda, adorei tudo o que o presente representa. — E joga-me nos braços do meu amado doutor.

— Ei, lindeza, não vai ler o cartão? — pergunta, amparando-me em seus braços.

— Cartão?

— Este cartão aqui. — Ele tira do cós da calça um envelope e me entrega.

Abro o envelope e quando examino o conteúdo começo a rir. Olho para ele que ri também, e então nos abraçamos apertado.

— Passagens para Paris?

— Exatamente, esposa. São duas passagens para Paris. Achei que gostaria de levar o seu marido para passear lá, em fevereiro, quando tirará aquelas duas semanas de descanso — repete o que acabei de dizer para ele ainda há pouco.

— Quer dizer então que o doutor teve a mesma ideia que eu?

— Vê como estamos sintonizados? Presentes para serem colocados nos pulsos, com inscrições dentro, mais passagens para o mesmo destino — diz e abre o seu sorriso perfeito que me enlouquece.

— Sintonia perfeita. — Pisco para ele em resposta ao seu sorriso. — Acho que trocarei duas dessas passagens para outro local e para outro período.

— Podemos pensar em outra cidade romântica e marcar a data da viagem para julho, quando completaremos um ano de casados.

— Excelente ideia! Assim que tivermos um tempinho poderemos escolher o local para essa comemoração.

— Só tem um pré-requisito. Precisa ser uma cidade que você não conheça ainda.

— Combinado. — Sorrio. — Como Paris, que ainda não conheço.

— Não? — pergunta curioso.

— Não. Sempre achei Paris uma cidade tão romântica que deveria conhecê-la com um homem que eu amasse muito ao meu lado, então a oportunidade só apareceu agora.

— Também não conheço Paris, sempre achei a cidade tão romântica que só

faria sentido conhecê-la quando estivesse com uma mulher que eu amasse muito ao meu lado, de preferência a mulher escolhida para ser a minha esposa, então a oportunidade só apareceu agora.

— Deixe de copiar as minhas falas, isso é plágio — provoco.

— Não copieie a sua fala, esposa, melhorei! — Thomas ri e me beija.

Depois de muitos beijinhos carinhosos conseguimos nos soltar e vamos para a casa do meu sogro. Somos os últimos a chegar e, observando o quintal da casa, vejo que a Lucia se esmerou na organização.

Uma tenda enorme foi armada e debaixo dela estão várias mesas decoradas com enfeites natalinos, uma árvore de natal magnificamente ornamentada e com inúmeros presentes embaixo e ao redor dela, uma mesa onde a ceia está posta, uma mesa de sobremesas, e um minipalco onde imagino que o Silas deverá tocar.

Converso animadamente com as minhas concunhadas e me divirto vendo os meus sobrinhos tentarem descobrir o que tem nos pacotes de presentes. Os meus pais, o William e a Lucia ficam para lá e para cá o tempo todo, conversam com todo mundo, e não sei por que acho que estão muito ansiosos.

Depois que a ceia é servida, a festa de natal ganha outro tom. Papai Noel, as suas ajudantes, e os duendes, chegam e entregam os presentes, e tudo é muito engraçado. Thomas e eu rimos a valer e ganhamos tantos presentes que acabamos não sabendo mais quem nos deu o quê. A Lucia e a minha mãe foram muito competentes quando compraram, a pedido do Thomas, os presentes que demos para os nossos familiares porque os presentes fizeram um enorme sucesso, principalmente, o iPod que cada sobrinho ganhou.

Quando o papai Noel e a sua turma vão embora, o Silas sobe no palco com o Thomas e o Lucas que, para minha total surpresa, está completamente desinibido. O meu marido toca guitarra, o Lucas toca baixo e o Silas canta. Algumas músicas depois, o Silas toca baixo, o Lucas toca guitarra e o Thomas canta, e vão se revezando assim até às duas horas da madrugada. Fiquei mesmo muito feliz em ver o Lucas tocando outra vez, não imaginava que ele ainda o fizesse. As dores do passado estão sendo superadas, finalmente.

Admito que esta comemoração de natal é a melhor que tive em toda a minha vida, e a felicidade de estar cercada por todos que amo é indescritível. Gostaria que o Nicolas pudesse estar aqui, adoraria vê-lo acompanhado de uma bela esposa e de filhos. Em momentos onde a família Chapman está toda reunida, sinto uma enorme saudade do meu amigo querido.

— Está gostando da festa, Eva? — Lucia se aproxima e pergunta.

— Amando! — revelo animada.

— Que ótimo! — Sorri e logo volta a ficar séria. — Tenho algo importante para contar para o Thomas.

— Ah, não! — protesto. — Não me diga que é alguma coisa que se

esqueceu de dizer quando revelou a história do passado dele.

— Não é bem isso, Eva, fique tranquila. Só preciso que esteja presente quando o William e eu formos até a sua casa, logo mais, conversar com o Thomas.

— Terei que sair à tarde, e o Thomas estará jogando futebol. Não sei se lhe falaram sobre a tradicional partida de futebol que os rapazes Chapman organizam. Eles jogam na tarde do dia vinte e cinco de dezembro e na manhã de primeiro de janeiro.

— Sim, fui informada, e a sua mãe e eu faremos parte da equipe do lanche. O que me estranha é que não vá torcer pelo time do seu marido.

— Thomas não sabe que não irei, é que estou planejando uma surpresa para ele e inventarei uma desculpa para não ir. O Silas é o meu cúmplice e irá levá-lo para jogar nem que seja arrastado.

— Surpresa? — pergunta curiosa.

— Depois eu conto, ou melhor, mostro, mas agora não falarei nada a respeito. — Sorrio.

— O que acha de jantarmos na sua casa? — Lucia sugere.

— Ih... É que a Maria foi passar o feriado com os filhos em São Paulo e não terei tempo de preparar o jantar.

— Não tem problema, mandarei alguém até a sua casa hoje à tarde para preparar o jantar, falarei com a sua mãe e resolveremos isso, você só precisa me dar a chave.

— O William tem a chave lá de casa, tanto da porta principal quanto da dos fundos, está na primeira gaveta da escrivaninha dele.

— Ótimo. Combinado o jantar?

— Sim, combinado.

— Muito bem, estou ansiosa — Lucia diz, e não sei por qual razão começo a ficar preocupada.

— Lucia, você não acha melhor me dar uma dica sobre o assunto que tratará com o Thomas? É sobre o seu relacionamento com o William? Creio que está ciente de que a minha mãe já me informou a respeito.

— Sim, sei que sabe sobre nós. Mas o assunto é outro, falarei sobre a Lourdes, na verdade, o William e eu falaremos sobre ela — explica, engulo em seco e respiro fundo.

— Estava procurando vocês. — Thomas surge e nos olha curioso.

— Estava procurando por nós ou pela sua esposa? — Lucia ri.

— Me pegou! Estava procurando a minha esposa.

— O meu rapaz é mesmo muito zeloso. — Lucia olha para o Thomas transbordando de afeto.

— Obrigado, Lucia! Só você para entender o quanto sou um homem zeloso e cuidadoso, e não ciumento e possessivo...

— Também acho que é zeloso e cuidadoso, além de ciumento e possessivo — provoço o meu lindo doutor e rio.

— Vem cá, esposinha linda... Leve o seu marido para casa, ele está com sono e precisa descansar para jogar futebol com uns pernas de pau amanhã.

— Vamos nos despedir do pessoal e depois poderei levar você para casa. — Abraço o meu dengoso doutor.

— Tchau, Lucia. Adorei a festa. Foi a melhor festa de natal que tive em toda a minha vida — Thomas diz e a abraça.

— Obrigada, filho. A minha maior motivação quando ajudava a organizar tudo foi a de vê-lo feliz.

— E consegui — ele diz e dá um beijinho na bochecha dela.

— Amei também, Lucia. Obrigada por tudo. — Beijo-a também.

Thomas e eu saímos abraçados e mesmo sem olhar para trás, sei que a Lucia está chorando.

Thomas e eu estamos tão cansados que dormimos rapidamente, e só desperto quando o telefone toca. Estico a mão, pego o aparelho e atendo.

— Boa tarde, dona Eva.

— Boa tarde? Boa tarde, Silas — cumprimento o meu cunhado que tem a voz tão parecida com a do meu marido.

— Está todo mundo aqui na casa do meu pai esperando os preguiçosos para almoçar.

— Esqueci de colocar o telefone para despertar!

— Tudo bem, estamos jogando dominó, o almoço só será servido às quatorze horas. Isso quer dizer daqui a uma hora; então corram!

— Faremos isso.

— E Eva, invente uma boa desculpa para não acompanhar o Thomas ao jogo, você conhece o seu marido e sabe que ele é seu carrapato, então arrastá-lo pode não ser tão fácil.

— Pode deixar, sei o que farei.

— Até breve.

— Até.

Acordo o Thomas, e nos aprontamos rapidamente. O meu marido fica lindo vestido no uniforme do time de futebol da família, e até me ressinto de não ir assisti-lo, mas como estou imbuída em fazer uma pequena surpresa para ele, não poderei acompanhá-lo até o campo.

O almoço na casa do William é muito divertido e é quase outra festa, a diferença é que agora todo mundo está trabalhando, não dispomos de ajudantes, e cada um executa uma tarefa.

Um jogo de truco tem início logo após o almoço, e o meu pai e o Thomas

participam. Nunca consigo entender o jogo de baralho desses homens, é sempre uma bagunça, nem sei se eles mesmos entendem o que estão fazendo, é uma farra total, uma gritaria geral e mais riem do que jogam.

— Ei, gente, está quase na hora do nosso jogo de futebol — avisa meu sobrinho mais velho, Marcelo.

— Vamos lá, pessoal! Obrigado por nos lembrar do horário, Celo — Silas grita.

— De nada, tio. Vou reunir os moleques, eles estão no quintal tentando subir em cima daquela tenda — Marcelo diz, e todas as mães do ressinto correm em direção ao quintal.

— Você irá comigo no meu carro, Tom. — Silas empurra o Thomas em direção à saída.

— Pare de me empurrar! — meu marido protesta. — Irei com a minha esposa no carro dela.

— Ah, meu amor, quero falar com você — começo o meu teatro.

— O que foi, lindeza?

— Estou com uma enxaqueca daquelas, o meu estômago está completamente revirado, e acredito que se eu não dormir um pouco não melhorarei.

— Pode deixar que eu cuidarei de você — ele se oferece como achei que faria, e olho agoniada para o Silas.

— Vamos, Tom! — Silas chama o Thomas.

— A Eva está passando mal, ficarei com ela.

— Nem pensar! Você não vai faltar mais uma vez ao futebol de natal dos Chapman. Participo disso há vinte e oito anos e nunca o vi em qualquer partida até hoje.

— Nunca participei antes por falta de convite. — Thomas ri.

— Agora foi intimado a comparecer. A Eva é crescidinha e saberá se virar sem você por algumas horas, acho até que ela deve estar desejando um minuto de liberdade.

— Silas, amo estar com o meu marido e não abro mão do carinho e cuidado dele, mas tem razão quando diz que sou crescidinha e posso cuidar de mim por algumas horas. — Gargalho.

— Ficarei preocupado com você e não jogarei bem — Thomas insiste.

— Arrumando desculpas para justificar o fracasso, irmãozinho? Se você afundar o time levará uns socos. Há dez anos que não perdemos e gostamos muito disso — Jonas aparece ameaçando.

— Ok Vocês venceram, irei! Mas antes preciso me certificar de que alguém fará companhia para a Eva.

Começo a protestar, e a minha mãe surge para resolver a questão, tenho certeza de que foi orientada pela Lucia.

— Fique tranquilo, meu genro, mandarei uma ajudante para a sua casa, ela

cuidará da Eva e preparará o jantar.

— Evinha, você é a minha sogra preferida!

— E espero que a única. — Minha mãe ri. — Não fique tão alegre, tudo tem o seu preço, e o meu é ir jantar com vocês mais tarde. Levarei o Guido, o William e a Lucia comigo.

— Combinado — Thomas concorda.

— Obrigada, mamãe — agradeço e dou uma piscadinha para ela.

— De nada, filhota.

— Minha linda, qualquer coisa é só telefonar que voltarei correndo.

— Não precisa se preocupar, é só um leve mal-estar, irei dormir um pouco, e mais tarde estarei ótima. — Detesto mentir para ele, mas as “mentirinhas brancas” são às vezes necessárias e não devem ser contabilizadas, eu acho.

Janete, a ajudante da minha mãe que veio preparar o jantar, cozinha realmente muito bem, e assim que entro em casa sinto o aroma delicioso da comida que ela preparou.

Conseguí chegar antes do Thomas e vou logo tomar um banho. Visto-me rapidamente para esperá-lo e mal termino de fazer isso, ele surge, imundo e corado, na porta do closet e me observa carinhosamente.

— Você parece que está ótima — diz e sorri.

— E estou mesmo. — Sorrio de volta. — Como é que foi o jogo?

— Ganhamos! — levanta os braços e comemora. — Adorei jogar, fiz um lindo gol, foi bom que tenha me convencido a ir.

— Sabia que gostaria. — Aproximo-me dele e o beijo levemente.

— Preciso de um banho urgente.

— Tenho que concordar com você. — Gargalho.

— Não se lembra dos nossos votos? Na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, na sujeira e na limpeza?

— Na verdade, não. — Gargalho outra vez.

— Só não vou agarrar você do jeito que estou e sujá-la devidamente porque a sua mãe disse que estará aqui em meia hora, então não dará tempo. — Ele abre um sorriso cinematográfico, e fico hipnotizada.

— Lindo! Você é muito lindo, marido, nossa!

— Adoro quando me elogia. — Pisca para mim, e me faz ficar ainda mais encantada.

— Vá tomar banho e seja rápido, preciso mostrar algo para você.

— Oba! Adoro quando me mostra algo. — Ele ri e entra no banheiro.

Thomas logo aparece no quarto, de banho tomado e vestido; está de bermuda, camiseta e chinelos e, mesmo assim, é um dos homens mais elegantes que conheço, muito sensual também, diga-se de passagem.

— Só você mesmo, doutor, para ficar tão absolutamente perfeito de camiseta e bermuda.

— É o amor que sente por mim que me faz parecer tão bonito, já disse isso para você antes e reafirmo — diz, aproximando-se de mim de uma maneira tão sensual que me faz desejá-lo instantaneamente.

— Doutor, mantenha distância, os nossos pais estão quase chegando, e preciso mostrar uma coisinha para você antes.

— Mostre essa coisinha, então. — Ele cruza os braços e me observa.

Desabotoo o meu short e abaixo o zíper, o meu marido começa a sorrir, e acho que está tendo ideias que, no momento, não posso aprovar.

— Apenas observe, doutor, não parta para a ação.

— Estou apenas observando, doutora, mas o espetáculo com certeza me agradará.

Desço o short e a calcinha ao mesmo tempo, mas só um pouco, e deixo que ele veja que tatuei o nome dele do lado esquerdo da minha virilha. A minha tatuagem foi feita pelo mesmo tatuador que o tatuou e foi escrita com o mesmo tipo de letra, a única diferença é que o nome dele está dentro de uma folha de parreira.

— Uau! — diz e assobia. — Isso é quente, garota, muito sexy! Adorei a surpresa. — Os olhos dele se arregalam.

— Fiz a tatuagem do lado oposto ao seu, assim quando estiver deitada sobre você os nossos nomes ficarão sobrepostos.

— A folha de parreira é bem sugestiva. — Ele ri.

— Fazer o quê? — Gargalho.

— A tatuagem é uma linda retribuição, mas estou ficando preocupado com alguns pequenos detalhes.

— De que tipo? — pergunto e sei que lá vem ele com o seu ciúme.

— A tatuagem está avermelhada e inchada o que me leva a crer que a fez hoje. Além disso, o local é um pouco, digamos, íntimo, e gostaria de saber quem foi o abusado que colocou as patinhas aí.

— A tatuagem foi feita quase agora, enquanto você estava jogando, tive que mentir sobre o mal-estar. Quem colocou as patinhas aqui foi o mesmo tatuador que fez a sua tatuagem.

— Olha só, sei que mentiu por um bom motivo e irei perdoá-la, mas saiba que só sou condescendente com esse tipo de mentira, com mais nenhum outro. Quanto ao tatuador, bem, acho que terei que dar uma surra nele.

— Engraçadinho. O homem é um profissional sério, nem olhou direito para mim.

— Ele me tatuou antes, e você com certeza falou de mim e da tatuagem que fiz. O homem deve ter se lembrado de quem sou, e deve mesmo ter agido de forma muito profissional porque enquanto ele me tatuava falei do meu amor por

você e o que a tatuagem representa, e deixei bem claro que sou um homem muito protetor.

— O homem sabe exatamente quem é você e tem o desenho da sua tatuagem na pasta dele, o que facilitou fazer a minha, seguimos as mesmas diretrizes. — Sorrio.

— Amei a homenagem e confesso que estou muito excitado. O desenho ficou belíssimo na sua pele sedosa.

— Você também está impregnado na minha pele e é um prazer carregá-lo comigo.

— Esposa, posso beijá-la agora?

— Pode, mas vou subir este short, senão sei aonde iremos parar.

Thomas se aproxima e me beija, passa as mãos pelas minhas costas e as repousa em minhas nádegas, um formigamento interno começa a me atizar e me contendo porque estou aguardando convidados para o jantar.



## Capítulo XIV

A campainha toca e descemos para receber os nossos convidados.

Todos vieram juntos.

Enquanto eles conversam sobre o jogo de futebol, esquento o jantar e o coloco sobre a mesa, que estava previamente arrumada.

Jantamos e conversamos. O papo é ameno, ninguém parece motivado a começar a falar sobre o assunto que originou este jantar, e a minha ansiedade dá sinal de vida. Sirvo a sobremesa, mousse de maracujá, e quase acredito que a conversa sobre a Lourdes foi deixada de lado, mas o William nos informa que tem algo sério para falar com o Thomas, e me preparo.

Terminamos a sobremesa, e a minha mãe e a Lucia levam a louça para a cozinha. Acompanho o William, o Thomas e o meu pai até o living, e aguardamos a minha mãe e a Lucia se juntarem a nós. Percebo que o meu marido está ficando ansioso também.

— Bem, Tom, esta nossa visita tem uma razão de ser — William começa.

— Nem imagino qual seja. Pensei que fosse apenas um jantar agradável em família — Thomas diz resabiado.

— Fui eu quem pediu para a Eva nos convidar para jantar com vocês esta noite — Lucia explica usando um tom formal que me deixa um pouco nervosa.

— Lucia e pai, a minha vida foi um grande mistério e acho que é por essa razão que fico tão nervoso quando me deparo com um. Qualquer coisa nesse sentido me tira a paciência, então se puderem dizer logo a que vieram, agradeço profundamente — Thomas é direto.

— Muito bem, Tom. Estou aqui para contar para você sobre uma carta que a Lourdes deixou para o Nicolas — Lucia revela.

— Desculpe-me se eu parecer um pouco grosseiro, mas se a carta era para o Nicolas, o que eu tenho a ver com isso? — Thomas questiona.

— Deixe-me explicar — William intervém. — A Lourdes escreveu uma extensa carta para o Nic e a colocou em um envelope lacrado. Inseriu esse envelope dentro de outro que enviou para a Lucia contendo uma carta com instruções. Nessa carta a Lourdes pedia para que a Lucia entregasse o envelope lacrado para o Nic quando ele se formasse na faculdade, porque pressentia que não estaria mais viva quando esse dia chegasse, e que até a formatura dele, o envelope deveria permanecer bem guardado.

— Recebi a carta da Lourdes com o envelope lacrado e tive quase certeza de que nele continha a confissão da Lourdes sobre o que fizemos. Apesar disso, concordei em fazer o que ela me pediu — Lucia diz com os olhos cheios de

lágrimas.

— E por que vocês estão me contando isso agora? — Thomas pergunta com um ar preocupado.

— Porque a Lucia nunca pôde entregar o envelope ao Nicolas, pois ele faleceu antes de se formar. E a formatura era a ocasião que a Lourdes tinha determinado para a entrega — William explica.

— E isso quer dizer que a Lucia ainda guarda o tal envelope endereçado ao Nicolas? — Thomas faz a pergunta que teve vontade de fazer.

— Sim, e depois que o Nicolas faleceu esqueci completamente do envelope. Tinha guardado o dito cujo no cofre do meu quarto na minha casa em Fort Lauderdale. Um cofre em que nunca mexo, onde guardo as joias de família, a maior parte delas contendo esmeraldas, que eram a paixão da minha mãe.

— E você se lembrou dessas joias por causa do pedido que lhe fiz para me ajudar a encontrar as esmeraldas em um tom de verde mais claro para colocar no bracelete que mandei confeccionar para presentear a Eva?

— Sim, Tom. O seu pedido me fez lembrar das joias, o que me fez lembrar do cofre, que por sua vez me fez lembrar do envelope — Lucia diz emocionada.

— Que história mais comprida — meu marido reclama.

— Calma, rapaz, você precisa ser um pouco mais paciente — meu pai intervém.

— Então, quando a Lucia se lembrou do envelope, ela telefonou para o advogado dela. Ele está com as chaves da casa de Fort Lauderdale, e ela o orientou a abrir o cofre, pegar o envelope e enviá-lo para cá. O envelope chegou na sexta-feira passada, e ela resolveu entregá-lo pra mim — William diz, também emocionado.

— E você o abriu? — *Sou a curiosidade em pessoa.*

— Primeiramente, pensei em depositá-lo no túmulo do Nic, sem abri-lo, mas depois mudei de ideia, o que foi uma decisão muito acertada. Como pai do Nicolas e viúvo da Lourdes, achei que tinha o direito de saber do que se tratava e por isso abri o envelope.

— E o que tinha dentro do envelope? — Thomas dá um longo suspiro.

— Uma carta para o Nicolas, que não lerei para vocês porque era muito pessoal e íntima, de mãe para filho. E que, inclusive, queimei depois de lê-la em voz alta no túmulo dele.

— Só você a leu? — indago.

— Lucia e eu a lemos — William responde.

— Se não a lerá para nós, pai, realmente não estou entendendo porque estamos conversando sobre ela — Thomas argumenta irritado.

— Calma, filho. Farei um breve relato do conteúdo.

— Faça logo, pai. Por favor — meu marido pede, e demonstra que está ficando mesmo bastante irritado com o mistério.

— Na carta, a Lourdes declara o amor que sentia pelo Nicolas e conta tudo

sobre o nascimento de vocês. É uma carta bastante reveladora e emocionante.

— É uma pena que o Nicolas não tenha tido a oportunidade de ler essa carta — digo, consternada.

— Uma parte interessante no texto da Lourdes fazia menção ao seu paradeiro. Ela dava ao Nic informações muito precisas sobre como encontrá-lo, Tom — William declara e não contém o choro.

— Ela sabia como me encontrar? — Thomas pergunta, visivelmente surpreso.

— Sabia — Lucia responde. — Ela citou na carta o nome completo do Antonio, o da mãe dele e o seu, além do endereço certinho da sua casa em Piracicaba. Se o Nicolas não tivesse morrido, com certeza, ele o encontraria, e você teria conhecido a sua verdadeira família bem mais cedo.

— Como é que a Lourdes poderia saber de tudo isso? Foi você quem contou para ela, Lucia? — indago.

— De forma alguma. Acho que ela desconfiou de alguma coisa e se pôs a investigar. Não tenho ideia de como descobriu que o Tom não estava comigo. Ela insistia muito para falar com ele ao telefone e me pedia fotografias, eu me recusava a atendê-la, e ela ficava furiosa. Acho que isso a fez acreditar que eu mentia para ela... Não sei — Lucia diz com a voz chorosa.

— Talvez consigamos compreender melhor algumas coisas depois que eu entregar ao Tom o envelope que ela lhe deixou.

— Ela deixou um envelope para mim, pai?

— Deixou, filho. Estava dentro do envelope destinado ao Nic e também está lacrado.

William estende o envelope amarelado para o meu marido, e percebo que a mão dele treme.

Thomas pega o envelope, examina-o, rasga a beirada cuidadosamente e retira de dentro dele várias folhas dobradas. Desdobra-as e vejo que a caligrafia, muito parecida com a dele, enche as páginas, frente e verso. E ele começa a ler silenciosamente.

Os olhos dele vão ficando úmidos, e o semblante cada vez mais triste. Ele termina de ler, coloca as folhas no colo e fica visivelmente consternado. O meu coração aperta, todos os presentes o examinam, e eu o abraço.

— Por favor, minha linda, leia a carta em voz alta para todos aqui tomarem conhecimento do que a minha mãe queria que eu soubesse. Não gosto de segredos. Só não a lerei eu mesmo porque não estou em condições de fazer isso — pede, e o atendo.

*“Thomas.*

*Deixe que me apresente. Eu me chamo Lourdes Henrique Chapman, sou casada com William Chapman e temos seis filhos: Lucas, Jonas, Douglas, Silas, Nicolas e Thomas.*

*Sim, você é nosso filho, embora talvez nunca tenha sabido disso até hoje. E se*

*está recebendo esta carta é porque não estou mais entre vocês e porque já conheceu o seu irmão gêmeo, Nicolas.*

*Contei a ele, também por carta, a história da minha gravidez e do nascimento de vocês e espero que ele tenha lhe explicado corretamente a minha versão dos fatos.*

*Estou escrevendo-lhe para que saiba quem sou, ou melhor, quem fui, para que entenda a minha dor e para que o seu passado jamais se perca no esquecimento. Não peço que me perdoe, porque nem eu fui capaz de tal proeza, rogo apenas que leia estas linhas e saiba que nunca, em momento algum, deixei de amá-lo.*

*Filho, eu te amo com todas as minhas forças, sinto a sua falta desde que saíu dos meus braços, penso em você todos os segundos do meu dia, ouço a sua voz cada vez que um irmão seu me chama, e sempre que fecho os olhos a sua imagem é a primeira que me vem à mente.*

*Esclareço, de antemão, que não o abandonei pura e simplesmente. O que fiz foi entregá-lo aos cuidados da sua tia Lucia para que ela, que é estéril e sonhava em ter um filho, o criasse com todo amor e carinho do mundo, conforme ela me prometeu.*

*O que não compreendo, e que talvez você possa ter a oportunidade de perguntar a ela, foi o motivo que a fez não criá-lo, deixando-o sobre a tutela do senhor Antonio. Penso muito sobre essa questão e não consigo sequer imaginar o porquê de ela ter feito isso. O que sempre pude perceber é a dor contida e a saudade cautelosa que ela expressa cada vez que fala o seu nome.*

*A Lucia jamais desconfiou que eu pressentisse que ela não o criava, mas o meu coração de mãe nunca se deixou ludibriar. Devagarzinho fui conseguindo tirar pequenas informações dela. Aqui e acolá, a Lucia deixava escapar algum detalhe. Demorou, mas acabei fazendo a minha colcha de retalhos. Descobri valiosas informações sobre o noivo que ela teve e que nunca se tornou marido, Antonio da Silva Valente, que viveu em Ribeirão Preto, que depois se mudou para São Paulo, mas que acabou desistindo do casamento e se mudou para Piracicaba. Esse era o homem que eu achava que deveria procurar.*

*Vasculhei a lista telefônica de Piracicaba e descobri o telefone e o endereço do Antonio e, durante vários dias, telefonei para a casa dele e desliguei, até que ouvi a sua voz. Soube que era você no momento em que disse aló, porque um dos meus filhos, o seu irmão Silas, tem a voz exatamente igual a sua. Nesse dia, ajoelhei-me e fiquei assim durante horas agradecendo a Deus, porque finalmente me foi permitido ouvir a sua voz depois de treze anos de angústia e de espera.*

*Pouco tempo depois da minha descoberta, inventei uma desculpa e fui até Piracicaba, eu precisava vê-lo, precisava saber como estava vivendo, queria ter certeza de que era bem-cuidado e amado.*

*Passsei o dia rondando a casa, até que o vi chegar. Não tive nenhuma dúvida de que aquele menino bonito era o meu filho, afinal tinha outro alguém igual a você em casa.*

*A emoção foi tanta que passei mal. Você me socorreu. Depois, juntamente com a senhora que chama de avó, a dona Diva, carregou-me para dentro de casa.*

*Ela me serviu água, e você mediu a minha pressão. Faz tanto tempo, e foi uma coisa tão sem importância para um menino de treze anos, que duvido que se lembre de mim.*

*Naquele dia, você e eu conversamos um pouco, mas a dona Diva foi quem se interessou mais em conversar comigo. Durante a conversa que tivemos, ela me contou que você era o grande amor da vida dela, e que se não fosse por você, ela não teria motivo algum para continuar viva.*

*Alguma coisa naquelas palavras e no comportamento dela me fez acreditar que ela estivesse desconfiando da minha identidade.*

*Ela fez questão de demonstrar que sentia um orgulho gigantesco de você. Contou-me que você era o melhor aluno da escola, que era um leitor voraz, que cuidava da saúde dela melhor do que qualquer médico e que era você quem a ajudava a cuidar do filho, o Antonio, que estava terrivelmente doente. Ela também me falou, em tom de confiança, que acreditava que você seria médico, mas que também poderia ser músico devido ao seu talento para tocar violão.*

*Não consigo expressar nestas linhas o quanto fiquei comovida. Encantei-me com a sua educação; com a sua atenção e respeito para com a dona Diva; com os seus límpidos, profundos e maravilhosos olhos verdes; com a sua voz suave, baixa e levemente rouca; com a sua constituição física; e com toda a bondade que emanava de você.*

*Quase não me contive quando a dona Diva o fez tocar no violão uma música para mim, você tocou maravilhosamente bem uma das minhas músicas favoritas. O único dos meus filhos que herdou a minha paixão pelo violão clássico. Desejei levá-lo embora comigo imediatamente e, naquele momento, perdi o medo de enfrentar o seu pai e os seus irmãos. Contudo, olhando dentro dos seus olhos, compreendi que você amava a sua avó, e que eu não tinha o direito de tomá-lo à força da mulher que se desdobrava para cobri-lo de afeto. Não queria destruir a vida de mais ninguém.*

*Voltei para casa com o coração mais calmo, e com a alma mais dolorida. Desde então, rezo todos os dias para que você seja feliz, para que encontre o amor, para que tenha sorte e sucesso, e para que a ausência da sua família biológica não o tenha traumatizado.*

*Você pode pensar que fui desnaturada, covarde, irresponsável e omissa, mas nunca pense que não me culpei e que não me puni todos os dias por ter me apartado de você. Se até hoje teve dúvidas, desejo que agora tenha certeza de que a sua mãe o amou demais e que foi incapaz de esquecê-lo.*

*Juro que se eu pudesse voltar atrás e ter dito não à Lucia, saiba que faria isso sem sequer pestanejar, porque tê-lo deixado partir, meu querido filho, foi a decisão mais difícil e mais dolorosa que tomei na vida, e também a mais errada. Naquele dia, assinei a minha sentença de morte, porque cada minuto que passo longe de você, faz com que eu morra um pouquinho. Mas qual é a mãe que pode dizer que vive quando não pode dar amor ao seu filho? Qual é a mãe que consegue ter paz quando não pode manifestar a sua maternidade?*

*Não quero que sinta pena de mim, estou apenas desabafando no papel. Deixando que o grito de dor que está guardado dentro da minha consciência ecoe nestas linhas. E desejando imensamente que saiba que eu te amo!*

*Confesso que por causa desse amor que não pude lhe dar, não fui capaz de*

*amar mais ninguém. Sinto que amando os outros, estou traindo você.*

*Sei que isso é crueldade, que estou punindo os meus outros filhos por um erro que cometi, mas não consigo ser a mãe que gostaria de ser, porque cada favor que faço, cada colo que dou, faz com que eu me lembre do que lhe neguei. O pior de tudo é olhar para o seu irmão gêmeo, porque o meu coração dói desesperadamente, e a saudade que sinto de você me dilacera, e é por essa razão que nunca consegui me aproximar do Nicolas.*

*Diante de tudo o que eu vivi, meu filho, deixo-lhe alguns conselhos. Você não precisa considerá-los, mas é única coisa que posso deixar-lhe, pois não pude contribuir com mais nada. São eles: Nunca permita que um erro seja maior do que a sua vontade de consertá-lo; jamais consinta que o medo da opinião alheia o impeça de fazer o que o seu coração acha que deve ser feito; e o mais importante, coloque o amor como a prioridade da sua vida, porque em um coração repleto de amor não cabe mais nada, o amor é tudo.*

*Espero que se lembre de segurar o violão daquela maneira que lhe ensinei naquele único dia em que nos encontramos. Você toca muito bem, e sei que a música nunca deixará de fazer parte da sua vida.*

*Sei que não tenho o direito de pedir-lhe nada, mas me permita uma ousadia, por favor, agora que sabe quem é, aproxime-se dos seus irmãos e desfaça a distância que criei entre vocês. Eles são pessoas amorosas e o receberão de braços abertos.*

*Se o William, o seu pai, ainda estiver vivo, não se furte de conhecê-lo, ele é um homem íntegro e um pai dedicado, e tenho certeza de que o amará desde o primeiro momento em que colocar os olhos sobre você.*

*Deixe-se amar por essa família que lhe será apresentada e os ame também. Anule o mal que lhes causei com a bondade que vi em seu coração.*

*Seja feliz, Thomas. A felicidade dos meus filhos será o maior consolo que a minha alma poderá receber aonde quer que ela esteja.*

*Com amor:*

*Lourdes.”*

Terminei de ler a carta com a voz embargada. Fiz um enorme esforço para não chorar enquanto lia, mas tanto os meus pais, quanto o William e a Lucia, choraram. Fico sem ação, não sei o que dizer nem o que fazer. O meu marido conseguiu parar de chorar e olha para o nada, perdido, triste e atordoado.

— Ela me ajudou a melhorar a minha postura, me ensinou a segurar de um jeito mais correto o violão, e me olhava de um modo tão perturbador que me chamou à atenção — Thomas revela de repente.

— Você se lembrou da visita da sua mãe, meu filho? — William pergunta.

— Eu me recordo perfeitamente, porque pressenti que ela tinha alguma relação comigo, só não consigo me lembrar do rosto dela, lembro-me apenas dos olhos. Acho que aquele dia me marcou porque foi a primeira vez que conheci alguém que soubesse tocar violão tão bem. E a maneira como ela tocou, uma execução tão perfeita que me comoveu, tem sido a minha meta ao longo dos anos. Ela tocou violão para mim depois que toquei para ela, e então me ajudou

com a minha postura, como falei antes, e nunca me esqueci de segurar o violão como fui ensinado por ela a fazer. — Ele pigarreia, e sei que está tentando se controlar para não chorar.

— Nunca imaginei que ela tivesse encontrado você. A Lourdes era mais esperta do que eu pensava — Lucia diz quase que para si mesma.

— Encontrou-me, mas não disse que era a minha mãe — Thomas lamenta.

— Acho que ela queria dizer, mas faltou coragem. Acredito que a vontade dela era a de que alguém descobrisse, tanto é que escolheu o nome de Thomas para você — Lucia parece que continua falando consigo mesma.

— O meu nome? — Thomas encara a Lucia. — O que é que tem a ver o fato de eu ter recebido o nome de Thomas com essa sua crença de que a Lourdes queria que descobrissem a verdade?

— Acho que a Lourdes sabia que estava esperando gêmeos ou pensou que isso pudesse acontecer já que o William tem um irmão gêmeo. Faz tempo que isso me intriga. Quando ela me entregou você e me obrigou a prometer que o chamaria de Thomas, não pensei que tivesse algum significado especial. Contudo, depois que descobri o que significa o seu nome, considerei a hipótese de que ela estivesse dando uma dica para quando, futuramente, alguém questionasse a enorme semelhança entre os primos.

— O que o nome Thomas significa? — pergunto rapidamente.

— Thomas vem do nome aramaico *Ta'oma*, que significa, literalmente, gêmeo — Lucia explica.

— Tenho que concordar que ela não deve ter escolhido esse nome por acaso. Um nome terminado em “as” como os dos meus irmãos e, ainda, com um significado desses, não pode ser coincidência — Thomas conclui.

— Tom, eu sei que é difícil para você entender, mas a sua mãe era uma mulher muito sensível. Ela tinha alma de artista. Para ela devia ser uma carga muito grande assumir o erro que cometeu e voltar atrás. Sei, com toda a certeza do meu coração, que eu a teria perdoado e que faria de tudo para ter você conosco, mas talvez ela achasse o contrário. A culpa e o medo tornam as pessoas irracionais.

— A Lourdes só me deu você, Thomas, porque a fiz sentir-se culpada por eu não poder ter filhos por causa do aborto que ela não me impediu de fazer. Porque joguei repetidamente na cara dela o fato de que não me apoiou a ter o filho do William. Então, se existe uma pessoa culpada nessa história toda, essa pessoa sou eu, que a manipulei — Lucia admite com a voz embargada.

— Pai e tia... Gostei de ter recebido essa carta, gostei de saber que a minha mãe me amava, achei os conselhos que ela me deu muito sensatos e tentarei segui-los, mas não quero mais falar do passado, não quero viver olhando para trás. Ter a minha família ao meu lado foi o maior presente que recebi na vida e estou muito satisfeito — Thomas diz e sorri. — Então, fiquem tranquilos,

perdoarei a Lourdes como perdoei você, Lucia, e como perdoei o meu tio George, que nem conheci, e o Antonio, que me fez tanto mal, porque perdoar é uma boa maneira de sepultar a dor e quero fazer isso. Desejo me tornar um homem cada vez melhor para mim e para os que me cercam.

— Muito bem, Thomas, acho que isso é o que deve fazer. Conheci a sua mãe e hoje entendo o comportamento dela, sei que sofreu muito e que o seu perdão seria muito importante para ela — minha mãe o apoia emocionada.

— Antes de dar o assunto por encerrado, gostaria de saber do que a minha mãe faleceu — Thomas questiona.

— Enfarte fulminante — William diz, e percebo que a voz dele treme. — O coração dela não aguentou carregar tanta dor, tanta tristeza, tanta culpa.

— Agora entendo porque o Lucas é cardiologista — Thomas conclui e sorri.

— O Lucas era fascinado pela mãe — William nos conta o que eu sempre soube. — Ela era uma mulher muito doce e agradável, e tinha os olhos verdes mais brilhantes que vi na vida, mas claro que essa descrição correspondia a Lourdes de antes de tudo acontecer.

— Quando penso no dia em que ela apareceu na porta da minha casa, só consigo me lembrar dos olhos verdes dela, tão melancólicos, e da forma como ela tocava violão. Achei isso muita coincidência, os olhos verdes como os meus e a intimidade com o violão e fiquei intrigado com aquela visita. Acabei imaginando que aquela mulher era a minha mãe, mas quando comentei isso com a minha avó, ela riu e me disse que a mulher não era nada parecida comigo e que, como eu não parecia com o meu pai, que imaginávamos que fosse o Antonio, eu deveria ser muito parecido com a minha mãe, que não deveria ser aquela, então me esqueci disso — Thomas relata de repente.

— Sim, meu filho, o seu sexto sentido estava alertando você que aquela era a sua mãe, que apesar de não se parecer com você, tinha os olhos verdes, e é por essa razão que você e todos os seus irmãos têm os olhos verdes, por causa da cor dos olhos dela e dos meus. E os seus são exatamente da cor dos meus, como eram os do Nicolas — William diz e nos observa.

— William, não está na hora de você entregar ao Thomas aquele negócio? — meu pai pergunta.

— Vou receber mais o quê?

— Espere e verá — William diz e faz um sinal para a minha mãe que sai em direção ao meu escritório e volta carregando uma enorme caixa de presente.

— Mais presente, pai? — Thomas pergunta desconfiado. — Hoje é o aniversário da Evinha, os presentes devem ser para ela.

— Ganhei os meus presentes esta madrugada e estou satisfeítíssima com eles, obrigada a todos — minha mãe diz carinhosamente.

— O presente nessa caixa não é de nenhum de nós, é da sua mãe para você — William explica, e fico sem compreender.



— Como assim? — Thomas também não entendeu.

— Abra que explicarei — William diz parecendo ansioso.

— É... A vida é mesmo uma caixinha de surpresa — meu pai fala reflexivamente.

Thomas abre a caixa cuidadosamente e retira de dentro dela um maravilhoso Hauser, e tenho certeza de que esse era o violão da Lourdes, o instrumento que ganhou de presente dos pais quando completou quinze anos e que amava tanto, que me fez desejar um também.

— Que belíssimo violão! É para mim? Presente da Lourdes? Estou perdido aqui, por favor, pai, explique.

— Tom, a sua mãe me fez prometer, dias antes de falecer, que eu guardaria esse violão e o entregaria ao filho que mais merecesse o instrumento. Segundo ela, aquele que tocasse com tanta paixão quanto ela tocava. Tenho certeza de que a sua mãe estava se referindo a você e é por essa razão que estou lhe entregando esse presente dela.

— O Lucas era muito apegado à Lourdes e aprendeu a tocar com ela, o Silas também ama tocar, então não vejo por que o violão seria para mim — Thomas retruca.

— Porque ela falou comigo, fui eu quem olhou nos olhos dela e viu tanta dor quando fez o pedido, que sei que ela só poderia estar pensando em você naquele momento. Além disso, ela sempre reclamou que o Lucas não tocava com o coração, e o Silas não tem o estilo nem o repertório que a sua mãe aprovaria. É você quem toca violão com paixão, é você quem gosta do violão clássico, é você quem tem tanto talento quanto ela tinha, e foi você que a comoveu quando tocou para ela. O violão é seu! — William afirma e se levanta, e acho que está pronto para sair.

— William, será que não é melhor contar logo tudo ao Thomas? — pergunto, e a Lucia fica visivelmente nervosa.

— Tom, marcarei uma reunião com você e os seus irmãos para contar-lhes sobre algo que está acontecendo comigo, será no dia dois de janeiro. — William diz em um fôlego só.

— E nessa reunião você vai contar que está apaixonado pela Lucia e que estão tendo um relacionamento amoroso? — Thomas pergunta tranquilamente e nos pega de surpresa.

— Exatamente — William concorda abismado.

— Você sabia? — pergunto admirada.

— Sim, venho desconfiando disso desde a minha festa de aniversário, quando vi os dois dançando juntos. Só não falei nada porque respeito a privacidade das pessoas. O Silas e o Jonas também estão bastante desconfiados e andam fazendo piadinhas sobre isso com bastante frequência — Thomas esclarece.

— Quer dizer que todos vocês já sabem? — Lucia questiona tão aliviada que quase me faz rir.

— Não. O Lucas e o Douglas nunca disseram nada a respeito, e o Silas, o Jonas e eu apenas desconfiávamos. Claro que a suspeita era muito forte, mas resolvemos esperar o convite de casamento. — Meu marido ri e alisa o violão que acabou de ganhar.

— O casamento será em março do ano que se aproxima, no dia dezessete, um domingo. Será na fazenda do Guido, na capela de lá — William confessa, e fico muito surpresa.

— E não é que vai ter casamento mesmo? — Thomas gargalha. — Parabéns, pai! Parabéns, Lucia! Desejo que sejam muito felizes!

— Obrigada, meu filho — Lucia se aproxima e o abraça, e o William faz o mesmo.

Eu os cumprimento também e os meus pais me olham de um jeito engraçado, acho que estão ajudando a organizar a festa em segredo e isso me faz pensar que essas pessoas maravilhosas agora descobriram o prazer de tramar planos secretos e mirabolantes, e começo a rir.

Depois que o Thomas toca *Prelude from Cello Suite n° 1*, de Bach, estreando o seu novo violão, os meus pais se despedem e vão embora, e uma música depois, o William e a Lucia vão embora também.

— Ei, lindeza, que natal mais especial esse meu, não é?

— Verdade, doutor, muito especial mesmo.

— Gostei de saber que a minha mãe, do jeito dela, me amava e que se preocupou em me conhecer. Posso não entender as razões que a fizeram abrir mão de mim ou de nunca ter tentado me recuperar, mas agora sei que sempre estive em seus pensamentos. O Antonio me fez acreditar durante a minha infância toda que a minha mãe me descartou, que gostou de se livrar de mim, e quando conheci a Lucia passei a achar que fui duplamente descartado, pela minha mãe e por ela, e isso mexeu comigo.

— Agora você pode ter certeza de que sempre foi muito amado, mesmo que a forma de amar não tenha sido a adequada.

— Sim, esposa, quem primeiro me amou adequadamente foi a dona Diva e depois, você. Agora, estou começando a achar que estou sendo adequadamente amado por muita gente, só que de formas diferentes. — Sorri e dedilha as cordas do violão.

— Então, vamos para o quarto, porque mostrarei a forma adequada de uma mulher mostrar para o marido que ama se entregar para ele.

— Agora mesmo! — Ele levanta segurando o violão e me estende a mão, seguro e ele me conduz para o nosso quarto.

Alguma coisa me diz que a carta da Lourdes foi um divisor na vida do Thomas, estou pressentindo que, em breve, o meu marido será um homem com

uma autoestima bem mais forte e elevada.

O mês de dezembro acaba, e o ano de dois mil e treze começa glorioso. Uma festa caprichada e estritamente familiar, mais o futebol dos Chapman na manhã do dia primeiro, que dessa vez consigo assistir, ajudam-nos a dar boas-vindas para o ano novo.

No segundo dia do ano o William conseguiu contar sobre o relacionamento dele com a Lucia para os filhos e, apesar do Lucas ter ficado muito aborrecido quando soube, acabou aceitando a situação como os seus irmãos aceitaram.

No dia três de janeiro o William, a Lucia e os meus pais viajaram, e passarão o mês inteiro fora.

No dia nove, levei flores ao túmulo do Nicolas, minhas e do William. Esse dia marca a minha vida de uma forma muito contraditória. Foi no dia nove de janeiro, há onze anos, que perdi o Nicolas... E foi no dia nove de janeiro, há um ano, que vi pela primeira vez o Thomas.

Então, como resolvi dar mais Ibope para os bons sentimentos, preparei, para comemorar o dia desse meu primeiro encontro com o Thomas, um jantar especial que comemos à luz de velas. Ele me presenteou com um lindo buquê de rosas colombianas vermelhas e com uma declaração de amor escrita em forma de poesia, que mandei emoldurar para colocar no meu escritório.

— Eva? — Susana, a assistente da Patrícia, me chama e sou trazida de volta dos meus pensamentos.

— Sim... — respondo e me reorganizo mentalmente.

— A Sara está aguardando-a na sala dela.

— Estava aqui distraída e me esqueci.

Levanto-me para ir até a sala da Sara resolver alguns assuntos, e o meu telefone celular toca.

— Alô.

— Oi, Eva, é a Roberta, a tia da Patrícia.

— Oi, Roberta, tudo bem?

— Comigo sim, mas a Patrícia passou muito mal hoje cedo e teve que ser hospitalizada. O estado dela é grave.

Sinto um gosto amargo na boca, olho para o calendário em cima da minha mesa. Sexta-feira, dia dezoito de janeiro de 2013, e agradeço ao universo por ter esperado para me trazer uma notícia dessas. Se hoje fosse dia nove, eu surtaria.

Converso apressadamente com a Roberta, garanto que irei encontrá-la e desligo o telefone. Aviso ao Thomas e à Sara que estou indo para o hospital e me encaminho para lá.

Logo que chego, encontro a Roberta e também a dona Inês, a mãe da Patrícia, e as duas estão em pânico. Elas me contam que a Patrícia,

inesperadamente, teve uma convulsão e foi trazida para o hospital de ambulância; que o médico que a atendeu na emergência disse que o quadro dela é de eclâmpsia, que é grave, que mãe e filha correm risco de vida, e depois disso não sabem de mais nada.

Tento localizar a médica da Patrícia, a doutora Gisele, mas não consigo. A falta de notícias me deixa muito irritada e preocupada.

A dona Inês pede para que eu entre em contato com o Marco. Ela acha que ele precisa ser comunicado de que a filha dele está correndo risco de nascer prematura ou até mesmo de falecer, a filha que sequer imagina que a Patrícia está gestando.

A doutora Gisele aparece e nos informa que a Patrícia está no Centro de Tratamento Intensivo, que estão tentando estabilizá-la, que o quadro é realmente grave, mas que milagrosamente a bebê ainda está viva, e que uma junta médica resolverá o que deverá ser feito nas próximas horas.

E diante disso tudo, decido telefonar para o Marco, mesmo contrariada, porque a situação é complicada e não sei de outra pessoa que aceite esse encargo.

— Alô, Marco. — Percebo que ele atendeu, mas não fala nada. — Marco?

— Porra, Eva! Não acredito que é você. Será que sempre que estou começando a melhorar você tem que aparecer do nada?

— Desculpa, Marco.... Não queria aborrecê-lo, preferia deixá-lo em paz, mas não posso, algo importante e urgente requer a sua atenção.

— Diga que descobriu que é a mim que você ama e que vai me dar uma nova chance!

— Não direi, Marco.

— Tem certeza? Pense bem antes de responder.

— Marco, por favor, ouça. O que tenho para dizer não tem absolutamente nada a ver comigo, só diz respeito a você. Gostaria de não ser eu a dar essa notícia, mas, como não tem jeito, sobrou para mim.

— Quando ouvi a sua voz o meu coração acelerou, comecei a suar frio e a tremer, e acredito que nada é mais aterrorizante do que a comoção que você me causa. Pode me dizer qualquer coisa porque pior eu sei que não fico.

— Onde você está?

— Em São Paulo. Abrimos um escritório aqui, e tenho vindo bastante para cá.

— Também estou aqui em São Paulo. Você poderia me encontrar na recepção do HESP? — Tento não deixar que a minha voz denuncie a minha angústia.

— O hospital?

— O hospital.

— Você está bem, Eva?

— Estou, não se preocupe comigo. O problema é com outra pessoa, preciso

conversar com você. Mas não precisa sair desesperado de onde está, não quero que cause ou que sofra um acidente.

— Irei para o HESP agora mesmo — diz e desliga o telefone.

Vou para a lanchonete e bebo um suco. O líquido passa com dificuldade pela minha garganta.

Estou apreensiva e, como se não bastasse, não consigo controlar as reações do meu corpo. Suo frio, sinto um pouco de náusea, uma leve tontura... E um sentimento forte e inexplicável começa a me incomodar, uma impressão estranha de que alguém me observa. Viro rapidamente o rosto e não vejo ninguém me observando. Que coisa mais estranha...

## Capítulo XV

Chego à recepção do hospital e o Marco já está no local, não sei como ele conseguiu vir tão rápido. Quando ele me vê abre um sorriso discreto.

— Oi, Marco.

— Oi, Eva...

— Por favor, venha comigo até a lanchonete, poderemos beber alguma coisa enquanto conversamos. Acabei de vir de lá e os sucos são razoáveis.

— Não acredito que me fez vir até aqui para tomar um suco. Poderíamos ter ido a um restaurante e sermos mais bem-servidos.

— Marco, a Patrícia acabou de ser internada aqui e o estado dela é grave — introduzo logo o assunto antes que ele comece com as gracinhas dele.

— A Patrícia? A sua secretária?

— Sim, a mulher que você levou para a cama quando estávamos noivos.

— Coitada. Espero que ela consiga sair dessa. Só não estou entendendo por que fui chamado aqui...

— Saberá — digo e saio rumo à lanchonete, e o Marco me segue.

Sentamos em uma mesa apertada, e o atendente nos traz o cardápio. Escolho outro suco de abacaxi, e o Marco pede uma água mineral com gás e gelo.

— Eva, gostaria mesmo de saber por que me chamou aqui. Não tenho nenhuma relação com a Patrícia. Transei com ela, e admito que a considero uma mulher interessante, mas se eu tiver que ser responsável por todas as mulheres interessantes que comi, estarei perdido.

— Marco, não chamei você para falarmos da sua vida sexual. Gostaria de dizer, em primeiro lugar, que quem deveria estar tendo esta conversa com você é a Patrícia.

— Talvez seja melhor esperarmos que ela melhore e possa fazer isso — Marco diz, e me irrita.

— Poderíamos, mas o estado dela, como disse, é grave e infelizmente o que tenho para contar não pode esperar até que ela se recupere. Talvez ela não sobreviva, Marco! Então serei eu a dar a notícia de que ela está grávida, está esperando uma filha, e você é o pai.

— Enlouqueceu? — pergunta quase saltando sobre a mesa.

— Você sabe que quando transaram a camisinha estourou.

— Sei. Como sei também que pedi para que ela tomasse a pílula do dia seguinte, até me ofereci para levá-la ao médico, mas ela não aceitou. Telefonei para ela um dia depois do estouro da camisinha e ela me garantiu que tinha

tomado a pílula.

— A Patrícia mentiu. E espero de coração que ela possa ter a oportunidade de se explicar para você.

— Continue... — pede, branco como um papel.

— Como disse antes, a Patrícia está grávida e a gravidez tem sido muito complicada. Ela tem sofrido muito e agora tanto ela quanto a bebê estão correndo risco.

— Ela está grávida de quantos meses?

— Está com trinta semanas e três dias; a médica dela me disse hoje, e isso corresponde a sete meses.

— A Patrícia diz que está esperando um filho meu, e só fico sabendo quando a mulher está com sete meses de gravidez? — protesta tão alto que os outros dois clientes da lanchonete e o atendente nos olham curiosos.

— Marco, acalme-se!

— Você acha justo que eu saiba disso só agora e em uma situação dessas?

— Por favor, não pense que tenho algo a ver com esse segredo, também descobri essa gravidez recentemente. A Patrícia sumiu e foi um custo encontrá-la. Ela tinha resolvido contar para você apenas quando a filha nascesse e fosse possível fazer o teste de DNA.

— DNA é o caralho! Não quero saber de exame algum! Se ela diz que a criança é minha, então tinha a obrigação de me comunicar essa gravidez. Acho que ela estava com medo da minha reação, já que não aceitou a minha ajuda e não fez nada do que pedi que fizesse para evitar a situação.

— A Patrícia errou e tem consciência disso. Está até disposta a criar a filha sozinha sem exigir nada de você caso se recuse a assumir a paternidade. Ela pensa assim, eu não. Você tem condições financeiras para custear a criança sem causar sequer cócegas no seu bolso. Você pode se recusar a participar da vida dessa menina, mas não deve se recusar a sustentá-la.

— Vocês enlouqueceram, é? Por quem você me toma, doutora Eva Fiore? Sou um homem decente! Se a filha for minha, terá o meu nome, o meu dinheiro e a minha participação em sua criação. Não planejei ser pai, mas nunca fugirei das minhas responsabilidades. Posso nunca perdoar a Patrícia, esse é outro caso, mas a menina não tem nada a ver com isso.

— A menina se chamará Estela.

— Estela? — pergunta, e percebo que se acalma.

— Estela... Por quê?

— Porque Estela é um nome que acho lindo.

— Acho que a Patrícia não sabe disso.

— Também acho que não, é apenas uma coincidência.

O meu telefone celular toca, atendo, é o Thomas que avisa que chegará em breve, e fico mais tranquila. Continuo tentando acalmar o Marco que se pudesse

enforcava a Patrícia. O meu telefone celular volta a tocar, dessa vez é a dona Inês informando que a Patrícia foi estabilizada e que nas próximas horas passará por uma cesariana de emergência, e fico muito preocupada.

— Não sei informar corretamente o que está acontecendo, mas acabei de saber que a Patrícia será submetida a uma cesariana.

— Agora? — pergunta com o sotaque nordestino bem carregado.

— Acho que nas próximas horas.

— Quero ver a criança nascer — diz, e me surpreendo.

— Teremos que conversar com a médica dela para saber se isso é possível.

— Então vamos, quero estar presente quando essa princesinha vier ao mundo, faço questão — demonstra tanto carinho que fico comovida e não tenho como não admirá-lo.

— Vamos, Marco.

Ele joga uma nota de cinquenta reais sobre a mesa para pagar pelo suco e pela água que não bebemos e que com toda certeza custam bem menos.

Falamos com a doutora Gisele e ela diz que o Marco não poderá acompanhar o parto; ele insiste e ela nega veementemente. Ele apronta a maior confusão no hospital, fala até com o diretor, mas não consegue permissão para acompanhar o parto. A situação é grave e a presença dele no centro cirúrgico poderá atrapalhar a equipe médica. Eu entendo, a mãe e a tia da Patrícia entendem, mas ele não entende e fica irritadíssimo.

Thomas chega apressado e consegue fazer parte da equipe médica. Prestará atendimento à Estela assim que ela nascer, no caso de que sobreviva ao parto.

Sala de espera de hospital é um lugar horrórico, sempre achei isso, e agora estou achando muito pior. A dona Inês chora, a Roberta reza, eu ando de um lado para o outro, e o Marco não para de esbravejar.

Sara também aparece e nos faz companhia. A capacidade dela de ser útil e manter a calma quando o caos se estabelece é fenomenal.

Começo a me sentir um pouco pior do que antes. O meu estômago embrulha violentamente e tenho que correr para o banheiro para vomitar. Vomito bastante, a minha boca adquire um gosto ácido e fico tonta.

Volto para a sala de espera com dificuldade. Tudo tão branquinho, refletindo tanta luz, e fico ainda mais tonta. O suor pinga, a Sara nota que estou ficando esverdeada e me leva para tomar um café, mas só de pensar em tomar um café sinto náusea e decido beber apenas uma água gelada com limão.

— Acho melhor você ir para casa — Sara aconselha me analisando.

— Não posso.

— Não tem mais nada que você possa fazer para ajudar. Até a dura tarefa de informar ao Marco sobre a possível paternidade dele ficou para você. Além disso, o seu marido, que é pediatra, está aqui para cuidar da Estela; a mãe e a tia



da Patrícia estão aqui, o suposto pai da criança está aqui, então a sua presença pode ser dispensada.

— Depois disso tudo, espero que a Patrícia não tenha se enganado sobre a paternidade da Estela — digo preocupada.

— Duvido. A Patrícia tem certeza absoluta de que o Marco é o pai. Acho isso porque acredito que ela aproveitou a oportunidade e apostou na possibilidade dessa gravidez acontecer, só nunca imaginou que estava se colocando em risco de vida.

— A Patrícia e a Estela estão correndo risco de vida — corrijo.

— É... O caso é sério. Se a Patrícia sobreviver, mas a Estela não, o Marco nunca mais olhará para a cara dela, e dessa história toda ela levará apenas a saúde debilitada e a certidão de óbito da filha. Se a Estela sobreviver e a Patrícia não, o Marco criará a filha próximo à família dele e sem referências da mãe que ele mal conheceu, e acho que a família da Patrícia terá notícias da Estela apenas pelas colunas sociais — Sara faz a sua análise crua da situação e como sempre me impressiona.

— Só você, Sara, para estar pensando esse tipo de coisas em um momento desses.

— Estou apenas conjecturando. A Patrícia e a Estela têm que sobreviver para essa história ter um final adequado.

— É o que todos nós queremos, Sara!

— Vamos, deixe-me levá-la para casa. — Sara me puxa e me levanta.

— Ficarei muito mais nervosa sem saber o que está acontecendo — tento argumentar.

— Vamos, Eva, o Thomas nos dará notícias quando as tiver. Você está meio verde e daqui a pouco, quem estará recebendo ajuda médica será você.

— Está bem — concordo.

Despedimo-nos da família da Patrícia, e do Marco que espera ansioso por notícias da Estela.

Sara me leva para o apartamento dos meus pais e fica comigo. Tomo um banho, vomito, escovo os dentes, vomito, troco de roupa, vomito, bebo um copo de suco de goiaba, vomito, e resolvo tentar dormir um pouco. Esse negócio de vomitar está me irritando, costumo vomitar quando estou nervosa, mas hoje os vômitos estão passando da conta.

Acordo com o Thomas ao meu lado passando as mãos pelos meus cabelos e, quando os meus olhos conseguem focá-lo corretamente, percebo que está exausto.

— Oi, meu amor. — Sorrio para ele.

— Bom dia, minha linda.

— Por gentileza, doutor. Informe para a sua esposa que dia é hoje — peço, e ele ri.

— Hoje é sábado, e estamos quase na hora do almoço.

— Jura? — pergunto, e ele assente com a cabeça.

— A Sara acabou de ir embora e deixou um beijo para você — informa.

— Você só chegou agora?

— Sim, achei melhor ficar por perto. Conversei com a equipe médica, tentei acalmar o Marco e a mãe da Patrícia e só vim embora porque estou no limite das minhas forças.

— Notícias das meninas, por favor.

— As duas sobreviveram. A Patrícia está em coma na Unidade de Tratamento Intensivo, e a Estela está na Unidade de Tratamento Intensivo Neonatal. Elas ainda correm risco de vida, mas a situação agora está melhor do que antes, porque uma não está mais sendo afetada pela outra.

— Que bom. Espero que consigam sobreviver e que fiquem bem. Obrigada, doutor, por estar ajudando tanto.

— Esse é o meu trabalho e o executo com amor, não me custa nada.

— E como a Estela é?

— Ela é bem pequenininha e magrinha, e também é bem bonitinha. O narizinho arrebitado e a boquinha bem-feita. Não sei dizer precisamente o que nela me faz achá-la parecida com o Marco, mas parece e muito.

— E ele? Como o Marco está?

— Está louco. — Thomas ri. — Está nervoso e surpreso com tudo o que está acontecendo, e acho também que está se sentindo impotente, o que está tirando ele do sério. Quando o levei para ver a Estela, o homem se derreteu, chorou, falou tanta coisa bonita para ela que fiquei emocionado. Ele será um pai maravilhoso. Assim que for possível deixarei que ele a segure no colo, ele está ansioso para fazer isso.

— Ela vai escapar, vai ser perfeita, não vai?

— Vamos torcer para que ela consiga sobreviver e para que não tenha sequelas — Thomas diz e me olha amorosamente.

Levanto o rosto e o aproximo do dele, nós nos beijamos e me sinto muito melhor sentindo o gosto e o cheirinho do meu doutor.

O mal-estar passou, e estou sentindo fome, preciso me alimentar e alimentar o meu doutor.

— Meu doutor favorito, vou preparar algo para comermos enquanto toma banho.

— Prefiro tomar banho e depois ajudá-la a preparar o almoço. Quero acalmar o meu estômago e na sequência dormir abraçadinho a você.

— Muito bem, doutor, o senhor manda. Ganhou muitos pontos comigo hoje. — Dou um beijinho nele, e ele vai para o banheiro.

Thomas dorme a tarde de sábado quase toda e aproveito para examinar, na cama com o Thomas enroscado em mim, alguns processos que peguei com a Sara. No comecinho da noite, ele retorna ao hospital, mas não vou junto. Eu tinha a intenção de acompanhá-lo, porém volto a me sentir indisposta. Então, fico em casa e aproveito para ler um pouco.

Quando estou começando a ficar impaciente, o meu marido chega. Ele toma banho, veste a calça do pijama, come um sanduíche enquanto tomo um copo de suco de laranja para acompanhá-lo, e depois me deita em seu colo no sofá da sala.

— Minha linda, acho que devemos voltar para a nossa casa. A Estela e a Patrícia estão em boas mãos. Não sou do quadro do hospital e não posso ficar transitando livremente por lá. Os colegas sabem que sou o pediatra da Estela e me manterão informado sobre o estado dela. Além disso, o meu trabalho com ela começará efetivamente quando ela tiver alta — Thomas diz, cheirando o meu pescoço.

— Concordo. A dona Inês me garantiu que me dará notícias e que me telefonará caso precise de mim. Ela sabe que pode me demandar a qualquer hora. Contudo, pressinto que a partir de agora o Marco cuidará de tudo, porque até a responsabilidade que eu tinha assumido de pagar o hospital, ele disse que agora é dele.

— Poderemos sair amanhã logo cedo, daremos uma passadinha no hospital e depois seguiremos viagem. O que acha?

— Acho que será muito bom voltar para casa. — Nem bem termino de falar e sinto uma ânsia horrorosa, o suco de laranja resolve fazer um motim no meu estômago.

Levanto rapidamente do colo do meu marido com a desculpa de que estou apertada e saio em disparada para o banheiro.

Esse negócio de a tensão me fazer vomitar é péssimo. Devo estar mesmo muito nervosa porque vomito tudo o que tinha no estômago, mas não deixo o Thomas saber, senão ele me fará tomar chá de boldo, e detesto esse chá, é muito amargo.

— Você está bem abatida, Eva. É preocupação com a Patrícia e com a Estela?

— É, e também estou com TPM, eu acho.

— Quando foi a última vez que você menstruou?

— Foi no dia dez de dezembro.

— Tem certeza disso?

— Tenho sim, por quê?

— Porque hoje é dia dezanove de janeiro, a sua menstruação está atrasada.

— A Angela me disse que isso poderia acontecer quando parasse com a pílula.

— Essa sua TPM é cruel, esposa. Vou rezar para você melhorar logo.

— Obrigada, doutor. — Abraço o meu marido, e ele me dá um beijo na testa.

— Você quer um chazinho de boldo? — pergunta em tom de brincadeira.

— Nãoooooo! — respondo.

Chegamos a Ribeirão Preto logo depois do almoço e vamos direto para casa. Eu me atiro no sofá do home theater, ligo a TV, e o Thomas se joga ao meu lado. Assistimos a um filme muito bom, mas o meu marido alisa as minhas costas, e começo a ter ideias... Fico muito entusiasmada com essas ideias e o agarro.

— Você está me querendo, doutora Eva?

— Sim, doutor Thomas, e muito.

— Estou prontinho para você.

— Estou constatando, doutor. — Enfia a mão dentro da calça dele.

— Pode continuar constatando porque a sua mãozinha é muito esperta e trabalhadora, gosto disso.

— O doutor gosta quando a minha mão esperta trabalha. Bom saber. — Acaricio o pênis dele.

— Para ser sincero adoro quando qualquer parte do seu corpo maravilhoso trabalha. — Ele enfia a mão debaixo da minha blusa e aperta o meu seio.

— Estou pensando em tirar esta roupa toda e deixar que admire o meu corpo maravilhoso trabalhando.

— Ideia genial. Posso tirar a minha roupa também para ajudá-la a executar o seu trabalho.

— Que homem solícito! Toda ajuda é bem-vinda por aqui! Pode começar, doutor...

Thomas tira a roupa rapidamente e me beija, vai descendo os lábios até os meus seios e coloca a boca quente e molhada em meu mamilo, suga, e adoro. O meu mamilo está tão sensível e dolorido que o contato da língua do meu doutor quase me faz gozar. Ele nota que estou gostando, belisca o outro mamilo, e gemo alto, inundo, e resfolego. Ele morde levemente o meu mamilo, e a minha vagina pulsa, arrepio, ele ri, suga com força, e grito. O meu doutor retira a boca e passa a morder o mamilo do outro seio, arfo, e tudo em mim lateja. Seguro a cabeça dele e o afundo em meu seio, ele morde, e eu gozo, o meu líquido escorre pela perna, e estremeço.

Ele me senta em seu colo e me penetra lentamente, dolorosamente, deliciosamente, e a minha vagina incha. Rebolo, estou muito sensível, parece que todas as minhas sensações estão exacerbadas, e sinto isso de uma forma tão absoluta que quase tenho outro orgasmo quando o meu marido está todo dentro de mim.

A força do desejo me domina e me arrebatava, estou ardendo, por dentro e por fora, quero ser consumida, possuída, dominada, quero tudo, e deixo o meu marido saber que preciso gozar novamente.

Ele entra e sai de mim de forma ritmada, cadenciada. Os seus braços musculosos me suspendem e me abaixam. Ele arfa, e o olhar de admiração que

me dá faz com que eu me sinta linda. Ele geme alto, estremece, sorri, acelera o movimento, e arrepio, vibro, pulso, gemo e me deixo levar por um poderoso orgasmo. Thomas urra, treme e se derrama dentro de mim.

Caio sobre ele, suada, maravilhada e satisfeita. Thomas segura o meu queixo e me olha, beija-me suavemente, empurra a língua para dentro da minha boca e a explora. O nosso beijo é delicioso e íntimo, e me faz sentir muito amada.

— Ah, lindeza, eu te amo tanto, tanto.

— Eu te amo mais, doutor!

— Vou aproveitar todo esse amor e contar-lhe sobre algo que está me afligindo e que devido aos acontecimentos recentes tornou-se de menor importância, mas que merece atenção.

— Conte logo!

— Estou com um pequeno problema, não consigo encontrar a Amanda.

— Como assim, Thomas?

— Ela sumiu, não atende telefone nem responde e-mail.

— Acho que a Amanda está tentando afetá-lo, ela sabe que precisa falar com ela para tratarem do exame e resolveu fazer suspense.

— O pior é que telefonei para o Benjamim para perguntar se ele sabia notícias dela e ele me tratou muito mal.

— Por que você acha que ele agiu assim?

— Porque o Benjamim deve ter tomado as dores da Amanda. Aposto que ela encheu a cabeça dele de caraminholas.

— O Benjamim não deve ter precisado de muito estímulo para ficar com raiva da gente. Os nossos últimos encontros foram bem desagradáveis, você deveria saber que a amizade está abalada.

— O Benjamim sempre foi meio estranho, mas eu sei lidar com ele. Tem um cara legal dentro dele, é só saber procurar.

— Sei. Deve ser preciso muita paciência e uma britadeira para encontrar o cara que você diz que é legal debaixo de camadas e camadas de egocentrismo. Ele, definitivamente, não me passa uma boa impressão.

— É bem verdade que ele anda muito mais esquisito do que era antes. Sinto o ressentimento dele quando conversamos. Sei que é por causa da Amanda. Ele a ama e me culpa por não conseguir ter uma chance com ela, você sabe disso.

— Não sei se o Benjamim ama a Amanda. Acho que ele só ama a si mesmo e quer que todo mundo o ame também.

— Pode ser, porém vamos esquecer o Benja e vamos voltar ao assunto do desaparecimento da Amanda.

— E agora, como fará para que o exame seja realizado?

— Amanhã entrarei em contato com a médica da Amanda, aquela em que a levei quando disse que estava passando mal, e perguntarei sobre o local e o

horário do parto.

— Boa ideia. Só acho que você deveria telefonar para essa médica hoje mesmo. O parto, até onde sabemos, está programado para acontecer na terça-feira, sendo assim, o tempo urge.

— Você tem razão, minha linda.

Thomas telefona para a médica da Amanda, a doutora Diana Santos, e descobre que a Amanda proibiu de dar-lhe informações sobre o parto.

— A Amanda enlouqueceu de vez — concluo.

— Ela quer nos punir, quer que fiquemos curiosos, irritados, preocupados, só pode ser isso.

— Não se preocupe, doutor... Ela vai aparecer. Se esse filho for seu, essa mulher virá esfregá-lo nas nossas caras, não tenha dúvida.

— Que pessoa difícil e inconveniente é a Amanda. — Thomas suspira.

O meu telefone celular toca e vejo que é o Marco. Atendo com o coração na boca, fico apreensiva pensando se a Estela está bem, mas as notícias não são ruins, muito pelo contrário. Ele me informa que a Patrícia acordou do coma e que os médicos estão fazendo uma bateria de exames nela. Fico muito contente com a notícia, mas ele me adverte que a situação dela ainda é preocupante e que me avisará quando tiver mais alguma novidade. Pergunto sobre a Estela e ele diz que ela está bem, mas que ainda corre risco de vida como a mãe, e me conta que conseguiu colocar a mão sobre ela hoje, parece emocionado, e me emociono também. Ele pede para falar com o Thomas, e entrego o telefone para o meu marido, eles conversam sobre a Estela, e depois o Thomas desliga o telefone.

Converso um pouco com o meu marido sobre a situação da Patrícia e da Estela. Depois tocamos umas cinco músicas no violão e me sinto bem mais disposta, até animada.

As horas do domingo voam como de costume e já sinto preguiça só de pensar em ir trabalhar na segunda-feira. Algo realmente engraçado, porque gosto muito do meu trabalho e não costumo querer evitá-lo.

— Estou com sono, quero ir me deitar. Você vem comigo? — pergunto com uma voz melosa que só uso muito de vez em quando.

— Irei, vou ler um pouco na cama.

— Queria fazer uma coisinha antes de dormir, será que pode me ajudar? — continuo usando a voz melosa, e quase me bato por causa dessa doçura excessiva.

— Estou percebendo que tem uma gatinha possuindo-a, esposa. Você está quase miando. — Ele ri.

— Estou muito dengosa e com muita vontade. O meu corpo está formigando, sei que já abusei de você hoje, mas preciso de mais.

— Que bom, porque só de ouvir essa voz manhosa fiquei aceso.

Olho para o Thomas do jeito mais petulante que sei que consigo e tiro a camiseta e o short, fico de sutiã e calcinha de renda, encaro-o desafiadoramente e ele ri. Saio rebolando até o quarto e ele me segue assoviando.

— Lembra aquela minha ideia fixa?

— E como lembro! — digo e rio.

— Pronta para mim? — pergunta com a voz rouca carregada de desejo e fico muito molhada.

— Sempre, marido, sempre pronta para você.

— Não consigo me convencer de que você existe de verdade, ainda acho que estou sonhando.

— Existo sim, fique peladinho e venha aqui para ver como existo.

— Você é uma garota assanhada, doutora. — O meu doutor começa a se despir.

— Tenho um excelente motivo para ser.

— Eu amo a sua disposição.

— Só a minha disposição que o doutor ama?

— Amo tudo em você, doutora, tudinho mesmo.

— Adoro elogios noturnos, doutor, e irei recompensá-lo. — Tiro a calcinha e o sutiã lentamente enquanto me maravilho com a poderosa ereção dele.

— Belíssimo espetáculo! — Ele bate palmas para mim. — Linda tatuagem.

Viro de costas e deixo que admire as minhas nádegas, sei que ele gosta muito de apreciá-las. Ando até a cama e me apoio nela, continuo de costas para ele e ouço o seu gemido.

— Ai, que visão maravilhosa! Que coisa mais linda é essa sua bunda, doutora.

Thomas se aproxima e remexe na gaveta da mesinha de cabeceira, depois beija as minhas costas e me faz arrepiar, passa a língua do meu pescoço até o cóccix e estremeço. Ele me abraça por trás e beija a minha nuca enquanto explora o meu clitóris com os dedos hábeis. Insere dois dedos em mim, entra e sai rapidamente diversas vezes, estou muito molhada e disposta a gozar, completamente disposta, cada vez mais.

Ele geme e me faz gemer, para o movimento com os dedos e reclamo, ele me inclina um pouco mais para frente e sinto quando me besunta com o gelzinho mágico, volta a atíçar-me com os dedos enquanto me penetra cuidadosamente. A dor me castiga e me excita, gemo, arfo, rebolo, e ele avança. O gel começa a fazer efeito e me arrebita um pouco mais, o meu marido entra mais fundo e urra, rebolo, ele me assanha com os dedos e gozo.

Ele coloca as mãos na minha cintura e começa o vaivém, eu me toco, massageio o meu clitóris, estou tão molhada que os meus dedos escorregam deliciosamente para lá e para cá. O meu marido geme e me diz coisas impronunciáveis, adoro ouvi-lo. Ele estremece e o sinto vibrar dentro de mim. Os meus dedos se tornam mais rápidos, os movimentos dele também e então

gozamos de uma maneira tão violenta que os nossos corpos espasmam.

Thomas sai de mim e me abraça por trás, ele está quente e ofegante, escorrega na cama, ele escorrega sobre mim, vira de lado e me puxa, deito em seu peito, ele beija a minha testa, os meus olhos, a pontinha do meu nariz e apago.

Abro lentamente as pálpebras, o meu marido sorridente me observa, estava me contemplando, aposto, como só os muito apaixonados como nós são capazes de fazer. Sorriu para ele, ele dá uma piscadinha para mim, os cabelos dele estão úmidos e o cheirinho de pasta de dente denuncia que ele já fez o seu asseio bucal e fico na dúvida se ainda é domingo à noite ou se é segunda-feira de manhã. O tempo, ultimamente, anda parecendo algo completamente fora de controle.

O meu marido ainda sorridente e absolutamente lindo, passa a mão pelo meu rosto e penso na sorte que tenho por tê-lo.

— Segunda-feira, hora da nossa corrida matinal. Acertei?

— Acertou. — Ele ri.

— Vou me vestir, acordei bem-disposta hoje. — *Minto sobre acordar bem-disposta, estou mesmo é com uma preguiça enorme.*

— Estou um pouco preguiçoso hoje, talvez fosse melhor só andarmos na esteira.

— Sei. Quer enganar quem, doutor?

— Ninguém. Só quero colocar aquela sua academia para funcionar. Além disso, admito que não quero estressar a minha mulher com TPM.

— Tudo bem, vamos andar na esteira e depois poderemos levantar uns pesos — provoco-o.

— Vou só andar na esteira.

— Acho que eu também. — Gargalho.

Depois do nosso exercício muito leve e de um café da manhã super-reforçado preparado pela Maria, Thomas e eu nos despedimos e vamos para os nossos trabalhos. Estou me sentindo ótima, sem náusea, sem tontura, sem preguiça, sem muito sono... E ser essa “metamorfose ambulante” me assusta um pouco. Que saudade da minha pílula anticoncepcional de uso contínuo!

Mais uma vez acho que estou sendo seguida no caminho de casa até o escritório. Será que estou ficando maluca? O carro preto atrás do meu parece saber o meu percurso, mas quando começo a ter certeza de que ele está me acompanhando, o carro simplesmente some.

Thomas está com a agenda da tarde lotada e eu tenho uma reunião com um novo cliente muito importante, sendo assim, resolvo não perturbá-lo com essa história agora, contudo, mais tarde o confrontarei para saber se contratou guardacostas para mim. Se bem que se ele tivesse feito isso, a essa altura do campeonato teria desistido dessa ideia, porque se a preocupação do Thomas era



o Marco ele sabe que o Marco não tem, no momento, qualquer outra ocupação senão torcer pelo progresso da filha.

O meu telefone celular toca, o número não aparece, apenas a palavra privado consta na tela. Fico em dúvida se atendo, pode ser trote, pode ser a Amanda... Pode ser a pessoa que vem me seguindo. E atendo porque a curiosidade de vez em quando é um inferno na minha vida.

— Alô.

— Bom dia, Eva — a voz conhecida e tão parecida com a do meu marido me deixa intrigada.

— Bom dia, Silas. Por que o seu número de celular está como privado na tela do meu telefone?

— Não sei, devo ter apertado algo nas configurações, depois vejo isso — explica, e desisto de insistir no assunto.

— O que é que posso fazer por você, cunhado?

— Preciso pegar um equipamento meu que está no depósito da casa dos seus pais, e o Guido me informou que você tem uma cópia da chave.

— Sim, tenho. Está aqui na minha bolsa, inclusive. Quer passar aqui para buscar ou quer que eu mande levar para você?

— Nada disso. Pego com você na sua casa e aproveito para buscar o equipamento. Deverei fazer isso hoje à noite.

— Combinado, mas telefone antes para saber se já estou em casa. Ah, e deixe o seu número aparecer, senão correrá o risco de não ser atendido.

— Vou ver isso, coisa estranha. Deve ter sido a Michele mexendo no meu telefone, aí desconfigurou tudo. Até mais tarde.

— Até mais tarde. — Desligo e fico tentando imaginar a razão de o Silas ter guardado alguma coisa no depósito da casa dos meus pais, ele poderia muito bem ter guardado na casa do William.

## Capítulo XVI

Envolvo-me com as tarefas do escritório e não vejo a hora passar. Thomas entra em minha sala, sem ser anunciado, e fico impressionada com a minha atual falta de capacidade de medir o tempo.

— São 19h? — pergunto e antes que eu alcance o celular para olhar as horas, Thomas ri alto.

— Como é que você pode achar que é tão tarde se deve ter almoçado ainda há pouco?

— Sei lá, ando meio aérea. Sem noção de tempo. — Gargalho.

— Ainda são duas e meia da tarde. — Ele olha no relógio que dei para ele de presente de natal e confirma a informação. — Vim até aqui para lhe dar um beijo. Vou precisar seguir para São Paulo agora mesmo, já até passei em casa e peguei umas mudas de roupa.

— Como é que é? Vai fazer o que lá? — pergunto, confusa e indignada.

— Recebi o telefonema de uma mulher que disse ser prima da Amanda e que me informou que o bebê nasceu hoje. Ela pediu para se encontrar comigo à noite para conversarmos e me garantiu que me levará até a Amanda.

— Que mulher é essa? Que história mais maluca!

— Tudo que envolve a Amanda é sempre muito maluco, meu amor. Você sabe disso. Essa prima dela, Wanda, parece que quer me ajudar a resolver logo a questão. Disse que a Amanda tem perturbado a família toda e que talvez seja melhor que eu prove logo a paternidade e passe a cuidar do menino se ele for meu filho, porque, segundo ela, a Amanda pirou de vez.

— Ela disse se o menino nasceu bem?

— Ela disse que sim, mas que não o viu ainda, não entrou em detalhes. Falou mais da preocupação com a saúde mental da Amanda. Do trabalho que ela vem dando aos pais e do medo que estão tendo de que ela faça algum mal para o bebê, que passou a detestar desde que nasceu.

— O parto não seria só amanhã?

— Parece que não deu tempo, que foi parto normal mesmo. Devo descobrir tudo isso logo mais. Essa prima da Amanda também é médica e disse que sairá do plantão às vinte e duas horas e me encontrará na saída do hospital.

— Você sabe quando estará de volta?

— Depende da situação que eu encontrar por lá.

— Quer que eu vá com você?

— Não, esposa. Vou me estressar sozinho, você não precisa passar pelo tormento de ter que suportar a Amanda em grau elevado de loucura. Além disso,

a sua TPM está deixando você meio descompensada e não quero que vocês se estapeiem. Prometo que vou informá-la sobre tudo e que não farei nada sem conversar com você antes.

— Quer dizer que você fica muito chateado por dormir longe de mim quando quem viaja sou eu, mas quando é você tudo bem? — *Lá vem a ironia* .

— Nada disso, minha linda. Vou ficar muito chateado, bastante chateado por ter que dormir longe da minha esposa quentinha, mas preciso ir.

— Você não acha melhor convidar alguém para acompanhá-lo? Não é perigoso pegar a estrada assim nervoso, como aparenta estar?

— Esposa, não estou nervoso. Estou ansioso. Quero resolver essa situação o quanto antes. Preciso saber se o menino é meu filho e precisarei ainda mais, se ele for meu filho, olhar para ele e sentir alguma espécie de emoção. Não conseguir amar um filho é o que mais me atormenta.

— Deixe de bobeira, doutor! Você é um homem que sabe amar como nenhum outro. Se for o pai do bebê, vai cair de amores por ele. Garanto.

— Tomara!

— Só acho que mesmo que não esteja nervoso, esteja ansioso, seria bom levar um dos seus irmãos com você. Não estou gostando da ideia de que vá sozinho.

— O Jonas e o Douglas já devem estar no aeroporto com as respectivas famílias porque é hoje o dia da tão sonhada viagem à praia. O Lucas me disse que tem um compromisso importante amanhã bem cedo, e o Silas tem que levar um equipamento não sei onde mais tarde, porém se ofereceu para ir me encontrar em São Paulo amanhã. Dessa forma, irei sozinho e caso precise demandarei a companhia do Silas posteriormente.

— Está certo, doutor. Venha me dar um beijo longo, demorado e profundo para que eu possa liberá-lo.

Thomas me beija e sinto uma pontada no coração. Fico com vontade de chorar. Eu não quero deixá-lo ir, mas não posso impedi-lo. Ele precisa mesmo resolver esse assunto logo, sei que não ficará em paz até saber a verdade. Espero que a Amanda não esteja tão louca quanto estou imaginando e que ele consiga convencê-la a permitir o exame de DNA. Gostaria imensamente de não precisarmos recorrer à justiça, mas talvez isso seja inevitável no caso de que ele seja o pai e ela não tenha condições psicológicas de criar o filho. Conseguir a guarda será uma batalha e mantê-la, outra... A Amanda não é de brincadeira, gosta de nos atormentar de verdade.

Seguro bravamente a vontade de chorar e me despeço do meu marido. Ele sai e o nó na garganta aperta forte. As lágrimas rolam. Sinto necessidade de correr atrás dele, porém, não faço isso. Algo me impele e ao mesmo tempo me impede. Só vou ficar bem quando souber que o meu marido está bem. A minha cabeça começa a criar centenas de situações e resolvo mergulhar no trabalho para tentar não ficar também muito ansiosa.

Trabalho sem parar, ignorando o sono que de vez em quando me faz até cochilar e uma ligeira cólica que me incomoda um pouco.

Fiquei mais tranquila quando o Thomas avisou que chegou a São Paulo, mas a sensação ruim que estou sentindo não cessou. A angústia vai avançando dentro de mim e a luta para contê-la é grande.

Resolvo ir para casa quando passa um pouco das vinte horas. Quero tomar um banho, jogar-me na cama e só acordar amanhã cedo com o telefonema do Thomas para me contar sobre o encontro com a prima da Amanda.

Pouco depois que saio da garagem do prédio do meu escritório, percebo que um carro preto me segue. Será que isso nunca vai parar?

Ia perguntar hoje para o Thomas se ele contratou guarda-costas para mim, mas com essa história da viagem repentina dele para São Paulo até me esqueci desse assunto.

Acelero o carro, fico na dúvida se sigo para casa ou se dirijo até a delegacia mais próxima. Decido ir para casa, porque sempre que entro na minha rua o carro que acho que está me seguindo some, e acredito que hoje acontecerá a mesma coisa.

Quando entro no meu bairro, um segundo carro preto começa a me seguir. E o primeiro carro some da minha vista, mas o outro se aproxima cada vez mais. Enfio a mão na bolsa que está no banco do passageiro e pego o meu telefone celular, melhor eu pedir ajuda para a polícia e também avisar ao Lucas que acho que alguém está me seguindo.

A droga do telefone cai da minha mão, os meus reflexos estão lentos, a sonolência é perturbadora e só então me dou conta que talvez eu esteja sendo dopada. Como eu poderia estar tão lerda como estou nos últimos dias? Qual seria a razão de tanto sono? Por que o tempo agora me parece uma incógnita? Só pode ser isso, alguém está me dopando levemente. Mas quem faria isso?

Entro na minha rua, o carro atrás de mim pisca o farol. O medo me domina. As minhas pernas ficam bambas e decido não parar na frente da minha casa, mas a rua é sem saída e começo a me desesperar.

Passo pela minha casa e não paro, porém o carro atrás de mim estaciona na frente da casa dos meus pais. Pelo retrovisor vejo quando um homem alto desce do carro e vai até o meio da rua e abre os braços.

Acho que o homem é o Silas. Vou até o fim da rua e paro o carro, tateio o assoalho procurando o meu telefone celular e quando o alcanço ele começa a tocar. Atendo rapidamente, preciso pedir socorro.

— Eva, você se mudou e não me avisou? — Silas pergunta e ri.

— Silas, é você quem está na frente da casa dos meus pais?

— Eu mesmo. O que foi, Eva? Assustei você?

— Estou indo até aí — falo, e desligo.

O meu corpo todo treme, o medo começa a se dissipar, mas dirigir até a garagem de casa parece uma viagem ao Japão.

Aciono o portão da garagem, ele abre, entro com o carro, estaciono e saio pelo mesmo portão. Vou ao encontro de um Silas meio espantado e não sei se choro ou se rio da situação.

— Boa noite, Eva. Pode me dizer por que você está agindo de uma maneira tão estranha?

— Boa noite, Silas. Como é que você gostaria que eu me comportasse com você me seguindo em um carro desconhecido?

— Você não sabia que era eu? Não reconheceu o carro novo da Michele? Eu avisei por mensagem que estava seguindo-a até aqui.

— Silas, o meu telefone caiu no assoalho do carro, não vi mensagem alguma, além disso, tenho tido a sensação de estar sendo seguida há algum tempo.

— Como é que é? Você tem achado que vem sendo seguida? Contou isso ao Tom?

— Não contei porque achei, e talvez ainda ache, que ele contratou guarda-costas para mim.

— E por que o Tom faria isso, Eva?

— Porque ele não queria que o Marco se aproximasse de mim. Comecei a ser seguida desde que o Marco resolveu dar as caras novamente.

— E não seria o Marco o responsável por isso? Será que ele não está planejando sequestrá-la?

— Não, ele é uma pessoa equilibrada, embora não pareça, mas é! Jamais faria uma loucura dessas. E, se por acaso tivesse perdido o juízo, já teria desistido de uma ideia descabida dessas. Agora ele tem preocupações bem maiores na vida dele.

— E você não poderia estar imaginando coisas? Lembra que no passado você teve uma crise esquisita em que via rosto do Nicolas em tudo quanto é canto, além de achar que ele estava observando você?

— Isso aconteceu logo após a morte do seu irmão. Foi uma época muito difícil, eu estava atormentada pelo sofrimento. Agora não, estou bem, não tenho motivo algum para ficar imaginando coisas.

— Você vai passar esta noite sozinha em casa?

— Não, a Maria está lá. E o Sidnei chegará amanhã bem cedinho.

— Acione o sistema de alarme e me ligue se precisar, largo tudo e venho socorrê-la imediatamente.

— Obrigada, Silas. Agora me diga a razão de estar me seguindo.

— Eu estava vindo para cá, para buscar a chave que lhe pedi do depósito, e no caminho vi o seu carro e o acompanhei. Como você pôde perceber, sinalizei com o

farol e, como disse antes, avisei por mensagem que estava no carro atrás do seu.

— Você não ficou de me telefonar antes de vir?

— Sim, Eva. Contudo, não sou tão literal. Ia telefonar do caminho, mas o seu carro surgiu na minha frente e soube que estava vindo para casa. Nunca sequer sonhei que a assustaria.

— Vou lhe dar a chave do depósito, Silas. Depois você me devolve, mas outro dia. Agora vou tomar um banho demorado e me enfiar na cama. Estou esgotada. — Pego a chave, que separei previamente dentro da bolsa, e a entrego para ele.

— O Thomas deu notícia?

— Telefonou avisando que chegou bem, porém ainda não se encontrou com a tal prima da Amanda. O telefonema que me dará depois dessa conversa é o que me interessa, mas só deverá acontecer amanhã cedo.

— Você não vai perguntar se ele mandou que a seguissem?

— Não, Silas. Farei isso apenas quando ele retornar para Ribeirão. Não quero que ele entre no carro e dirija em alta velocidade para vir me proteger. Pela experiência que tenho tido sou seguida apenas até chegar em casa ou no escritório, depois o carro some e tudo transcorre bem, e não pretendo ir para o escritório amanhã sem levar o Sidnei comigo.

— Então, se é assim, fico mais tranquilo.

— Pode ficar. Boa noite, Silas.

— Boa noite, Eva. Cuide-se.

Entro em casa e sinto-me aliviada. Encaro um maravilhoso banho morno, visto um pijama confortável, tomo uma deliciosa sopinha de legumes feita pela Maria e depois a minha cama me abraça, e descubro que sou louca por ela. Pego no sono rapidamente.

De repente, desperto; não sei se tive um pesadelo, mas estou assustada. Acendo a luz do abajur e vejo no relógio digital, que está sobre o criado-mudo, que são onze e meia da noite. Apago a luz e tento dormir novamente, demoro um pouco, e, quando começo a cochilar, ouço um barulho dentro do quarto, abro os olhos e o pânico me domina.

Vejo o vulto de um homem, que, não sei explicar o porquê, me parece alguém conhecido. Acho que é a maneira como ele se movimenta, o porte, a energia que emana, sei lá. Só sei que o conheço, mas não o identifico de imediato. Ele senta-se na cama quase ao meu lado, ergo-me em um salto e tento correr, mas ele me puxa, joga-me novamente sobre cama e a minha cabeça bate na cabeceira, a dor é grande.

Fico momentaneamente desorientada, contudo, sei que preciso me recompor. Sento-me, tentando desesperadamente não desmaiar, e a cabeça começa a latejar. Antes que eu esboce qualquer reação, o homem me dá um tapa na cara, com muita força e com muita raiva, e percebo que ele está usando

luvas cirúrgicas, o meu coração dispara e fico gelada.

Para o meu espanto, recebo outro tapa no rosto, do outro lado, tão forte quanto o anterior, nem tive tempo de reagir, e a minha cabeça retumba. Preciso me livrar desse homem, sair daqui, pedir ajuda, fugir, então o empurro, mas ele segura os meus braços. Tento gritar e a voz não sai.

Ele me ofende e algema os meus pulsos enquanto me debato. Desisto de reagir quando ele ameaça me atirar pela janela se eu gritar ou se continuar lutando. A voz dele começa a se tornar familiar. Preciso raciocinar, saber quem ele é para tentar entender a razão de toda essa fúria contra mim. Encaro-o prestando bastante atenção... Esses olhos. Os olhos são mesmo o espelho da alma e, apesar do quarto estar ainda no escuro, reconheço o meu agressor.

— Estamos sozinhos, Eva, não adianta lutar, sou muito maior e muito mais forte do que você e sou um homem agressivo.

— Por que você está fazendo isso? O que eu fiz para você?

— Diretamente, nada, mas vou te fazer sofrer e muito.

— Por quê? O que está acontecendo? O que foi que eu lhe fiz de tão grave para que você invada a minha casa e me agrida dessa forma?

— Estou aqui na sua casa, que foi comprada com o meu dinheiro, tratando você dessa maneira porque quero e porque posso. Isso é poder, Eva. É uma forma de demonstrar que controlo a minha vida e que não deixarei que se metam no meu caminho.

— Eu não sei do que você está falando! Por favor, vá embora!

— É muito agradável ver você assim tão indefesa. A toda poderosa Eva Fiore está aqui diante de mim tão frágil, tão suscetível, tão a minha mercê. Vai ser um enorme prazer matá-la. — Ele ri.

— Você é doente! — digo, e ele me olha com muito ódio.

— Eva, você pagará pelos erros de outra pessoa, mas não sinto pena, porque merece ser castigada. Uma puta insolente como você, não ganhará a minha piedade.

— Vou pagar pelos erros de quem? — pergunto, mas sei a resposta que esse maníaco me dará.

— Quero atingir o seu marido, e você é o Calcanhar de Aquiles dele.

— Por que você quer atingir o meu marido? O que foi que ele fez para você?

— Nasceu. — O sorriso cruel dele me faz estremecer.

— Juro que não estou entendendo nada.

Estou confusa e, se não fosse a dor que estou sentindo no meu rosto e na minha cabeça, acharia que estou tendo um pesadelo.

— Você só precisa entender que eu o detesto.

— Por quê? — pergunto tentando descobrir o nível de loucura desse homem e também para ganhar tempo. Preciso me livrar dessa situação.

— Eva, o seu marido sempre roubou tudo o que é meu.

— Isso não é verdade — tento argumentar mesmo sabendo que esse sádico não me ouvirá.

— Ele roubou o meu pai de mim! Roubou a minha herança! — ele diz acreditando no que está falando, e fico perplexa.

— O seu pai? Que história é essa? Quem é o seu pai?

— O Antonio,oras! Que mulher burra! — responde, e acho que devo estar tendo alucinações, só pode. Porém, a cabeça ainda lateja demais e sei que a cena de horror é real.

— Você é filho do Antonio? Não pode ser! Você deve estar confundindo as coisas.

— O Antonio era o meu pai.

— Será? Você tem certeza disso?

— A minha mãe me disse que sim.

— E a sua mãe pode provar o que diz?

— A minha mãe procurou o Antonio, pediu que ele me assumisse, mas ele se recusou. Disse que o único filho dele era o Tom, e que jamais me reconhecera como filho.

— O Antonio não valia nada, e você até que poderia ser filho dele mesmo. Laranjas do mesmo saco... Contudo, aquele homem desprezível, segundo me contaram, era estéril e não teve filhos biológicos.

— Você está chamando a minha mãe de mentirosa? Vai chamá-la de vagabunda como todo mundo costumava fazer? De prostituta? A minha mãe era uma mulher tão digna que encontrou um homem bom que a assumiu e que me registrou como filho.

— Benjamim, não conheço a sua mãe. Não sei nada sobre o seu passado. O que eu acho é que o Antonio não o assumiu porque não poderia ser o seu pai, ele tinha feito exames e sabia que era estéril.

— Mentira! Puta safada, mentirosa! — Ele me dá um tabefe na boca e sinto gosto de sangue.

— O Antonio registrou o Tom, cuidou, criou, então poderia muito bem ter feito isso por mim também.

— E você teria um trauma bem maior hoje, pode confiar.

— Que trauma? Veja o Tom, foi criado pelo Antonio e se tornou um cara bem-sucedido, perfeito, o homem de ferro.

— Isso aí é mérito da natureza e da personalidade do Thomas. O Antonio só serviu para atrapalhar, prejudicar, e o meu marido é o que é hoje porque sempre teve um coração maravilhoso.

— Tudo nele é maravilhoso, não é ?Agora me diga, como um homem de tão bom coração rouba a mulher que o amigo dele ama? Como?

Que conversa mais sem sentido! Saímos do assunto paternidade para relacionamento amoroso em um vapt-vupt. Contudo, sem outra alternativa a não



ser continuar mantendo o diálogo para ganhar tempo, mergulho no desvario.

— O Thomas não tem nada com a Amanda — argumento.

— Não tem nada agora, mas teve. Ele sabia que eu queria a Amanda pra mim e mesmo assim fodeu com ela. Não respeitou o amigo, passou por cima dos meus sentimentos. E ele nem gostava dela, aquele cretino miserável.

— Benjamim... A Amanda se joga até hoje em cima do Thomas. Ele é o alvo dela, deve ter sido sempre assim. E talvez o Thomas não soubesse dos seus sentimentos. Você disse para ele que tinha interesse pela Amanda antes deles começarem a se relacionar?

— Dizer pra quê? Eu demonstrava!

— Benjamim, tudo isso é um grande mal entendido. O Antonio não é pai nem do Thomas, e isso foi comprovado como você deve saber. E a Amanda não significa nada para o meu marido, nada... Nunca significou. O problema é ela não tirá-lo da cabeça e isso é uma coisa que cabe a ela resolver. Converse com a Amanda, declare-se, seja direto. — *Nem sei mais o que estou fazendo. Estou dando conselhos para o maluco? É isso?*

— Poupe o seu latim, Eva. Essa questão de família está bem-resolvida dentro da minha cabeça, entendi tudo. Quanto a Amanda, ela nunca vai se interessar por mim enquanto o Tom existir. A pessoa até acha que o meu filho é dele!

— Ela acha que o seu filho é dele? — *Ou o Benjamim perdeu mesmo a noção de realidade ou há algo que ele sabe e que preciso muito que me conte agora.*

— O filho não é do Tom, Eva, o filho é meu. Fui eu quem trepou com a Amanda no dia em que ela estava bêbada.

— Como assim? — tento fazê-lo falar mais, continuo querendo ganhar tempo e preciso conhecer essa versão da história.

— Será que devo satisfazer a sua curiosidade? — Ele me olha com tanto desprezo que a minha boca seca.

— Acho que está mentindo, o filho não pode ser seu — digo sabendo que estou me arriscando, mas apostando que ele deseja exibir-se.

— Mentindo? Não, Eva. Vou contar o que aconteceu e verá que estou falando a verdade. — Ele ri. — A Amanda e eu estávamos em uma festa, bebemos bastante, ela flertava comigo e finalmente acreditei que a foderia gostoso, mas de repente ela sumiu. Telefonei para o celular dela e ela me disse que estava indo procurar o Tom, que estava com saudade dele e desligou o telefone na minha cara. Fiquei louco de raiva e fui atrás dela, sabia que aquela vadia costumava ir até o prédio do Tom para ver se o encontrava em casa, loucura dela, claro, já que ela sabia que ele estava morando com você. Acontece que quando cheguei lá, vi as luzes acesas e concluí que ela tinha conseguido encontrá-lo. Até pensei que a Amanda tivesse encontrado vocês dois lá. Eu não

sabia, naquele momento, que o casal perfeito tinha brigado.

— E aí você resolveu ir até o apartamento do Thomas? — *A minha curiosidade é mesmo muito destemida.*

— Subi, tenho a chave da portaria e achei que tivesse também a chave do apartamento, mas o Tom tinha trocado a porta na reforma e, conseqüentemente, a fechadura. Então, esperei do lado de fora para ver se a Amanda saía, não quis tocar a campainha, não queria olhar para o Tom, senão tentaria matá-lo outra vez. Pouco tempo depois que cheguei, a Amanda abriu a porta e sentou do lado de fora e fiquei observando-a. Ela não me notou, estava muito bêbada. Gostei de vê-la naquele estado, parecendo um lixo, já que tinha me deixado puto de raiva. Fiquei olhando-a até que ela desabou para o lado, dormindo. Abri um pouco a porta e peguei a chave que estava na fechadura, tirei-a do chaveiro, joguei o chaveiro para dentro do apartamento, vi o Thomas deitado no chão. O cara quando bebe demais não serve para porra nenhuma, cai dormindo em qualquer canto. Tranquei a porta e passei a chave por debaixo, peguei a Amanda no colo e levei-a para o meu carro.

O Benjamim fala sem demonstrar nenhuma emoção, como se a situação não tivesse acontecido com ele. Ouço o relato e me eximo de fazer qualquer questionamento, quero deixá-lo exibir-se mais, quero dar-lhe corda porque isso me proporcionará mais tempo para pensar em alguma maneira de escapar. Sei que esse maluco está me contando tanta coisa porque na cabeça dele já estou morta e isso me impedirá de revelar o que estou ouvindo.

— Coloquei a Amanda no carro com a intenção de deixá-la em casa, e a piranha dormiu o caminho todo... — Ele ri e depois continua. — Procurei na bolsa da “bela vadia adormecida” e encontrei as chaves do apartamento dela. Carreguei-a no colo do estacionamento até lá, coloquei-a na cama e ela acordou, mas não falava coisa com coisa. Comecei a beijá-la e ela me chamou de Tom, correspondeu-me, aproveitei o estado de embriaguez dela e a fiz pensar que eu era mesmo ele. Trepamos, ou melhor, ela deixou que eu trepasse com ela. A mulher estava totalmente sem noção de nada e praticamente desmaiou durante a foda. Peguei a calcinha dela como lembrança e fui embora.

— Por que você passou a chave por debaixo da porta? Você se preocupou com a segurança do Thomas? — não me contenho e pergunto porque achei sem lógica essa atitude dele.

— Sempre procedia assim quando morávamos juntos. A força do hábito falou mais alto. Não pensei, só fiz — explica, e acho uma pena o Thomas não ter se lembrado disso.

— Você não considerou a hipótese de contar para a Amanda que tinham transado? — *A pergunta é meio boba, mas continuo tentando dar corda para ele.*

— Não. Achei desnecessário na ocasião. Só alguns meses depois quando ela me revelou que estava grávida e que engravidou naquela noite, achei que deveria esclarecer a situação, mas desisti, porque percebi que ela não queria outro pai

para o filho dela que não fosse o grandioso Tom.

— Ainda não entendi porque deseja causar mal ao Thomas. Você sabe que ele não tocou na Amanda.— *Uma argumentação fraca, mas que o fará falar um pouco mais.*

— Não tocou recentemente, mas tocou antes e isso me tirou a possibilidade de ter um relacionamento com ela, porque desde o dia em que eles foderam pela primeira vez que a Amanda só fala dele.

— Você disse ainda há pouco que evitou olhar para a cara do Thomas no dia em que foi atrás da Amanda no apartamento dele, porque senão tentaria matá-lo de novo. Você tentou matá-lo alguma vez? — *Deixo a minha curiosidade manifestar-se.*

— Uma mulher na sua situação não deveria ser tão curiosa, Eva, mas devo admitir que é até agradável conversar com você, principalmente porque sei que é a última conversa que terá. E como não poderá contar para ninguém o que sabe a meu respeito deixarei que conheça uma falha que cometi. Vou contar como quase matei o seu maridinho uma vez.

— Por favor, Benjamim, conte-me o que aconteceu — peço, e ele coloca as mãos no meu pescoço e o aperta ligeiramente. Fico muito assustada e um pouco sem ar, ele afrouxa as mãos, retira-as, susso, respiro fundo e tento me acalmar.

— Você vai morrer, Eva! Adorarei apertar o seu pescoço até vê-la ficar azul, até os seus olhos saltarem das órbitas, depois farei uma festinha com você e o seu marido vai enlouquecer quando souber o que aconteceu. Mas sou um homem tão correto que a matarei antes de comê-la — ameaça, e começo a tremer. Nunca imaginei que esse homem fosse tão louco, tão frio.

— Calma, Benjamim, por favor — apelo.

— O seu marido tem que começar a ter um pouco de azar na vida, nem morrer quando deveria, morreu. Tentei matá-lo atropelado há alguns anos, mas matei outro homem no lugar dele. Reconheço que o sujeito era parecido demais com ele, posso até dizer que era um sósia.

Fico zozna, quase perco os sentidos, tento me controlar e respiro fundo, sei que estou prestes a ser morta, mas preciso fazer algumas perguntas. Nada conseguirá me fazer calar.

— Você sabe o nome do homem que atropelou? Esse atropelamento aconteceu em qual cidade?

— Curiosa, muito curiosa, você, Eva. Vou matar a sua curiosidade antes de matá-la. — Ele ri, e o acho monstruoso. — Nunca me preocupei em saber o nome do defunto, na verdade, nem quis saber. O atropelamento aconteceu em Campinas, na cidade onde a minha mãe e o meu padrasto moram. Eu estava de férias por lá, tinha ido a uma festa e bebido muito, acordei na casa de uma desconhecida, tomamos algumas cervejas juntos e depois fui embora. Quando

estava a caminho da casa dos meus velhos, dirigindo ainda meio tonto, vi o Tom, ou melhor, o bastardo que pensei que fosse ele e achei que aquela seria a oportunidade perfeita para me livrar daquela praga. O sujeito estava andando despreocupadamente pela calçada, olhei umas dez vezes para ele antes de me decidir, vi que não tinha ninguém prestando atenção em nós e resolvi arriscar-me, acelerei o carro e esmaguei-o contra o muro.

Minha nossa! Parem o mundo que eu quero descer! Acho que vou explodir. Quero berrar, avançar nesse homem odioso e bater nele com toda a minha força, mas não posso. Tenho que calar o sofrimento que esta descoberta está me fazendo reviver.

— Dei ré, — o maluco continua — sabia que tinha feito um estrago, então saí de lá o mais rápido que pude e fui para a fazenda dos meus tios que estavam viajando, guardei o meu carro lá, peguei o carro deles emprestado e depois voltei para São Paulo. Antes de os meus tios retornarem de viagem, e quando achei que as coisas tinham acalmado, fui com um reboque até Campinas e levamos o carro para ser consertado em uma oficina clandestina em São Paulo.

O Benjamim atropelou o Nicolas. O Benjamim atropelou o Nicolas! Matou-o pensando que ele fosse o Thomas. Estou diante do assassino do Nicolas, face a face com o homem que odeio silenciosamente há muito tempo, e não consigo mais conter a emoção e começo a chorar e a tremer descontroladamente. Esse homem é mesmo um monstro! Como isso pode ser possível? Como o homem que matou o Nicolas pode estar agora prestes a matar-me também? Como a vida do Thomas, a do Nicolas e a minha cruzaram com a vida desse homem assim dessa maneira?

Tenho certeza de que o Benjamim não sabe que o Nicolas era irmão do Thomas. O meu marido nunca contou para os amigos os detalhes de como encontrou a família e que tinha um irmão gêmeo.

— Parece que agora você começou a ficar com medo de mim. Está ficando sem cor, Eva. — Benjamim ri alto.

Respiro fundo e volto a me controlar, engulo o choro, embora continue tremendo e suando muito.

— E depois que você descobriu que assassinou o homem errado, foi o remorso que o fez desistir de matar o Thomas? — mudo de assunto para que ele tire a atenção dele de mim.

— Remorso? Não senti remorso. A morte do rapaz foi um dano colateral. Quem mandou ele se parecer com o Tom? Não tive culpa. O que me fez desistir de acabar com o “pica de ouro” foi outra coisa. Naquela época eu achava que éramos irmãos, pensava que o Tom também era filho do Antonio. Sendo assim, passado o meu momento de irracionalidade, achei melhor provar primeiro na justiça que éramos filhos do mesmo pai, para ter direito à herança que o Antonio deixou. Assim, quando providenciasse que o Tom sumisse do mapa, eu ficaria

com a parte dele também, já que seria o seu parente mais próximo.

— E você nunca conseguiu provar, claro... Além disso, a herança não foi deixada pelo Antonio, nem pela mãe do Antonio. Os bens e o dinheiro que foram recebidos pelo Thomas são provenientes da família verdadeira dele, da tia que sempre o manteve — explico só por explicar mesmo, sei que a história é longa demais para que o Benjamim consiga entender. Na verdade, acho que ele nem quer entender nada.

— Pare de tentar me confundir, Eva! Deixe de inventar histórias. Você é manipuladora, leviana, sagaz e vai tentar de tudo para defender o seu homem.

— Benjamim, estou dizendo a verdade. Mas sei que tudo o que eu disser não valerá de nada... Você criou uma fantasia na sua cabeça e está se guiando por ela.

— Cala a boca! — um grito, e mais um tapa no meu rosto. — Vou continuar contando a minha parte da história, Eva, para você morrer sabendo que estou corrigindo uma injustiça.

— Continue, Benjamim, estou ouvindo, mas pare de me agredir, porque posso vir a perder os sentidos antes de saber tudo o que quer me contar — digo com dificuldade, a minha boca está cortada, e sinto que o meu rosto está bastante inchado.

— Uma noite dozei o Tom e tirei sangue dele para mandar analisar junto com o meu. O resultado me surpreendeu, porque descobri que não somos irmãos. E, equivocadamente, acreditei que a minha mãe tivesse mentido para mim, que o Antonio não era mesmo o meu pai, só do Tom e que a herança não me pertenceria. Dessa forma, resolvi me afastar dele, e desisti de qualquer ação contra aquele cretino que nasceu com o rabo virado pra lua. Só depois que o Tom encontrou o verdadeiro pai, confirmado pelo exame de DNA, foi que compreendi tudo. Não somos irmãos porque o Tom não é filho do Antonio, mas eu sou, claro. A minha mãe não mentiu pra mim. O Tom se apropriou do meu pai, da minha infância, da minha vida. Como não odiar uma pessoa dessas?

— Benjamim, você está totalmente equivocado. Ao encontrarmos a família biológica do Thomas, descobrimos a verdadeira história de vida dele, o passado todo. Se você permitir, posso contar tudo, desde o princípio, então você verá que o Thomas foi vítima, que sofreu muito. Vai entender também o motivo pelo qual o Antonio criou o Thomas, a origem da herança e, principalmente, que o Antonio não poderia ser pai de quem quer que fosse — tento colocar um pouco de realidade na fantasia dele.

— Você não é inteligente, eu me enganei a seu respeito! Você é muito burra se ainda não entendeu! — grita, e torço para que a Maria o ouça, apesar de ter quase certeza de que ela está no quarto dela que é bem longe do meu.

— Esqueça essa maluquice toda, Benjamim. Deixe o Thomas em paz, por favor.

— Quero que ele sofra, que definhe, que se torne um nada. Matá-la fará com que ele se desespere. Ele não vai aguentar a dor e vai acabar se matando,

aposto — explica a sua tática sem lógica e tenho convicção plena de que ele é um psicopata.

— Benjamim, o sofrimento pode servir para arrasar ou para fortalecer. Se a pessoa tiver bons sentimentos dentro de si, eles sempre prevalecerão... Sendo assim, o efeito da sua ação sobre o Thomas pode ser bem diferente do que imagina.

— Quando eu fizer com você o que estou pensando, quando eu esganá-la até a morte, fodê-la e mutilar esse seu corpinho bonito, qualquer um que encontrá-la ficará horrorizado. O seu precioso Tom não aguentará pensar no que aconteceu com você e acabará se matando, acredite. Serei aquela voz no ouvido dele repetindo noite e dia que a vida dele perdeu o sentido.

— Nunca vi uma pessoa odiar tanto outra. E o pior é que o Thomas gosta de você e o considera um amigo — digo, e Benjamim soca o meu ombro com força. Sinto uma dor aguda, mas não grito.

— Considera coisa nenhuma! O Thomas tem tudo o que eu não tenho, e me tomou tudo o que pôde. Eu queria ser amado pelo Antonio, mas o Thomas foi o filhinho que ele escolheu para ser dele. Eu queria ser o popular na faculdade, mas o Thomas foi o popular; eu queria ter as melhores notas, mas as melhores notas foram dele; eu queria comer as garotas bonitas, mas quem comia todas era ele; eu queria a Amanda e ele a roubou de mim; eu queria ser amado pela minha família, coisa que nunca consegui, e então o Thomas desencava uma família não sei de onde e essa família grande e perfeita o adora e ele adora todo mundo. Um cara desses não merece sofrer pelo menos uma vez na vida?

— Benjamim, o Thomas não fez nada disso para atingir você. Entenda, ele só estava sendo ele mesmo. Disputar com você, pelo que conheço do meu marido, nunca foi uma meta.

— Quem conviveu com ele fui eu. Quem teve que aguentar toda a luminosidade do astro-rei fui eu. Quando digo que ele quer ser o melhor e que tem muita sorte para conseguir alcançar os objetivos dele, sei o que estou dizendo.

— O Thomas teve uma infância terrível, sofreu muito, saiba que ele não teve sempre tanta sorte quanto alega. Você deveria dar graças a Deus por não ter sido criado pelo Antonio, senão a criação dele teria contribuído para que você fosse ainda pior do que é.

— O Thomas sempre ganha em tudo, conseguiu tudo o que quis e consegue tudo o que quer, sei disso.

— O vencedor não é aquele que nunca perde e sim aquele que nunca se sente derrotado. O Thomas é assim. Ele luta pelo que quer, se esforça, faz por merecer. Cai, mas levanta quantas vezes forem necessárias. O que você chama de sorte, eu chamo de empenho e determinação.

— Eva, será que não entende? Eu o conheço desde que ele tinha dezessete

anos, ele era o aluno mais novo da nossa turma de Medicina, passou no vestibular de primeira e o desgraçado era o preferido dos professores. Ele que foi atrás de mim.

— Ele não foi atrás de você, Benjamim. O problema do Thomas foi ter dado o azar de passar no vestibular na mesma faculdade em que você passou, só isso. — *Mas o azar maior desse encontro entre eles foi do Nicolas, que perdeu a vida por causa da obsessão de um louco.*

— Eva, o metido ainda sentava no pátio da faculdade e tocava a porra de um violão, ficava rodeado de gente. As garotas, aquelas putas, suspiravam. Além de ser tão bonito, ainda era o educado, o prestativo e tocava aquela porra daquele violão muito bem. Então, conhecendo-o há muito mais tempo do que você, sei que ele é um idiota sortudo. Tão sortudo, que conseguiu se casar com uma piranha rica, poderosa e bonita. Como se isso não bastasse, ainda junta uns parentes que nunca tinha visto antes e que também são médicos, abrem uma clínica em sociedade e essa clínica está fazendo sucesso. O cara é um “Midas”.

— Benjamim, por favor, vamos esquecer tudo isso, você poderá procurar a Amanda e juntos criarem o filho de vocês. Prometo que não contarei nada do que me disse para ninguém. Garanto que nunca mais nos aproximaremos de você e poderá viver feliz.

— Que piada, Eva! Você está menosprezando a minha inteligência. Duvido que não procure a polícia e que não coloque um bando de advogados de merda daquele seu escritório no meu calcanhar para acabarem com a minha vida.

— Juro que deixaremos você em paz. — *Ele não vai acreditar em mim, óbvio, mas preciso continuar dialogando até que algo me ocorra.*

— Eva, eu me afastei do trabalho para vir para Ribeirão monitorá-la. Venho seguindo-a há algum tempo. E esperei o momento certo para poder agir. Queria ter você aqui no seu quarto, na sua cama a minha disposição, totalmente indefesa, sozinha, e consegui. Apenas a sua empregada está em casa, mas tive o cuidado de trancar a porta da dependência de empregados. Além disso, a casa é grande e ela não tem como nos ouvir. Ninguém a salvará.

— Como foi que você conseguiu entrar aqui na minha casa? — *Se é que isso importa agora...*

— Porque você levou o seu carrinho vermelho para ser avaliado pelo comprador na concessionária, no caso eu. E examinei-o na oficina, você ficou esperando na recepção conforme o vendedor pediu. Lembra? Então, peguei o controle remoto do portão eletrônico da garagem que estava dentro do console do seu carro e o clonei. É muito fácil e rápido fazer isso; aprendi vendo um vídeo no Youtube.

— Você premeditou tudo direitinho.

— Quase tudo, Eva. Só não tinha premeditado gostar realmente do seu carro

e comprá-lo. Queria, a princípio, só ter a oportunidade de clonar o controle remoto, mas saber que eu podia comprar algo seu me fez sentir poderoso, aí comprei. Ver a cara de espanto do Tom quando viu que o comprador era eu, foi uma cena impagável.

— O seu ódio é causado por inveja e despeito. O Thomas não pode ser menos do que é para não competir com você, porque ele jamais conseguiria. Você é um verme e é muito difícil ser menos do que um verme. — *Se vou morrer sufocada, pelo menos que não seja com palavras.*

Ele coloca as mãos no meu pescoço, aperta, pressiona o corpo no meu, tento debater-me e não posso. Ele aumenta a pressão em torno do meu pescoço, o ar me falta, ele me esmaga contra a cabeceira da cama e começo a perder os sentidos.

— Evaaaa! — ouço um grito, a voz é do Thomas, mas...

De repente, tenho a sensação de ter sido puxada por uma luz forte. Não sinto mais medo e não sinto mais dor, mas antes de me entregar à sensação de paz que me envolve, olho para a direção da luz e me sinto ser absorvida por ela.

*Uma enorme tela transparente surge diante dos meus olhos. Parece uma tela de cinema, mas de um cinema futurista, porque nunca vi tanta modernidade. Haja tecnologia!*

*Fico mais impressionada ainda quando cenas da minha vida começam a ser projetadas nessa tela.*

*Nicolas e eu corremos de bicicleta, subimos em árvores, brincamos de pique-esconde, roubamos doces da despensa da minha casa, escondemos a mochila do Douglas. O primeiro beijo, a mudança para o nosso apartamento, a nossa primeira vez... A perda, a dor. O meu pai me abraçando forte, e eu prometendo que nunca mais desistirei de viver. O Thomas, o olhar dele no meu, o nosso primeiro beijo, a nossa primeira vez, o casamento, a lua de mel, a casa nova, o natal...*

*A velocidade do filme vai aumentando e as cenas se mesclam. E mesmo que não possa apreciá-las como gostaria, recordo de cada situação que representam.*

*As imagens cessam e não sei como o roteirista conseguiu reunir todos os momentos importantes da minha vida em um filme tão curto. Sinto-me feliz, muito feliz.*

— Eva, você está pronta para o reencontro — uma voz suave e feminina afirma.

— Estou? — questiono.

— Acreditamos que sim.

*A voz tem um rosto, e sorrio para quem, finalmente, parece ter encontrado a paz.*

— Acreditamos? Quem mais além de você acredita que estou pronta para o reencontro? Que reencontro?

— Algumas perguntas são feitas apenas para confirmarem as respostas guardadas dentro do coração. Você sabe muito bem do que estou falando.

— Talvez sim. Quero que saiba que fiquei muito emocionada com tudo o que escreveu — digo.

— Eu sei, minha querida violonista. Eu sei! — Ela ri.

— Então, você veio me buscar?

— Eu vim cuidar de você, Eva.



— *Como assim?*

*Ela estica os braços em minha direção e uma energia boa começa percorrer o meu corpo. Como se fosse o sol tocando-me em um dia frio.*

— *Boa viagem, Eva... Confie em seu coração.*

*Estou ficando cansada, muito cansada, apesar de estar sentindo que tudo em mim está sendo consertado, arrumado, energizado. Os meus olhos pesam, fico com muito sono, e não consigo ver mais nada nem ninguém, porque a luz foi apagada e a escuridão se fez.*

*“A morte deveria ser assim: um céu que pouco a pouco anoitece e a gente nem soubesse que era o fim.”*

## Capítulo XVII

— Eva, graças a Deus, você abriu os olhos. Está me reconhecendo? Você está bem? Está sentindo alguma coisa? — Thomas, incrivelmente nervoso, fala e gesticula na minha frente.

— Estou sim, mas tive um pesadelo horroroso — minha voz sai rouca e desafinada.

— Minha linda, não foi um pesadelo. — Thomas chora.

— O que aconteceu? — pergunto com bastante dificuldade de falar porque a minha garganta parece que está inflamada. Além disso, tenho a sensação de que o meu rosto está inchado e que os meus lábios são um bico de pato.

— Minha linda, meu amor... Por favor, não fale mais nada. Já apertei o botão, a enfermeira virá vê-la. O médico também deve estar chegando, ele disse que você não demoraria a acordar e você acordou. Quase enlouqueci aqui esperando! — Ele chora bastante, e começo a lembrar-me do que aconteceu.

— Isso é um hospital? Que dia é hoje? Quanto tempo faz que estou aqui? — ignoro o pedido do meu marido e o meu mal-estar, e revelo a minha confusão.

— Sim, você está no hospital. Hoje é dia vinte e dois de janeiro, e você chegou aqui há quase 8 horas. E estou louco de vontade de abraçá-la e beijá-la, mas prometo que vou me conter até você estar recuperada — explica, meio falando e meio chorando.

— Por que fiquei desacordada oito horas?

— Na verdade, ninguém sabe. Os médicos não encontraram qualquer motivo para que não despertasse, parecia um sono profundo.

A enfermeira entra no quarto e me observa, sorri e diz que vai buscar o médico. Tento falar, porém o Thomas me impede. Ele está bastante emocionado e eu bastante confusa. Não consigo me mexer direito, as minhas costelas doem.

O médico chega e conversa rapidamente com o Thomas, depois se concentra em mim.

— Olá, dorminhoca. Eu tinha certeza de que você acordaria de repente. — O médico abre um amplo sorriso para mim. — Deixe-me fazer uns testes com você, coisa rápida.

O médico testa os meus reflexos, faz umas perguntas e não sei se dei as respostas certas, e examina delicadamente o meu rosto.

— Você teve bastante sorte, porque nenhum dano sério ou permanente lhe foi causado, e logo estará pronta para ir para casa. O inchaço no rosto e os hematomas, que estão nele e no pescoço, desaparecerão dentro de alguns dias.

— Que bom — digo com a voz fraca. — Gostaria que o senhor me

explicasse porque só acordei agora.

— Também adoraria saber — responde. — Não tenho qualquer teoria lógica a respeito. Os exames confirmaram que você está bem. Parecia só um sono profundo. O seu marido queria uma explicação científica, pensou em diversas, e não fechamos um diagnóstico. Ele estava quase entrando em pânico, mas os meus anos de experiência me ajudam a ser mais paciente com aquilo que não tem explicação. Já vi muita coisa acontecer nas salas de emergência e nos centros de terapia intensiva. A vida é um mistério, nem tudo nos é revelado, algumas vezes é necessário apenas esperar o paciente estar pronto para reagir.

— Fiquei muito preocupado. Não estava mais confiando nos exames, achei que tínhamos deixado escapar algo — Thomas diz e coloca a mão sobre a minha.

— O importante, Eva, é que você está bem e que precisará ficar aqui só até amanhã, em observação. E ficará apenas por causa desse seu soninho inexplicável.

— Está bem, doutor. Obrigada.

— Thomas, conforme me pediu, deixarei que conte tudo para ela.

— Contarei, doutor Saulo. Muito obrigado.

— Contar o quê? — pergunto, mas a garganta dói muito. As amídalas devem ter triplicado de tamanho. Isso tudo deve ser efeito de quase morrer esganada.

— Quando você estiver melhor, em casa, vou contar sobre como chegou aqui, os exames que foram feitos, os resultados. Você só precisa saber agora que está melhor do que qualquer um poderia imaginar tendo em vista as agressões que sofreu — meu marido explica.

— Thomas, encontrei o Lucas no corredor quando eu vinha para cá. Ele me pediu para informá-lo que o Silas saiu do centro cirúrgico, e que quando ele acordar você poderá ir vê-lo. Disse que telefonará avisando.

— Que notícia boa! Obrigado, doutor. Estou ansioso para abraçar o meu irmão.

O médico anda até a porta e Thomas o segue. Os dois conversam sobre algo relacionado a remédios, pelo que posso entender. O médico sai e o meu marido volta a sentar-se ao meu lado.

— O Silas foi operado? O que aconteceu com ele? — disparo a pergunta que estava segurando para fazer.

— Sei que você é curiosa. Mas apenas quando estivermos em casa direi para você o que sei que aconteceu. Prometo.

Thomas segura a minha mão e me sinto segura. Fecho os olhos, abro-os rapidamente e sorrio para o meu marido doutor.

— Pode descansar, meu amor. Só não caia em sono profundo outra vez.

— Combinado.

Com os olhos fechados vou lembrando da minha noite de horror. Cada palavra que o Benjamim me disse, cada trejeito dele, cada ato de violência ficou registrado na minha mente. O assassino do Nicolas. O monstro que ceifou a vida de um rapaz tão bom, tão jovem, tão amado...

Eu nunca poderia imaginar que quem tirou a vida do Nicolas, na verdade, queria matar o Thomas.

São tantas ligações entre pessoas que sequer se conheceram, que não tenho como não me espantar. Um emaranhado de acontecimentos que pareciam não ter ligação e que, quando desembolados, demonstram ser o fio de um mesmo novelo.

— O Benjamim foi preso? — a pergunta escapole dos meus lábios, a voz sai rouca, abafada.

— Descanse, esposa. Já lhe disse que quando chegarmos em casa, conversaremos. Acho que você tem mais para me contar do que eu a você, e estou contendo a minha curiosidade. Tente fazer o mesmo, esposa amada.

Volto a fechar os olhos. Seguro o choro, a raiva, a indignação.

O Benjamim precisa ter sido preso, e farei de tudo para que esse ser abominável jamais saia de trás das grades.

O telefone toca, Thomas atende, fala rapidamente e desliga.

— Minha linda, irei ver o Silas agora. Vou pedir para uma enfermeira ficar aqui com você.

Ele beija a minha testa, o meu queixo, a minha mão e sai. Minutos depois uma enfermeira chega, ajeita o lençol sobre o meu corpo e diz:

— Eu vim cuidar de você, Eva.

Essa frase faz o meu coração acelerar. Que coisa estranha! Acho que a ouvi recentemente. Outro hospital? Outra enfermeira? Como?

Fecho os olhos e tento me lembrar, mas sinto apenas uma enorme sensação de paz envolvendo-me e, não sei por qual motivo, lembro-me do meu violão e das aulas que tive quando era adolescente. E então, *Prelude from Cello Suite n° 1*, de Bach, começa a tocar dentro da minha cabeça.

— Pronto, minha linda. Chegamos em casa — meu marido diz assim que entramos.

— Não via a hora de sair do hospital. Não sei por que vocês me mantiveram por lá durante três dias — protesto.

— Para você ficar tão boa quanto está. — Thomas ri.

— E para o seu pai conseguir estar aqui para lhe dar um abraço e dizer o quanto você é importante para ele. — O seu Guido surge na sala seguido pela minha mãe, o William, a Lucia e a Maria.

— Como é bom ver vocês! Pode me abraçar, papai — digo com a voz embargada e com os olhos molhados.

O meu pai me abraça, depois a minha mãe me abraça e por fim sou abraçada e “reabraçada” por todos.

Thomas, visivelmente satisfeito com a invasão da nossa família, cumprimenta carinhosamente todo mundo e recebe a sua cota de abraços

também.

— Você está cansada, minha filha? — minha mãe pergunta e sei que ela deseja algo.

— Não, descansei demais, inclusive. — Sorrio para ela. Os meus lábios desincharam e estou menos pavorosa.

— Quer comer alguma coisa sem gosto de papel? Sei que comida de hospital é muito ruim. Posso preparar o que quiser agora mesmo.

— Obrigada, Maria, mas estou sem fome, um pouco enjoada. Gostaria apenas de um suco de laranja sem açúcar e bem gelado. Pode ser?

— É pra já! — concorda e sai das nossas vistas mais rápido do que imediatamente.

— Se você está bem, filha. Poderia nos contar o que foi que aconteceu. Por que razão o tal do Benjamim invadiu a sua casa e tentou matá-la? — dona Evinha vai direto ao ponto.

— Acho melhor sentarmos e nos acomodarmos porque pelo jeito a conversa será longa — William diz.

— Verdade, pai. Tenho contido a minha curiosidade todos esses dias. Contudo, quis deixar a Eva estar mais recuperada para poder contar o que aconteceu — Thomas fala e me olha amorosamente.

— Antes de tudo, gostaria que alguém me dissesse se o Benjamim está ou não preso — libero a dúvida que vem me corroendo.

— Não. O Benjamim está morto — a voz do meu marido sai fria e séria.

— Morto? Como assim? Quem o matou? Thomas o que foi que você fez? — indago preocupada.

— Não se preocupe porque não fiz nada. Explicarei assim que você terminar de contar o que aconteceu na noite em que ele tentou matá-la. Por favor, tenha paciência.

— Está bem, meu doutor, serei ainda mais paciente. Confesso que estou sentindo alívio em saber que o Benjamim não poderá mais nos fazer mal.

— Se ele não estivesse morto, depois do que ele fez a você, eu mesmo o mataria — meu pai diz, e quase acredito nele.

— Claro que não mataria, Guido. Você é um homem bom. Duvido que se igualaria àquele criminoso.

— Se ele tivesse conseguido lograr êxito no que achamos que veio fazer aqui, eu o mataria com as minhas próprias mãos, Evinha. Acredite.

— Vamos parar com esse assunto de assassinato, por favor — Lucia pede visivelmente incomodada.

— Isso mesmo — minha mãe concorda.

— Vamos sentar como o meu pai sugeriu, e beber alguma coisa — Thomas intervém.

Depois que todos estão devidamente acomodados, inclusive a Maria, que

já serviu o meu suco, e bebi avidamente, conto tudo o que sei, desde a impressão de estar sendo seguida até o momento em que o Benjamim me esgana. Omiti o fato de o Benjamim ser o assassino do Nicolas, não contei e não contarei. Quero evitar que o Thomas carregue essa culpa sobre os ombros, ele está se saindo muito bem deixando o passado passar e não gostaria de fazê-lo regredir.

Saber quem matou o Nicolas não o trará de volta e não diminuirá a dor de ninguém. Se o assassino tivesse sido descoberto antes e pudesse ser condenado por esse crime, talvez fizesse alguma diferença. Agora, essa revelação só causará sofrimento ao Thomas, que não teve culpa pela inveja e despeito que o Benjamim sentia e que também foi vítima desse sentimento horrível alimentado por alguém que se dizia seu amigo.

Se o Benjamim não tivesse matado o Nicolas... O Nicolas teria se formado e recebido a carta da mãe que estava em poder da Lucia. Então, ele teria procurado o Thomas e contado sobre a família e sobre a história de vida deles e, dessa forma, o Thomas teria descoberto sobre o seu passado muito antes. Pensar nisso me deixa perplexa, porque constato que tudo o que aconteceu viabilizou que o Thomas só soubesse quem é depois de um encontro nosso. Envolver-se comigo foi o que permitiu essa descoberta. Vidas entrelaçadas, tantas, desde o nascimento do Nicolas e do Thomas. Parece que somos personagens de uma trama; nunca imaginei que o Benjamim estivesse envolvido no enredo e que fosse um vilão.

— Você deveria ter me contado que achava que estava sendo seguida, Eva. Como pôde omitir uma informação dessas? — meu marido pergunta indignado e fazendo-me voltar da minha reflexão. *Se ele soubesse o que mais omiti... Ai, ai!*

— Já expliquei! Achei que você tinha contratado alguém para me vigiar, para cuidar de mim, um guarda-costas. Pensei que estivesse preocupado com uma reaproximação do Marco.

Tento convencer o meu marido de que tinha um motivo plausível para não contar, mas agora percebo que fui muito burra por tirar conclusões precipitadas sem nem sondá-lo a respeito.

— Também acho um absurdo que não tenha comentado comigo. Sou o seu pai, tenho experiência nesses assuntos devido à profissão e você simplesmente ignora isso. Filha, você foi muito displicente com a sua segurança.

— Desculpa, mas agora parece óbvio que eu corria perigo... Contudo, à época, simplesmente não passava pela minha cabeça que pudesse ser algo sério. Juro que considereei a hipótese de estar sendo protegida e não ameaçada. Além disso, algumas vezes, cheguei a pensar que era apenas uma impressão.

— Que homem desequilibrado esse Benjamim! — minha mãe expõe a sua perplexidade.

— E ele me odiava tanto e eu não sabia — Thomas diz quase que para si mesmo. — Quando ele me conheceu achou que fôssemos irmãos e guardou

segredo sobre isso. Depois, ao tirar o meu sangue e mandar examinar junto com o dele, descobriu a incompatibilidade entre nós e achou que só eu era filho do Antonio. E mais tarde ainda, quando encontrei o meu pai verdadeiro, ele achou que o filho do Antonio fosse ele. Muito louco tudo isso.

— Do Antonio esse rapaz não era filho. Disso tenho certeza por causa dos exames que o Antonio fez e que acredito que tenha repetido e confirmado mais de uma vez, e por causa do que eu mesma averigui.

— O que foi que você averiguou, Lucia? — Thomas e eu perguntamos quase em coro.

— Uma vez o meu procurador me disse que uma mulher tinha ido ao encontro da dona Diva e que essa mulher queria que ela assumisse a criação do filho dela. Esse pedido seria justificado porque, segundo a mulher, o menino era filho Antonio. Então, a dona Diva, orientada pelo meu procurador, conversou com o Antonio, que negou veementemente ser o pai da criança, mas omitiu a esterilidade dele para não ter que explicar o fato de também não ser pai do Thomas.

— E a dona Diva acreditou na palavra do Antonio? — minha mãe pergunta, interrompendo a Lucia.

— Ela acreditou mais quando o meu procurador contou o que descobriu a respeito da mulher e da criança para ela — Lucia explica.

— O que o seu procurador tinha descoberto? — questiono, muito curiosa.

— O meu procurador descobriu que o nome da mulher era Noeme e que trabalhava como prostituta, e me contou. Então, relatei para ele o que sabia a respeito dela, e ele munido dessas informações convenceu a dona Diva de que o menino não era filho do Antonio e ela acreditou.

— E o que você sabia a respeito da Noeme? Desembucha, Lucia! Estou curioso — Thomas incentiva a Lucia a ir logo ao cerne da história.

— Quando conheci o Antonio, ele estava envolvido com essa Noeme. Gastar dinheiro com prostitutas era um dos esportes preferidos dele. Ao se relacionar comigo, ele a abandonou. Ela ficou revoltada em perder o cliente assíduo e veio tomar satisfação comigo. A Noeme era uma jovem muito bonita, jovem até demais, e quase boba. Ela achava que o Antonio iria assumi-la e tirá-la da vida que levava, e que eu estava atrapalhando os seus planos. Brigamos, e a Noeme deu um pouco de trabalho para sair do pé do Antonio. Porém, eu sempre achei que ele a procurava quando estava entediado.

— Esse Antonio era mesmo um sujeito complicado. — William ri.

— Mais do que você possa imaginar — Lucia diz e ri também. — Então, quando vim para o enterro da Lourdes aqui no Brasil, dei de cara com a Noeme no hall do hotel em que me hospedei e, apesar da transformação pela qual passou, soube que era ela. A mulher estava muito bem-vestida e acompanhada de um fazendeiro cheio do dinheiro, o marido dela. Conversamos, claro, ela queria mostrar que tinha dado a volta por cima. E soube que eles moravam em

Campinas e estavam visitando Ribeirão Preto porque ele queria comprar uma fazenda na região. O fazendeiro tinha adotado o filho da Noeme, mas parece que o menino era bastante problemático. Resolvemos tomar um café juntos, para que ela continuasse ostentando a sua boa sorte, mas o marido precisou sair para um compromisso e ficamos a sós, e eu a apertei. A Noeme acabou confessando que não tinha certeza de quem poderia ser o pai do seu filho, e que dizia que era do Antonio por causa da frequência dos encontros deles. Ela assumiu que no período em que engravidou se deitava com vários homens por dia e que a maioria deles pagava mais para que ela dispensasse o uso do preservativo. A irresponsável concordava, e qualquer um desses homens poderia tê-la engravidado. Contudo, para o filho, ela assegurava que o pai dele era o Antonio. Eu a repreendi por isso, mas ela garantiu que o filho jamais procuraria o suposto pai, porque tinha muita mágoa de ter sido rejeitado. Segundo ela, o menino, que se chamava Benjamim, era muito rancoroso, difícil, manipulador e inteligente. Que dava muito trabalho e que detestava até mesmo a irmã, a filha que ela teve com o fazendeiro.

— A descrição perfeita do Benjamim. Rancoroso, difícil, manipulador e inteligente. Faltou incluir invejoso, malvado, louco e agressivo na lista dela — agora sou eu quem interrompe a Lucia.

— Ela sabia que o filho não era muito normal. Contou-me episódios estranhos em que ele estava envolvido. E ainda me confessou que acreditava que ele seria capaz de fazer mal à irmã e que por isso a garotinha vivia cercada de babás. Foi essa a história que a dona Diva soube pelo meu procurador e, devido à profissão exercida pela Noeme e ao comportamento do Benjamim, ela preferiu crer na palavra do Antonio e esquecer tudo a respeito disso.

— O Antonio não poderia ser pai de ninguém sendo estéril, e essa explicação teria bastado... Mas você, Lucia, e ele omitiram essa informação da Noeme, do procurador e da dona Diva porque não tinham como justificar o fato de que ele também não poderia ser o meu pai. Sou mais novo que o Benjamim, se o Antonio não poderia tê-lo concebido, o mesmo se aplicava a mim — Thomas infere.

— Verdade, Thomas — Lucia concorda e abaixa o olhar.

— E como é que o Benjamim morreu? Quem o matou? Alguém poderia me responder? — pergunto em tom de reclamação.

— Quem o matou foi o Lucas — William revela.

— Como é que isso aconteceu? — quase grito a pergunta.

— Pode deixar que explico. Conversei com o Silas e o Lucas lá no hospital e sei da história a partir do ponto em que parou a sua, Eva.

— Conta logo, marido. Por favor!

— Para que todas as partes da história se encaixem, precisarei retroceder um pouco. Eu fui atraído até São Paulo para me encontrar com uma prima da Amanda, que foi convencida pelo Benjamim a me procurar e marcar um encontro para falarmos a respeito da Amanda e do bebê e por essa razão, Guido,



Evinha, pai e Lucia, eu não estava em casa quando a minha mulher foi atacada.

— Sabia que tinha um forte motivo para não estar em casa, conheço-o bem, Thomas. Você só não está perto da Eva quando está trabalhando, e à noite está sempre grudado nela — meu pai diz e ri.

— Verdade, sogrinho — Thomas admite e ri também.

— Continue, Thomas... — apelo.

— O Silas me contou que ficou preocupado depois que a Eva se comportou de maneira estranha quando achou que ele a estava seguindo. E que ficou ainda mais preocupado quando ela admitiu que estava frequentemente tendo a impressão de estar sendo seguida. Sendo assim, como ele estava intrigado, e eu não estava na cidade, ele resolveu vigiar a nossa casa lá da casa do William. Acontece que ele precisou interromper a vigília para levar o equipamento para o estúdio onde os outros integrantes da banda o aguardavam e a saída dele teve coincidência com a entrada do Benjamim aqui pelo portão da garagem. Quando o Silas retornou para a casa do nosso pai, disse que ficou com a consciência pesada, preocupado que algo tivesse acontecido enquanto ele estava fora. E mesmo achando que fosse excesso de zelo e que o horário era inapropriado, resolveu telefonar aqui para casa para perguntar a Eva se ela estava bem. Ele contou que como ninguém atendeu, ficou preocupado. Ele telefonou três vezes e em nenhuma delas foi atendido. Então, telefonou para o celular da Eva, que também chamou sem ser atendido até cair na caixa de mensagem. Ele achou muito estranho e resolveu usar a chave da casa que ficava guardada na gaveta da escrivaninha do William para entrar aqui e averiguar o que estava acontecendo. Antes, telefonou para o Lucas, expôs a sua inquietude e, por segurança, pediu para ele vir para cá.

— Ah, a voz que ouvi não era a sua era a do Silas. Bem que eu sabia que tinha algo errado. Ouvi o meu nome ser gritado, mas não vi quem me chamava. E acho que desmaiei no mesmo instante.

— Isso mesmo, Eva. O Silas entrou na casa silenciosamente e foi até o nosso quarto, ouviu vozes, aproximou-se e viu, mesmo com a luz apagada, que você estava sendo esganada e gritou. Parece que o Benjamim ficou descontrolado ao ouvir a voz dele, achou que fosse eu que tivesse chegado e deve ter ficado confuso, porque tinha conversado comigo por *whatsapp* pouco tempo antes de invadir a casa, e eu tinha dito a ele que passaria a noite em São Paulo.

— O Benjamim deve ter entrado em contato com você antes de vir me agredir para conferir a sua localização. Ele queria ter a certeza de que você não apareceria de repente e o pegaria fazendo o que quer que fosse comigo — teorizo.

— Acredito que está certa. Segundo o Silas, o Benjamim o chamou de Tom quando ele gritou o seu nome. Os dois lutaram. O Benjamim abriu a janela para fugir, mas o Silas o atacou e os dois caíram. O Benjamim caiu por cima do Silas e acho que quase não se feriu, mas o Silas quebrou a perna. Então, o Benjamim,

saiu correndo e não foi seguido, e ao atravessar a rua como um doido foi atropelado pelo carro do Lucas que entrou na rua em alta velocidade porque o meu irmão queria chegar o mais rápido possível aqui por causa da preocupação ocasionada pelo o que o Silas havia lhe contado.

— O Benjamim morreu atropelado? O Lucas atropelou o Benjamim?

— Sim, foi assim que o Benjamim faleceu. Morreu na hora. O Lucas verificou o óbito quando saiu do carro, nem deu tempo de prestar socorro.

Minha nossa! O Benjamim morreu atropelado! A justiça tarda, mas não falha. O homem morreu da mesma maneira que assassinou o Nicolas. Fico impressionada, contudo, não deixo que percebam.

— O Silas e o Lucas são os meus heróis! Preciso agradecê-los — digo.

— O Silas já está sendo devidamente paparicado. Hoje iremos visitá-lo no hospital. Ele ainda não teve alta. E o Lucas fica constrangido com os agradecimentos, ele não ficou nada satisfeito em atropelar e matar uma pessoa. Mesmo que essa pessoa fosse um marginal — William diz.

— O Silas ainda está no hospital? Por que você não me disse, Thomas? Eu poderia tê-lo visitado já que estava lá também.

— Minha linda, o Silas me falou que prefere ser visitado em casa. Mas você sabe como é o meu pai, não vai respeitar a vontade dele, claro. Nós iremos vê-lo, porém apenas quando o Silas estiver em casa. Faremos uma visita e contaremos para ele o que aconteceu. O comportamento do Benjamim surpreendeu muita gente.

— Surpreendeu mesmo — concordo.

— Filha, você terá que prestar depoimento à polícia. Só não tomaram o seu depoimento até hoje porque a Sara conseguiu que isso acontecesse somente após a sua alta. O Silas e o Lucas já depuseram.

— Eu também gostaria de ter prestado o meu depoimento — protesto.

— Fui eu quem pediu para a Sara conseguir adiar o seu depoimento. Quis poupá-la ao máximo. — *Thomas e a sua superproteção.*

— Logo mais eu a acompanharei até a delegacia de polícia — meu pai diz, e concordo.

— Também irei — Thomas se manifesta.

— Quer dizer que o filho da Amanda pode ser do Benjamim? — minha mãe muda de assunto.

— Pode ser do Benjamim? É do Benjamim! Você não ouviu o que a Eva contou sobre o Benjamim ter praticamente estuprado a Amanda quando ela estava bêbada? — meu pai se indigna.

— Ouvi. Mas acho que o exame de DNA precisará ser feito mesmo assim — dona Evinha opina.

— Será feito, sogrinha. Pela conversa que tive com a prima da Amanda, acho que ela está sumida porque se deu conta de que o filho pode não ser meu. Não tenho certeza se ela sabe quem é o pai, pode ser que esteja muito intrigada

com isso... Ou talvez tenha se lembrado de algo. A prima dela me disse que ela está rejeitando a criança.

— Que horror! Coitado do bebê!

— A situação da Amanda é complicada, Lucia. Não estou dizendo que ela está certa, apenas acho que pensar a gravidez toda que engravidou de um homem para depois ver o bebê e concluir que o filho é de outro que ela nem sabe quem é... Não deve ser fácil. O bebê não tem culpa, mas se ela tiver tido depressão pós-parto, não deve estar sequer raciocinando direito. — *Nunca pensei na vida que um dia eu seria condescendente com a Amanda.*

— E como é que ela pode ter tanta certeza de que o filho não é do Thomas? Os bebês recém-nascidos têm sempre carinha de joelho — seu Guido diz e gargalha.

— A prima dela me disse que soube que o bebê é completamente diferente da Amanda e de mim. Que ele tem os cabelos e os olhos bem pretinhos. E a Amanda e eu temos olhos verdes. Somos médicos, estudamos Biologia, e isso nos ajuda a saber que é difícil o menino ser meu filho, já que temos certeza de quem é a mãe.

— Coitada dessa moça. Passou a gravidez toda achando que o pai do filho dela fosse o Thomas... Mas pode ter parido o filho de um louco que agora está morto — Lucia diz consternada.

— Tentarei encontrá-la. A Amanda não poderá esconder-se para sempre. A prima dela prometeu me ajudar. Enquanto isso, preciso me concentrar em outras coisas. Agradeço a visita de vocês, mas quero que a Eva descanse antes de ir à delegacia.

— Thomas, eu não quero descansar.

— Minha linda, obedeça ao seu marido pelo menos uma vez na sua vida.

— Está bem! — concordo.

— Isso, filha, descanse. O seu pai virá buscá-la para irem juntos à delegacia. A Sara encontrará vocês lá. Ela está louca para vê-la. O Thomas barrou as visitas.

— Ah, mamãe! O Thomas é um superprotetor incorrigível.

— Ainda bem que a gravidez da Amanda não foi motivo para nos afastarmos, porque senão agora estaríamos muito magoados. Eu por ter sido injustiçado e você por ter cometido uma enorme injustiça contra o seu marido apaixonado e fiel — Thomas diz assim que ficamos sozinhos, e a observação dele me faz rir.

— Verdade, meu marido apaixonado e fiel, ainda bem que resolvemos ficar ainda mais unidos diante dessa situação.

— Só tenho pena da Amanda, ela não merecia isso, o Benjamin abusou dela.

— Tenho mais pena ainda do Alan, que não merecia um pai como o Benjamin — afirmo.

— Pelo menos a Amanda e o Alan não terão que conviver com o Benjamim e a sua maldade — Thomas diz e me encara.

— Você tem razão, marido. Espero que a Amanda recobre o juízo, se é que um dia ela teve, e cuide bem do filho dela. Desejo imensamente que o exame de DNA seja feito o quanto antes e que tudo seja esclarecido.

— Vai dar tudo certo, minha linda. E eu tenho uma surpresa para você. Por favor, acompanhe-me até o nosso quarto. — Thomas me olha de um jeito sapeca.

— Com o maior prazer, meu marido doutor.

Thomas segura a minha mão e me conduz até o nosso quarto. Sobre a nossa cama está uma caixa muito bem-embrulhada e com um enorme laço de fita azul de cetim adornando-a.

— Espero que este quarto não lhe traga lembranças ruins. Podemos mudar os móveis, reformá-lo. Qualquer coisa que você quiser, será feita.

— Marido, as lembranças boas que tenho deste quarto são bem maiores do que a lembrança ruim. Nada aqui me incomoda, garanto.

— Você é mesmo uma mulher especial, esposa. — Thomas me envolve e me dá um beijo suave e gostoso, até arrepio.

— Estou saudosa, talvez precise de muito carinho agora mesmo, mas antes preciso livrar-me dessa roupa toda — digo assim que o nosso beijo termina.

— Abra o seu presente primeiro, por favor.

— Está bem. Abrirei. Esse seu olhar de menino levado está me deixando curiosa.

Desfaço o laço, desembulho a caixa, retiro a tampa, e não entendo o que vejo. Tiro de dentro dela um macacãozinho azul. Acho que o Thomas quer que entreguemos isso ao Alan.

— Bonita roupinha, muito delicada. Você quer que eu o acompanhe quando for entregá-la ao Alan? Deseja me envolver mais nessa etapa do processo, a dos esclarecimentos, é isso?

— Gostou do macacãozinho?

— Gostei sim, já disse — respondo, e ele sorri.

— É para o nosso filho, Eva. Esse que está dentro do seu ventre e que está me causando uma felicidade extrema e absoluta.

— Como é que é? — pergunto, atônita.

— Você está grávida, esposa. Tenho exames que comprovam isso. — Ele ri e me observa visivelmente feliz.

— Eu estou grávida? Como assim?

— Esposa, nós sabemos como você engravidou. Praticamos muito, não há dúvida. Quando você começou a ficar tão sonolenta, enjoada e meio aérea logo desconfie. A sua menstruação estava atrasada também. Tudo isso me deixou mais atento. Quando cheguei ao hospital para vê-la, contei para o médico que

estava atendendo-a sobre a minha suspeita e pedi para a Angela vir assisti-la. Foram feitos exames e descobrimos que você está realmente grávida. O bebê está bem, não foi afetado por nada do que lhe aconteceu.

— Nossa! — Sento-me na cama para não cair no chão devido a enorme surpresa. — Você estava em São Paulo, doutor. Como soube o que tinha me acontecido?

— O Lucas não queria me avisar para não correr o risco de eu vir para Ribeirão a mil por hora. Ele telefonou para a Sara para pedir a ajuda dela como advogada, já que ele tinha matado o Benjamim atropelado, e para solicitar que ela viesse para cá e me trouxesse sem me contar nada do ocorrido. Mas a Sara veio de São Paulo até Ribeirão a mil por hora, e devo adverti-la que não deixarei que pegue carona com ela qualquer que seja a situação. E, quando chegamos ao estacionamento do hospital, ela me contou que você tinha sofrido um pequeno acidente, que estava bem, e que o meu irmão, Silas, também estava no hospital. Você pode imaginar como eu fiquei. Quase vooi do carro até a recepção e o resto é do seu conhecimento.

— Estou grávida? — *Estou é estarrecida* . — Tão rápido assim? Não posso estar grávida.

— Sim, minha linda! Você está com pouco mais de seis semanas de gravidez. E eu sou o homem mais feliz do mundo, posso garantir. — Os olhos do Thomas se enchem de lágrimas, acho que ele percebe a minha cara de surpresa ou de dúvida e abre um sorriso.

A emoção toma conta de mim e começo a chorar, Thomas se ajoelha ao meu lado e abraça a minha cintura, chora junto comigo e estou tão feliz por estar esperando um filho do homem que amo, que posso afirmar que nunca me senti tão realizada.

— Você está carregando um filho nosso, esposa, um filho amado e desejado. Desde que soube disso estou eufórico. Eu amo vocês. Obrigado.

— O macacãozinho é azul. Você está certo de que o bebê é um menino?

— Quase posso apostar — diz com a voz embargada.

— Estou começando a achar que teremos outra Eva na família — faço-o lembrar da história que me levou a ter o mesmo nome da minha mãe.

— Estamos em outros tempos, minha linda. Podemos contar com ecografia e até com exame de sangue que revela o sexo do bebê.

— Ótimo, farei ambos.

— Thiago escrito com “Th” para combinar com o meu nome.

— Do que é que você está falando, doutor? — pergunto sabendo qual será a resposta e me impressiono com a escolha do nome, porque lembro imediatamente do menino do meu sonho.

— Estou falando que tenho um nome para o nosso bebê, se for menino, claro. Se for menina, você escolherá.

— Por que esse nome? — *Estou mesmo bastante impressionada com a escolha.*

— Um tempo atrás, dias antes do natal, sonhei seguidamente com um menino de olhos verdes. Nos sonhos, jogávamos bola, corríamos atrás de um cachorro ou andávamos a cavalo, e o menino se chamava Thiago, com “Th”, segundo ele mesmo disse, e era muito parecido comigo quando eu era pequeno. Então, achei que esse seria um nome muito bonito para um filho nosso.

— Que engraçado! — digo e sorrio.

— O nome?

— Não o nome em si. Engraçado o fato desse nome também me agradar muito e de também ter sonhado com algo parecido.

— Sendo assim, está combinado. Se for menino será Thiago.

— Você é bem apressadinho, marido.

— Sou mesmo. Posso sair gritando pela rua? — pergunta com os olhos ainda molhados e sorri.

— Para quê? — devolvo a pergunta.

— Para que todos saibam que sou pai.

— O bebê ainda não nasceu... Você ainda será pai!

— Não mesmo, já sou pai e você já é mãe desde que essa criaturinha maravilhosa começou a crescer e a se desenvolver dentro desta sua barriguinha.

— Tem razão... Mas não seria melhor deixarmos para alardear a minha gravidez quando o primeiro trimestre passar? Não sou supersticiosa, contudo, os meus pais estão muito ansiosos para se tornarem avós, e prefiro ser cautelosa, é uma gravidez muito recente, não quero que fiquem apreensivos.

— Quero gritar para o mundo a minha felicidade! — exclama, com os olhos brilhando.

— Você fará isso, só precisará esperar mais algumas semanas.

— Ahn... Está bem, tem razão. Vamos esperar até que se completem as doze semanas.

— Agora que sei que estou grávida, estou me sentindo muito especial. — Esqueço o choro e começo a rir.

— Eu te amo tanto que acho que irei explodir!

— Eu te amo mais — digo para ele a frase que sempre me diz e ele sorri me deixando abalada com tanta beleza.

— Quero beijá-la e abraçá-la sem parar, estou ainda mais apaixonado por você e a amo mais a cada milésimo de segundo.

— Doutor, espero que não seja aquele tipo de marido que quando a mulher está grávida acha que ela virou santa, que não faz mais sexo e coisa e tal.

— Conheço esse tipo de marido que acredita que a mulher na gravidez só sente desejo alimentar — fala e ri.

— Pois é. Então, se não é esse tipo de homem, espero que não fique apenas

nos beijos e abraços.

— Sou o tipo de homem que irá descobrir mil e uma posições confortáveis para fazer sexo com a esposa grávida e fazê-la adorar cada uma delas.

— Como ainda não tenho nem sinal de barriga, podemos continuar com as posições que conhecemos e que adoro, pode até considerar a vontade que estou sentindo de você como desejo.

— Amo a sua disposição. O desejo que sente por mim é inspirador e confesso que é um poderoso afrodisíaco. Saiba que apenas uma restrição médica muito bem fundamentada poderia me impedir de fazer sexo com a minha esposa grávida.

— Vou logo deixando bem claro, no caso da restrição médica acontecer, que sou muito boa em sexo oral, praticando ou recebendo. — Gargalho.

— Você é mesmo o sonho de qualquer homem, Eva! Só que o sortudo que se casou com você sou eu! — Ele sorri e fico novamente encantada. Tomara que o nosso filho ou filha herde esse sorriso, e essa boca, e esses olhos verdes, e esses cílios enormes e esse nariz perfeito...

A vida acabou voltando ao normal e seguiu o seu curso.

A morte do Benjamim foi esclarecida, e o Silas, o Lucas e eu não tivemos qualquer problema. A Sara cuidou de tudo relativo ao inquérito policial, e o meu pai tratou de abafar o caso na imprensa.

Um exame de DNA comprovou que o Alan não é mesmo filho do Thomas e a Amanda decidiu registrá-lo apenas no nome dela, mesmo tendo certeza, após saber do que ocorreu na noite em que engravidou, de que o bebê é filho do Benjamim.

No mês de fevereiro, Thomas e eu viajamos de férias para Paris por duas semanas, mas eu estava tão enjoada que nem os deliciosos queijos e croissants conseguiram me engordar. A cidade é tão linda e agradável que me esforcei bastante para não deixar o meu mal-estar atrapalhar a viagem e, tirando uma vertigem ou outra e um ou outro vômito, consegui, com a ajuda do meu romântico marido, que os dias passados lá se tornassem um maravilhoso idílio.

Chegamos de viagem no dia em que completei doze semanas de gestação, e na tarde do dia seguinte, após uma ecografia onde pude ver o meu bebezinho e constatar que ele está forte e saudável, meu marido e eu contamos para os meus pais, para o William e para a Lucia que seriam avós, e eles ficaram contentíssimos.

A minha mãe, na mesma hora, começou a listar todas as providências necessárias até o parto e o meu pai ficou tão emocionado que chorou até soluçar abraçado a mim e quase não conseguimos contê-lo.

Alguns dias depois promovemos um jantar em família e revelamos o que Thomas e eu pressentíamos, que o nosso bebê é um menino, Thiago, e posso garantir que foi a maior festa.

O casamento do William e da Lucia foi muito bonito, simples e elegante, aconteceu na capela da fazenda dos meus pais e contou com a presença da família e dos amigos do William e de alguns conhecidos da Lucia. Cerca de cem pessoas no total. Até o Lucas, que no começo não aceitou bem o envolvimento do pai com a tia, se emocionou e chorou ao lado dos irmãos. Os meus pais foram padrinhos do William e Thomas e eu fomos padrinhas da Lucia.

Fiquei muito contente também quando a Patrícia saiu do hospital carregando a Estela nos braços. As duas ainda um pouco frágeis, mas recebendo toda a atenção, cuidado e apoio incondicional do Marco.

Quando a minha amiga Sara ficou noiva, em maio, saímos para comemorar, ela e o Raul, o homem que conheceu no réveillon e que se tornou seu noivo, Thomas e eu. Acontece que o noivado deles não durou nem um mês e a Sara resolveu superar o fim da relação mergulhando de cabeça no trabalho e, para ser franca, acredito que o noivado terminou porque a Sara já vivia mergulhada no trabalho e o Raul não suportou competir com esse rival. No fim das contas, a Sara levou duas semanas para esquecer o Raul e engatou um namoro com um dos nossos advogados, o Alex, aquele que o Thomas um dia acusou de invasão de espaço.

Continuo sendo uma profissional dedicada, mas tenho trabalhado bem menos durante a gravidez, que vem transcorrendo muito bem. Pratico yoga três vezes por semana, caminhadas e exercícios de kegel diariamente, sigo a orientação de uma nutricionista especializada em gestantes e cheguei aos nove meses tendo engordado apenas nove quilos.

Estar grávida não me impediu de fazer absolutamente nada, apesar de ter feito tudo com um pouco mais de moderação e prudência. Consegui fazer sexo até ontem e, como o meu marido havia garantido, temos experimentado diversas novas posições que adoro.

Acho que nunca um homem admirou mais uma mulher grávida que o meu marido, que me olha tão encantado que me faz sentir deslumbrante.

O meu filho está testando a minha paciência desde antes de nascer, porque ainda não manifestou interesse em vir ao mundo. Eu poderia ter marcado uma cesariana, mas a Eva é uma mulher que valoriza a opinião daqueles que ama, mesmo que às vezes não concorde com essa opinião. E como amo demais o meu filho, resolvi dar a ele o direito de escolher o dia do seu aniversário, mesmo tendo que suportar as ameaças diárias da Angela, desde que completei trinta e nove semanas, de que esperaria por um parto normal apenas até a quadragésima semana e somente se a minha gestação continuasse evoluindo bem.

A expectativa do trabalho de parto me fez desistir de comemorar o meu aniversário de trinta e quatro anos com um grande evento e, novamente, optei por um jantar em família em casa para celebrar a data. Fiquei emocionada quando o meu marido entregou o meu presente, um cordão de ouro e um



pingente vazado em formato de coração com um “menininho” dentro. Contudo, não foi apenas o presente que me emocionou, foi o discurso que ele fez dizendo o quanto o Thiago e eu somos importantes para ele e o quanto nos ama.

Thomas também não quis festa nem jantar de aniversário este ano, está apreensivo demais com o nascimento do filho e preferiu não arriscar ter que sair correndo de alguma comemoração para levar-me para o hospital.

Confesso que há algum tempo venho imaginando que o Thiago esperaria o dia quinze de setembro chegar para nascer, o dia do aniversário do Thomas e o dia em que completo quarenta semanas de gestação.

— Feliz aniversário, meu amado marido! Acorda para comemorar, tenho um presente especial para você! — Dou um beijo estalado nos lábios do Thomas e o acordo.

— Bom dia, esposa linda! Adoro a maneira que me acorda quando faço aniversário. — Ele repara no meu vestido e me dá um beijo estalado nos lábios também. — Alguém aqui falou em presente?

— Falei sim, doutor. Considere que, no momento, sou a caixinha de presente e o conteúdo é o seu filho que está tentando sair. O moleque escolheu nascer no dia do aniversário do pai. — Nem bem termino a frase e Thomas dá um pulo da cama, parece um boneco de mola.

— Começaram as contrações?

— Sim, doutor, faz um tempinho que estou sendo espremida e eletrificada.

— E só agora você me avisa? — pergunta indo em disparada para o closet.

— Eu queria ter certeza de que não era um alarme falso.

— A bolsa estourou? — Ele sai do closet de camiseta e jeans.

— Ainda não, nem aconteceu nada do que a Angela me advertiu que aconteceria, só estou tendo contrações mesmo — respondo, e ele volta para dentro do closet.

— Você comeu ou bebeu alguma coisa? — pergunta, calçando o tênis.

— Não, marido, mas você sabe que não farei cesariana. Correto? O meu parto será normal. Só não comi nada ainda porque desde que fui acordada pela tentativa de fuga do Thiago, dediquei-me apenas ao martírio de contar as contrações.

— Tudo bem, sua teimosa, mas caso ocorra algum problema e uma cesariana seja indicada, melhor que esteja de estômago vazio.

— Não acontecerá qualquer problema, doutor, deixe de ser tão médico.

— Desculpe-me, esposa. As contrações estão vindo de quanto em quanto tempo?

— Nem sei mais, elas incomodam tanto que me desconcentram. O que percebi é que elas não estão seguindo nenhuma lógica temporal.

— Você telefonou para as suas doulas?

— Mandei uma mensagem para elas, pedi que me encontrem no hospital dentro de uma hora.

— Você não acha que está muito calma para uma mulher sentindo contrações e prestes a dar a luz?

— Quando escolhi ter um parto normal, sabia que poderia sofrer um bocado, então me preparei psicologicamente para este momento. Detesto dar vexame, mesmo que já tenha sido protagonista de alguns, e não deixarei que o meu marido ou o meu filho me vejam descabelada e descontrolada.

— Veremos se continuará seguindo essa filosofia quando as contrações atingirem o ápice... — Ele ri e se aproxima de mim bem na hora em que uma contração me tira o fôlego.

— Ai! Ai! — Inspiro profundamente e solto o ar lentamente pela boca. — Essa doe, mas estou feliz porque sei que essas contrações horrorosas indicam que estou quase livre da cesariana que a Angela está inventando para depois de amanhã à tarde.

— Essa dor indica que dentro em breve o nosso menininho estará aqui fora conosco. — Ele me abraça de lado e me aperta.

— Doutor, poderia me levar logo para o hospital?

— Vou telefonar para a Angela e depois partiremos. — Thomas me solta, sorri e o seu sorriso perfeito me encanta tanto que quase é capaz de me anestesiá-lo, quase porque contração é algo que dói demais, nunca imaginei que doesse tanto.

— Está bem. Eu estou pronta, você precisará pegar a bolsa da maternidade e a minha valise que estão no quartinho do Thiago.

O quarto do meu filho ficou tão bonitinho que adoro entrar lá. A minha mãe e a Lucía se realizaram me ajudando a decorá-lo. O tema que o Thomas e eu escolhemos foi “brincadeiras de menino” e ele gostou tanto do resultado final que até chorou quando viu tudo arrumadinho. O meu pai também chorou quando entrou no quarto pela primeira vez depois de pronto.

— Eva, você vai para a maternidade de salto alto?

— Thomas, concentre-se nas suas tarefas, saiba você que tanto faz ter contração descalça ou calçando um Louboutin, o sofrimento é o mesmo. — *Acho que a dor do trabalho de parto está me deixando muito irritada e sem paciência, estou pressentindo que, em breve, atingirei o nível máximo na escala de comportamento detestável.*

— Vou contar as suas contrações, acho que estão ficando menos espaçadas e mais fortes, estou notando que está ficando mais irritadinha. — Meu marido começa a rir e rapidamente age.

As contrações se tornam quase insuportáveis e tento não gritar. Vamos para o carro, e a dor é tanta que não consigo continuar fazendo a respiração que aprendi durante as aulas de yoga, estou achando que o meu parto acontecerá dentro do carro.

Sei que o Thomas mandou SMS para a família inteira avisando que entrei

em trabalho de parto e estou preocupada com o meu pai, tenho medo de que ele resolva invadir a suíte de parto. Tem sido muito difícil controlar a ansiedade dele, e a pobre da minha mãe tem se esforçado bastante para mantê-lo calmo.

Chegamos ao hospital, Thomas me ajuda a sair do carro e quando coloco os pés no chão, a bolsa estoura, e fico toda molhada. Ele me carrega no colo até a entrada do hospital, coloca-me em uma cadeira de rodas, as contrações estão acabando comigo e quero gritar, mas me controlo. As minhas doulas, Renata e Carla, estão na recepção me aguardando e, enquanto o Thomas vai até o carro buscar a minha valise e a malinha do Thiago, elas me conduzem até a suíte de parto.

A suíte de parto é um quarto de hospital mais aconchegante e maior, com banheira, e só consegui convencer os meus pais de que seria seguro utilizá-la, porque, em caso de problema durante o pré-parto, parto ou pós-parto, esta suíte pode ser transformada em poucos segundos em um centro obstétrico e está diretamente ligada ao centro cirúrgico.

Sou colocada dentro da banheira. A água morna me relaxa um pouco, mas estou muito irritada, quero bater em alguém, chutar umas canelas, sei lá. Resolvo sair da banheira, visto um robe de seda e me deito na cama. A Renata tenta uma massagem, recuso, a Carla coloca um CD instrumental e o Thomas me observa com muita admiração.

A Angela chega e faz o toque e sinto uma vontade enorme de esmagar a cabeça dela. Esse troço chamado toque dói demais, ainda mais agora que estou sentido contração.

Queria estar tão calma e relaxada quanto fantasiei que estaria, só que a realidade de um parto é bem diferente da ficção, e não sei o que acontece com as outras mulheres, mas eu estou com vontade de morder todo mundo a minha volta.

Vou para o banquinho de parto. Thomas segura a minha mão, as lágrimas rolando pelo seu lindo rosto, e acho que ele choraria muito mais se estivesse no meu lugar, se estivesse sentindo a dor que estou sentindo.

A Carla massageia as minhas costas enquanto a Renata e a Angela me incentivam.

Eu nem sei o que me transforma, mas de repente, sou puro instinto. Começo a visualizar mentalmente o meu corpo se abrindo, expelindo o meu filho, imagino uma luz puxando-o para fora e sinto uma enorme necessidade de fazer força.

Peço para ficar de cócoras, é colocado um lençol branco sobre o chão, e me posiciono em cima dele. Thomas coloca para tocar *Prelude from Cello Suite n° I*, de Bach, e a partir deste momento tudo fica em câmera lenta. Não consigo entender o que o Thomas está me dizendo, só ouço o meu coração batendo forte enquanto uma dor aguda me rasga de dentro para fora. A Renata me diz que a cabeça do meu filho começou a aparecer e me pede para não fazer tanta força para não machucar o meu períneo. Nem sei como obedecê-la, o meu corpo

parece agir por conta própria. A Angela diz que o meu filho está nascendo, todos vibram e uma sensação boa de alívio e dever cumprido me invade.

Thiago nasceu! O choro forte ecoa pelo quarto. Estou exausta, mas a felicidade de trazer o meu filho ao mundo me energiza.

Thiago vai para os braços do pai, que corta o cordão umbilical e chora emocionado. O meu marido pediatra aproxima o meu filho de mim, sinto-o tão quentinho, tão meu e beijo o topo da cabecinha dele, ele dá uns gemidos, penso em amamentá-lo, mas Thomas o pega de volta para examiná-lo. A Angela também me examina e diz que não tive nenhuma laceração e que o meu períneo está íntegro.

— Apgar 10/10, o menino é forte igual ao pai. Nasceu medindo cinquenta e três centímetros e pesando três quilos, quatrocentos e cinquenta e oito gramas — Thomas diz orgulhoso. — Thiago Henrique Fiore Chapman, nascido às dez horas e vinte e nove minutos, do dia quinze de setembro do ano de 2013, o dia do aniversário do pai.

Thiago, que antes estava quietinho, volta a berrar.

Thomas limpa o Thiago, a Renata o ajuda, eles dão um banho nele e o meu filho não sabe se chora ou se fica calado para ouvir a voz do pai que cantarola baixinho para ele.

Peço para tomar um banho também, a Carla me leva para o chuveiro e me ajuda a tomar uma ducha rápida, ela me seca gentilmente e a Angela envolve a minha cintura em uma faixa trazida pela enfermeira. Visto uma camisola com botões, uma calcinha gigante, absorvente e sou levada para a cama. A Angela me ajeita, cobre-me até a cintura com um lençol e o Thomas coloca o meu filho em meus braços. Ele está berrando, os olhinhos fechados, os bracinhos agitados e observá-lo me faz ser tomada pela maior alegria que já senti na vida.

— Oi, filho, é a mamãe. Eu te amo muito, seja bem-vindo, Thiago — digo e começo a chorar, e ele, imediatamente, se cala.

Quero continuar falando com ele, mas não consigo, porque ele abre os olhos e me espanto. Os olhos dele são tão claros, que não sei ainda se são verdes ou azuis, e o meu coração dá um tranco, o reconhecimento se faz e um turbilhão de sentimentos e sensações me arrebatava. Engulo em seco, ele me encara e, olhando dentro dos olhos do meu filho, sei que não pode existir verdade maior do que a contida na conhecida frase: “Há mais mistério entre o Céu e a Terra do que julga a nossa vã filosofia.”

E não é que a vida é mesmo uma caixinha de surpresa?

Conheço esse olhar, esse jeito de me encarar como se soubesse tudo o que quero dizer sem que eu precise articular qualquer palavra e, neste momento, sou pura certeza. Estou face a face com o objeto do meu amor incondicional, o amor que nunca abandonou o meu coração, e que faz com que o reencontro seja tão perfeito. Sempre foi amor de mãe, só agora compreendo completamente...

— Você precisa amamentá-lo logo — Carla me adverte.

Thomas me ajuda a colocá-lo no peito, segura o queixo do Thiago e o faz abrir a boca. O meu filho abocanha o meu seio, suga, começo a sentir uma cólica leve. O leite jorra, o meu filho engasga, volta a sugar, engasga novamente e o meu marido se diverte observando-o.

O meu menino aprende rápido e mama vigorosamente, os olhos nos meus, concentrado, enquanto Thomas canta baixinho uma melodia infantil, *Gosto de Hortelã*.

Observo atentamente o meu filho mamar, ele é muito branquinho, quase transparente, é carequinha, as sobrancelhas são apenas uma sombra, tem um nariz que parece que foi feito à mão e uma boquinha extremamente bem-feita.

Os traços do meu menino são perfeitos e não posso achar outra coisa senão que ele é lindo, porque ele é lindo mesmo, sei que toda mãe acha o filho uma obra de arte e eu não fujo a regra, não mesmo.

— O moleque é a minha cara! — Thomas diz, olhando extasiado para o filho, quando termina de cantar a musiquinha que acho que já ouvi na voz engraçada dos Smurfs.

— Deixe de ser tão convencido. Ele é ainda mais bonito do que você.

— Minha linda, convenhamos, se eu tirar uma fotografia dele agora e comparar com a que tenho de quando era um bebê recém-nascido vai parecer que se trata da mesma criança.

— Tudo bem. Ele é mesmo muito parecido com você — concordo e sorrio.

— Somos um arraso! — Thomas ri e segura a mãozinha do nosso filho. — O papai te ama, filho. — Ele beija a mãozinha dele.

Thiago para de mamar e arregala os olhinhos e o meu marido e eu sorrimos fascinados. O amor está tão presente neste quarto que sou até capaz de tocá-lo no ar.

## Epílogo

— Minha linda, você está perfeita, um deslumbramento nesse vestido vermelho.

— Você sempre me acha linda, doutor. — Gargalho.

— Acho que nunca conseguirei me livrar dessa mania que tenho de querer despi-la sempre que está pronta para sair. É que vê-la toda arrumada me excita muito.

— Quer dizer, então, que o doutor está querendo me despir? Quer tirar a minha roupa logo agora que consegui, finalmente, estar pronta?

— Quero. — Thomas olha o relógio. — Temos tempo ainda, vou tirar a sua roupa todinha e não proteste, estou duro, desejando você e muito! O seu corpo maravilhoso é irresistível.

— Quem disse que irei protestar?

— Essa é a minha mulher, a sempre disposta, a que me deseja tanto e tão intensamente que me faz desejá-la da hora em que acordo até a hora em que vou dormir com ela. E esse dormir só acontece depois, claro, de eu ter estado dentro dela — diz com a cara de sem-vergonha que adoro.

— Você sabia que eu sabia que, quando aparecesse por aqui, iria querer tirar a minha roupa? Então nem lingerie eu vesti. Estou nua em pelo debaixo deste vestido — incito-o.

— Ah, Eva, você é o pecado personificado. — Meu marido geme e encosta-se em mim.

— Ah, Thomas! Pecado é deixar um homem como você com fome, com sede... Isso eu não faço, nunca fiz e nunca farei.

O meu marido me beija, a boca quente engolindo a minha, a língua dançando dentro da minha boca e, enquanto me deleito com este beijo obscuro, ele abre o zíper do meu vestido e fico ainda mais molhada. O meu corpo estremece, ele desliza o vestido para baixo, o vestido cai no chão, fico nua, interrompo o beijo e solto os meus cabelos. Thomas me observa com aquele olhar de predador que amo, faço sinal para que também se dispa e ele me atende.

Thomas fica nu, o corpo esguio, forte e musculoso me assanha, como sempre. Este homem, que é meu, é um espetáculo para os olhos. Fico ainda mais excitada quando o contemplo, a ereção magnífica, a respiração pesada, tudo indicando o quanto ele me quer e me sinto poderosa.

— Você sabe que quanto mais o tempo passa, mais eu a amo e desejo, não sabe? — Ele me encara cheio de tesão.

— Ah, doutor, o senhor demonstra isso muito bem, não me deixa sentir a menor dúvida! — digo e passo a língua pelos lábios.

— A sua depravação só aumenta. Como isso é possível? Como uma mulher pode ser assim tão exponencialmente devassa? — diz passando a mão pelo meu seio fazendo-me estremecer.

— A depravação e a devassidão de uma mulher são mantidas sempre em alta quando o homem dela é bom. Bom com ela e bom de cama. Você, marido, é um homem maravilhoso em todos os sentidos. Mantém o meu coração e a minha libido sempre satisfeitos. As suas demonstrações de amor são tão explícitas quanto o seu desejo, então fica fácil ser o furacão que sou. — Seguro o pênis grosso e quente e o desejo de possuí-lo repercute dentro de mim.

— Ah... Eva, que mãozinha macia! Você é a mulher da minha vida, a única, sempre e para todo sempre. Obrigado por toda a felicidade e prazer que sempre me deu, me dá e me dará. — Ele arqueia o quadril para frente e escorrego a mão para cima e para baixo, masturbando-o.

— Dar. Este verbo é muito apropriado quando o assunto se trata de Eva e Thomas. Amo me dar para você, marido.

— Você é viciante! Sou um viciado declarado, só quero você, mais e mais, o tempo todo. O uso continuado e prolongado só me deixa mais dependente. — Ele desce a boca até o meu mamilo e suga.

— Ai, que delícia, marido! Não sei o que está me deixando mais excitada, se é o que está fazendo com a boca ou o que está deixando sair dela. — Um arrepio de prazer faz o meu corpo serpentear.

Thomas tira a boca do meu seio e me abraça apertado e, colado em mim, anda até a cama. A sensação de andar de costas abraçada a ele me diverte. Caímos na cama e ele controla o peso dele sobre mim apoiando uma mão no colchão. Observar os músculos do seu ombro e braço me faz ficar satisfeita, muito satisfeita... Este homem só melhora com o passar do tempo, está cada vez mais sensual, másculo e sexy. É como se a beleza fosse ficando entranhada na pele dele.

— Declarar-me para você é uma atividade muito compensadora. — Ele sorri e me compraz.

— Você sabe que adoro elogios e manifestações de amor. Fico muito motivada. Sou capaz de perder completamente o juízo diante de tanta admiração.

— Eva Maria Fiore Chapman, eu te amo! — diz e beija o meu pescoço.

— Thomas Henrique Chapman, eu te amo mais!

— Eva Maria Fiore Chapman, eu te amo ainda mais!

Escorrego por debaixo dele e coloco a boca em seu mamilo, ele arfa e eu chupo com mais força. Continuo deslizando a mão em seu pênis divino e sei que ele está gostando do que estou fazendo porque o sinto vibrar. Mordisco-o e ele geme alto. Com a pontinha da língua tesa circundo o mamilo enrijecido, ele geme alto outra vez e rebola na minha mão. Ele está ainda apoiado na cama com um braço enquanto o outro enlaça a minha cintura. Troco de mamilo e volto a

chupar com força e intensidade. Ele urra.

— Eva, você está me deixando louco de tesão. Vou gozar muito rápido se não parar o que está fazendo agora mesmo.

Mordisco, lambo e chupo com vontade fazendo-o quase chegar ao clímax, então solto gentilmente o pênis, que já está com a ponta molhada, e tiro a boca do seu mamilo eriçado.

— Invada-me, possua-me e enlouqueça-me!

— Os seus pedidos são sempre muito fáceis de serem atendidos. — Ele ri.

— Ah, meu amor, como você me faz feliz! — inclino o quadril para frente.

— Eu sou muito feliz porque você é minha, só minha, toda minha... A minha vida!

Thomas me penetra com força e senti-lo avançando dentro de mim me faz perder o fôlego. Amo sentir o diâmetro do pênis avantajado do meu marido. Sou toda desejo. Sou toda dele.

— Apertada, molhada, aveludada e quentinha. Quando estou dentro de você me sinto no paraíso.

— Com força e bem fundo está no cardápio de hoje?

— É a especialidade da casa — diz e me estoca com força e profundamente, do jeitinho que adoro.

Percebo que o Thomas está tentando se controlar, mas os seus olhos deixam transparecer que está dominado pelo prazer, ele está quente, ofegante, suado, cheiroso e me estoca em um ritmo frenético.

Arranho as costas do meu doutor e ele arqueia, geme e rebola dentro de mim. Sinto como se um dique estivesse se rompendo e dou um grito. Diversas sensações percorrem o meu corpo. O meu coração perde a cadência, a minha noção de realidade vai para o espaço e sou pura luxúria. Mordo o ombro do Thomas, cravo as unhas em suas nádegas e me agito debaixo dele com tanta intensidade que o faço soltar um gemido gutural.

— Gostosa, gostosa, gostosa! — a voz rouca do meu marido acaricia os meus ouvidos.

— Eu vou gozar, agora e muito!

— Então, vamos! — diz e acelera o movimento de vaivém.

Um frenesi me domina, a minha pele arde, o meu sexo pulsa, o meu coração quase sai pela boca e me entrego ao poderoso orgasmo que me enleva.

— Eva! Eva! — Thomas sussurra o meu nome e treme sobre o meu corpo.

Sinto-o derramar-se dentro de mim e sou invadida por uma nova onda de prazer. O poder que exerço sobre ele e que ele exerce sobre mim é tangível e mágico. Sou grata por tanto amor, tanto prazer e tanta cumplicidade. Embalada pelo tremor do corpo divino do homem que amo com loucura, entrego-me às sensações que me invadem e gozo novamente.

— Eu te amo mais, mulher! — declara quase como um gemido.



— Ah, ah! Adoro essa nossa competição.

Thomas cai ao meu lado e nos damos às mãos, entrelaçamos os nossos dedos e ficamos quietos aproveitando o nosso momento pós-goço em toda a sua plenitude.

Cochilo levemente, mas são tantos sentimentos e emoções fervilhando dentro de mim que não consigo relaxar completamente.

Ouvindo a respiração pesada do meu marido, que dorme tranquilamente, penso na minha vida e em tudo o que esse homem ao meu lado representa. São dez anos de casados, dez anos maravilhosos e felizes. Posso afirmar sem a menor sombra de dúvida que amo o Thomas ainda mais hoje do que antes. Muito mais!

Durante os nossos dez anos de casamento, pude acompanhar a evolução emocional do Thomas e o quanto o amor, que permeia as nossas vidas, ajudou-o a tornar-se um homem mais confiante, seguro e ainda mais determinado. Continua ciumento, verdade, mas agora consegue se controlar um pouco melhor. Ele é um marido tão amoroso, atencioso e apaixonado que não me importo tanto com a possessividade dele.

E sabe aquela febre emocional que o Thomas costumava ter? Nos últimos nove anos ela nunca mais apareceu.

Eu também não vomito mais quando fico nervosa. Costumo dissipar qualquer espécie de irritação brincando com os meus filhos. Thomas e eu somos pais do Thiago, de quase nove anos, e dos gêmeos bivitelinos Tadeo e Túlio, com seis anos de idade.

A risada dos meus meninos, e isso inclui o Thomas, é um excelente antídoto contra qualquer sentimento ruim, porque me acalma e me faz perceber o quanto sou uma mulher agraciada.

Preciso confessar que estou me sobressaindo como mãe. Os meus filhos são loucos por mim e sou louca por eles. E sou uma verdadeira leoa quando se trata de protegê-los.

E o Thomas... Ah, que pai este homem é! Eu não tenho palavras para descrever a dedicação e o amor dele pelos nossos filhos. Ele é muito competente em demonstrar o quanto nos ama.

Para comemorar o nosso aniversário de casamento, Thomas e eu renovaremos os nossos votos em uma grande festa mais tarde, e na segunda-feira, quatro de julho, dia em que foi realizado o nosso casamento por procuração há uma década, embarcaremos para a Itália. A viagem é um presente dos meus pais. Passaremos quinze dias aproveitando a nossa segunda lua de mel.

Os nossos filhos ficarão aos cuidados dos meus pais e do William. E passarão os quinze dias, em que estaremos viajando, na fazenda. O Silas e a Michele também estarão por lá com as suas gêmeas, Jade e Cristal, de sete anos, que são muito molecas e adoram brincar com os primos. Sei que não tenho

qualquer motivo para preocupação, só a expectativa da saudade dos meus garotos é que me faz ficar um pouco apreensiva.

Os meus escritórios também estarão em boas mãos, a Sara continua conduzindo muito bem os negócios em São Paulo e a Patrícia ajudará um advogado de confiança que trabalha comigo, o Stefan, a cuidar do escritório daqui de Ribeirão Preto enquanto viajo.

Quando penso na Sara e na Patrícia fico enternecida, as duas são minhas grandes amigas e estão presentes na minha vida de uma maneira muito significativa.

A Sara não se casou e nunca leva um namoro à diante por muito tempo. Depois do fracassado noivado com o Raul, nunca mais foi tão longe com alguém. Ela realmente prefere o trabalho e, neste campo, o desempenho dela é realmente notável.

Por falar em Raul, o ex-noivo da Sara, Thomas e eu o encontramos no casamento de um amigo nosso, em São Paulo, quatro anos atrás. O Raul estava acompanhado da esposa, a Amanda, e os dois pareciam apaixonados e felizes. Conversamos um pouco com eles e soubemos que têm dois filhos, o Alan, e a Penélope, de apenas seis meses há época. Thomas e eu ficamos contentes pelo Raul e pela Amanda e achamos uma grande coincidência os dois terem se encontrado e se apaixonado, mas talvez o fato de o Raul ser psiquiatra tenha contribuído para esse encontro acontecer.

Voltando ao assunto amigas... A Patrícia também é outra que se dedica demais ao trabalho. Ela ingressou na faculdade de Direito quando a Estela completou um ano, formou-se e foi integrada à equipe da área de direito de família no meu escritório de São Paulo. Sempre demonstrou ser muito esforçada e de confiança e vem se destacando pela sua competência.

Ao contrário do que imaginei no passado, a Patrícia e o Marco nunca se entenderam como casal, e continuam solteiros. Eles se dão relativamente bem, mais por esforço da Patrícia, e compartilham a guarda da Estela. A Patrícia acredita que o Marco ainda é apaixonado por mim e eu acredito que ele desistiu de acreditar no amor há muito tempo e que luta contra esse sentimento. Na vida do Marco, desde que a Estela nasceu só tem lugar para ela, a filha que venera, e que é a princesinha dele.

Os meus pensamentos são interrompidos por batidas na porta, batidas leves, de mãos pequenas. Visto o meu robe que estava pendurado na cabeceira da cama, cutuco o Thomas que ri ao ouvir as batidas, levanta-se, veste um roupão e abre a porta.

— Mamãeee! — Tadeo e Túlio entram no quarto gritando e pulam em cima da cama, quase em cima de mim.

— Cuidado com a mamãe, rapazes, ela é a nossa pequenininha. — Thomas ri.

— Oi, meninos, vocês estão muito animados hoje. — Dou um beijinho na bochecha de cada um.

— A vovó disse que está quase na hora de vestirmos o nosso terno. Nós vamos ao casamento de vocês! — Tadeo, o eloquente, fala.

— Não é casamento, é renovação dos votos de casamento. O papai e a mamãe, como expliquei antes, estão completando dez anos de casados neste mês de julho. — Sorrio para eles.

— Então, se não vai casar com o papai, posso me casar com você, mamãe? Por favor! — Túlio, o carinhoso, me faz uma proposta.

— Nem pensar, garotão, essa esposa é minha! Você tem muito tempo pela frente para encontrar a sua. Concordo que, quando tiver a idade certa, deve tentar encontrar uma mulher assim tão maravilhosa quanto a sua mamãe — Thomas diz e faz cócegas no Túlio.

— Túlio, as mães não podem se casar com os filhos, mas vou contar um segredo para você: amor de mãe é muito mais especial do que amor de esposa.

— Ah, é? É mesmo? Agora me explique essa história de que não sou o seu menino preferido. — Thomas pula em cima de mim e me faz cócegas.

— O preferido sou eu! — Tadeo grita.

— O preferido sou eu! — Túlio protesta.

— Não precisam se preocupar — falo rindo, e Thomas para de me fazer cócegas. — Amo todos os meus meninos, amo muito! — Abro os braços e os meus filhos se aninham.

— Ei, pessoal, vocês não vão se arrumar?

Olho para a porta e vejo o meu filho Thiago parado, vestido em um terno de cor grafite. Está tão lindo que quase perco o fôlego, um rapazinho, e quando ele abre o sorriso perfeito, igualzinho ao do pai, sinto até vontade de chorar.

— Vamos sim, filho — respondo. — Você está muito elegante.

— Rapaz, você está realmente elegante e conseguiu a proeza de ficar ainda mais bonito que o seu pai. E olha que isso é difícil! — Thomas diz e pisca para ele.

— Papai, somos tão parecidos que quando você me elogia se elogia também! — Thiago, o superinteligente, diz e caio na gargalhada.

— A vovó quer vestir um terno em mim também, mas eu não quero — Túlio choraminga.

— Ela também quer que eu vista o terno, mas eu não ligo, porque depois que o papai e a mamãe se casarem eu vou tirar aquela roupa feia pra poder brincar. — Tadeo fala para o Túlio com um olhar matreiro e nem leva em consideração a minha explicação de que o pai dele e eu apenas renovaremos os nossos votos.

— É, boa ideia! — Túlio diz, salta da cama e sai correndo. Tadeo o segue e os dois quase derrubam o Thiago.

— Vou atrás deles, ninguém vai conseguir vestir direito esses dois sem um bom plano. Tenho uns chocolates que o vovô Guido me deu e vou usar de isca. —

Thiago sorri novamente, vira as costas e sai.

— Os nossos filhos são incríveis — digo encarando Thomas.

— São mesmo, eles têm todas as qualidades da mãe.

— E do pai. — Gargalho.

— Os defeitos são dos avós, de forma alguma seriam nossos — meu marido diz com um olhar matreiro e me beija.

— O Túlio é ciumento como, deixe-me ver... Como o William? — provoco-o.

— Deve ser — ele responde e dá uma risada gostosa. — E o Tadeo é irônico como, deixe-me ver... Como o Guido? — provoca-me.

— Com toda certeza — respondo e volto a gargalhar.

— E o Thiago é tão introspectivo quanto, deixe-me ver...

— Quanto o Nicolas! — respondo rapidamente, sem nem pensar, interrompendo o Thomas.

— Eu ia colocar a culpa na Evinha porque estávamos acusando os avós, mas considerarei a sua resposta, porque acredito mesmo, por causa de tudo que o meu pai me conta, que o Thiago e o Nicolas têm muito em comum. — Thomas sorri, volta a me beijar e me perco no delicioso beijo do meu amado marido.

Levantamo-nos e vamos nos arrumar. Preciso recomeçar do zero, porque o meu marido me desarrumou todinha e, enquanto faço isso, volto à minha reflexão, afinal, a comemoração de uma década de casamento traz muitas lembranças.

Gostaria que a Lucia estivesse aqui para poder compartilhar conosco a nossa felicidade. Eu nem gosto de me lembrar do dia em que nos deixou. Ela tinha vindo aqui em casa na noite anterior e brincado bastante com os meninos, principalmente, com o Túlio, que a adorava. Depois foi para casa, deitou-se com o William e ele não conseguiu acordá-la pela manhã. Pensei que o meu sogro fosse morrer também, mas ele tem conseguido suportar. Um dia, preocupada com ele, chamei-o para uma conversa, mas ele me acalmou dizendo que um homem que conseguiu sobreviver à morte de um filho consegue sobreviver a qualquer outra coisa. Nesse dia contei para ele que foi o Benjamim quem atropelou propositalmente o Nicolas. Ele ficou chocado com a história, mas gostou de saber a verdade. Resolvemos guardar essa informação, ninguém mais, além de nós, precisa conhecer-la. Algumas verdades deixam de fazer sentido quando trazem mais dor que alento e quando não têm o poder de mudar absolutamente nada e essa, definitivamente, é desse tipo.

Thomas também sofreu bastante a perda da Lucia, e foi muito difícil para os pequenos, Thiago, Tadeo, Túlio, Jade e Cristal, entenderem que a avó tinha “se tornado estrelinha lá no céu”. Dois anos se passaram e sentimos muita saudade dela.

A Lucia se tornou, durante o tempo em que convivemos, uma mãe devotada para o Thomas, uma avó carinhosa para os nossos filhos, uma grande companheira para o William e a melhor amiga da minha mãe. Aquela mulher, nos últimos tempos, foi muito firme no propósito de espalhar amor ao seu redor e

nos demonstrou com as suas atitudes que nunca é tarde para melhorar.

Perder a Lucia me fez desejar que os meus pais fossem eternos, mas sei que isso não é possível. O que me deixa feliz é saber que eles, pelo menos, passaram a cuidar ainda mais da saúde depois do nascimento do Thiago. A idade pesa, claro, mas eles se esforçam para que ela não os impeça de fazer as coisas que mais apreciam, como participar da vida dos netos. Há anos que eles seguem a dieta sem reclamar, exercitam-se diariamente com a ajuda de um personal especializado em terceira idade, e são acompanhados por um geriatra.

O convívio com as crianças ajuda bastante o seu Guido e a dona Evinha a manterem os corpos e as mentes ativos. Eles, na verdade, têm cinco netos porque consideram a Jade e a Cristal como suas netas também. E estão sempre dispostos a participar de alguma brincadeira e sempre têm uma boa história para contar.

A vida é feita de boas histórias. E o amor que damos e que recebemos é o grande protagonista de qualquer enredo.

Pensar em amor me faz imediatamente lembrar dos meus filhos, os meninos maravilhosos que vieram tornar a minha vida e a do Thomas mais completa.

Túlio é o que mais se parece fisicamente comigo, e o que tem a personalidade mais parecida com a do pai. Ele é um garoto sensível, doce, terno, ciumento e, apesar de ter apenas seis anos, toca violão muito bem, enchendo o Thomas de orgulho.

Tadeo, cujo nome foi escolhido pelo seu avô Guido, tem os olhos azuis e espertos como os dele. É um ótimo argumentador, carismático e faz amizade com uma facilidade incrível. Um livro na mão dele é uma aventura. Adora ler e contar histórias. E sei que, veladamente, é o neto preferido do meu pai que se reconhece nele.

Thiago, fisicamente, é a cópia fiel do Thomas. Contudo, a personalidade dele me faz lembrar muito do Nicolas. Thiago é um menino responsável, compenetrado, estudioso e tímido. Também é altruísta por natureza, está sempre auxiliando os irmãos e é o primeiro a se oferecer para fazer o que quer que seja. Ajudar é com ele mesmo. Desde que completou três anos de idade diz que quer ser médico para cuidar das pessoas, como o pai e o tio Lucas, mas não quer cuidar de crianças ou de corações, quer operar cabeças.

Eu sempre achei incrível a ligação que o Thiago e eu temos. Conhecemos de frente e verso. Consigo perceber que ele está aborrecido pelo modo como franze a testa e sou capaz de responder as perguntas dele antes que as faça. Ele também costuma saber o que estou pensando só de me olhar e nos entendemos tão bem que as palavras entre nós são quase desnecessárias.

— Você está maravilhosa, esposa. — Thomas chega por trás, beija a minha nuca e sou trazida de volta ao planeta Terra.

— E você, marido, está lindíssimo! — digo olhando-o pelo espelho.

— Esposa de vestido longo, vermelho, elegante e vaporoso; marido de terno de cor grafite e gravata de seda vermelha. Estamos à altura da comemoração do nosso aniversário de casamento.

— Uma década de casados, que delícia! — Eu me viro e o encaro.

— Delícia é você, esposa! — Ele me olha daquele jeito sensual que me desestabiliza e abre o seu sorriso perfeito.

— Estamos em cima da hora, não o deixarei tirar a minha roupa outra vez, mesmo que eu não esteja usando absolutamente nada por baixo deste vestido — brinco com ele.

— Saberei esperar. Depois da festa iremos para a suíte nupcial de um charmoso hotel. Tenho umas surpresinhas para você, esposa. Prepare-se! — Ele pisca para mim e vejo fogo em seu olhar.

— Estou preparada, amor. E consigo até visualizar pétalas de rosas vermelhas cobrindo uma cama enorme. — Gargalho.

— Sapequinha! — Ele ri e sai do closet.

Volto a examinar-me no espelho e sorrio quando vejo refletirem em meu pescoço a gargantilha com o coração de brilhante e o cordão, um pouco mais comprido, com os três pingentes vazados em forma de coração e com “meninos” dentro que o Thomas me deu.

Thomas me chama, vou até ele e o vejo segurando um lindo buquê de rosas colombianas vermelhas.

— Para você, minha linda esposa. — Ele me entrega o buquê.

— Que lindo! Obrigada, meu amor. Adorei. Passei o dia de ontem admirando o outro lindo buquê que enviou para o meu escritório. Alegrou ainda mais o meu dia.

— Alegregar os seus dias é uma tarefa a que me dedico com muito boa vontade. — Ele sorri, e vejo fogos de artifício.

— Sabe qual é a sua principal qualidade, marido?

— São tantas que fica difícil saber qual é a principal — diz em tom zombeteiro.

— Você luta por tudo aquilo que deseja, é persistente, e quando consegue continua valorizando, sempre. Nunca vi alguém dar tanto valor ao que tem e àqueles a quem ama.

— Jura que nunca viu alguém assim? — Ele me olha cheio de admiração. — Eu poderia dizer que essa descrição se refere a você.

— Deve ser porque fomos feitos um para o outro — digo encarando-o com a mesma admiração que vejo nos olhos dele.

— A panela e a tampa — afirma e volta a sorrir.

— Você é um marido incrível, nunca se esquece de nenhuma data. As rosas colombianas vermelhas têm um significado muito especial para mim, quando as vejo, imediatamente, lembro-me de você.

— Sempre foi essa a intenção, esposa.

— Você é realmente um homem especial.

— Vamos comemorar os melhores anos das nossas vidas?

— Vamos sim, marido! Ao seu lado estou preparada para ser completamente feliz por mais uns cem anos. — Abro o meu melhor sorriso para ele.

— Deixe de economia, minha linda! A Eternidade ainda é pouco tempo para celebrarmos a nossa felicidade!

Coloco o buquê de rosas sobre a banqueta e me aproximo do meu grande amor. Estou sem batom, passarei quando estivermos no carro, tantos anos juntos me fizeram aprender que o meu marido nunca deixa de me beijar antes de sair de casa, ou antes de sairmos de casa. Ele me olha de um jeito atrevido, divertido e sexy, enlaça-me pela cintura e me dá um beijo que faz as minhas pernas tremerem.

— Paiê, está na hora! Manhê, vem logo! Vamos nos atrasar — a voz do Thiago, rouca como a do Thomas, ecoa pela casa.

— Ele está gritando lá de baixo? — pergunto interrompendo o beijo gostoso.

— Acho que sim, o nosso menino tem um bom pulmão. — Thomas ri. — Vamos, lindeza?

— Vamos, marido. Saiba que eu te amo cada vez mais.

— Saiba, você, que eu te amo mais cada vez mais — pisca para mim.

A mão do Thomas segura firme a minha, e sinto o calor dele irradiar pelo meu corpo. Saímos do quarto e descemos a escada. Os nossos filhos, elegantemente vestidos como o pai, os meus pais, o William e a Maria nos observam. Vejo tanta ternura nestes sete pares de olhos que preciso me conter para não chorar.

— Você está linda, mamãe! — Tadeo exclama e sorri para mim.

— Obrigada, meu filho.

— Mamãe, você está parecendo um coração assim toda de vermelho — Túlio faz sua analogia e todos começam a rir.

— Fico feliz por estar parecendo um coração, filho.

— E o papai? Ninguém vai dizer que estou bonitão também?

— Papai, a beleza da mamãe está refletindo em você — Thiago provoca o pai e ri.

— Ah, é? Seu bajulador de mãe! — Thomas ri alto.

— Papai, quando a gente diz que você é bonito, o Thiago fica todo contente só porque vocês são parecidos, então é melhor deixar pra lá — Tadeo explica a teoria dele.

— Fazer o que se sou o clone do papai? — Thiago pergunta ajeitando a gravata de forma teatral.

— Vocês dois estão maravilhosos, perfeitos — minha mãe intervém.

— Obrigada, sogrinha.

— Tom e Eva, vocês formam um belo e feliz casal — William nos elogia.

— E, se continuarmos com essa rasgação de seda, em breve estaremos atrasados — meu pai, do jeitinho sutil dele, nos adverte.

— Se demorar muito esse casamento, que não é casamento, este terno vai me matar sufocado — Túlio diz e nos faz rir novamente.

— É renovação dos votos de casamento dos seus pais — William explica o que o Túlio sabe ou já deveria saber.

— E os votos? Cadê os textos de vocês? — meu pai pergunta.

— Não preciso de papel, Guido, tudo o que direi para a sua filha está aqui, impresso na alma e na ponta da língua — Thomas declara e beija o meu rosto.

— Pai, as palavras que direi para o meu marido estão gravadas no meu coração e na minha memória, mas por mais que eu me esforce para expressar os meus sentimentos, sei que nunca conseguirei demonstrar com palavras tudo o que o ele significa para mim.

Thomas solta a minha mão, enlaça a minha cintura com um braço, o outro coloca atrás das minhas costas, inclina-me um pouco e me beija apaixonadamente. Ouço palmas e assobios.

— Eu te amo — diz quando o nosso beijo cessa.

— Eu te amo mais — digo o que ele sempre me diz e sorrio.

— Vamos logo, pessoal, estamos em cima da hora — meu pai volta a nos advertir.

— Eu te amo mais ainda — Thomas sussurra.

O meu coração transborda de felicidade. Acho que não conseguirei conter a emoção, estou com muita vontade de chorar, nem sei como me controlarei na hora em que fizermos os votos. Respiro fundo, sorrio para os nossos observadores e me deixo levar pela mão do meu marido. Enquanto caminhamos, as palavras que direi para ele na presença dos nossos familiares e amigos fazem eco dentro do meu peito.

*Thomas*

*Você transformou a minha vida.*

*Desde que nos conhecemos tenho a sensação de que os nossos caminhos estão entrelaçados e de que tudo o que vivi antes de você foi apenas para preparar-me para recebê-lo.*

*Você me equilibra, aperfeiçoa, incentiva, fortalece e faz de mim uma pessoa melhor.*

*Ao seu lado aprendi a compreender abismos e a contemplar estrelas.*

*Quando mergulho em seus olhos, eu me encontro. E só quando as suas mãos me seguram é que alço voo.*

*Você é o sol que ilumina os meus dias, a chuva que lava a minha alma, o calor que aquece o meu coração e o frio excitante que percorre a minha espinha.*

*Desde que me tornei a sua esposa, no meu coração nunca mais foi inverno. Você me faz florescer e me fez frutificar. Sou toda primavera quando nos beijamos,*



*sou verão intenso quando estou em seus braços e fui, por duas vezes, o outono mais bonito do mundo quando colhi os belos frutos do nosso amor: Thiago, Tadeu e Túlio.*

*Obrigada por ser um marido fiel, cúmplice, dedicado, apaixonado e que se declara explicitamente para mim todos os dias, de várias formas.*

*Obrigada por ser um pai participativo e amoroso.*

*Você, Thomas, é o amor em sua mais perfeita definição.*

*A nossa história que, acredito eu, teve início muito antes do que pensamos, é a prova de que o amor verdadeiro é infinito e de que a eternidade é o tempo que esse sentimento leva se propagando.*

*Há uma década fizemos os nossos primeiros votos e repito agora, com a mesma intensidade, uma parte do que disse a você no dia sete de julho, do ano de dois mil e doze: eu te amo com toda a força do meu ser e prometo que, aconteça o que acontecer, sempre estarei ao seu lado, amando-o e respeitando-o até que a morte, temporariamente, nos separe ou nos reúna.*

Fim